



ODIA V

H. JUNCKEN



O DIA V

Por H. Juncken

Para Marcelo,
meu melhor amigo e meu primeiro leitor.

E para a minha família,
aqueles que me trouxeram até aqui.

ÍNDICE

PRÓLOGO — A VÉSPERA

1 dia para o Dia V

PARTE I — O TRABALHO DE UMA NAÇÃO

97 dias para o Dia V

96 dias para o Dia V

95 dias para o Dia V

94 dias para o Dia V

93 dias para o Dia V

92 dias para o Dia V

91 dias para o Dia V

90 dias para o Dia V

73 dias para o Dia V

72 dias para o Dia V

71 dias para o Dia V

62 dias para o Dia V

PARTE II — FIDELIDADE, BRAVURA, INTEGRIDADE

62 dias para o Dia V

61 dias para o Dia V

60 dias para o Dia V

59 dias para o Dia V

58 dias para o Dia V

53 dias para o Dia V

52 dias para o Dia V

51 dias para o Dia V

50 dias para o Dia V

42 dias para o Dia V

41 dias para o Dia V

40 dias para o Dia V

32 dias para o Dia V

30 dias para o Dia V

21 dias para o Dia V

PARTE III — E CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ

21 dias para o Dia V

20 dias para o Dia V

13 dias para o Dia V

12 dias para o Dia V

10 dias para o Dia V

9 dias para o Dia V

8 dias para o Dia V

7 dias para o Dia V

6 dias para o Dia V

4 dias para o Dia V

2 dias para o Dia V

1 dia para o Dia V

PARTE IV — DE OPPRESSO LIBER

O Dia V

EPÍLOGO — SEMPER FI

V-29

SOBRE A AUTORA

TEXTO BÔNUS

PRÓLOGO — A VÉSPERA

1 dia para o Dia V

— Senhor presidente?

O homem que entrava no escritório tirou Edgard Humphry de seu torpor. Ele ainda massageava as têmporas ao virar sua cadeira para a voz que interrompera seus pensamentos.

— McCalley?

— Está na hora, senhor. — Peter McCalley tirou um pequeno embrulho de dentro do seu casaco e deixou sobre a mesa de Edgard. — O senhor precisa fazer isso agora. Ainda tem duas coletivas hoje, uma no jardim e outra no Capitólio.

— Sei do que preciso, McCalley. Me deixe sozinho.

— Claro, senhor.

Edgard virou sua cadeira para a janela, na mesma posição em que se encontrava antes da interrupção do diretor de comunicação da Casa Branca. Um observador desatento poderia achar que ele estava olhando para os preparativos do seu discurso no Rose Garden, mas seus olhos estavam fechados. Ele os abriu bruscamente e se voltou para a mesa.

O embrulho o encarava enquanto repousava sobre o seu segundo discurso daquele dia.

Edgard arrastou sua cadeira até as grossas cortinas que serviam de moldura para o jardim e, sem ao menos ver o que fazia, as fechou. Ele se levantou, segurou o embrulho com uma das mãos e caminhou, lentamente, até uma adega no canto da sala. Abriu o pacote e observou o conteúdo, uma bolsa transparente com um líquido vermelho. Ele esvaziou o líquido em um copo, expirando de forma cansada.

Andou um pouco pela sala, sem focar em absolutamente nada. Seus dedos batiam de leve no copo que segurava. Ele se encaminhou para os dois sofás que marcavam o centro do ambiente e escolheu sentar-se no que ficava à direita do selo presidencial estampado no carpete. Virou o copo, bebendo o espesso líquido até não sobrar nenhuma gota.

Alguém bateu à porta.

Ele se pôs de pé rapidamente e guardou o copo em uma gaveta do outro lado da mesa.

— Pode entrar. — proferiu as palavras forçando um sorriso.

Era McCalley novamente.

— Desculpe, mas eu tenho uma ligação para o senhor. É o Eros Sete. Ele diz que é urgente.

— Linha aberta?

— Não, senhor.

— Obrigado, McCalley.

Enquanto ele se retirava da sala, Edgard tateou a parte de baixo da mesa. Um clique pôde ser ouvido quando uma gaveta na estante à sua esquerda se abriu. Ele atendeu o telefone que estava ali dentro.

— E-Sete?

A voz rouca do outro lado da linha proferiu a frase que Edgard mais desejava ouvir.

— Nós o encontramos, Ed.

PARTE I — O TRABALHO DE UMA NAÇÃO

97 dias para o Dia V

Era a quarta vez que David Silver passava o seu crachá na estúpida roleta de acesso à sua frente. Os seguranças observavam com atenção, deixando o rapaz mais nervoso ainda.

— David?

Apenas uma pessoa tinha o poder de arrepiar a nuca de David com a simples menção do seu nome.

— Miranda! — Sua mão começou a suar. — O que você está fazendo por aqui?

— Eu trabalho aqui... Esqueceu?

Como ele poderia esquecer? Miranda era a representante da CIA no seu departamento. Ela era os olhos e os ouvidos do diretor da agência de inteligência mais importante do mundo. O braço direito do homem que queria conhecê-lo.

— Eu te ajudo com isso.

A jovem virou o crachá ao contrário e *voilà*. David estava dentro. Ela começou a caminhar ao seu lado.

— Sei que você está nervoso, mas relaxa. Você sabe que o seu trabalho é o melhor, é o que move todo o Departamento Cinco. O máximo que pode acontecer é um tapinha nas costas e um “continue assim”. Confia em mim.

A voz dela relaxava e inquietava David ao mesmo tempo. E aquele sorriso? Como alguém conseguia ter dentes tão perfeitos? E pernas também...

— A sala dele é no décimo terceiro andar. Quer que eu vá com você?

— Não precisa, mas obrigado.

— Ok, até mais.

E lá ia Miranda pelo saguão da agência.

Deus, que pernas!, ele pensou por um segundo antes de finalmente voltar sua atenção para o que aconteceria a seguir.

Do lugar onde David se sentou, o décimo terceiro andar se mostrava ligeiramente assustador. Era um grande ambiente, com apenas uma porta, três poltronas e uma secretária, que ele realmente achava que não tinha ido com a sua cara.

Esqueça a secretária, esqueça Miranda. Agora é o seu momento.

— Pode entrar, senhor.

A sala do diretor era muito maior do que parecia pelo lado de fora. Tapetes para todos os lados, quadros enormes pendurados nas paredes e pouquíssima luz vinda de um abajur na grande mesa posicionada no meio.

— Ah, agente Silver! Eu estava ansioso para te conhecer! — Saindo de trás de sua mesa, Phil Watsen se levantou para apertar a suada mão de David.

— Eu também estava ansioso para conhecê-lo, senhor, apesar de não saber o que o senhor pode querer comigo.

— Relaxa, garoto. Sente-se.

David obedeceu. Watsen se apoiou, ainda em pé, contra sua mesa e cruzou os braços. Ele era um homem imponente. Ombros largos, rosto quadrado e um terno impecavelmente passado. David olhava para o diretor da CIA de baixo para cima, sentindo-se como uma criança prestando atenção no professor.

— Agente Silver, como você sabe, o Departamento Cinco tem tido grandes vitórias. É o mais ambicioso e o que traz mais resultados para a Diretoria de Ciência e Tecnologia. E, pelo que eu escuto, é você quem eu devo parabenizar por esses feitos.

— Que isso, senhor. Só estou fazendo o meu trabalho.

— Não, Silver, não está. Você está indo muito além. E acho que, melhor do que ninguém, você pode entender.

— Entender?

— Que fique claro que tudo o que eu disser a partir de agora é extremamente confidencial e a quebra de sigilo será considerada traição.

— Sim, senhor.

Watsen andou pela sala pensativo. Deu a volta na mesa e se sentou. Parecia preparar a sua abordagem na mente, focando em onde queria chegar com o seu discurso.

— Silver, você não está cansado de fazer tantas coisas grandes e não ter um lugar dentro deste prédio?

— Não entendi.

— Ninguém sabe que você existe, Silver. Ninguém sabe nem que o seu departamento existe! Você está lá há quanto tempo?

— Seis anos.

— Seis anos... Seis anos mantendo o sigilo da nossa existência, salvando nossos amigos, protegendo a nossa espécie. E para quê? E de quem?

— De idiotas humanos?

— Pois é... Idiotas que só comem, bebem, fodem e dormem sem ter a menor noção do mundo maravilhoso que nós conhecemos. David... Posso te chamar de David?

— Claro, senhor.

— David, nosso sonho pode se tornar realidade. O lema que seguimos aqui na agência, “O Trabalho de Uma Nação”, vai finalmente ser executado em sua plenitude.

— Como assim?

— Esqueça o que você ouviu desde criança sobre viver nas sombras! Esqueça de ter que se esconder! Nós vamos conseguir nosso lugar ao sol, David! Vamos finalmente brilhar! Figurativamente falando, é claro.

— O senhor está querendo dizer que...?

— Sim, David. Conseguimos colocar o primeiro presidente vampiro à frente deste país e agora é a hora. A hora do Dia V. Chega da supremacia humana, chega de viver no escuro. Eu vou para a luz e quero você nesta luta comigo.

A primeira lembrança que David tinha de uma manhã de Natal era sua mãe com a cabeça decepada, na sala de estar da sua casa. O corpo estava no chão perto do sofá cinza de dois lugares e a cabeça havia rolado para perto da árvore. O crânio esmagado manchava um dos presentes com sangue. A pessoa que a havia matado sabia que vampiros só morrem se a cabeça for machucada com um impacto forte e não tinham poupado esforços para ter certeza de que Linda Silver nunca mais acordaria.

O pequeno David travou ao ver o corpo da mãe e passou três dias em pé naquela sala sem se mover. Apenas quando os vizinhos começaram a sentir o cheiro da decomposição e chamaram a polícia é que ele fora encontrado e finalmente saiu daquele triste estado.

Os detetives responsáveis pela investigação descobriram que todas as joias de Linda haviam sido roubadas e classificaram como latrocínio. Depois de pouco tempo, arquivaram o caso sem nunca terem encontrado o verdadeiro culpado. David logo percebeu que as autoridades não sabiam da existência de vampiros e, sem a informação sobre a real natureza de sua mãe, nada naquela investigação poderia ser considerado verdadeiro. O pior era entender que ele não podia contar para ninguém. Afinal, eles tinham que ficar nas sombras, era o que ela sempre dizia.

Ele achava que não tinha mais familiares vivos. Seu pai havia morrido quando sua mãe estava grávida e desde sempre eram só os dois contra o mundo. Entretanto, o Serviço Social conseguiu encontrar um parente distante e David foi morar com seu tio Luke. Ele o amava como um pai, mas nunca se esqueceu daquele dia. Quando ficou mais velho, prometeu a si mesmo que descobriria quem era o culpado pela morte de sua mãe. E, quando isso finalmente acontecesse, o desgraçado morreria.

David ficou em silêncio, seus lábios estavam levemente abertos e os olhos fixos no rosto de Watsen, como se estivesse tentando assimilar o que acabara de ouvir.

— David? Você ainda está comigo?

Ele balançou a cabeça para os lados em um rápido movimento. Não era choque, não era felicidade, não era medo. O único sentimento que pulsava em sua alma era de realização.

— Claro, senhor. Sempre. O que o senhor precisar é só falar.

Watsen abriu um sorriso quase que assustador, alegria não parecia ser uma expressão que aquele rosto costumava ver com frequência.

— Sabia que podíamos contar com você! Escute com atenção. Os próximos passos que tomarmos serão fundamentais para a nossa ascensão e você é o nosso trunfo.

Um enorme peso pareceu pressionar o peito de David. Como assim ele seria “o trunfo”? Quem era ele para ser trunfo de alguma coisa?

— Eu não posso te dar todas as informações agora, até porque, se estamos sendo sinceros, nem eu conheço a porra toda. Nosso presidente fez questão de dividir bem o conhecimento para que, se alguém não conseguisse ficar com a boca fechada, o Dia V não fosse por água abaixo. Mas o que eu posso te dizer é que deve acontecer em menos de quatro meses e que a sua ajuda vai precisar ficar fora do radar até lá. Sei que o Departamento Cinco é formado integralmente por vampiros, gente de bem e focada apenas em criar inovações voltadas para a nossa raça, e sei também que você deve ter amigos lá, mas nem eles podem saber o que vai acontecer.

Amigos no Departamento Cinco. Essa é boa.

O diretor da CIA não precisava saber dos seus problemas de relacionamento no trabalho, então David ignorou o breve pensamento.

— Pode deixar, senhor. Ninguém vai saber de nada.

— Ótimo! Por enquanto, somos só eu e você nessa, garoto. E você já tem uma primeira tarefa. Não sei se você sabe, mas eu fui um dos primeiros vampiros a conseguir um alto cargo no governo dos Estados Unidos e isso foi há quinze anos. Estão aqui os cabelos brancos que tenho que tingir que não me deixam mentir.

David deu um risinho de canto de boca e pensou em como essa empreitada mudaria o futuro de sua raça. Sem ter que ficar nas sombras, os vampiros nunca mais precisariam disfarçar a idade. Não que David tivesse passado por essa experiência ainda. Aos trinta e quatro anos e com um rosto que não passava dos vinte, o máximo com que ele sofria era sempre ter que mostrar a identidade em bares.

— Desde então — continuou Watsen. —, conseguimos nos infiltrar na NSA, nas Forças Armadas, no FBI e, até mesmo, na NASA. A presidência era realmente a última peça do nosso quebra-cabeças. Eu e o Ed nos conhecemos há anos, a confiança entre nós está estabelecida. O problema são os outros. Queremos cobrir a nossa retaguarda. E é aí que você entra. Precisamos investigar os líderes vampiros do nosso país para descobrir se realmente são de confiança.

David engoliu em seco. Os líderes vampiros estavam cercados de equipamentos de segurança de alto nível. Ser pego *hackeando* e grampeando suas máquinas significava ser preso ou algo bem pior se você fosse um vampiro. Ainda mais um vampiro que ninguém sabia que existia...

— Sei o que você está pensando, mas por isso que eu estou aqui te fazendo esse pedido. É perigoso? É. Você pode morrer? Pode. Mas, no que depender de mim, vou te proteger, garoto. E é o seu país, a sua raça, a sua nação te chamando. Você vai atender?

96 dias para o Dia V

A casa de David, na rua Rupert, não chamava muita atenção. O gramado verde na frente e a fachada de tijolos vermelhos se confundiam com as outras tantas do mesmo estilo que estavam espalhadas rua abaixo. Esconder-se na multidão é a meta quando se é um vampiro, e David tinha orgulho de fazer isso melhor do que ninguém.

Ele chegou à casa por volta das cinco da manhã. Tinha passado a noite na sua baia, no Departamento Cinco, pensando em como colocar em prática o pedido de Watsen, e a única conclusão a que tinha chegado era que não dava para fazer nada enquanto estivesse dentro do prédio do departamento.

Uma mensagem para o número de celular que Watsen havia lhe dado resolvera o problema. Aparentemente ele forçara o chefe de David, Brian Cahill, a dar de imediato os cinco meses de férias que ele nunca havia tirado.

David ficou imaginando a cara de Brian ao ser acordado de madrugada pela ligação de Watsen. Os dois nunca tiveram um vínculo forte de amizade, principalmente porque David não conseguia respeitar Brian como figura de poder. Eles tinham estudado juntos na Caltech e, durante a faculdade, o chefe não o havia impressionado. Porém, Brian era filho de alguém importante na comunidade vampírica e isso foi o suficiente para ter chegado onde chegou.

A comunidade sempre agia assim. Sangue valia muito para um vampiro, até porque, se não fosse por laços de sangue, a mutação não teria sobrevivido através das gerações. David costumava pensar bastante sobre sua mutação. Passou anos estudando seu próprio sangue para se entender melhor, o que acabou fazendo com que se tornasse uma das principais mentes criativas do Departamento Cinco.

Era estranho saber tudo o que sabia sobre seu DNA e ver na mídia como os vampiros eram retratados. Mortos-vivos sem alma, com poderes incríveis, que só saíam de noite e matavam pessoas para saciar sua sede de sangue. A verdade era que eles não se diferenciavam tanto assim dos humanos. Eram pessoas normais, contudo, sem sangue, definhariam até a morte. Com sangue, viveriam uma vida longa, quem sabe até eterna.

Imortalidade não era algo comprovado no meio vampírico, entretanto David se lembrava de sua mãe curando seus machucados com uma gotinha de sangue e dizendo que, se eles cuidassem um do outro, poderiam ficar juntos para sempre. Depois de todos esses anos, ele aprendera que o sangue humano poderia fazer com que um vampiro vivesse séculos. Havia, até mesmo, registros de alguns que viveram mais de mil anos, no entanto esses poucos foram mortos nas mais diversas circunstâncias, tendo algum impacto extremo na cabeça ou sendo decapitados. Além disso, a mutação vampírica era relativamente recente na história

da humanidade, com os primeiros vampiros surgindo no século III d.C.; então o “para sempre” era apenas especulação. Afinal, vampiros envelheciam. Bem mais lentamente que os humanos, mas envelheciam.

Porém, o mito que inventaram não era completamente sem fundamento, pelo menos no que dizia respeito aos assassinatos. Houve uma época, muito antes do nascimento de David, em que não existiam alternativas para conseguirem alimento, mas isso já era passado. Agora havia diretrizes focadas na preservação da vida humana e tudo que os vampiros queriam era se encaixar na sociedade. Para isso, apoiavam uns aos outros. Mais uns do que outros, na verdade. Tudo se resumia ao sangue. Famílias com linhagens mais antigas acumulavam mais poder e dinheiro.

Linhagem velha, dinheiro velho.

David não tinha ideia de como era a sua linhagem. Seu tio Luke era humano, então acreditava que não possuía muitos ancestrais com o gene vampírico. Provavelmente o gene havia despertado na sua mãe, o que justificava ele ser apenas um reles analista no Departamento Cinco. Contudo, agora teria a chance de se provar, de ascender na hierarquia vampírica e arrastar o assassino de sua mãe para uma dolorosa justiça. E para isso precisava começar com o plano de Watsen: investigar as pessoas mais difíceis de se investigar no mundo.

Enquanto tirava da mala do carro os equipamentos que “pegou emprestado” do departamento, David ponderava sobre as forças contra as quais teria que lutar. Mas apenas duas o assustavam de fato: FBI e NSA.

O FBI era comandado por Robert Tellison. Altamente renomado, o diretor da Agência Federal de Investigação vivia rodeado por boatos sobre a sua dieta. Dizia-se que ele fazia questão de não usar os bancos de sangue vampíricos, que tornavam possível a subsistência sem mortes ou agressões a humanos, e preferia tomar seu alimento direto da fonte.

Já a NSA, Agência de Segurança Nacional, era liderada por uma das vampiras mais antigas de que se tinha notícia, Beatrix Batoriova. Os rumores que a cercavam também não eram dos melhores. A suspeita entre os vampiros era de que o mito que os humanos haviam criado da Condessa de Bathory, que assassinava e se banhava no sangue de virgens, seria baseado nela.

David entrou em casa pela garagem. Usou uma porta para descer até o porão e deixou a caixa de papelão com os equipamentos na mesa, no canto direito do pequeno cômodo. O espaço, além da mesa de escritório com uma cadeira, possuía apenas uma estante com os mais diversos livros dos mais variados temas e uma poltrona extremamente confortável, com quatro almofadas macias esperando para abraçar quem fosse se sentar. No canto esquerdo, um frigobar contendo bolsas de sangue se escondia nas sombras da sala pouco iluminada. O porão era o seu

espaço. Sem acesso pela parte de dentro da casa, nenhum convidado poderia, sem querer, ir parar lá. Não que David recebesse muita gente, era só o tio Luke mesmo.

Ele se sentou na cadeira e pegou uma pasta marrom na primeira gaveta da mesa. Abriu a pasta e começou a folhear a enorme quantidade de papéis. As fotos da cabeça e do corpo de sua mãe caíram para o lado enquanto ele remexia os documentos. Já estavam amareladas pelos quase trinta anos que separavam este dia daquele em que foram tiradas, mas isso não o preocupava. Ele tinha cópias digitais de tudo que estava naquele arquivo em diversos lugares para nunca perder. Sua mãe não seria esquecida. No que dependesse dele, ela estaria para sempre viva.

Os latidos histéricos do cachorro do vizinho acordaram David. Havia dormido em cima da pasta de sua mãe, e o seu celular lhe avisava que já era quase meio-dia. Por um segundo, ele levou um susto, como se estivesse atrasado, mas se deu conta de que não tinha que ir para nenhum lugar. O seu trabalho estava bem na sua frente.

David se levantou e foi até o frigobar. Pegou uma bolsa de sangue, furou o seu plástico usando um canudo estranho, com uma agulha na base para atravessar a grossa embalagem, e começou a beber. Enquanto bebia, tirou alguns itens do Departamento Cinco da caixa e os organizou em cima da mesa. Não havia tempo a perder. Naquele mesmo dia, ele precisaria traçar um plano de ação e iniciar sua investigação. E de uma coisa tinha certeza: não adiantaria começar pelas outras agências, se ele fosse pego quando chegasse ao FBI e à NSA. Ele teria que começar da pior maneira: pelo mais difícil.

Entre os dois mais assustadores para ele, David escolheu começar pelo o FBI. Por mais que estivesse quase aterrorizado com essa ideia, Tellison lhe dava um pouco menos de medo do que a diretora da NSA. Então seria primeiro o louco *serial killer*, e depois a indecifrável Beatrix Batoriova.

Preso na frente do *laptop*, tentando executar seu plano de *hackear* Tellison, David não viu as horas passarem. Só percebeu que já era noite quando ouviu os passos no andar de cima. Seu tio estava na casa.

David saiu pela garagem e entrou na sala de estar pela porta da frente. Luke vinha do segundo andar, descendo a escada que dava na porta principal.

— Aí está você!

— Tio Luke!

Os dois se abraçaram. Desde que saíra de casa para ir para a Caltech, David se encontrava com seu tio para jantar todas as terças, então a presença de Luke já era esperada.

— Achei que você ainda estava no trabalho e tinha esquecido de avisar. De novo! — Luke deu uma risada escandalosa enquanto envolvia David com o braço e o levava para a cozinha, na direção da estreita mesa de jantar. Seu tio era assim, sempre alegre e brincalhão, um verdadeiro amigo para David, por mais que ele não pudesse revelar que era um vampiro.

Hoje em dia, já não era mais um problema, mas, na infância, David sofrera muito com isso. Principalmente no quesito alimentação. Como Luke não tinha ideia de que o sobrinho precisava de sangue, ele passou boa parte da vida sendo levado a médicos e tomando suplementos de ferro para a sua constante anemia. David descobriu depois que isso é uma boa saída quando um vampiro não pode acessar sangue por algum motivo; as vitaminas seguram bem a barra por dois ou três dias, mas por anos, como ele havia tomado, acabavam não tendo o mesmo efeito.

Quando teve idade suficiente para sair sozinho, David começou a capturar animais nos parques da cidade e, com a ajuda de uma seringa de farmácia, pegava um pouco de sangue e os deixava ir embora. Foi aí que despertou seu gosto por Biologia, Física e Química, o que o tornou um estudioso das Ciências Biológicas e Exatas, e depois o levou para Caltech. Lá, o mundo dos vampiros voltou para a sua vida, e ele descobriu a maravilha que eram os bancos de sangue vampíricos. Apesar de parecerem um banco normal onde os humanos poderiam salvar vidas, as doações, feitas de boa vontade, eram destinadas à alimentação de vampiros e ninguém tinha que morrer para isso. David achava aquela ideia coisa de gênio. Uma mentira necessária para uma raça e ainda dava a sensação aos humanos idiotas de que estavam fazendo o bem.

Não que ele achasse todos os humanos idiotas. Seu tio, com certeza, não era. Entretanto, a maioria irritava David, que sabia que não poderia ir para a luz, porque eles têm medo do que não entendem. E medo leva à guerra.

A ideia dos vampiros sempre foi fugir de uma guerra, pois não tinham os números para sobreviver. Porém, pelo que Watsen havia lhe falado, em breve algo iria mudar.

Luke foi para a geladeira e começou a fazer o jantar como de costume. Normalmente era alguma massa, seu tipo de prato favorito e um dos poucos que sabia fazer com perfeição. Quando tentava cozinhar algo diferente, acabavam tendo que ligar para um restaurante no fim da noite.

David adorava comer a comida de Luke. Vampiros não precisavam de alimentos, apenas de sangue, mas era como se fossem os humanos pedindo

sobremesa em um restaurante ou tomando vinho. Não se tratava de necessidade, aquilo era por prazer. Afinal, o sistema digestório fazia parte do organismo de um vampiro também, não havia motivos para deixar de usá-lo em sua plenitude.

Sentado à mesa, ouvindo seu tio discursar sobre uma menina nova que ele tinha que conhecer, David pensou que logo teria que revelar que era um vampiro. Ele havia tentado contar algumas vezes, no entanto tivera medo de perder esse grande pai que Luke era para ele. Lembrava das palavras de sua mãe sobre ficar nas sombras e se mantinha em silêncio. Contudo, o silêncio ia acabar em breve.

— Me conta, como está o escrotinho do Brian?

Tio Luke não sabia sobre o Departamento Cinco e muito menos que David trabalhava para o governo. Achava que seu emprego era numa agência de seguros, entretanto sabia que o riquinho sem talento que estudara com David na faculdade era seu chefe.

— Me irritando como sempre. — Os dois riram. — Mas vou ficar um tempinho sem ver aquela cara.

— Por quê?

— Resolvi tirar minhas férias acumuladas. Estava meio estressado, sabe?

— Se eu sei? Eu que te digo para tirar férias há anos! Que bom que você resolveu tomar juízo! Trabalhar direto não faz bem. Você perde a sua vida dando dinheiro pra gente que sempre vai ser mais rica que você e, quando chega no seu leito de morte, se arrepende de tudo. Não faz sentido nenhum!

Tio Luke não trabalhava. Quando tinha uns vinte anos, ele sofreu um acidente na fábrica de ração onde cuidava da máquina de embalagem e perdeu o dedo mindinho do pé esquerdo. Todo mês até o fim de sua vida receberia um cheque de aposentadoria por invalidez. Às vezes, quando Luke começava com esse discurso sobre trabalho, vinha à cabeça de David a ideia de que ele tinha arrancado o próprio dedo só para poder ficar em casa.

— E quais são os planos? Caribe? Ibiza?

— Na verdade, pensei em começar só ficando em casa, sem fazer nada.

— Sempre sou a favor de ficar fazendo nada. É como os italianos dizem: *dolce far niente*! Mas se quiser fazer algo entre um momento de ócio e outro, me liga, filho. Podemos ir pescar talvez.

— Pode ser, tio. Ligo sim.

Porém, David sabia que o ócio não faria parte dos seus dias. O plano de invadir o computador de Robert Tellison remotamente havia falhado. Aparentemente todos os arquivos que possuía, incluindo os seus e-mails, estavam em um servidor privado. David precisaria de um novo plano, um que o colocasse dentro do escritório do diretor do FBI.

95 dias para o Dia V

David passou a noite em claro tentando pensar numa solução. Se já estava receoso antes, a ideia de que precisaria estar dentro do escritório de Robert Tellison, no Edifício J. Edgar Hoover, deixava-o simplesmente enjoado. Mas fazia sentido. Nenhuma pessoa tão poderosa quanto Tellison deixaria o seu computador *on-line*. A possibilidade de alguém tentar *hackear* era grande demais. Inclusive, era possível que mais pessoas ao redor do mundo estivessem tentando exatamente isso naquela mesma hora. E pessoas com planos muito mais nefastos do que os dele.

Não tinha saída: David ia ter que invadir o escritório do FBI na Avenida Pensilvânia. Teria que ser um agente de campo, algo que ele nunca teve desejo algum e muito menos vocação para ser. Na frente de um computador? De um microscópio? Ele era o cara! Mas no campo...

David precisaria de ajuda.

— Senhor Watsen?

— *Ô garoto, pode falar.* — Phil Watsen parecia que tinha acabado de ser acordado, mas soava solícito.

— Me desculpe se o acordei, sei que está cedo...

— *Nossa meta é maior que o meu sono. Diga.*

— Eu estou com um problema em relação a Tellis...

— *Cala a boca, garoto!* — Watsen interrompeu David com rispidez. — *Estarei aí em dez minutos. Pelo amor de Deus, cala a boca!*

— Sim, senhor. Desculpe, senhor.

David não entendeu nada. Saiu do porão e foi para a varanda aguardar Watsen, pronto para se desculpar novamente por aquilo que ele nem sabia que tinha feito. Não podia perder a chance pela qual tanto havia esperado.

Phil Watsen embicou o carro na entrada da garagem. Saiu do veículo já fazendo um movimento com o dedo indicador contra os lábios, pedindo a David que ficasse quieto, e o levou para dentro de sua casa. Fechou a porta e tirou do bolso o celular. Digitou alguma coisa e movimentou o aparelho no ar como se estivesse caçando algo.

Escutas. Ele está procurando bugs.

Watsen guardou o aparelho no seu paletó azul-escuro e ajeitou a gravata. Deu um sorriso forçado para David.

— Pronto. Já podemos falar.

— Desculpe, senhor. Eu não tinha pensado que poderia não ser seguro entrar em detalhes pelo telefone.

— Eu imaginei, por isso vim. Você parecia um pouco desesperado.

— Tentei *hackear* o computador de Robert Tellison, mas encontrei um problema.

— Servidor privado.

David ficou surpreso.

Ele sabia?

— O senhor sabia?

— Sim, mas o que você esperava? Todos os nossos computadores são assim. Nós somos os diretores das agências mais importantes do mundo! É o mínimo que a gente podia fazer. Isso considerando aqueles de nós que já abraçaram o século XXI e suas tecnologias, porque tem a questão da Batoriova.

Questão da Batoriova?

— Questão da Batoriova, senhor?

— Ela está *off-line*.

O mundo de David caiu. Não só ele teria que invadir o escritório de Tellison, como ainda teria que lidar com Batoriova pessoalmente também?

— Como assim, senhor?

— Assim, ué. Ela é doida com esses negócios de vazamento de informações. Sabendo tudo que ela sabe como diretora da NSA, qualquer um seria. Não que a gente também não seja, não é? — Watsen encostou no paletó, na altura de onde estaria o bolso onde colocou o celular.

— Mas eu não sou um agente de campo, senhor. Nem tinha pensado nessa questão do telefone! Isso é básico para alguém que está lá fora. Eu estou mais para o mágico por trás da cortina do que para Dorothy. Sou só o cara com o *gadget* que vai melhorar a vida do agente nas trincheiras. Eu não sei nem por onde começar a ser um agente de campo!

— David, David, David. — Watsen usava um tom de pai. Falava como se estivesse explicando as cruéis verdades da vida para uma criança que acabara de perder o seu peixinho dourado. — Você tem que entender que é exatamente isso que a sua nação espera de você. Você achou que essa empreitada seria fácil? Precisamos confiar nas pessoas. E confiança, nesse momento, não é algo que a gente possa conquistar, é algo que temos que tomar à força.

— Senhor, eu entendo. E estou mais do que feliz em ajudar, mas estou perdido. Se eu puder falar com alguém... Talvez Miranda.

Proferir o nome dela em voz alta sempre era estranho. A respiração ficava mais difícil e David se embolava para continuar falando. Porém, seu pensamento estava focado demais no desespero de agir sozinho para se importar com a possível gagueira. Miranda havia sido agente de campo durante anos e, mesmo já tendo saído da linha de frente, com certeza saberia mais do que ele. Além disso, era de

conhecimento geral que Watsen confiava nela de olhos fechados. Fazia muito mais sentido.

— Fora de cogitação. — O tom de Watsen havia perdido a suavidade. Estava sério e autoritário. — É só você nessa, garoto. Quando conseguir algo, me avisa. Mas, por favor, não por telefone.

— Sim, senhor.

Watsen saiu sem olhar para trás e fechou a porta na cara de David. Ele estava sozinho.

David rodava uma das suas confortáveis almofadas entre as mãos, enquanto, praticamente deitado em sua poltrona, contemplava o teto fixamente. Ele não conseguia entender o motivo de ter sido selecionado para essa missão. Era só um analista do Departamento Cinco, o cara dos *gadgets*; por que chamá-lo para fazer missões de campo? E não eram quaisquer missões. Delas dependia o futuro da sua espécie. Miranda era adorada por Watsen; por que ele não a escolhera?

David precisou de um esforço imenso para impedir que sua mente se deixasse levar na direção de Miranda. Contudo, era impossível pensar nela e não se lembrar dos sentimentos que despertava. Mais do que uma amiga com quem ele eventualmente dividia uma mesa no horário de almoço, Miranda havia se transformado em um dos principais motivos para ele levantar de manhã. Ter Brian como chefe não era nada motivador, mas saber que ele poderia esbarrar com ela no corredor tornava tudo mais fácil. Ela era tão forte, tão decidida e tão leve. Tudo que David não era. E aquelas pernas...

Foco, cacete!

Entrar na sala de Beatrix Batoriova, em Fort Meade, sede da NSA, era tão impossível quanto *hackear* o computador de Tellison. A agência era referência em espionagem e todos os equipamentos que David pudesse pensar que estariam barrando sua entrada provavelmente estariam. Os agentes da NSA eram espiões que os espiões procuravam quando precisam de ajuda, e uma pessoa com nenhuma experiência de campo não conseguiria nem passar do estacionamento.

A solução que David encontrou foi tentar a casa de Beatrix. Até porque, se ela não confiava no computador que estava dentro da NSA, não teria motivos para confiar nos armários e nas gavetas de sua sala em Fort Mead. A aposta mais segura era que os arquivos, aqueles que ela não queria que ninguém visse, estariam na sua casa. Ele só precisava de uma desculpa para entrar lá. Além de vinte anos de experiência que não possuía como agente de campo.

Invadir a casa de Batoriova e o escritório de Robert Tellison. David não tinha ideia de como executar nenhuma dessas coisas. Pesquisava a rotina dos dois diretores enquanto tentava decidir por onde começar. Buscava a resposta na sua cabeça, mas ela veio de onde menos esperava.

— *Alô! David?*

— Miranda?

Era a primeira vez que Miranda Orson ligava para o celular de David. Ela dividia o seu tempo entre o Departamento Cinco e a CIA há quase três anos, entretanto a relação dos dois nunca tinha passado de conversas bobas no almoço ou perto do bebedouro e eventuais toques no braço que faziam David tremer.

— *Soube que você tirou férias. Como assim? Nem comentou com a gente.*

— É... Foi uma decisão de última hora.

— *Vai viajar?*

— Não por enquanto, acho que vou só descansar mesmo.

— *Que bom! Porque eu queria te fazer uma pergunta. Vou a um evento na casa da almirante Beatrix Batoriova e ganhei um convite extra. Você quer ir junto?*

Ahn... Como assim?, pensou David em choque.

— Ahn, como assim?

David não conseguia acreditar. Não só Miranda Orson o estava convidando para sair, como também para ir à casa de Beatrix Batoriova! Que *timing*!

— *Ela vai fazer um leilão de arte para caridade em casa e convidou meu chefe, mas ele não vai poder ir e me deu os ingressos. Phil me disse que, naquele dia que você foi lá na CIA, não parou de falar sobre como amava arte!*

Então era isso! Phil Watsen tinha entregado em uma bandeja o trabalho para David. Apesar de ter ficado um pouco assustado com a intromissão, aquilo lhe trouxe uma sensação de paz. Ele não estava sozinho. Aos trancos e barrancos, Watsen estava do seu lado.

— Sim, amo — mentiu David. — Vamos sim, mal posso esperar! Quando é?

— *Amanhã, às nove da noite. Posso passar aí para te pegar umas oito e meia?*

— Fechado.

Um dia. David tinha apenas um dia para criar algum plano para despistar Miranda no evento (uma agente altamente qualificada da CIA), entrar em cômodos privados de Batoriova (em uma casa cheia de agentes altamente qualificados da CIA, FBI, NSA...) e roubar documentos ultrassecretos (da almirante mais condecorada da história da Marinha americana e, possivelmente, vampira psicótica da Idade Média).

94 dias para o Dia V

Miranda está linda.

A opinião de David era extremamente parcial, mas a pele, os cabelos, tudo a respeito de Miranda estava simplesmente perfeito. O vestido branco contornava o seu corpo e realçava todas as partes que ele sempre quis explorar. O decote destacava os seus seios, que não eram muito grandes, nem pequenos. Eram perfeitos. O rasgo na lateral do vestido mostrava as pernas que ele tanto amava e tornava muito mais difícil o trabalho que teria pela frente.

Depois de meia hora em um percurso descontraído no Porsche Cayman preto de Miranda, David começou a suar frio com a visão da imponente residência de Batoriova surgindo no horizonte. Os portões enormes de mármore branco tinham claramente o intuito de fazer o visitante se questionar duas vezes se ele realmente deveria estar ali. Na frente, dezenas de oficiais uniformizados do Serviço Secreto faziam rondas com seus cães, enquanto alguns outros de terno eram responsáveis pela verificação dos convites e pela revista dos carros. Depois de entrar com o carro, eles teriam que deixá-lo com um manobrista e andar até os detectores de metais que os esperavam na porta principal.

David não se preocupava com nenhuma dessas partes. Não trazia objetos que pudessem ser barrados, apenas um celular, sua carteira e as chaves de casa. O seu plano não precisava de muito, com exceção talvez de anos trabalhando como ator na Royal Shakespeare Company.

O saguão de entrada estava com dois detectores de metais e, logo depois, David pôde ver a magnificência daquela casa. Quem entrasse ali e soubesse da teoria sobre Beatrix Batoriova ser a sanguinária condessa húngara, sairia daquela residência tendo a sua confirmação. Os tapetes trabalhados, o pesado lustre em ouro, os quadros e os bustos espalhados por todos os cantos, o teto em um mosaico esplendoroso que mostrava o quadro “Lúcifer”, do artista húngaro Mihály Zichy. Tudo contribuía para dar asas à imaginação e deixar todos com receio.

David se forçou a deixar de ser absorvido pela imponente sala e levou sua atenção para aquilo que era importante para o seu plano. A sala possuía três saídas, além da porta de entrada: uma para a sala principal do evento, onde aconteceria o leilão; outra para uma sala de jantar; e a última para o que parecia ser um corredor. No centro, entre a sala de jantar e o portal para o corredor, ficava uma escada com balaustrada em ébano, que estava com uma corda amarrada nos corrimões para impedir a passagem dos visitantes daquele evento.

Nas suas pesquisas, David não havia conseguido encontrar as plantas da residência, então teria que usar a sua nada treinada capacidade dedutiva para encontrar um cômodo onde pudessem estar escondidos os segredos que Watsen

tanto desejava. E, depois de ver aquela primeira sala, todas as suas fichas estavam depositadas no segundo andar.

Como diabos eu vou subir com essa quantidade absurda de agentes secretos e personalidades importantes do governo em volta?

O pensamento de David foi cortado pela visão da anfitriã observando uma de suas obras de arte no fundo da sala.

A almirante Beatrix Batoriova era uma mulher inspiradora. Tudo sobre ela revelava como era poderosa, decidida e inteligente. Sua pose, seu autocontrole, sua expressão. Se não estivesse em uma missão secreta para descobrir os seus podres, era capaz de David tentar entregar o seu currículo.

— Vamos, David. Quero te apresentar — disse Miranda empolgada.

David gelou. Conhecê-la era um sonho de longa data, mas se tinha um dia em que ele não queria que ela se lembrasse do seu rosto, esse dia era hoje.

— Almirante Batoriova!

— Agente Orson, como vai?

Miranda e Beatrix trocaram um aperto de mãos. David deu um desconfortável sorriso enquanto aguardava ser apresentado.

— Esse é o agente David Silver. O menino de ouro do Cinco.

— Silver? — Ela levantou a mão para cumprimentá-lo. — Prazer.

— O prazer é todo meu. Sua casa é linda, almirante. Estou até sem palavras para o mosaico no teto. Mihály Zichy é realmente um artista fascinante.

— Você o conhece? — disse Batoriova surpresa.

— Claro! Particularmente gosto mais dos seus desenhos a lápis do que das pinturas que ele fez, mas essa obra é incrível. — *A pesquisa sobre arte na internet valeu a pena. É a única que reconheci, mas já está ótimo, não?* — Não só essa como todas que estão aqui. A senhora escolheu muito bem.

— Ah, agente Silver — A almirante se mostrava bem mais relaxada. —, obrigada, mas não posso aceitar esse elogio. Reunir as obras não foi nada comparado ao esforço desses artistas, que deram seu sangue para criar essas maravilhas. Anos de trabalho árduo, muitas vezes feito na calada da noite e contra a vontade de muitos, cheio de significados e segredos em cada pincelada, em cada grama de alabastro. Eles é que merecem ser louvados.

Pela empolgação na sua resposta, David percebeu que havia tocado no ponto certo.

E, então, apareceu Robert Tellison. O diretor do FBI chegou ao lado de Batoriova e lhe ofereceu uma taça de champanhe. Era estranho para David interagir com ela e pensar no que estava fazendo naquela casa, mas era um pouco pior ver Tellison e saber o que ainda teria que fazer. Isto é, se sobrevivesse àquela noite.

Robert Tellison era um vampiro belo. Não demonstrava os cerca de cento e setenta anos que possuía. Tentava forçar uma aparência madura com uma barba malfeita e um copo de uísque na mão, contudo parecia um adolescente confuso em comparação com a almirante. David sempre admirou Batoriova, ainda mais quando soube que era vampira. Conseguir algo nesse mundo idiotamente patriarcal sendo mulher era uma dura missão, mas conseguir algo importante assim sendo mulher e tendo que viver na sombra do vampirismo era praticamente um milagre. Já Robert Tellison era o estereótipo do poder. Homem e de família rica, ser vampiro não dificultou em nada a sua ascensão.

— Agente Silver, é? Você trabalha com o Brian Cahill? — indagou Tellison.

— Sim, senhor.

— Aquele garoto é muito bom. Os avanços que o Cinco tem feito! Beatrix, você precisa ouvir isso. Eles desenvolveram uma pastilha efervescente que vai resolver o problema de falta de alimento dos nossos soldados — Tellison deu uma rápida olhada para os lados e diminuiu a voz para falar a palavra seguinte, pois havia alguns humanos no evento. — vampiros. Eles tiram o próprio sangue, colocam em um recipiente, jogam a pastilha e pá! É como se estivessem bebendo de humanos! Uma loucura! Aquele rapaz vai longe.

O projeto é meu e o escroto do Brian nem queria fazer. Demorei três anos para que ele aprovasse e ele ainda me deu um orçamento de merda e nenhuma equipe.

— Ele é bom mesmo, senhor. — As palavras saíram da garganta de David como lâminas banhadas em álcool.

— Se eu não me engano, a ideia desse projeto é sua. Não é, David? — Miranda interferiu parecendo ter lido seus pensamentos.

— Sério? — Tellison esboçou surpresa. — Achei que era do Brian.

— Eu estou lá no departamento há anos e posso garantir isso. — respondeu Miranda.

— Mas claro que o projeto nem teria visto a luz do dia, se Brian não tivesse acreditado no seu potencial. — David complementou.

Lâminas. Álcool.

David poderia ter sido honesto, contudo não queria ser percebido como mesquinho. Além disso, se algum comentário chegasse aos ouvidos de Brian, mesmo Watsen não permitindo que David fosse demitido, ele teria a capacidade de tornar cada segundo da vida de David no departamento um inferno.

Miranda não parecia amedrontada com uma possível retaliação de Brian. Ela sempre falava o que pensava, o que David considerava uma virtude. Ela não media palavras, não mudava seu jeito se fosse um diretor ou um agente.

Ele teve que interromper o seu momento de admiração por Miranda. Uma agitação na entrada fez com que todos virassem tentando ver o que acontecia. Agentes do Serviço Secreto estavam abrindo caminho entre os convidados e passando pelos detectores de metais sem nem pestanejar para as luzes e apitos das máquinas. Eles tinham permissão para carregar o que quisessem, assim como a pessoa que vinha logo atrás deles.

O presidente dos Estados Unidos parecia uma celebridade de Hollywood. Edgard Humphry chegou acompanhado de sua esposa, a primeira-dama Eliza Humphry e, em questão de segundos, estavam cercados por funcionários da mais alta estirpe do governo, todos desejando a chance cumprimentá-lo.

Ele tinha o ar tranquilo de quem já estava acostumado com aquele tipo de reação, e talvez estivesse até um pouco cansado daquilo. Seu braço esquerdo, suavemente dobrado, servia de apoio para a mão de Eliza, que sorria ao ver a comoção ao seu redor. Ao contrário do marido, ela parecia amar estar em evidência. O rumor que circulava pelo Cinco era de que ela havia feito um acordo com Humphry para que os dois chegassem à Casa Branca. Eliza teria lhe dado acesso às pessoas mais influentes da política, laços que possuía graças ao fato de o seu pai ser um senador nova-iorquino humano extremamente querido no meio, e Humphry aceitaria ter ao seu lado uma vampira de primeira geração que queria, desesperadamente, estar no centro dos holofotes. No auge dos seus trinta e dois anos, Eliza queria fama e poder, e o seu plano funcionou perfeitamente.

Ela lembrava uma boneca de porcelana. Seu nariz fino e reto parecia esculpido por artistas da Renascença, e os ossos dos seus ombros saltavam de forma anoréxica. David havia ouvido falar que ela não comia e nem bebia nada além de água e sangue. E, até mesmo o sangue, ela só se permitia uma vez por mês para manter a “boa forma”.

Ele nunca entendeu esse conceito de beleza no qual a pessoa se priva ao extremo para atingir um padrão que nunca será padrão. Não fazia sentido. Uma coisa era a pessoa ser magra e se amar desse jeito, outra bem diferente era se achar feia e se ferir, física e psicologicamente, porque não cabia num jeans trinta e oito. Além disso, ele sempre levantou a bandeira de que um belo par de pernas precisava ter carne.

Ah, Miranda...

David teve que sair de seu devaneio sobre pernas. Miranda apertava seu braço quase causando dor. Ele se virou para ela confuso, mas logo entendeu o que estava acontecendo. O presidente vinha na sua direção.

O Serviço Secreto chegou abrindo espaço em volta de Batoriova e Tellison, e David e Miranda se viram no meio do círculo, presos em um encontro do qual nem imaginavam que fosse possível fazer parte. Eles iam conhecer Edgard Humphry.

Um pensamento estranho passou pela cabeça de David: será que Humphry sabia quem ele era? Watsen, várias vezes, falava em “nós”, referindo-se também ao presidente. Será que ele teria participado ativamente na escolha de David para o plano? Será que iria reconhecê-lo?

— Senhor presidente! — Batoriova foi até Humphry e lhe deu um beijo na bochecha. Depois fez o mesmo com Eliza. Tellison foi mais formal, cumprimentando os dois a distância. — Não sabia que o senhor viria.

— Nem eu. — Humphry deu uma risada, e seu rosto, que estivera fechado e concentrado, se tornou afetuoso e convidativo. Parecia uma pessoa completamente diferente ao sorrir. — Eu tinha uma videoconferência com a Primeira Ministra Britânica, mas ela cancelou no último segundo. E como Eliza ama os seus eventos, decidimos vir.

— Espero que não seja um inconveniente. — A suavidade com que Eliza proferia as palavras tornava impossível para qualquer pessoa lhe dizer algo negativo em resposta. Não que alguém fosse dizer algo negativo para a primeira-dama dos Estados Unidos.

— Claro que não, senhora primeira-dama! Vocês são sempre bem-vindos! Ah, que mal-educada! — Beatrix segurou o braço de Miranda e a virou na direção do presidente. — Essa é a agente especial Miranda Orson, representante da CIA no Cinco.

David focou no rosto de Humphry. Será que ele o reconhecia?

— Agente Orson, já ouvi falar de você! Watsen a idolatra! Diz que você é a melhor agente que já conheceu.

— Ele exagera, senhor presidente. Não faço mais do que a minha obrigação.

O presidente o ignorou. Não o notou. Não o cumprimentou. Os próximos cinco minutos foram todos sobre os feitos de Miranda, que eram inúmeros. Ela era realmente espetacular. Havia contribuído muito na sua época de campo como agente especial da CIA e estava revivendo os louros desse período com ninguém menos que o líder do mundo livre.

David ficou feliz por ela. Ela merecia isso e muito mais. Porém, o sonho que tinha de ser o queridinho do presidente tinha caído por terra. Ele nem imaginava quem David era. Para o quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos da América, David era invisível.

No entanto, logo o problema da sua invisibilidade recém-adquirida seria resolvido por uma pessoa inesperada.

— E quem seria esse jovem? — interrompeu Eliza.

Todos, incluindo o presidente, se viraram para David. Ele ficou chocado em ser notado. E pela primeira-dama! Miranda acordou das memórias de seus feitos e apontou para ele.

— Este é o agente David Silver. Ele tem conquistado muito no Departamento Cinco. Não existe profissional melhor.

— Continue o excelente trabalho, agente. Seu país agradece. — Eliza sorriu afavelmente.

Humphry apertou sua mão sem muito empenho no ato.

— Parabéns, agente. Fico feliz em saber.

— Obrigado, senhor.

O Serviço Secreto começou a andar, sentindo a intenção de Humphry. O presidente se despediu pedindo desculpas, mas precisava falar com alguém que David não prestou atenção e nem quis prestar. Mesmo com a ajuda da primeira-dama, ele havia se tornado alguém fácil de esquecer para o homem a quem estava servindo naquela noite.

Contudo, isso não era importante. Ao contrário do que Watsen pensava, David não estava fazendo isso pelo seu país, nem pela sua raça, muito menos para obter a admiração do presidente. Estava fazendo isso pela sua mãe. E isso bastava.

Mas que teria sido legal, teria.

A presença de Edgard Humphry complicou um pouco as coisas que já eram complicadas para início de conversa. O número de agentes do Serviço Secreto triplicou, tornando impossível para qualquer pessoa conseguir ficar fora do radar. Eram homens e mulheres treinados para perceber qualquer movimentação estranha, por isso tentar fazer algo escondido perto deles não era uma opção.

O plano de David tinha muito de encenação, mas ele também precisaria passar despercebido, e aquela situação não o ajudava em nada. Porém, David não teria outra oportunidade. Precisava agir. Ele virou um copo de uísque para ganhar coragem.

A noite começaria no leilão. Na ampla sala repleta de cadeiras cobertas com panos de seda brancos e laços pretos nas costas, David ficaria cerca de uma hora vendo coisas que ele nunca poderia comprar sendo leiloadas. Depois haveria um jantar para os convidados e coquetéis na sala principal. Durante o coquetel, a escada estaria cheia de gente de novo e no leilão ainda haveria pessoas chegando.

O ideal seria tentar subir no jantar. Além de todos já terem chegado, o presidente estaria jantando, então noventa por cento do Serviço Secreto estaria com ele. Contudo, deixar sua cadeira vaga à mesa também chamaria atenção. Precisavam pensar que ela não deveria estar ocupada.

David virou mais um uísque.

— Ei, vai com calma. Você não quer ficar bêbado na frente do presidente dos Estados Unidos, não é?

— Claro que não.

David riu de nervoso. Era exatamente isso que queria. Necessitava de uma distração para enganar as pessoas e a única coisa a que tinha acesso naquele lugar era a si mesmo. Ia aparentar estar bêbado, causar uma cena, fingir que ia vomitar no banheiro durante o jantar e subir a escada, enquanto todos estariam ocupados demais falando sobre o ocorrido para ir atrás e ver o que ele estava fazendo.

Era o plano perfeito? Não. Era arriscado? Sim. Ele ia acabar com todas as chances de um relacionamento com Miranda? Sem dúvidas. Porém, ele simplesmente não tinha mais ideias.

O raciocínio de David foi interrompido pela vibração de seu celular. O que era estranho, porque não estava configurado para vibrar. O que era mais estranho? A vibração veio do bolso do blazer e o celular de David estava na calça.

Ele pegou o misterioso aparelho sem entender nada. Nunca o tinha visto antes. Na tela havia um alerta mostrando a seguinte mensagem: “no *bang* você sobe”.

David olhou em volta. Miranda estava distraída mais à frente, conversando com um amigo que havia encontrado. Batoriova e Tellison se dirigiam à sala onde o leilão ia acontecer e todas as outras pessoas seguiam as suas vidas sem perceber a existência de David. Quando aquele celular fora colocado ali? Quem sabia de sua intenção de subir para investigar a almirante? E o pensamento mais assustador: o que seria o *bang*?

Ele não teve muito tempo para imaginar as respostas.

— Falcão está caído! Falcão está caído!

O tiro veio de dentro da sala. O presidente desabou segurando o peito. Em questão de segundos, o Serviço Secreto estava com o atirador imobilizado e começava a chamar uma ambulância. Eliza Humphry soltou um grito desesperado enquanto, sentada no chão, abraçava o marido protegendo o seu corpo desfalecido.

Sem ter a menor ideia de como aquilo poderia estar acontecendo, David só sabia que tinha a ver com ele. Quem quer que fosse aquela pessoa louca que tentara

matar um vampiro em uma sala cheia de entidades do governo altamente protegidas, ela havia apertado o gatilho pela causa que ele lutava.

David teve que usar de todas as suas forças para tirar seu foco do homem imobilizado no chão, sair do seu congelamento por medo, passar pelas cordas e subir a escada o mais rápido possível. O atirador havia conseguido o que queria, ninguém olhava para aquela direção.

Ele chegou ao segundo andar ainda meio atordoado. Não sabia em qual cômodo entrar, mas sabia que tinha que escolher rápido. Passou pelo corredor a sua frente andando apressado, enquanto dava um toque nas portas que encontrava para espiar o interior dos quartos. A última porta à esquerda revelou um escritório. David entrou e trancou a fechadura. Respirou fundo.

Aquilo era loucura. Estava um carnaval no andar de baixo: o líder do mundo livre no chão, pessoas gritando em puro desespero, sirenes de carros de polícia e ambulâncias disparando. A situação não ia melhorar tão cedo e ele tinha que agir rápido. Se o encontrassem, tudo iria piorar. E muito.

A sala possuía uma longa estante, uma luxuosa mesa de mogno no centro, um bar no canto direito, um suntuoso sofá de couro no esquerdo, e várias das belas pinturas de Batoriova cobriam os quatro cantos do cômodo sem deixar parede alguma à mostra. Como já imaginava, não havia nenhum computador à vista. David não sabia por onde começar, mas, assim que deu o primeiro passo, descobriu.

Embaixo do seu pé, pôde sentir uma tábua chiar sob o felpudo tapete. Podia não ser nada, mas aquilo o incomodou. David se abaixou e levantou o tapete. A madeira tinha um buraco do tamanho de um dedo, como se fosse a maçaneta. Ele levantou a tábua e não viu nada. Tateou o fundo e não sentiu nada. Tocou a parte de trás do assoalho e, então, percebeu: havia algo grudado. David arrancou com cuidado a pasta de papel pardo velho que estava escondida ali.

Ele tirou o seu verdadeiro celular do bolso, abriu a pasta e começou a tirar fotos. Não leu uma palavra sequer. A leitura aconteceria no conforto da sua poltrona, na segurança da sua casa, sem um presidente ferido no andar de baixo e sem o Serviço Secreto em alerta máximo.

David terminou de fotografar as quase quarenta páginas e as devolveu para o esconderijo da maneira que havia encontrado. Abaixou o pedaço de madeira e o cobriu com o tapete.

Mais uma respiração profunda. E agora?

David foi até a janela. O caos continuava. O presidente estava saindo em uma maca e sendo levado para a ambulância. A primeira-dama, que caminhava ao seu lado, segurou sua mão e lhe deu um beijo na testa.

Por enquanto, todos continuavam com a atenção voltada para lá, porém, não permaneceriam assim.

Ele saiu devagar para ver se havia alguém no corredor, mas estava deserto. Começou a andar rápido, meio caminhando, meio correndo. Do topo da escada, olhou apreensivo para o andar inferior e não conseguiu ver ninguém na sala principal. Desceu rapidamente e começou a ir na direção da saída.

— Aí está você! — A voz de Miranda fez com que David entrasse no seu característico congelamento. Ela estava vindo do corredor atrás da escada. Será que o tinha visto descer? — Onde você estava?

— Estava te procurando.

Ele nunca tinha pensado numa resposta tão rápido em toda a sua vida. Miranda pareceu um pouco confusa ao ouvir a justificativa, mas a situação toda era estranha. Não dava para saber se a confusão havia sido causada pelo que David dissera.

— Nessa loucura toda acabei correndo para cima do atirador.

— Como assim? Você se machucou?

— Não, não. Estou bem. Foi impulso. Não que eu precisasse ter feito nada. Já tinha uns quinze agentes em cima dele.

— E como está o presidente?

— Considerando o vampirismo, imagino que bem. Acho que o atirador é humano mesmo. Um desses loucos que tem acesso fácil a uma arma. Só não sei como ele conseguiu entrar.

Por mais que exalasse confiança, Miranda ainda parecia perplexa.

Bem-vinda ao clube.

— Tenho que voltar para a agência. Preciso informar Phil sobre o que está acontecendo aqui. Tem problema se eu não te levar para casa?

— Claro que não! Pode ir tranquila. E, se precisar de algo, é só falar.

— Obrigada, mas relaxa. Era só um louco, está tudo bem. Vai curtir as suas férias.

Miranda deu um beijo no rosto de David e saiu.

Ele passou pela comoção que continuava no lado de fora, foi para a esquina e pediu um carro pelo celular. David encostou a cabeça no banco e fitou a noite que se movia com pressa pela janela do carro. Ele tinha conseguido.

93 dias para o Dia V

David estava tão imerso nos papéis que encontrou na casa de Batoriova, que não reparou quando Phil Watsen entrou no seu porão. O diretor da CIA, com uma feição impossível de ser interpretada, já estava parado na frente da sua poltrona há uns dois minutos, quando David finalmente percebeu a sua presença. Ele deu um pulo de susto e parou de se mover, travando olhares com Watsen enquanto aguardava ansiosamente por alguma reação.

O primeiro trabalho de campo de David tinha sido, na melhor das hipóteses, medíocre. Ele tinha criado um plano idiota e fora salvo por um humano com uma arma de loja de departamentos. David nem tinha ideia de quem era o tal humano. Como ele sabia sobre vampiros? Como tinha colocado o celular no seu bolso? Enquanto investigava os documentos que encontrara, David havia deixado rodando um programa de rastreamento de última geração para tentar localizar de onde veio a mensagem que recebera. Contudo, até aquele instante, não tinha conseguido nada. Ele não tinha respostas para Watsen. Porém, possuía os arquivos.

Por via das dúvidas, era melhor ficar em silêncio.

Watsen começou a tentar dar um sorriso, como aquele que havia deixado David tão desconfortável no escritório da CIA.

— Vejo que você conseguiu pegar o que a gente precisava.

O sorriso tinha sumido.

— Eu ainda não tenho certeza de que é o que a gente precisava, senhor. São detalhes de missões e alguns projetos. Não sei bem o que estou procurando aqui, mas estou procurando. — Uma engolida em seco, uma leve inspirada.

— Ótimo. Fico feliz que o plano tenha funcionado.

— Sobre o plano... — *Calado, David. Fica calado.* — Não foi a minha intenção de que o presidente levasse um tiro.

— Óbvio que não. Foi a nossa.

— Nossa?

— Ué, eu e Ed pensamos nesse plano e o executamos. Você não achou que era só um cara louco, não é?

Não?

— Não, claro que não. Mas estava com medo de alguém, além de nós, saber o que estamos fazendo.

— Escuta, garoto. Depois que eu saí daqui, naquele dia, fiquei pensando muito sobre o que você me falou, sobre como não era agente de campo. Eu queria provar que você estava errado, que tinha tudo para fazer esse trabalho. Entretanto, me lembrei da minha primeira missão. Eu era um vampirinho atrevido, tentando me provar para meus superiores e acabei pensando pouco e agindo mais do que

devia. Sem entrar em detalhes, quase matei todo mundo que estava comigo. A sua primeira missão ia ser bem mais tensa do que foi a minha. Conversei com Ed e chegamos à conclusão de que tínhamos que te ajudar com o plano, mas que era importante você levar até o fim para perceber que ser agente de campo é só questão de treino. Além do mais, você é um vampiro e lutar está no seu sangue.

David ficou aliviado com a explicação. O plano havia sido ideia do presidente dos Estados Unidos e do diretor da CIA, não tinha como falhar. Eles estavam observando e ajudando. E, o mais importante na sua concepção, o presidente sabia quem ele era.

Mas bem que podiam ter me avisado...

— Eu não tinha ideia.

— Como não? Você não percebeu que a gente ia te ajudar quando eu mandei a Miranda até você?

— Claro, eu quis dizer que não tinha ideia de tudo o que o senhor passou nessa sua primeira missão, sabe?

Watsen pareceu satisfeito com a óbvia mentira.

— Agora eu tenho que ir visitar um certo presidente no hospital. — Ele deu uma piscadela para David e de alguma forma aquilo foi pior do que o sorriso forçado. — E David?

— Senhor?

— Da próxima vez, pelo menos tenha um plano B. É bom você trabalhar esse seu lado.

— Eu tinha, senhor. Pode ficar tranquilo que eu estou trabalhando isso sim.

Era ruim e era o plano A, mas eu tinha.

— Me avisa se encontrar alguma coisa. Não por telefone, claro.

Com mais um risinho esquisito, Watsen deixou David.

Eu não estou sozinho.

David não conseguia entender nada dos papéis de Batoriova. Precisava de tempo para decifrar os documentos que estavam repletos de tarjas pretas e siglas estranhas, como LT, BW e CB. Nenhuma significava nada para ele e tempo era a única coisa que não tinha. Se alguém desconfiasse do que acontecera na casa da almirante, as chances de David conseguir chegar ao escritório do diretor do FBI iriam de zero para um número negativo. Era hora de mostrar para Phil Watsen que ele tinha o necessário para ser um agente de campo, e de mostrar para si mesmo também. Para isso, precisava pensar no seu próximo plano.

Robert Tellison. O que David sabia sobre ele?

O diretor do FBI era de uma família de dinastia lendária. Lendária e sanguinária.

Pelo que David tinha ouvido falar, os avós do diretor do FBI vieram do Velho Mundo para a América no famoso navio Mayflower, em 1620. Na viagem, duas mortes ocorreram e, apesar de o resto do mundo acreditar que se deram por enfermidades causadas pelas más condições na embarcação, os vampiros sabiam a verdade.

Quando finalmente chegaram na Nova Inglaterra, já era inverno e, devido às baixas temperaturas, os avós de Tellison não tinham como caçar fora do seu vilarejo. Até o final daquela estação, metade da população do navio havia morrido em terra firme de uma misteriosa doença. Poucos anos depois, nasceu o pai de Tellison, Christopher.

Em 1692, os julgamentos de Salem se tornaram um amargo capítulo na história da família. Porque não envelheciam, os três foram acusados de bruxaria, e os avós foram sentenciados a morrer com o crânio esmagado por uma rocha. Apenas Christopher conseguiu fugir.

Ele assumiu um novo nome e obteve feitos históricos, como ajudar George Washington durante a Guerra de Independência e ser um dos seus braços direitos quando se tornou presidente. A cada vinte anos, ele mudava de estado e se reinventava, sempre tentando ser o ventríloquo por trás de figuras importantes.

No século XIX, a população vampírica ascendeu ao redor do mundo todo. A mutação conseguia ser identificada nos mais diversos países e a sede de sangue podia ser facilmente escondida pelas doenças da época.

Nesse cenário, nasceu Robert Tellison, um homem que teve a sua vida marcada por assassinatos. Além de suas vítimas, que não foram poucas, Robert também matara o próprio pai.

Aparentemente Christopher havia ficado louco depois de tantos anos de vida. Começou a se tornar relaxado com os corpos que deixava pelo caminho e a levantar suspeitas nos humanos, sendo um dos primeiros *serial killers* americanos de que se tinha registro.

Na época, o primeiro Conselho Vampírico foi criado. Formado pelos membros de maior relevância na comunidade, tornou-se o responsável por colocar ordem na vida em sociedade dos vampiros. Eles acompanharam a situação do pai de Tellison de perto, reuniram-se, avaliaram o caso e o sentenciaram à morte. No dia do julgamento, ele tentou fugir, mas o próprio Robert, que também era membro do Conselho e havia votado pelo fim de sua vida, o encontrou e o matou.

E, então, veio a Primeira Guerra Mundial. E com ela, a criação dos primeiros bancos de sangue da história. A ideia veio de um vampiro cientista inglês que, chocado com as mortes horrendas que havia presenciado na guerra, passou a

se alimentar de animais e se dedicou ao máximo para encontrar uma forma alternativa de sobrevivência.

Quando a novidade chegou aos Estados Unidos, Tellison foi o último a aderir. Na verdade, não se sabe se realmente aderiu. Tirando alguns brindes que fazia com sangue em eventos sociais, ele não tinha vínculos comprovados com nenhum banco vampírico.

Esse era Robert Tellison. Um homem bem relacionado, com uma linhagem que, ao que tudo indicava, começava bem antes dos seus avós embarcarem no Mayflower, e com as costas tão quentes que até se alimentar de humanos não era problema para ele.

E era desse homem que David precisava roubar informações confidenciais. Se fosse pego, com certeza estaria morto. Além disso, mesmo com os melhores brinquedos que o dinheiro do contribuinte poderia pagar, ele não seria capaz de chegar à sala de Tellison, no sétimo andar do Edifício J. Edgar Hoover, sem ter uma credencial liberada.

Mas ele conhecia quem tinha.

— *Você quer o quê?*

Do outro lado da linha, Brian Cahill parecia assustado. Era como se David tivesse acabado de perguntar se Brian simplesmente não queria dar o seu crachá para ele, e não como se o tivesse chamado para tomar um chope depois do trabalho.

— Eu sei que a gente não interage fora do departamento, Brian, mas essas férias estão me fazendo repensar algumas coisas na minha vida e queria bater um papo com você sobre isso.

Meio relutante, Brian aceitou.

O bar ficava perto da casa de David, então ele foi a pé. A construção não parecia ser grande coisa, contudo, assim que se atravessava o alto portão de ferro, o ambiente ganhava novas dimensões. A iluminação fraca, a *jukebox* no canto tocando rock clássico dos anos 1980 e, no centro do salão, a mesa de sinuca, que era mais disputada do que as partidas que aconteciam nela. David se sentia em casa.

Ele não tinha muitos amigos com os quais pudesse socializar depois do expediente. Era como se sua vida fosse uma grande escola repleta de panelinhas e ele simplesmente não conseguia pertencer a nenhuma. As únicas pessoas que não despertavam esse sentimento em David eram seu tio e Miranda. Com Luke, David

havia estado naquele bar inúmeras vezes, mas com Miranda só quando se forçava a tolerar os prepotentes colegas de trabalho.

Brian já estava lá. Sentado em uma das mesas altas que ficavam no canto, usando uma camisa social lisa desabotoada nos dois primeiros botões e com uma cadeira só para a sua mochila de trabalho, ele até parecia uma pessoa normal. Porém, não era.

Sua família, assim como a de Tellison, era secular. Seu sobrenome era reconhecido em qualquer comunidade vampírica ao redor do mundo. Sua conta bancária era tão abarrotada que era difícil entender o porquê de Brian trabalhar. Já sua inteligência, bom, na opinião de David, essa era bem comum.

Os Cahill eram influentes e, graças a isso, Brian tinha tudo o que quisesse ter, o que incluía acesso a todos os prédios de agências do governo americano. E, com um pouquinho de sorte, teria acesso também ao andar da sala de Tellison.

Brian fingiu um sorriso ao ver David se aproximar. Não sabia se ficava sentado ou se levantava. Na dúvida, não se moveu.

— Obrigado por ter vindo, Brian.

— Claro, eu não tinha nada para fazer mesmo.

David tirou a carteira e o celular do bolso de trás para se sentar na única outra cadeira da mesa. Apontou os itens na direção da mochila de Brian e esperou uma validação.

— Posso colocar aqui em cima?

— Claro, claro.

David nunca tinha escutado tantos “claro” de Brian.

— Quer uma cerveja?

— Sim, sim, claro.

David fez sinal para o garçom pedindo as bebidas. Ele se sentia seguro. Brian era um escroto que podia acabar com a sua vida corporativa, mas David não acreditava que pudesse arruinar mais que isso. Não era uma das melhores pessoas, contudo também não era um assassino sanguinário. Eles só não se gostavam. Desde o primeiro semestre na faculdade, sentia que Brian queria ficar na aba das pessoas e irritava muito o fato de que apenas precisava existir para conseguir qualquer coisa. Alguns poderiam chamar isso de inveja, David considerava bom senso.

Se você não está disposto a trabalhar para ter o que quer, você simplesmente não merece ter.

Porém, era estranho. Brian parecia mais nervoso do que David. Os silêncios eram extremamente desconfortáveis, no entanto David permanecia inabalado. Já Brian era outra história. Ele ficava batucando na mesa com as duas mãos enquanto

mordiscava a boca por dentro. Será que isso significava que David estava apto para ser agente de campo?

Ele duvidava.

— Como estão as coisas lá no Cinco?

— Uma loucura. Você soube que o presidente sofreu um atentado?

— Soube sim. — David teve um momento de dúvida. Não sabia se podia mencionar que estava no local na hora do ocorrido, mas lembrou-se que várias pessoas de diversas agências o haviam visto na noite anterior. — Inclusive, eu estava lá.

— Sim. Miranda me contou. É verdade; tinha esquecido.

Sei...

— É, ela conseguiu convites para o evento e me chamou.

— Watsen que deu para ela, não?

Onde ele quer chegar?

— Acho que foi, mas pode ter sido outra pessoa, não me lembro.

— Foi, foi sim. Ele tem estado tão preocupado com a diversão e o relaxamento dos agentes ultimamente.

Ah.

Watsen era o motivo de Brian ter sido forçado a deixar David tirar férias de um dia para o outro. E Brian acabara de encontrar uma singela maneira de dizer que não tinha ficado feliz com isso. No entanto, David achava que tinha sido singela o suficiente para ele não esboçar qualquer reação, por isso preferiu voltar para o silêncio desconfortável.

Brian quebrou o gelo.

— Bem, — Parou um segundo para virar um gole mais longo do que o normal da cerveja que tinha acabado de chegar. — você me chamou aqui. Para quê?

— Nossa, direto ao ponto.

Brian riu de maneira relaxada. A risada aliviou a armadura de cinismo que ele estava usando até então.

— Desculpa, David, mas é esquisito. Sei que a gente se conhece há anos e, como chefe, você sempre me tratou com respeito, mas se estamos sendo sinceros, eu achei que você me odiava.

— Eu sei. Mas essas férias...

— Esses dois dias de férias, você quer dizer. O que pode ter mudado em dois dias?

Você nem imagina.

— Eu não estou dizendo que te amo depois de dois dias de férias, mas eu estou aproveitando para repensar a minha vida toda e, querendo ou não, você é

parte dela.

Brian meneou a cabeça como se concordasse com as palavras de David.

— Te entendo. Fico feliz por você estar tomando essa atitude. Você é uma das pessoas em quem eu mais posso confiar no Departamento Cinco. Não sei se você percebeu, mas as pessoas lá são meio... — Ele ficou mexendo as mãos no ar como se a palavra que queria encontrar estivesse perdida voando.

— Prepotentes? — sugeriu David.

— Isso!

Um elogio e os dois concordavam com alguma coisa. Aquela noite era mesmo esquisita.

Normalmente David nem escutava o que Brian tinha a dizer. Assim que o chefe abria a boca, ele já virava os olhos, o que fez com que a palavra “reativo” recheasse todos os *feedbacks* que já recebera.

— Sei lá, eu tenho me sentido um pouco fora. É como se eu não pertencesse àquele lugar.

Parecia que Brian estava precisando mais daquele chope do que David.

— Eu sei, me sinto assim na vida.

Brian se remexeu na cadeira e se apoiou sobre a mesa para falar mais perto de David.

— Você não pode ficar guardando isso. Quanto antes você falar com alguém, melhor vai ser.

David se assustou com o discurso de Brian. Como assim “guardando”? Ele sabia que David estava escondendo algo? Ele sabia do Dia V e da investigação?

— Do que você está falando, Brian?

— David, por favor. Eu não sou idiota. Eu passei pela mesma coisa que você está passando. Quanto mais cedo você sair, melhor vai se sentir. Eu te ajudo.

Sair?

— Sair de onde?

— Do armário.

Do quê?

— Do quê?

— Do armário. Você não me chamou aqui para falar que queria assumir que é gay e...? — Brian parou de falar. — Meu Deus. Você não me chamou aqui para isso.

— Não, Brian. Não foi para isso.

— Desculpa, cara. Eu achei que você queria um mentor ou algo assim.

— Brian, eu nem sabia que você era gay até quinze segundos atrás.

— Desculpa, David.

— Para de pedir desculpas. Só fiquei surpreso por você achar que foi para isso que te chamei, mas não tem problema algum.

Que. Noite. Estranha.

Os dois começaram a rir. David finalmente entendeu o motivo de Brian estar se forçando a tentar uma conversa tranquila. Ele achava que David precisava de ajuda. E se estava disposto a ajudar David, alguém que ele mal suportava, era capaz de não ser uma pessoa tão ruim assim.

David havia começado a noite fingindo. Tentou parecer pacífico e amigável com Brian só para conseguir o resultado que esperava obter daquele encontro. Afinal, Brian era uma missão. E depois do fracasso que havia sido o seu plano na casa de Batoriova, ele precisava dar o seu máximo. Porém, o cenário havia mudado ao longo da noite. Brian se tornou tolerável aos olhos de David, e mais, até mesmo agradável. Eles falaram de tudo um pouco, em uma conversa regada a litros de cerveja e *nachos*.

O que era para ser um trabalho de uma hora no máximo, tornou-se uma das noites mais relaxantes e divertidas que David havia tido em meses. Talvez em anos. Sair com o seu tio era ótimo, contudo Luke não tinha ideia do que era ser vampiro. Já Brian entendia o que era ter um segredo como esse.

— O nome dele era Martin. A gente se conheceu numa festa de fraternidade nos tempos da Caltech. Eu caí na besteira de apresentá-lo para a minha família. Minha mãe foi maravilhosa, mas meu pai e meus tios... Imagina um humano na casa de vampiros elitistas e esnobes em pleno Dia de Ação de Graças. Se você procurar no Google o significado de comportamento passivo-agressivo, uma foto desse jantar vai ser a primeira imagem a aparecer como resultado da busca.

David já tinha saído com garotas humanas, mas não podia imaginar qual seria a reação de vampiros da velha guarda a isso. Talvez blasfêmia fosse a palavra.

— Eu não esperava que você achasse tranquilo se relacionar com humanos.

— Isso é um pensamento tão, sei lá, racista. Eles são diferentes? São, mas não tanto assim. E a gente deixou de comê-los há anos; por que viver em sociedade é ok, mas amar, beijar, transar não? E nem me fale que é porque são “idiotas humanos”, porque o que tem de idiota vampiro nesse mundo... Nem dá para calcular.

Brian era bem mais sensato do que David imaginava e, ao falar sobre as diferenças e as semelhanças entre humanos e vampiros, fez com que ele refletisse sobre o Dia V. Watsen tinha dito que não podia dar detalhes, que nem as pessoas mais próximas do presidente sabiam de tudo. David havia visto uma chance de vingar a sua mãe e a agarrou com unhas e dentes, mas agora se perguntava algo que ainda não tinha pensado.

Como os humanos vão ficar nessa história?

Seria o Dia V uma batalha até a morte? Se sim, o que os vampiros tomariam para subsistir? Seria só os vampiros se revelando para o mundo? Nesse caso, qual seria a reação dos humanos? Em qualquer cenário que pensava, David não conseguia ver um mundo de paz.

Bêbados, alegres e com menos cinquenta dólares nas suas carteiras depois de perderem um jogo de duplas na sinuca, David e Brian encerraram a noite como velhos amigos.

David foi andando para casa pensando nos anos perdidos com raiva do Brian. Aquele encontro deixou claro que, assim como ele, Brian só estava lutando para permanecer são em um mundo onde sangue era o mais importante. Ele se sentia tão desconfortável quanto David, talvez até mais. Estar em uma posição de liderança tendo que sorrir para pessoas que você preferia mandar à merda devia ser bem mais desgastante do que ser um analista que vira os olhos de forma reativa.

Quando David chegou em casa, era quase manhã. Foi direto para o porão e se jogou na poltrona. Mexeu no bolso traseiro da calça e pegou o celular e a carteira. Jogou a carteira de lado e começou a usar o celular. Depois de alguns segundos digitando, apareceu na tela aquilo que tanto esperava: os dados do crachá de Brian.

92 dias para o Dia V

David tirou apenas três horas de sono para ver se conseguia dar uma melhorada na bebedeira. Tomou uma ducha gelada, virou quatro canecas de café e foi até o porão beber uma bolsa de A negativo. Ele tinha que correr. Tellison não trabalhava no escritório, nos fins de semana, e as noites de sábado eram o período de menor movimento na sede do FBI. Se ele não queria ter que esperar mais sete dias para colocar o seu plano em prática, precisaria de tudo pronto em algumas horas.

O primeiro passo era fazer seu crachá. David já havia visto Brian saindo do escritório várias vezes e sabia que ele sempre guardava o crachá dele na mochila. Graças a um programa de decodificação e a um eletroímã acoplado na parte de trás de seu celular, David, ao colocar o seu aparelho sobre a mochila de Brian, conseguira puxar os dados alfanuméricos de sua identificação. Agora tinha que fazer o *layout* do crachá e imprimir com as informações que havia obtido.

Até que esse processo fora mais rápido do que David esperava. Ele não falsificava um crachá desde seus primeiros meses no Departamento Cinco, mas era como andar de bicicleta. Tudo bem que o crachá falsificado anos antes era de um agente da Mossad, o Serviço Secreto Israelense, e agora estava falsificando o de um agente do alto escalão da CIA para invadir a sede do FBI, porém a premissa era a mesma.

David entrou em sua casa e foi até o seu quarto no segundo andar. O quarto só possuía uma cama, uma mesinha de cabeceira e o armário com portas de correr. Simples, mas funcional. Os *gadgets* que ele amava tanto ficavam no porão, escondidos da curiosidade de seu tio. Ele deslizou uma das portas do seu armário e pegou o único terno que havia lá dentro. A cor cinza chumbo trazia um ar elegante, contudo a qualidade do tecido não era das melhores. O salário de analista não dava margem para escolhas mais refinadas.

Ele vestiu o terno e calçou um par de sapatos sociais pretos. Na primeira gaveta do armário, encontrou uma gravata preta com listras brancas.

Será que isso combina?

David nunca fora muito habilidoso quando o assunto era moda, mas, se preto misturado com branco dava cinza, decidiu que não estaria destoando.

Ele voltou para o porão. Estava na sua hora favorita: os brinquedos. David começou a revirar o que ainda restava na caixa de papelão que trouxera do Departamento Cinco. Não tinha pensado muito na hora de juntar o que traria, apenas pegara o que conseguiu ver, entretanto sabia que o que procurava estaria lá.

Tateou o fundo da caixa e puxou um estojo de acrílico retangular. Abriu a tampa transparente e retirou os dois pequenos itens que estavam dentro. Eles

lembravam baterias de relógio, mas deviam ter um quarto do tamanho de uma. David removeu as películas protetoras da parte de trás e pressionou as baterias contra a sua pele, deixando-as escondidas embaixo do seu cabelo, à frente de cada uma das orelhas.

A caixa ainda proporcionou adesivos transparentes de silicone, que David colou em cada um dos dedos, encobrindo suas impressões digitais.

Ele estava pronto.

As bandeiras dos Estados Unidos se movimentavam com força. O vento frio cortava o rosto de David, e ele se arrependia miseravelmente de não ter gastado dinheiro em um terno com tecido mais quente. Sabia que dentro da sede do FBI não sentiria frio, mesmo assim, não se movia na direção da porta.

Se a missão à base de cerveja e sinuca com Brian tinha sido agradável e relaxante, essa o fazia tremer por dentro e por fora. Ele se apoiou em uma árvore do outro lado da rua. Analisou o movimento de pessoas entrando e saindo do Edifício J. Edgar Hoover e entendeu que realmente teria que ser agora. Era uma linha tênue. Tinha que ter pouca gente, porque a quantidade de seguranças seria proporcional, mas também não poderia estar vazio, para que David não saltasse aos olhos de ninguém. Pensando nisso, ele se movimentou na direção do prédio. Ficar parado observando a sede do FBI de forma suspeita era uma receita para ser notado.

Respirou fundo. Tinha que estar relaxado. Mas como? Sua primeira missão mostrou o quanto não estava preparado para aquilo e a saída com o Brian tinha sido uma missão tão... passiva. Ele não precisou fazer nada, só se divertir. Agora era sério, era a hora de mostrar para Phil Watsen e para o presidente que eles haviam feito a escolha correta. A vingança pela morte de sua mãe dependia disso.

David passou pela grande porta giratória de vidro e se encaminhou para o primeiro teste. Sua mão suava frio quando ele apalpou o bolso do paletó em busca do crachá. Retirou o objeto e encostou no leitor da catraca. Pequeno demais para os seguranças que estavam perto perceberem, o rosto de Brian apareceu ao lado de uma luz verde.

Até aqui tudo certo.

A recepção do Edifício J. Edgar Hoover era enorme. Feita para representar a supremacia americana, seu piso em mármore cinza era ornado com o brasão do FBI em bronze no centro. As palavras “fidelidade”, “bravura” e “integridade”, escritas no brasão, chamaram a atenção de David. Seu coração batia forte e as letras de “bravura” piscavam na sua frente como se estivessem queimadas em sua

retina. Ele repetia a palavra em *looping* na mente, enquanto seguia para o detector de metais perto dos elevadores.

David reparou de relance nas câmeras de segurança. Naquele instante, as baterias escondidas no seu rosto alteravam suas feições em qualquer dispositivo que o filmasse, passando para os monitores dos guardas a imagem de Brian andando pelo imponente lobby. Ele se sentia mal por estar usando seu chefe para realizar o plano, mas, se tudo desse certo, ninguém nunca iria investigar e os dois ficariam bem.

As baterias eram criação sua, ele conhecia todos os seus componentes, então não temia que o detector as captasse. Além delas, trazia apenas o crachá e o seu celular, itens que não disparavam os sensores na configuração em que eram deixados.

David passou pelo aparelho. Nenhum apito, alarme ou luzes.

Ele se encaminhou para os três elevadores depois do detector de metais. Mal tinha apertado o botão e as portas do elevador central se abriram.

Havia apenas uma pessoa dentro. A última pessoa que David esperava encontrar.

— David?

Por um átimo, ele fechou os olhos. Foi rápido, mas dentro de sua cabeça havia passado uma eternidade tentando arranjar uma desculpa para o que estava acontecendo. Ele era empregado do Departamento Cinco, que pertencia à CIA, e estava de férias, além de nunca ter usado um terno em toda a sua vida corporativa. O que diabos ele estaria fazendo ali?

— Miranda!

— Que estranho te encontrar aqui! Está tudo bem?

Ela saiu do elevador puxando David para o final do salão. Dessa vez, o toque no seu braço não trouxe o prazer que costumava causar.

— Está, está sim. — Enquanto não pensava em nada, ele tentou inverter o foco da conversa. — E com você? Fiquei preocupado depois de tudo que aconteceu com o presidente. Tem notícias? Como ele está?

— Phil me disse que está ótimo. Precisa apenas cumprir o protocolo do Conselho Vampírico sobre o tempo de permanência no hospital. Sabe como é, se for muito curto, a recuperação milagrosa pode levantar suspeitas nos humanos. Mas deve ter alta em breve.

— E o atirador? Conseguiram alguma coisa dele?

— Essa parte é confidencial para praticamente todos de qualquer agência, inclusive para mim, mas imagino que estejam sendo bem persuasivos.

Ela deu uma sutil levantada de sobrancelhas, deixando claro que ele estaria sendo torturado em algum lugar. David lembrou-se do homem imobilizado no chão da sala de Beatrix Batoriova. Sentiu-se péssimo com a possibilidade de que ele estivesse sendo machucado. Ele havia sido usado para ajudá-lo e agora podia estar sofrendo por causa disso. Porém, o presidente e Watsen não deixariam isso acontecer, certo?

— E o que você está fazendo aqui? Não esperava te encontrar na sede do FBI hoje.

Eu posso dizer o mesmo.

— Watsen me ligou falando que a equipe daqui precisava de ajuda com o *upgrade* que eu fiz para o banco de dados de identificação criminal.

— No meio das suas férias?

— Pois é.

— Que droga, David. Ninguém merece a gente trabalhando hoje, não é? Acredita que eu vim para uma reunião sobre limites de jurisdição entre FBI e CIA? Quem marca reunião nesse horário? E sobre um tema tão empolgante... — Miranda virou os olhos demonstrando ironia. David respondeu com um som nervoso que se assemelhou a um riso. — Você tem planos para hoje?

Não morrer.

— Acho que depois daqui vou descansar mesmo. Hoje foi um dia corrido.

— Eu imagino! Mas então vou deixar você resolver isso logo para poder voltar para o seu sábado à noite. Bom trabalho.

Ela se inclinou e deu um beijo na bochecha de David. O prazer retornou.

David chamou outra vez os elevadores e torceu para que a porta não revelasse mais pessoas que faziam parte de sua vida. Contudo, não havia ninguém. Ele entrou e olhou para a botoeira. No topo, ao lado do sétimo andar, novamente um local para passar o crachá. Era a hora da verdade. David já esperava que a identificação de Brian conseguisse ser usada para entrar no prédio, mas ir ao andar onde ficava a sala do diretor do FBI era uma questão bem diferente. Se ele não tivesse o acesso, alarmes se acenderiam e David estaria em um porão do FBI sendo interrogado em questão de segundos.

Sua mão tremia. Ele começou a murmurar a palavra “bravura”.

Luz verde. David apertou o botão para o sétimo andar.

A sala de Robert Tellison era uma ode a NRA, a Associação Nacional de Rifles da América. Caça empalhada, couro em todas as cadeiras e os sofás, espingardas antigas dentro de *displays* de vidro. A parede do ambiente que dava para o corredor dos elevadores, assim como a porta, era de vidro inteligente, ficando transparente a menos que Tellison a escurecesse usando um controle remoto. Agora estava translúcida e, como ele não estava no escritório, alterar essa configuração poderia chamar atenção. David teria que ser rápido para que nenhum funcionário desavisado o visse dentro daquela sala mexendo no computador do diretor do FBI.

Ele se sentou na confortável poltrona de couro preto e ligou o computador de Tellison. Conectou seu celular ao *laptop* e, com a ajuda de um programa que havia desenvolvido, conseguiu, em questão de minutos, decifrar a senha de acesso.

A área de trabalho do computador era a mais limpa que já havia visto. Só tinha uma pasta. David examinou rapidamente o seu conteúdo e entendeu que os arquivos com todas as missões do FBI passadas, atuais e futuras estavam ali. Começou a transferência para o celular.

Foram os dez minutos mais longos de sua vida. Com medo de ser visto, ele foi para debaixo da mesa de madeira escurecida e ficou esperando. Era uma cena que jamais havia imaginado. E mesmo com toda a tensão do momento, só conseguia pensar em Miranda. Será que ela havia suspeitado de algo? Será que contaria para Watsen? Valia ligar para ele assim que saísse do prédio para que não fosse pego desprevenido? Mas como falar isso por telefone sem levar um esporro de Phil Watsen? É, teria que ser pessoalmente.

Seu celular vibrou sinalizando que a transferência estava concluída. David levantou devagar, certificando-se de que era seguro. Não havia ninguém. Sentou-se na poltrona, removeu o celular, desligou o computador. Em um gesto instintivo, passou rapidamente a manga do paletó no teclado tentando apagar as suas impressões digitais, esquecendo-se dos adesivos que tinha nas pontas dos dedos.

Ele saiu da sala obrigando seu rosto a dar ares de que pertencia àquele lugar. Chamou o elevador. Mal conseguia acreditar no que acabara de fazer, mas sabia que ainda não estava completamente livre. A porta abriu revelando um senhor de idade que carregava um carrinho de limpeza. Ele desejou boa noite a David, que só conseguiu dar um sorriso apreensivo em resposta.

David entrou no elevador e apoiou as costas no espelho que ficava ao fundo, enquanto esperava a longa descida até o térreo. Tudo parecia mais demorado agora. Todos os segundos duravam horas. O elevador parecia que não descia, a catraca parecia que ficava mais longe a cada passo, a porta giratória rodava em uma lentidão absurda.

Mas, de repente, David estava na rua. Tinha acabado.

91 dias para o Dia V

David tinha muito para estudar. Era a parte do trabalho de que ele mais gostava. Ser agente de campo tinha a sua glória, mas, sem o setor de inteligência por trás coletando todas as informações de que o agente precisava, nada aconteceria. Além disso, tinha algo sobre ser a primeira pessoa a saber que simplesmente deixava David fascinado.

Informação é poder.

Ele se sentou na frente do computador e conectou seu celular, abrindo os documentos que tinha conseguido no escritório de Tellison.

O diretor do FBI era um homem extremamente organizado. As pastas tinham pastas dentro de mais pastas. Em cada uma delas, uma quantidade espantosa de arquivos, tudo muito bem separado e rotulado. David começou pelas missões ativas. Se Tellison quisesse parar os planos do presidente, deveria ser com algo que estava acontecendo agora.

Enquanto lia os relatórios, David não conseguia ignorar o que tinha acontecido. Pela primeira vez, ele organizara uma missão e havia colocado tudo em prática sozinho. Nada de Watsen ou Humphry, só David. A experiência o deixou transformado. Continuava preferindo a segurança de sua mesa, mas saber que podia, que tinha o necessário para ir além, era sublime.

Um pouco menos sublime tinha sido a interação com Watsen na noite anterior. Depois de sair do edifício do FBI, David havia mandado uma mensagem pedindo para encontrar o diretor da CIA. Phil Watsen chegou à sua casa por volta de meia-noite, aflito e ansioso.

— O que foi, garoto?

Watsen proferiu as palavras enquanto guardava o celular no bolso. Mais uma vez, havia tentado encontrar *bugs* com o aparelho e David se perguntou se ele checava qualquer cômodo em que entrava ou se devia tomar aquela atitude como pessoal.

David explicou tudo o que havia acontecido: como usou o crachá de Brian, disfarçou seu rosto para as câmeras, copiou todos os arquivos. E, por um instante, Watsen pareceu contente. Mas, em seguida, David falou sobre Miranda.

— Já é a segunda vez que Miranda está presente em missões sobre os líderes das agências mais importantes do nosso país. Será que você pode parar de colocá-la no meio do assunto?

— Eu não coloquei, senhor. Ela simplesmente estava lá.

— Não me interessa. Você já expressou que queria ela com você nessa e já recebeu um não em resposta. Abri uma exceção no caso de Batoriova, mas se

souber que ela foi envolvida novamente, vamos ter problemas sérios. Você está me entendendo?

Não importava que David não tivesse nada a ver com o fato de Miranda ter surgido no local. Phil Watsen obviamente gostava dela e não queria que estivesse mais nessa história. Os seus próximos passos teriam que ser muito bem pensados.

Ele expulsou a interação com Watsen da sua mente. Precisava estar focado na tarefa que tinha diante de si.

Crime organizado, tráfico, exploração sexual, assassinatos e atentados. Basicamente o pior que a humanidade tinha a oferecer estava naquelas pastas. O discurso de Brian sobre os humanos veio à mente de David. Era bonita a ideia de que não havia muitas diferenças entre as duas raças, mas a quantidade de vampiros responsáveis por atrocidades desse nível era ínfima, se comparada com aquelas que um humano era capaz de fazer.

David podia concordar que nem todos os humanos eram idiotas, entretanto já estava na hora de alguém parar de pensar neles. Os humanos tiveram sua chance, e o que eles fizeram? Destruíram o planeta, os animais e a si mesmos. E para quê? Para que daqui a algumas gerações nada mais existisse? Alguém precisava tirar o controle das suas frágeis mãos. Edgard Humphry era mais do que uma esperança de vingar a mãe de David. Ele era a solução para tudo que estava errado no mundo.

Menos divagação e mais ação.

Nove horas, cento e oitenta e sete pastas e três mil e setenta arquivos depois, David se deparou com algo que chamou a sua atenção. Uma pasta vazia.

O que poderia ser aquilo? Não fazia sentido uma pessoa tão organizada como Tellison deixar uma pasta sem nada na parte de missões ativas. Pessoalmente ele parecia um relaxado, mas os seus arquivos mostravam uma personalidade completamente diferente.

David rabiscou o nome da pasta em um bloco que estava ao lado do teclado. Enquanto analisava as palavras, ele batucava a parte de trás da caneta na mesa. Com a outra mão apoiando sua cabeça, tentava imaginar o que aquilo significaria: Iniciativa Blackwater.

Ele resolveu fazer uma busca em todos os arquivos de Tellison para ver se encontrava algo com o nome que estava na pasta, entretanto foi um beco sem saída. Não havia registro em nenhum outro lugar.

David se levantou frustrado. Foi até a geladeira no canto da sala e pegou uma bolsa de sangue. Mordia displicentemente o canudo quando, de repente, ele parou. Ficou absolutamente imóvel. Seus olhos se moviam como se quisessem buscar sentido naquilo que estava em sua mente.

Ele largou a bolsa e voltou para o computador. Alguns cliques de *mouse* depois, David estava congelado de novo. Sentiu um arrepio passar pela espinha. Já

estava claro que haviam deletado os arquivos, mas a pior parte, o que o gelou até a alma, foi a data da última atualização da pasta: dois dias atrás.

Alguém sabia que ele olharia.

David tremia, balbuciava, passava as mãos pelo rosto e pelos cabelos sem conseguir entender. Seus passos largos eram cortados por ocasiões em que se jogava na cadeira em frente ao computador para reler as informações sobre a pasta que ainda estavam abertas no seu monitor.

Como alguém havia conseguido deletar algo de Tellison? Quem sabia que David ia revirar os arquivos do diretor do FBI? Por que deletaram apenas o conteúdo dessa pasta? E que seria “Iniciativa Blackwater”?

As perguntas rondavam a mente de David, deixando-o atordoado, mas nenhuma resposta satisfatória surgia. Em teoria, as únicas duas pessoas que sabiam que ele ia pegar esses arquivos eram o diretor da CIA e o presidente dos Estados Unidos e, se eles tivessem acesso ao computador de Tellison, por que teriam pedido para ele arriscar sua vida indo à sede do FBI? Além disso, por que deletar algo? Tinha mais chance de Tellison descobrir que alguém mexeu nos seus arquivos se algum fosse deletado, não? Teria que ser alguém de fora. Porém, se outra pessoa sabia, então tudo que ele estava fazendo seria em vão e o sucesso dos planos do presidente estaria nas mãos desse indivíduo misterioso.

Seria aquilo uma demonstração de poder? No melhor estilo: “você sofreu para executar o seu plano e o que queria não está aqui, porque eu deletei em dois segundos”? Não. Se a pessoa quisesse acabar com os planos de ascensão da raça vampírica, ela faria pelas sombras, evitando ao máximo que Watsen ou Humphry descobrissem a sua identidade. Era arriscar muito se a intenção fosse parar um plano dessa magnitude. E se fosse o próprio Tellison?

David parou no centro do porão observando um ponto fixo imaginário. E se fosse ele?

Para essa pergunta, conseguiu uma resposta. Com toda a certeza do mundo, não era. Tellison era o louco das pastas. Se fosse deletar todos os arquivos de alguma, ele teria deletado a pasta toda. Ela não ficou para trás por um descuido, ficou para trás para que, se Tellison entrasse nos arquivos, não desse falta de nada. A pessoa não queria que ele suspeitasse, mas também não queria que David encontrasse o que estivera guardado ali.

Mas por quê? O que essa Iniciativa Blackwater tinha de tão importante que David não poderia ver?

Blackwater. O nome não dizia nada para David. Ele começou a repetir a palavra baixinho tentando dar algum significado para aquilo. Blackwater. Blackwater. Blackwater. E, nesse momento, David lembrou.

Não era nada de mais. Nenhuma lembrança elaborada. Ele não tinha as informações exatas sobre o que era. Tinha apenas duas letras que agora gritavam na sua cabeça como se não houvesse outra possibilidade. Dois dias atrás, ele as havia visto pela primeira vez e não tinha entendido o que significavam. Agora, juntando com essa pasta de Tellison, não havia outra explicação.

David correu para a mesa e começou a revirar avidamente os papéis que tinha deixado de lado nesses últimos dias. Os documentos de Batoriova estavam exatamente como ele lembrava: uma confusão de textos com tarjas ocultando informações confidenciais, referências a códigos de arquivos que ele nunca tinha visto antes e siglas. As siglas eram o importante agora. Os olhos de David pulavam de uma para outra sem demora. Ele tinha visto isso, tinha certeza.

Última página, topo à direita. BW.

Ele estava certo.

[REDACTED], responsável pela experiência [REDACTED], em humano de nome [REDACTED], apresenta o resultado do tratamento tipo [REDACTED] para validação de avanços futuros.

Avaliação da cobaia

SEXO: Masculino

Altura: 1,95

Резо: 82 кг

Idade: 34

Percentual de gordura: 5%

Tipo sanguíneo: B-

Metas

Atingidas em 85% - descrição abaixo:

— 22 —

[illegible]

1000

— 222 —

Figure 1

_____ = _____

Efeitos colaterais

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]
[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]
[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]
[REDACTED]

Resultado parcial: INCONCLUSIVO

David estava com tanta pressa para partir para o plano de invasão do escritório do FBI que nem tinha lido essa página direito. Apenas havia folheado os documentos da diretora da NSA e a visão das tarjas pretas fora o suficiente para ele entender que não conseguiria decifrar nada de Batoriova. Mas agora era diferente.

Ele releu a página mais uma, duas, inúmeras vezes. Praticamente decorou as palavras que estavam visíveis. Três delas saltavam da folha. Experiência. Humano. Cobaia.

O que vocês estão fazendo?

David não tinha o documento original, mas pela foto que tirou com seu celular o papel parecia ser antigo. A folha estava com aparência velha e as informações foram reproduzidas por uma máquina de escrever. Já fazia décadas que as agências usavam computadores, então, o que quer que fossem esses experimentos, talvez eles já tivessem acabado. Porém, ainda assim era assustador. Desde a criação dos bancos de sangue vampíricos, o Conselho instituíra que os humanos deveriam ser deixados em paz. Os vampiros poderiam se relacionar com eles, e isso era, até mesmo, encorajado para que os vínculos de amizade dificultassem a morte de vampiros se algum humano o descobrisse, mas não deveriam ser machucados. Nunca.

Ser cobaia em um experimento é ser machucado, não?

Outro ponto que desconsertava David era que, mesmo com evidências de que o papel de Batoriova sobre a Iniciativa Blackwater era algo antigo, a pasta com o nome da Iniciativa estava nas missões ativas de Tellison. Poderia ser exatamente aquilo que David estava procurando! O Dia V era sobre a ascensão dos vampiros e, pelo que havia encontrado, Batoriova e Tellison estavam envolvidos em experimentos com humanos.

David pensou em duas alternativas: ou os dois estavam contra o Dia V ou estavam tão a favor que até haviam quebrado as regras do Conselho para tentar, de alguma forma muito deturpada, ajudar na empreitada.

Ele tinha que revelar os seus achados para Watsen, mas um frio percorreu a sua espinha. Há anos suspeitavam que Tellison machucava humanos e não faziam nada, porque ele era importante na comunidade, tão importante quanto Batoriova. O que Phil Watsen faria contra eles? Seria possível fazer algo?

Isso já está fora da minha alçada.

David ia contar tudo para o diretor da CIA e ele que fizesse o que achasse melhor. Isso. Esse era o certo a fazer.

Por que esse frio na espinha não some?

90 dias para o Dia V

O escritório de Watsen parecia menor. A sala, que causara tanto estranhamento a David sete dias antes, agora se erguia ao seu redor como outra qualquer. Era como se ele frequentasse aquele lugar há séculos e nada mais o surpreendesse.

Sete dias.

Tudo havia mudado em uma semana: de analista esquecido em um departamento obscuro a agente secreto do governo com experiência de campo e teorias da conspiração na manga. Não era exatamente a promoção que David tinha em mente, mas, no geral, ele via aquela jornada como um avanço.

Watsen parecia relaxado. Sentado atrás de sua imponente mesa, suas costas estavam estranhamente curvadas na enorme cadeira de couro, quase fazendo com que sua imagem destoasse do majestoso ambiente. Quase.

A foto do documento relatando o experimento da Iniciativa Blackwater estava tão segura por suas fortes mãos que o papel parecia que ia rasgar a qualquer segundo. Se sua postura passava calma, suas mãos e seus olhos passavam uma mistura de raiva com incredulidade.

O que realmente ele estaria pensando era um mistério.

— Você é bom, garoto.

A validação do trabalho de David teria sido melhor recebida, se a voz de Watsen não tivesse saído desconfortavelmente rouca.

Ele pigarreou.

— Eu não vejo esse documento há anos. O fato de você ter conseguido encontrar... David, estou impressionado.

Então...

— Então, o senhor sabia?

Aquele sorriso...

— Claro que sabia. Você realmente acha que vão acontecer experimentos com humanos e a CIA não vai saber? Mas isso aqui não tem nada a ver. É coisa antiga.

Watsen, claramente, não queria dar muita importância ao assunto, no entanto David sentiu que precisava entender.

— Mas não podemos machucar humanos.

— Machucar? — Pior do que ver Watsen sorrir era ouvir ele tentar rir. — Quem falou alguma coisa sobre machucar? Você encontrou algo sobre machucar?

— Não, mas...

— Ninguém sofreu nada com esses experimentos. Foi tudo feito com humanos voluntários e zero invasivo.

— Então, o que é esse “tratamento” de que o documento fala? Os humanos estavam doentes?

— David, você está muito preso a essa porra aqui quando eu já disse com todas as letras que não tem nada a ver com a sua missão. — Watsen amassou o papel e tacou no chão. Nem tentou mirar na lixeira no canto da sala. A raiva na sua atitude era visível. David não conseguiria mais nenhuma informação, não sobre isso.

— Desculpe, senhor. Eu... Eu só fiquei confuso.

Watsen expirou. Era como se estivesse usando de todas as suas forças para se acalmar. Mesmo assim, o ar saía de seus pulmões com a mesma raiva que David observara nas suas palavras anteriores.

— Eu entendi, garoto. Eu entendi. Entendi também que Batoriova e Tellison estão limpos, certo? Se foi só isso que você achou...

A pasta vazia.

David considerou por um segundo contar para Watsen a sua teoria de que tinha alguém seguindo os seus passos, entretanto resolveu que era melhor ficar calado. Watsen estava claramente cansado daquele assunto, e irritar o diretor da CIA nunca era uma boa ideia.

— Foi sim, senhor.

— Aguardo seu *update* dos outros que faltam. Agora deve ser moleza, né?

Foi a vez de David dar um sorriso estranho. Ele precisava sair daquela sala. Se ao entrar ela havia deixado de parecer assustadora, nesse momento estava simplesmente claustrofóbica.

— Eu dou notícias, senhor.

Um aperto de mão incômodo e David finalmente conseguia respirar de novo.

Sentado perto da mesa de sinuca, David virava a cerveja a goles largos. A essa hora da tarde, o bar estava praticamente deserto, o que poderia causar desconforto no David de uma semana atrás, mas este de agora não estava nem aí. Ele precisava pensar e, depois da manhã que tivera, precisava de uma cerveja.

Watsen queria que ele esquecesse a Iniciativa Blackwater, que seguisse com o plano e partisse para as próximas investigações, mas algo dentro de David falava que ele não podia abandonar tudo. Não sabia o porquê, porém aquilo era importante.

Um gesto e o rapaz do bar trouxe mais uma cerveja. Já era a terceira, mas David se sentia sóbrio. Era como se finalmente, depois de trinta e quatro anos, ele

tivesse acordado. Toda a sua vida havia sido uma sequência de nadas que levavam a lugar nenhum. Porém, agora ele estava alerta. E Watsen o queria dormente de novo.

As elucubrações filosóficas de David teriam que esperar. Ele percebeu que estava sozinho. Não apenas por não haver clientes no bar, mas, até mesmo, pelo fato de o rapaz das bebidas ter sumido.

David se levantou. Praticamente no mesmo instante, pessoas de terno e óculos escuros começaram a entrar no local. Pelo menos dez homens e mulheres se espalharam pelo bar e pararam em frente às saídas.

E então, surgindo entre as pessoas de preto, apareceu o presidente dos Estados Unidos.

Edgard Humphry parecia feliz enquanto ajeitava displicentemente a manga de sua camisa branca, por debaixo do seu paletó escuro. David olhou para os lados tentando encontrar mais alguém com quem o presidente poderia querer falar, mas era apenas ele. Humphry vinha decidido em sua direção.

— Agente Silver, como está?

A mão do presidente ficou no ar até que David se deu conta de que deveria apertá-la.

— Senhor Humphry, digo, presidente, senhor.

— Só Humphry já basta, agente. Sente-se, por favor. — O presidente apontava para o banco onde David estivera bebendo e se sentou do outro lado.

Longe da mesa onde estavam, David pôde ver de relance mais uma figura política adentrando o humilde bar. O diretor de comunicação da Casa Branca, Peter McCalley, entrou sem chamar muita atenção, mas David o reconheceu de imediato. Era praxe ver seu rosto nos canais de notícias fazendo pronunciamentos como porta-voz do presidente. McCalley se manteve perto da porta, falando coisas indiscerníveis para um dos agentes.

O que está acontecendo, meu Deus?

A última vez que David havia ficado no mesmo ambiente que tantas personalidades do governo tinha sido na casa de Batoriova. Ele se forçou a sair daquela perplexidade, voltando sua atenção para o homem na sua frente.

— O senhor quer falar comigo? — A ênfase na palavra “comigo” fez a pergunta parecer um pouco mais estranha do que David pretendia.

— Claro, Silver. Você é o meu melhor agente atualmente. E quando Phil me contou sobre a sua descoberta, eu senti que precisava te encontrar. É importante que você saiba o quanto é valioso para nós. Entendo por que você achou que

aquele documento poderia ser importante e, mesmo não sendo, o fato dessa ter sido a informação que decidiu nos mostrar fala muito sobre você como analista. Acho que você foi uma excelente escolha para a missão.

David examinou a cena tentando organizar seus pensamentos. O presidente dos Estados Unidos, que deveria estar em um hospital fingindo para o mundo que estava se recuperando de um tiro, foi até um bar no meio de uma tarde de segunda-feira para falar que realmente aquilo que David havia encontrado não era nada e tentar dar apoio? Sendo que antes daquele momento os dois ainda não haviam falado sobre a missão? Mal haviam se falado na vida!

— Sei que pode ser desestimulador, mas não é para você ver a situação dessa forma. Isso tudo só mostra que não temos que nos preocupar com Batoriova e Tellison. Ou seja, você fez o seu trabalho, agente.

— Obrigado, senhor. — David continuava confuso. Humphry percebeu.

— Desculpe interromper o seu merecido relaxamento, mas precisava te falar isso.

— Claro, sem problemas, senhor. Só não entendi como me achou aqui.

— Eu sou o presidente dos Estados Unidos, agente. É só eu querer achar, que eu o consigo.

David seguiu a deixa de riso alegre do presidente, porém não alcançou a espontaneidade que intencionou.

Peter McCalley veio ao encontro dos dois. Sem ao menos olhar para David, se posicionou do lado de Humphry, cochichando algo no seu ouvido. O presidente assentiu em resposta. McCalley se afastou.

— Vou parar de te atrapalhar e deixar você relaxar agora — disse Humphry, despedindo-se de David.

— Eu já ia embora. Há muito ainda a ser feito, pessoas que ainda preciso investigar.

— Não precisa.

David não conseguiu esconder seu choque.

Como assim?

— Senhor?

— Conversei com Phil e estávamos mais preocupados com esses dois mesmo. Você foi ótimo, agente Silver. Simplesmente excepcional. Agora vai aproveitar as suas férias. Soube que você está precisando.

Então era isso. Esse era o motivo por trás da visita improvável de Humphry. Mais do que fazer com que ele esquecesse essa história de Iniciativa, eles queriam tirá-lo completamente do caminho que poderia revelar a verdade.

— Senhor, mas e...?

— Você está frustrado. Achou que ia fazer parte de algo grande e tomou gosto por estar no campo. Fique tranquilo, agente Silver. Eu não vou esquecer o que você fez por mim, pela nossa raça. O Dia V vai fluir tranquilamente agora e só temos certeza disso graças a você. Depois que o grande dia chegar, vou precisar de pessoas assim comigo. O seu lugar está mais do que garantido.

— Mas, senhor...

— Acho que isso é tudo que queria dizer, agente Silver. Eliza está me esperando de volta no hospital. E nunca é bom deixar a esposa esperando.

O presidente sorriu novamente. Não foi forçado como o sorriso de Watsen. Foi transparente, natural, talvez um pouco entediado.

Um semblante derrotado tomou conta do rosto de David.

— Obrigado pela oportunidade, senhor.

Não adiantava discutir. Estava acabado. David estava fora.

Edgard Humphry saiu do bar com a sua comitiva e, imediatamente após, o local já estava ocupado por todos que haviam sumido alguns minutos antes.

Sentado em sua cadeira, David tentou criar um plano de ação. Uma parte sua não queria. Sentia como se ele tivesse feito o seu trabalho e agora estava acabado. Porém, um lado que ele desconhecia havia surgido nos últimos dias e dizia a ele que aquela missão não podia acabar assim.

A dicotomia de seus pensamentos era demais para aguentar. O presidente tinha acabado de passar por aquele bar, de falar com David, e de pedir para ele parar de fazer algo que tinha se tornado uma razão de vida para um analista sem futuro.

Ele respirou fundo.

Iniciativa Blackwater.

As duas palavras que viraram seu mundo de pernas para o ar se misturavam aos gritos internos de David. Mais do que tudo que havia sentido, mais do que a emoção de se achar importante e ter um propósito, ele podia ver que algo estava errado e só ele poderia descobrir o quê.

O frio na espinha voltou. David levantou a mão e pediu mais uma cerveja.

73 dias para o Dia V

Nada. Dezesete dias se passaram desde que David havia decidido descobrir a verdade por trás da Iniciativa Blackwater e ele não tinha nada para mostrar. Nesse ínterim, a sua vida havia girado em torno de reler cada documento que encontrara nas coisas de Batoriova, cada arquivo que estava no computador de Tellison. No entanto, não havia sequer uma nova pista que pudesse fazer referência a tal Iniciativa.

Pelo menos ele tinha conseguido motivação para jantar com seu tio e ir em uns dois encontros com Brian. Os dois estavam sendo seus alicerces naqueles dias, por mais que não soubessem. Luke tinha aquele seu jeito brincalhão que era capaz de fazer o sobrinho esquecer de qualquer problema e Brian, bem, ele era uma feliz surpresa. Tinha uma alegria, uma leveza em sua forma de ver a vida, justamente o que faltava em David. Ele sentia como se pudesse contar tudo para o mais novo amigo, mas, infelizmente, isso não era possível. Não podia falar nada sobre o que estava fazendo nem para Brian e nem para seu tio. Mesmo sabendo que eventualmente, com a chegada do Dia V, eles iriam descobrir, David temia que estivesse se envolvendo em algo perigoso, não podia arriscar vidas além da sua.

Ele voltou os pensamentos para suas teorias da conspiração. Teoria talvez fosse a palavra errada, o que tinha era mais uma sensação. A sensação de que a Iniciativa Blackwater tinha tudo a ver com o Dia V. Era a única explicação que justificava a forma como Watsen e Humphry reagiram à sua descoberta. Claro, eles poderiam estar protegendo algo antigo que mancharia a reputação da raça vampírica quando ela se revelasse. Mas o problema era a pasta vazia. Se fosse mesmo uma missão tão antiga assim, por que existiria alguém agora se preocupando com isso? Afinal, essa, com certeza, não era a única coisa que o governo americano havia feito nos últimos anos que não gostaria que viesse à tona. Fora o fato de que a pasta estava junto com as missões ativas. David sabia que era importante. E não tinha nada mais importante para os vampiros do que o Dia V. Só podia ser isso.

O Dia V era a chance de David encontrar o assassino de sua mãe e fazer justiça. Com o mundo descobrindo a existência de sua raça, ele reabriria o caso de Linda levando a informação sobre a sua mutação até as autoridades. A polícia poderia finalmente focar em humanos com conhecimentos sobre vampiros ou pessoas de sua própria espécie, não em simples assaltantes como tinha feito da última vez. Portanto, mesmo sem saber o que seria o tal evento, David queria que acontecesse.

Então, por que investigar? Por que não apenas deixar as coisas correrem como os líderes dos Estados Unidos queriam e só esperar?

O problema eram os idiotas humanos. Humanos como o seu tio Luke, que só queriam viver as suas vidas e que não tinham ninguém que os protegesse. As leis do Conselho Vampírico faziam isso, mas, se elas estavam comprometidas, se existia possibilidade de algum humano estar em risco, alguém precisava tomar uma atitude. E não havia outra pessoa. Ele tinha que tentar. Pelo seu tio, ele tinha que tentar.

Luke aceitou o convite na hora. Pescar no rio Potomac era uma das atividades que mais gostava de fazer, apesar de ser muito ruim nisso. Seu tio não entendia o conceito de ficar quieto para não afastar os peixes, e a prosa em alto volume fazia exatamente isso. Ele não se importava. Nem ele, nem David. A pesca era uma desculpa para passarem tempo juntos. E depois do fracasso dos últimos dias, era exatamente o que David precisava.

O clima estava ameno, o que propiciou que tio Luke conseguisse deixar à mostra o seu coletinho de pescador do qual tanto se orgulhava. Ele tinha aquele negócio velho e surrado há anos, ainda assim o amava bastante. Em vez de usar os inúmeros bolsos para itens de pesca, ele sempre deixava comidas diversas em cada compartimento. Provavelmente era o motivo pelo qual o amava tanto.

Sentado em uma cadeira de alumínio dobrável ao lado de Luke, David passou mais de três horas sem pensar na Iniciativa Blackwater. Seu tio passava tranquilidade e tinha uma calma na voz que simplesmente tirava a sua mente de todos os problemas.

— Fico feliz de você ter me chamado, filho. Eu estava precisando relaxar. Não que eu faça muita coisa... Você me conhece, não é?

Gargalhada gostosa de ouvir. A felicidade, que estava visível no rosto de Luke, refletia na alma de David.

— Eu também estava precisando, tio.

— Você está com aquela cara.

— Cara? Que cara?

— De quem está se matando de trabalhar. Você não disse que ia tirar uns dias de descanso? O que você tanto faz, David?

Seu tio o conhecia tão bem.

— Tive que encerrar uns projetos. Saí de férias tão rápido que não tive como deixar tudo encaminhado. Aí acabei resolvendo uma coisa ou outra. Nada de mais.

— Nada de mais... Sei... Aposto que foi aquele escroto do Brian que te mandou trabalhar nas férias! Onde já se viu uma coisa dessas?

— O Brian não é tão ruim assim.

Tio Luke estranhou. Fazia anos que um dos esportes favoritos dos dois era falar mal de Brian. Antes que pudesse questionar o sobrinho, David resolveu revelar ao menos isso.

— Eu acabei saindo com o Brian para tomar umas cervejas, e sabe de uma coisa, tio? O cara é gente boa. Eu acho que me precipitei no julgamento. Nunca tínhamos interagido direito antes. Como eu pude achar que o conhecia?

A vara de pescar foi colocada no chão entre as cadeiras. Não que tio Luke estivesse prestando muita atenção nela antes, mas agora seu foco era apenas David.

— Filho, você me surpreende a cada dia que passa. É difícil conseguir ver de outra forma aquilo que já deixava o nosso olhar viciado e ter uma perspectiva diferente sobre algo que já havia sido avaliado e julgado. Você é realmente um grande garoto.

David fitou seu tio com total espanto. Era isso! Essa era a resposta para a sua busca! Não ia ter mais nada relevante nos documentos de Tellison ou Batoriova. A resposta nunca havia estado lá. David teria que investigar aquele que ele já havia “avaliado e julgado”. O homem que ele nunca pensou em investigar, porque sabia que estava do lado certo sem sombra de dúvida. Porém, agora a história era outra. Não dava para confiar mais. David precisava sair do seu porão e ir à luta. Ele precisava investigar os segredos de Phil Watsen.

— David? Você está bem, filho?

— Estou sim, tio. Agora estou.

David não estava nada bem. Investigar Beatrix Batoriova e Robert Tellison tinha sido a mais maravilhosa e assustadora experiência de sua vida e ele teria que fazer tudo de novo. E o pior: ele havia sido escolhido por Watsen para ajudar no Dia V e o presidente dos Estados Unidos havia apoiado essa escolha. Investigá-lo seria traição de nível máximo. Porém, era a coisa certa a se fazer. A única dúvida que restava era como.

David resolveu começar da mesma maneira que fez com os líderes do FBI e da NSA, lembrando tudo que sabia sobre Phil Watsen. O problema? Não sabia muito.

Watsen sempre fora um homem reservado, ocupava o seu cargo há anos e já tinha estado à frente de inúmeras organizações de inteligência antes disso. David havia escutado que sua família também tinha um histórico longo na comunidade, contudo nunca soubera detalhes. O pouco que sua mente conseguia juntar eram fragmentos de conversas dos dois ao longo de seu curto tempo juntos.

Um deles trouxe à tona sentimentos bem familiares a David. Sentimentos com os quais ele estaria feliz em não ter que lidar tão cedo, mas que sabia que seria impossível.

Logo após seu primeiro beco sem saída, quando descobriu que Tellison não podia ser *hackeado*, Watsen o alertou de que todos os grandes líderes de agências de inteligência estavam com os seus arquivos em servidores privados. Todos. Incluindo o próprio Phil Watsen. Mais uma vez, David teria que fazer aquilo que mais temia, mas que trouxe tanta emoção para a sua vida. Ele teria que ir para a linha de frente e se colocar, de alguma forma, na sala tenebrosa do diretor da CIA.

O porão novamente via aquela característica movimentação. David andando em círculos, o canudo da bolsa de sangue sendo mastigado ao invés de sugado, as almofadas sendo viradas e reviradas. Era praxe a forma como David deixava claro para qualquer um que observasse a cena que ele não tinha ideia do que fazer. Entrar no FBI tinha sido tenso, mas ele nunca havia estado no edifício antes daquela data. No Centro de Inteligência George Bush, a história era diferente. Ele já estivera lá diversas vezes, os seguranças o haviam visto lutar com o crachá e a secretária de Watsen o anunciara pelo seu nome completo. Fingir ser outra pessoa não era uma opção. E todas as últimas ocasiões em que entrou no prédio haviam sido para ver Watsen, por isso com certeza iriam questionar o motivo de estar ali. Ele precisava de uma razão nova.

Subitamente a movimentação parou. Seus pés estavam firmes no chão e o canudo deformado foi deixado de lado. David não pôde deixar de sorrir. Ele tinha a melhor razão de todas.

72 dias para o Dia V

David entrou no seu carro por volta das onze e meia. Mesmo em uma sexta-feira, a essa hora da manhã o trânsito na Dolley Madison Boulevard costumava estar mais tranquilo. Chegaria a Langley em menos de quinze minutos.

O céu nublado trazia um estranho aspecto de inverno para aquele dia de primavera. A temperatura estava razoavelmente elevada, o que culminava em um clima abafado. Com o ar-condicionado do carro quebrado, a solução de David foi deixar as janelas do motorista e do carona com uma abertura de cerca de dois centímetros. A suave brisa entrava ressecando seus olhos, que quase não piscavam.

Ele segurava o volante com afinco, fazendo com que suas mãos suassem contra o duro plástico. Tentava a todo custo segurar o café da manhã no estômago. Podia ter só tomado o seu A negativo, mas, quando estava realmente nervoso, ele recorria a panquecas com calda de chocolate e merengue. Era bem enjoativo e ele não amava o sabor, porém o fazia se lembrar de sua mãe. Linda Silver lhe dava algo bem doce para comer sempre que David estava sofrendo. Nas palavras dela, “a vida pode estar amargando, mas você? Nunca”.

Era por ela que ele estava ali. Sua mãe era o motivo de David ter usado Brian e, agora, estar se encaminhando para usar Miranda.

David ligou a seta para a esquerda e entrou na Georgetown Pike. Faltava muito pouco para chegar ao Centro de Inteligência George Bush. Para isso, tinha que virar rapidamente à direita na Colonial Farm Road, contudo não conseguiu. Jogou o carro em cima de outro veículo que tentava ultrapassar pela esquerda, seguiu reto e recebeu uma buzina estridente em resposta à sua atitude.

Não ficou muito tempo na rua. Logo pôde identificar um posto de gasolina e parou no estacionamento da loja de conveniência. Desligou o motor e observou o quanto suas mãos estavam grudentas e trêmulas. Esfregou ambas na calça social antes de usá-las como apoio para a sua cabeça ao se debruçar sobre o volante.

Primeiro Brian, agora Miranda. Fazendo a mamãe ficar orgulhosa, hein, seu duas caras miserável?

David necessitava de coragem. Sabia que não conseguiria seguir com seu plano enquanto estivesse abalado. Tinha que tirar do seu peito o peso do que teria que fazer. No entanto, não era somente aquilo que o estava afetando. Todas as mentiras de sua vida se manifestavam no seu pensamento. Começou com o fato de nunca ter contado ao tio Luke sobre sua mutação e agora atingia um ápice que ele nunca imaginara.

Ele precisava falar com alguém. Uma pessoa que entendesse o que era carregar um segredo dessa magnitude e a importância de mentir para quem se ama.

Sua mente voltou-se para a imagem de Brian.

As escadarias do Lincoln Memorial estavam abarrotadas. Trabalhadores no horário de almoço, turistas tirando inúmeras fotos milimetricamente encenadas, skatistas tentando usar os degraus para suas manobras radicais, e até dois homens sentados jogando xadrez. A energia do ambiente imediatamente se contrapôs à tensão que pressionava David.

O desvio de caminho se mostrava necessário. Seus planos se baseavam na sua capacidade de iludir pessoas que considerava seus amigos e ele temia que suas mentiras se tornassem parte intrínseca de quem era. Tinha que colocar a cabeça no lugar e resgatar a si mesmo antes de seguir.

Brian estava sentado dois degraus acima dos xadrezistas. Esforçava-se para ter discrição ao observar o tabuleiro, contudo, apenas pela sua feição, já era possível descobrir que alguém acabara de fazer uma péssima jogada.

— Você joga xadrez? — cochichou David assim que se sentou do lado do amigo. Brian levou um susto. Estava tão concentrado nos rapazes que não havia notado sua presença. — Jamais poderia imaginar!

— Raciocínio lógico, estratégia a longo prazo e uma rainha empoderada. Não vejo como não gostar.

— Empoderada? Ela não está fazendo tudo pelo rei? — questionou David.

— Na minha narrativa, ela está agindo por todos. Inclusive, se os peões chegarem do outro lado do tabuleiro, eles também viram rainhas, então ela quer dividir o poder. Quase uma socialista!

David riu alto.

Cinco segundos juntos e ele já era outro. Aquela era a confirmação de como havia perdido tempo com os atritos infundados do passado. Podia ter tido aquela amizade há anos, mas se deixara levar por preconceitos bobos sobre o berço de ouro de Brian e, talvez, por uma branda inveja, ainda que David nunca pudesse admitir.

Ao lado de Brian, uma sacola de papel de um restaurante tailandês exalava um cheiro excelente. O estômago de David ainda conversava com as malditas panquecas, no entanto roncou ao perceber o odor.

— Isso aí é o seu almoço?

— É. — afirmou Brian. — *Nam Tok Moo*, daquele tailandês perto do departamento. Basicamente é uma salada picante com carne de porco. Quer provar?

Ele começou a abrir a embalagem e se preparou para abocanhar a primeira garfada.

— Só você para comer um prato de restaurante fino no Lincoln Memorial. Todo mundo engolindo um sanduíche correndo e você se deliciando com uma iguaria.

— David, a gente é vampiro. Não comemos por necessidade. Por que eu ofenderia o meu paladar com uma porcaria de um sanduíche?

Piadas, risos, paz. Aquele encontro quase apagava da mente de David o que estava indo fazer. Quase.

— Você fala com tanta naturalidade. “A gente é vampiro” — refletiu David. — Nem olhou para os lados, nem falou baixo. Apenas falou. Você não tem medo?

— Medo de quê? Todo mundo aqui está inserido demais nas suas vidinhas para se preocupar com o que o louco da comida estranha está falando. — Brian observou o amigo. — Mas você tem, não é?

— O quê?

— Medo.

— Tenho. — admitiu David. — Queria não ter, mas fui criado por um humano que não sabe nada sobre a nossa raça. Passei a vida tentando esconder dele quem eu sou. Enganando a minha única família viva, enganando o mundo todo. Não sei fazer outra coisa.

— Mas o que você teme é que eles descubram?

— Sim. Você não?

— Não. Se descobrirem, não vão acreditar mesmo. Como você acha que o mito da nossa existência começou? Provavelmente alguém descobriu e foi inventando história em cima de história. Agora para o mundo somos apenas personagens da literatura que odeiam alho e podem voar. — Brian refletiu um pouco antes de seguir. — Mas acho que não é isso que você teme.

David contraiu os lábios. Quem melhor do que ele para saber o que sentia? Do que Brian poderia estar falando?

— Você tem medo de rejeição. — continuou Brian. — Das mentiras serem tantas, que no fim todos descubram, mas não acreditem na verdade, apenas tenham a certeza de que você mentiu. A confiança acaba e você perde todo mundo.

Era como se David estivesse sendo estrangulado. As verdades proferidas por Brian apertavam sua garganta e lhe causavam falta de ar. Era apenas a quarta vez que eles se viam, aquilo tinha ficado muito pessoal, rápido demais. Entretanto, ele sabia que aquela era exatamente a dor que sentia todos os dias desde que sua mãe morrera. A dor que não revelava nem para si mesmo. O medo de ser abandonado.

— Você se lembra do Martin? O namorado da faculdade que eu levei para casa no Dia de Ação de Graças? — questionou Brian. David mexeu a cabeça

afirmando que se recordava, tentando resgatar o interesse na conversa. Brian lera a sua alma segundos antes e isso havia feito com que ele começasse a refletir sobre toda a sua vida. No entanto, Brian o chamava de volta e ele tinha que atender. — Acho que eu não te falei o motivo da nossa relação ter chegado ao fim. — Brian engoliu em seco. — Ele encontrou uma bolsa de sangue na geladeira do meu quarto.

Se antes fingia interesse, agora David estava completamente preso ao discurso. Isso sempre havia sido uma preocupação. O que fazer se o seu tio ou seu colega de quarto da faculdade encontrassem algo que ele não teria como explicar? Esse foi o grande motivo de ter o seu porão separado do resto da casa. Não queria ter que passar por esse temor novamente.

— Eu sabia que não podia falar a verdade, — afirmou Brian. — é o que eu fui ensinado desde sempre. Então, como podia justificar aquilo, aquela cena que para ele era bizarra, talvez grotesca, e não perder o homem que eu amava? A resposta é que não havia como. E eu perdi Martin. A opinião dele já estava formada assim que encontrou a bolsa. Não importava o que eu argumentasse. Ele saiu do meu dormitório achando que eu era um psicopata e um telefonema para o meu pai fez ele ganhar rios de dinheiro para não ir até a polícia. Eu tenho esse discurso bonito de “tanto faz” hoje em dia, mas na época foi horrível. Minha boca estava pronta para contar tudo, mas eu sabia que aquilo, por mais que estivesse acontecendo comigo, não era sobre mim. — Brian apontou para os rapazes que continuavam seu jogo. — É como no xadrez. Se você não pensar no rei como um homem apontado por Deus para mandar em todos, mas sim como uma causa, a história muda completamente. Se a rainha, a torre ou a peça que for se coloca no caminho para que ele seja salvo, é porque ela entende que não é só ela. A causa é maior. Mesmo que isso a machuque ou mate, a causa é maior. E o que essa experiência me mostrou é simples: você não precisa ter medo de ser abandonado por quem você ama. Porque, quando você luta por uma causa, aqueles por quem você luta estão no mesmo barco. Você nunca está sozinho. E quando você entende isso, o que resta é saber o quão longe está disposto a ir por essa causa. Pode continuar nela até o fim?

Brian estava certo. Por mais que pudesse ser horrível perder o tio Luke, Miranda ou o próprio Brian, a causa era a única coisa que importava. Ele tinha que engolir seu medo e seu nervosismo e enfrentar o que viesse. Era disso que precisava para seguir.

Só a causa importava.

— A agente Orson está pronta para o senhor agora.

— Obrigado.

Dizer que Miranda estava linda era banalizar o óbvio. David se pegou observando suas pernas, enquanto ela se levantava de trás de sua mesa para vir lhe dar um amigável beijo. Usava um terninho que não destacava nada em especial, só estava linda porque era ela. Podia estar usando um saco de lixo amarrado por uma corda na cintura e David, ainda assim, ia imaginar a moça em *slow motion*.

Ele se forçou a desviar olhar. Não queria ser o tipo de homem que fica olhando para as pernas de uma mulher quando fala com ela, e só estar naquela sala com Miranda já era distração o suficiente. David tinha que se concentrar.

Lembra do que está em jogo. Pensa no tio Luke, pensa nos humanos.

Miranda se afastou do encontro de bochechas parecendo um pouco confusa.

— Para alguém que está de férias, você realmente ama estar em prédios do governo!

David riu ligeiramente envergonhado.

— É, amo... Desculpe, é uma má hora? Eu posso voltar depois.

— Deixa de ser bobo, David. Estava brincando. Tenho que passar no Departamento Cinco mais tarde, mas agora estou tranquila. Senta aqui.

Miranda se sentou em uma das duas cadeiras de visita que ficavam na frente da sua mesa e apontou para a que estava ao seu lado.

— E então? Me conta tudo.

Tudo. Como David queria contar tudo! Ele estava tão perdido nesses últimos dias. Sem Watsen, sem seu emprego, apenas com dúvidas e intrigas na cabeça.

Miranda era uma lenda na CIA. Quando chegou ao Departamento Cinco para representar Watsen, ninguém conseguia acreditar. Sua fama como agente de campo era tanta que não entendiam por que quisera largar aquela adrenalina. No entanto, David sempre entendeu muito bem. O sentimento de preferir a segurança de sua mesa em detrimento de se aventurar em países pouco amigáveis e correr risco de morte era algo com que ele conseguia se identificar. Ainda mais quando se era um vampiro, com tanto a perder se te pegarem. Não era sobre perder a sua vida, mas sim sobre cometer um erro que pudesse arriscar a descoberta de toda a sua espécie.

Porém, Miranda nunca havia fugido de responsabilidade alguma, e David estava humildemente tentando seguir esses passos. Seguir o que Brian lhe dissera e focar em algo maior. No entanto, por mais que sua interação com ela fosse necessária para completar o plano, ela era inocente nessa história.

Não dá, Brian. Não desse jeito.

— Acho que me arrependi de ter entrado por aquela porta.

— Como assim?

David deu um sorriso de canto de boca.

— Eu gosto de você, sabia? Da sua força, da forma como você pensa, de como você trata as pessoas. De tudo. E eu acho que errei. Errei em vir aqui desse jeito, no meio do seu horário de trabalho para te falar... Sabe Deus o que eu vim falar. Eu vou embora. É melhor. Desculpa.

Ele não mentiria para Miranda. Essa era a linha divisória da sua causa. Miranda. Não podia usar algum pretexto como tinha feito com Brian. Não com ela. Falou o que podia, a verdade que podia. E agora tinha que sair daquela sala. Já tinha conseguido o acesso ao prédio, não havia necessidade de mentir, de enganar. Era só ir embora.

— Isso foi estranho. — Ela o encarava buscando respostas, entretanto não encontrou nenhuma. — Eu levo você até a porta então.

Ela apontou na direção da saída e esperou David se levantar. Ele foi caminhando sem saber o fazer. Não conseguia pensar em nada que pudesse dizer para tornar aquela situação menos desconfortável. Ele não podia usar mais Miranda. Ele simplesmente não...

David parou de andar. Não havia como seguir. Seu pensamento fora cortado por uma dor absurda na base da sua nuca. Tudo estava ficando escuro. Seus joelhos falharam. Sentiu suas mãos tocando o tapete sujo da CIA. O seu frio na espinha chegou, mas era tarde. Sentiu... Sentiu... Tudo preto. Não sentiu mais nada.

71 dias para o Dia V

À medida que seus olhos abriam, David se tornava mais consciente de sua posição. Seus ombros doíam por estar pendurado pelas mãos, que estavam presas por correntes de ferro geladas. O ambiente todo estava gelado. E escuro. Seus olhos já estavam escancarados e ele não via nada além de sombras indecifráveis. Seus pés mal tocavam o chão.

David não conseguia entender o que estava acontecendo. Porém, aquele frio na espinha insuportável deixava claro que Miranda tinha algo a ver com isso.

Miranda... Por quê?

Ele estava seguro de que não havia mais ninguém na sala, tinha que ter sido ela quem o havia nocauteado. Porém, se ela estivesse mesmo envolvida, como havia conseguido tirá-lo do prédio da CIA? Era uma movimentada sexta-feira, não teria uma maneira de carregá-lo desacordado para fora de seu escritório sem ter sido notada. Então, a incerteza o tomou. Ele não era treinado o suficiente para perceber se tivesse outra pessoa lá. Poderia ter mais alguém na sala? E se sim, será que Miranda estaria bem?

Dúvidas sobre ela. Preocupação por ela. Ele estava amarrado em um lugar apavorante, com dor e frio, e, ainda assim, só conseguia pensar em Miranda.

A luz fluorescente veio forte e afugentou qualquer linha de raciocínio que David estivesse tentando traçar. Sua íris se fechou com o susto, mas aos poucos se normalizou, revelando, enfim, o ambiente ao seu redor. O quarto todo azulejado do chão ao teto não tinha absolutamente nada que desse uma indicação de onde ele poderia estar. Porém, David não conseguiu pensar muito sobre isso. Na sua frente, havia uma pessoa.

Sentada com as mãos apoiadas nas costas da cadeira, que estavam voltadas para David, e as pernas abertas caindo relaxadamente de cada lado do assento, era impossível dizer quem era. As roupas pretas, as luvas e o capuz haviam sido colocados exatamente para esconder sua identidade e fazer com que parecesse um verdadeiro carrasco.

— Miranda? É você?

— A agente Orson não vai conseguir nos acompanhar hoje.

O modulador de voz usado por aquele indivíduo fazia com que suas palavras saíssem extremamente graves e metálicas. Tudo o que proferia arrepiava os pelos do pescoço de David.

— Nos conte tudo o que sabe sobre o Dia V.

— O que eu sei? Eu não sei de nada.

Dor. Dor alucinante. David olhou para baixo. Ele estava nu. Seu corpo estava repleto de agulhas. Ele reconheceu a tecnologia. As diversas agulhas foram

estrategicamente posicionadas sobre suas juntas e sobre seus ossos mais proeminentes, como as costelas. Alguém em outro cômodo devia estar no controle da máquina e acabara de fazer com que as agulhas dessem um choque somado que podia chegar a oitenta mil volts. A agonia era excruciante. O nome que davam para a máquina nos corredores do Cinco era “Acupuntura da dor”. David sabia tudo a seu respeito. Ele tinha ajudado a desenvolver.

— Eu não vou perguntar de novo, agente Silver.

Ele tinha tido um breve treinamento sobre tortura quando entrou para a CIA. E naquele momento, não lembrava de um segundo sequer das malditas aulas.

— Por que você está fazendo isso? Eu juro que não sei de nada.

— Jura? — A figura se levantou e andou até estar a apenas um palmo de distância de David. — Se você não sabe de nada, então o que você estava fazendo no dia do leilão de arte de Beatrix Batoriova? O que você estava fazendo no escritório de Robert Tellison usando o crachá de Brian Cahill? O que você ia fazer na sala de Watsen, agente Silver? — O torturador chegou bem perto do ouvido esquerdo de David e sussurrou. — Você pode enganar a Miranda, o Watsen, todos os vampiros e humanos do mundo, mas a mim você não engana. Eu conheço você, David. — Ele se afastou. — E agora você vai ter o prazer de me conhecer também.

Ele voltou para a cadeira e se sentou na mesma posição tranquila de antes. Fez um movimento com a mão direita e a dor alucinante voltou muito pior. Parecia que os ossos de David iam explodir. Seu abdômen se contraía na vã esperança de tentar estabilizar seu corpo, mas tudo tremia sob a apavorante tortura. A dor parou, porém o estômago de David não conseguiu aguentar. O vômito subiu queimando pela sua garganta e suas narinas. Ele suava, tremia. Sua mandíbula travou e nem uma palavra saía de sua boca.

— Fique tranquilo, agente. Você vai se lembrar de tudo. Se não hoje, quem sabe amanhã?

Dessa vez, o choque o pegou completamente desprevenido. Entre as pálpebras semicerradas pela agonia, David pôde ver a figura saindo da sala pela única porta do cômodo. Não conseguiu ver nada além da porta. A dor aumentou. As luzes se apagaram. O choque foi interrompido. Ele estava sozinho no escuro.

Seu corpo não suportava mais. As agulhas responsáveis pelos choques também conseguiam monitorar os seus batimentos cardíacos e, cada vez que David tencionava dormir, a dor vinha com toda a intensidade.

Privação de sono, posição incômoda, doses cavalares de uma das piores dores que um ser vivo pode sentir. David podia não se lembrar muito bem das aulas

sobre como sobreviver a uma tortura, entretanto seus torturadores tinham prestado muita atenção nos ensinamentos de como aplicar uma.

Ser vampiro não ajudava em nada. Não havia superpoderes, não havia mágica, nada que você pudesse encontrar em um seriado de TV dos anos noventa. Era só David.

Não dava para saber há quanto tempo ele estava lá. Não havia luz do sol, nenhuma sensação de passagem das horas, só a rotina de dor que o seu torturador se mostrava mais do que feliz em aplicar.

Ele nem ao menos fazia perguntas agora. As luzes se acendiam, ele já estava lá. Movimentava a mão e David sofria. As luzes se apagavam e ele saía. Nem mais uma sílaba. Porém, não precisava dizer nada. David sabia o que ele queria e não tinha as respostas. Ninguém tinha falado nada para ele.

Nas breves ocasiões em que podia tentar pensar, as palavras daquele primeiro encontro com seu torturador se repetiam em sua mente: “Você pode enganar a Miranda, o Watsen, todos os vampiros e humanos do mundo, mas a mim você não engana”. Ele achava que David havia enganado Watsen? Sobre o quê? Se tinha alguém que escondia algo, era o diretor da CIA e não ele.

O arrependimento bateu forte. Durante a sua investigação, tudo fazia sentido. David se sentia motivado por sua mãe, seu tio, por Brian. Queria ajudar os humanos. Queria entender o que estava por trás do Dia V. Não ia concordar cegamente com os planos de Watsen e do presidente. Não mais. Ele ia parar de abaixar a cabeça obedientemente. Ia lutar pelo que era certo. Se o certo fosse o Dia V, perfeito, ele apoiaria. Se não fosse, ele tentaria proteger os que não podem se proteger sozinhos.

Mas agora nada disso fazia sentido. Quem era ele para ter se aventurado nessa empreitada sozinho? Por causa de uma missão de campo bem-sucedida, ele achava que podia invadir o escritório da CIA? Que podia salvar o mundo? Ele não era o herói da história. Ele era um merda. Um nada atrás de uma mesa que provavelmente fora escolhido para ajudar nas investigações do Dia V por ser uma pessoa da qual ninguém sentiria falta, com a exceção de seu tio.

A imagem de Luke se formou na cabeça de David. Chegou ao ponto de conseguir vê-lo na escuridão. Será que já era terça? Ele teria tentado ligar para David? Idó até sua casa para jantar? Era impossível saber.

Conte para eles sobre a investigação. Conte que foi Watsen quem te pediu para fazer. Conte, filho.

David sabia que não era o seu tio falando aquelas coisas. Ele tinha pensado em fazer isso, assim que o primeiro choque parou. Mas o fato de o seu torturador estar achando que Watsen não sabia de nada fez David mudar de ideia. Se ele achava que Watsen não estava envolvido no Dia V, por que acreditaria em David?

Essas pessoas, obviamente, sabiam de todos os passos que ele tinha dado. Se até agora não haviam desconfiado de Phil Watsen, não seria ele quem faria eles mudarem de opinião. Além disso, quem eram essas pessoas? O que elas fariam com essa informação? Ela não traria nada novo sobre como o Dia V ia acontecer, contudo podia colocar em risco o diretor da CIA e o presidente dos Estados Unidos. Se David não tinha certeza de que os dois tinham uma agenda perversa, não podia entregá-los facilmente.

Facilmente.

David escutava a palavra se repetindo. Nada daquilo estava sendo fácil. Ele não sabia se aguentaria.

62 dias para o Dia V

— Você é burro.

A voz metálica começou a falar antes mesmo da luz acender. Por um segundo, ela até trouxe um alívio. Era a primeira coisa que David ouvia em dias. Seu corpo já estava dormente, sua mente o deixava louco, e ele não bebia sangue desde aquele café da manhã das panquecas.

Se a vida é amarga...

— Você não pode ser uma das mentes brilhantes por trás do Dia V. — O torturador havia dispensado a cadeira e estava em pé na frente de David. — Não é possível que você não tenha dito nada, tentado argumentar nada. Por que você só está tomando choque calado? Porque você é um idiota, por isso. Olha para mim.

Ele segurou as bochechas de David com força. David tentou lutar contra o cansaço e focar na pessoa que apertava o seu rosto, mas seus olhos fechavam involuntariamente. Estava exausto.

— Não é você, David. É isso, não é? Você não está com um plano mirabolante na manga contra os humanos. Não você. Não quando você tem aquele tio tão legal esperando uma ligação sua.

Tio Luke?

Os olhos de David ficaram arregalados.

— Se você fizer algo com ele... — David não conseguiu continuar. Sua voz mal saiu. Sua garganta estava seca e repuxando.

— O que você vai fazer? Hein, David? O que você vai fazer se eu machucar o seu tio? Nada, David. A resposta é nada. Sabe por quê? Porque você está preso aqui com a gente. A vida do seu tio está nas minhas mãos e você não pode fazer nada.

O torturador soltou o rosto de David e começou a andar pela sala.

— Mas a verdade é que tem sim uma coisa, apenas uma, que você pode fazer. Você pode me contar o que sabe. — Em um rompante de raiva, se virou para tacar a cadeira contra uma das paredes. Depois correu até colar seu rosto no de David. — Me conte o que sabe! — gritou.

David não tinha mais forças. Ele tinha segurado tudo o que podia. Agora a vida de seu tio estava em jogo. Causa nenhuma valia isso.

Sua boca começou a formar uma palavra. Não sabia se ia conseguir dizer, mas precisava tentar. O torturador percebeu e aproximou o ouvido encoberto pelo capuz dos lábios de David.

— Wa... Watsen.

A figura em preto se afastou. Seus olhos negros ziguezagueavam pelo rosto de David tentando fazer sentido do que tinha ouvido.

— O que tem Watsen?

— Watsen, o presidente... Todo... Todo mundo.

— Todo mundo o quê? — gritou novamente. David tomou ar.

— Os grandes líderes, todos. Todos estão envolvidos. Todos sabem do Dia

V.

A porta foi escancarada. O torturador pulou para trás surpreso. Aquilo, obviamente, não estava nos planos. Ela veio rápida e decidida. David não teve a chance nem de ver seu rosto antes de sentir o impacto. O punho de Miranda bateu forte contra o seu maxilar fazendo a cabeça de David sacudir como se estivesse solta do corpo. O torturador segurou sua mão quando ela partiu para outro ataque. Ela o repudiou com o olhar.

— Ele fica em silêncio por dias e agora conta essa mentira! Watsen não está envolvido com nada. Com nada, ouviu bem? — A última frase foi direcionada a David, que ignorou a dor do soco e só conseguia pensar que Miranda estava bem. Ela estava bem.

David acordou na mesma sala, mas agora estava deitado. Depois de dias na vertical, sendo pendurado pelos braços, aquilo era um estranho conforto para o seu corpo cansado. Suas mãos estavam finalmente soltas e as agulhas haviam sido removidas. Se não fosse um dos seus ombros estar deslocado e as queimaduras que cicatrizavam em torno dos locais onde as agulhas estiveram, tudo teria parecido um sonho distante.

O ambiente estava iluminado e, na frente da maca onde acordara, David encontrou uma TV. Apesar de ter achado estranho, o que mais chamou sua atenção foi o aparelho de videocassete acoplado.

Miranda entrou sem encarar David. Nas suas mãos, uma fita VHS explicava o motivo dos aparelhos. Ela permaneceu calada. Tirou um pequeno saco de sangue do bolso de trás da calça e lançou no colo de David. Ele pegou imediatamente, rasgou a ponta e bebeu tudo o que pôde. Ele precisava tanto daquilo!

— Desculpa pelo soco. — Miranda falava como uma criança que é obrigada pela mãe a pedir desculpas, mas não acha que fez nada de errado. — Eu sei que foi confuso tudo que aconteceu nesses últimos dias, mas você tem que entender. Eu não posso acreditar que você é frio assim, David, que não se importa. O seu tio é humano! Como você pode não se importar?

— E quem te disse que eu não me importo?

A voz dele já estava recuperada. Sangue humano era algo realmente milagroso.

— Você, David. Você me diz isso ao preferir inventar mentiras do que assumir a verdade.

— A verdade que você quer ouvir, Miranda?

— Que eu quero ouvir?

— Você não se importa com o Dia V, só se importa em provar que Watsen não tem culpa. Que você era a queridinha dele era óbvio, mas que ele era o seu também, isso foi uma surpresa. — David proferiu as últimas palavras tocando no maxilar.

— Eu só quero salvar uma espécie. Uma espécie que vai ser dizimada se você não nos ajudar.

— Dizimada? Como o Dia V conseguiria dizimar a espécie dominante do planeta? Os vampiros não têm números para isso.

— Os vampiros não precisam de números, David.

Miranda foi até a TV e colocou o VHS que estava na sua mão para rodar. As imagens estavam desbotadas, contudo dava para ver claramente a cena. Ela queria que David visse o horror no rosto do humano quando a médica aplicou a injeção nele. Que visse a pele dele sendo tomada por queimaduras quase que imediatamente. Que ouvisse quando a médica começou a gritar que a cobaia estava morrendo. Que observasse enquanto os olhos da vítima pulavam para fora de suas órbitas. Que sentisse a dor da cobaia quando seus dedos começaram a cair, depois seus braços e, por fim, sua cabeça. Miranda queria que David entendesse o que o Dia V ia fazer com os humanos. Mas David não estava focando em nada disso.

Em choque, olhando para a TV sem nem ao menos respirar, ele só conseguia enxergar uma coisa: a médica na fita, a que estava injetando o veneno que matou o humano, que gritava pedindo ajuda, aquela médica era a sua mãe.

PARTE II — FIDELIDADE, BRAVURA, INTEGRIDADE

62 dias para o Dia V

— Onde você encontrou isso?

Miranda se ajoelhou na frente de David, em posição de súplica.

— Você entende agora? Entende por que precisamos da sua ajuda? Se você sabe quem está por trás disso, tem que nos contar.

O olhar de David não saía da imagem pausada na tela. Linda Silver estava no meio de um movimento. Parecia correr na direção de um telefone pendurado em uma parede do laboratório. Seu rosto estava ligeiramente borrado por sua pressa, mas não havia dúvida. Era sua mãe.

Tantos anos caçando sozinho os responsáveis pela sua morte, e agora, finalmente, alguma informação nova. Linda Silver estava envolvida com o Dia V. Ativamente envolvida.

David sabia que sua mãe era médica. Ela trabalhava em uma clínica que oferecia atendimento gratuito a pessoas necessitadas e havia levado o filho inúmeras vezes para o local. Porém, que ela estava envolvida em experimentos com armas biológicas de destruição em massa era novidade.

— Onde você encontrou essa fita?

Miranda percebeu que David não reparava nela.

— David?

— Onde você achou isso, Miranda?

— Você já tinha visto isso antes?

— Isso? Com certeza não. Onde você encontrou? Quem tinha essa fita?

— Uma fonte me passou, mas isso não é importante. O que importa é o que ela mostra. Você está comigo nessa, David?

Ele, finalmente, olhou para Miranda.

— E você? Está comigo?

— Como assim?

— Eu te digo a verdade e ganho um soco. É assim que vai ser?

— Mesmo depois de ver o que eu te mostrei, você insiste nisso?

— Por que é tão difícil você acreditar que o Watsen possa estar envolvido, Miranda? Por quê?

— Porque eu o conheço. Ele me treinou. Me deu uma vida. Ele não faria isso.

— Você está enganada. Ele faria. E fez. E sabe o que é pior? Ele é um psicopata.

— Do que você está falando? — Miranda se levantou e deu alguns passos para trás por instinto.

— Ele me fez fazer o trabalhinho dele enquanto ria de mim pelas minhas costas. Ria porque sabia. Tinha que saber. Não tinha como.

David se levantou. Batucava os dedos nas paredes à medida que andava. Ainda fraco, buscava apoio pelos cantos da sala traçando rotas a esmo. Seus lábios balbuciavam coisas inaudíveis.

Miranda observava confusa. A inquietude de David a deixava nervosa.

— O que está acontecendo? Fala comigo!

Ele parou. Andou de volta para a maca que servia de cama.

— Senta aqui, Miranda. Eu vou te contar tudo que você quer saber.

E ele contou.

61 dias para o Dia V

O banho estava fazendo toda a diferença. David precisava desesperadamente tirar o ranço daquele lugar do seu corpo. O cativeiro parecia ter sido um esconderijo de alguma agência governamental, mas, com certeza, ela não estava por trás do que tinha acontecido ali.

Dias sob dor e agonia escorriam ralo abaixo, enquanto ele pensava em como tudo que sofreu fora em vão. Se ele e Miranda tivessem sido honestos um com o outro desde o início, nunca teria sentido aquelas agulhas no seu corpo. Eles podiam ter começado em lados opostos, contudo, desde que David havia descoberto a existência da Iniciativa Blackwater, eles, obviamente, estavam lutando por uma mesma causa.

Miranda parecia estar repleta de dúvidas. Havia confiado em Watsen durante a sua vida toda, porém uma coisa que David tinha dito no dia anterior, claramente, havia mexido com ela.

— Se você acredita tanto assim na integridade de Phil Watsen, por que ele não está aqui? Por que ele não está do seu lado me torturando? Não precisa me responder. Eu te digo. Não tem como o presidente estar envolvido em algo dessa magnitude e Watsen não saber.

Naquela conversa, David havia dado todas as peças do quebra-cabeça que tinha. Desde como Watsen tinha forçado Brian a dar as suas férias, passando pelo atentado forjado ao presidente, até a Iniciativa Blackwater. David revelara, inclusive, como Watsen a havia protegido. Ele achou que era o justo a se fazer. Deixar claro para Miranda que nem tudo na relação dos dois era uma mentira. Ela não pareceu acreditar muito nisso, mas já estava mais aberta a todo o resto, incluindo a chocante revelação de que a mulher no vídeo era a mãe de David. Era impossível melhorar a qualidade do VHS a ponto de conseguirem passar por um programa de reconhecimento facial, então nunca souberam que se tratava de Linda Silver.

— Por isso quis contar tudo. Acredito que Watsen sabia que a minha mãe estava envolvida. E se ele sabia e não me contou, eu preciso descobrir o porquê. Apesar de já poder deduzir...

— Deduzir o que, David?

— Minha mãe nunca ia concordar com a morte de humanos, muito menos daquele jeito, Miranda. Você viu a cara dela no vídeo. Ela não esperava que isso fosse acontecer. Agora eu entendo tanta coisa: por que não tínhamos parentes nos visitando; por que ela pegava sangue do hospital onde trabalhava e não de um banco de sangue; e por que, em nenhuma lembrança da minha vida, ela aparece

com amigos. Ela estava se escondendo. Eu aposto que a Iniciativa Blackwater é a responsável por isso, por ela ter que se esconder e pela sua morte.

— Você acha que Watsen...?

— Não acho que ele a tenha matado pessoalmente. Mas tenho certeza de que, no mínimo, ele sabe quem fez isso.

Já era a manhã de um novo dia quando a conversa terminou. O caminho entre a sala onde David estivera trancado e o que parecia ser a sede do local era aberto e cheio de flores. Poder olhar isso era uma bênção depois dos últimos dias. Seus olhos ardiam pelo contato com os fracos raios de sol, que estavam brotando no horizonte. À sua frente, via com dificuldade a imagem da casa principal. Ela ocupava grande parte do terreno e sua fachada era repleta de janelões com vidros espelhados.

Assim que abriram a porta, Miranda guiou David pela escada para o segundo andar, sem mostrar nada do andar de baixo. Abriu a porta de um quarto, pediu para David descansar e prometeu que conversariam novamente quando acordasse.

Ele encontrou roupas limpas em cima da cama, mas não focou nisso. O banheiro ao fundo o chamava de maneira hipnótica. Ele largou no chão o roupão que Miranda havia lhe entregado ainda na sala de tortura. Aquela, com certeza, não tinha sido a maneira como ele havia imaginado que estaria nu na frente da mulher de quem tanto gostava. Seus ombros latejavam ao arrastar suavemente a porta do box. E agora estava ali: com a água em contato com a sua pele, trazendo uma sensação de dormência e, também, despertando-o. Era estranho dar tanto valor a um banho, contudo o alívio pelo fim da tortura era o culpado.

Limpo, David procurou a bermuda que havia visto entre as roupas na cama. Vestiu e se jogou sobre os lençóis amarelos. Rolou na cama para criar um casulo com o tecido e assim ficou. A janela estava aberta irradiando muita luz para dentro do quarto, mas, depois de tantos dias no escuro, a claridade era exatamente o que David precisava. Dormiria com o sol no rosto. Finalmente dormiria.

Passava das sete da noite quando a maçaneta da porta girou. David a havia trancado assim que Miranda o deixou sozinho no quarto, então o intruso nada fez além de despertá-lo do seu sono profundo. Parecia que havia dormido por anos e, ainda assim, queria dormir muito mais. Porém, havia alguém na porta e promessas tinham sido feitas. Precisava entender o que estava acontecendo, contar o que sabia e talvez trazer alguma luz para a morte de sua mãe.

A calça de moletom azul marinho estava ligeiramente larga na cintura, bem como a camisa branca surrada. Obviamente aquelas roupas não tinham sido compradas para ele, no entanto serviriam. Ele calçou o tênis e mais uma vez pôde observar a maçaneta se mexendo. Uma voz do outro lado da porta murmurou algo que David não entendeu, contudo não parecia ser direcionado a ele.

O seu corpo ainda gritava os sinais da tortura, mas ele tinha que superar. Aquilo era mais importante do que qualquer dor que ele sentisse. David levantou e abriu a fechadura. Miranda parecia séria enquanto repreendia o homem ao seu lado. David o reconheceria em qualquer lugar e nem precisaria ver o rosto todo. Aqueles olhos...

Os ossos da mão direita de David ardiam com as pancadas. Seu ombro machucado estalava como se saísse novamente do lugar a cada movimento contra sua vítima. Porém, ele não parava. Miranda tentou intervir, mas ele já estava em cima do homem. Os dois caíram no chão. A clavícula do seu oponente fez um barulho horrendo quando seu corpo entrou em contato com a dura superfície, entretanto David não parecia se importar. Soco atrás de soco. Um para cada noite sem poder dormir, para cada agulha no seu corpo, para cada choque. Aquele homem tinha sido o responsável pela sua agonia. Aquele homem era o seu torturador.

Miranda gritava algo que David não conseguia discernir. No entanto, logo entendeu. O sujeito estava desacordado. David caiu para trás e olhou a sua mão. Seu punho, ainda fechado, revelava uma placa de sangue na base dos dedos. Sangue seu e sangue dele.

Miranda gesticulava sobre o corpo desfalecido e parecia continuar falando. David não conseguia ouvir nada. Estava preso dentro do si mesmo ainda sem compreender muito bem o que tinha acabado de acontecer.

Pessoas que David nunca tinha visto na vida apareceram e carregaram o homem para outro quarto do corredor. Tudo parecia acontecer devagar demais, todos os movimentos. David se sentia fraco. Abriu o punho. A mão tremia e o sangue começou a escorrer para a palma e para o braço. Miranda se sentou no chão ao seu lado e segurou seu rosto.

O que ela está dizendo?

Ele se forçou para ler seus lábios. Aos poucos, o som ao redor foi voltando, afastando a confusão da sua mente.

— ... para ele não aparecer agora. Desculpe, David. Vamos cuidar dessa mão.

Ela o ajudou a se levantar e o levou na direção do quarto. Colocou-o sentado na cama e foi até o banheiro. Voltou com uma toalha e uma bacia com

água. Sentou-se ao seu lado, deixou a bacia entre os dois e colocou a mão de David dentro do recipiente.

A dor foi como uma físgada. Ele deu um sutil pulo de susto, mas agora estava mais alerta. A água vermelho-sangue revelava que a mão já estava limpa. Miranda a envolveu com a toalha e mexeu o pano de leve para ajudar a secar.

— Desculpa.

David estava envergonhado. Nunca, nos seus trinta e quatro anos de vida, havia perdido o controle daquela forma. Não reconhecia o homem que estava sentado naquela cama. Como analista, entendia os impactos de uma tortura. Sabia como afetava o psicológico de qualquer pessoa. Ainda mais quando a vítima fica frente a frente com o seu algoz. Porém, não conseguia se perdoar.

— A culpa foi minha, devia ter argumentado mais com ele. Ele não podia aparecer aqui. Na verdade, a culpa foi dele de não ter me ouvido. O lado bom é que ele é vampiro. Tomando sangue, em três dias, no máximo, vai estar novo em folha.

Sua voz era tão reconfortante.

— Acho que não estou me sentindo muito bem. — O ambiente parecia ficar mais escuro enquanto David falava.

— É normal, você ainda está fraco. Fica descansando mais um pouco. A gente conversa amanhã.

— Não! — David agarrou o braço de Miranda, implorando. — Por favor, eu preciso saber!

— Calma. Você não está em condições, David. Descansa, por favor. Descansa.

Ele não queria, mas entendia que era necessário para não perder o controle de novo.

Corpo são...

Ele se deitou na cama e fechou os olhos. Sentiu um carinho no seu cabelo e um beijo na sua testa. Não sabia se já era o sonho, mas devia ser.

60 dias para o Dia V

“Antes de te contar o que nós sabemos sobre o Dia V, preciso te dar uma explicação. Algumas, na verdade. A primeira começa há trinta e seis anos. Eu acho que nunca te contei isso, mas sou órfã. Fui criada em um orfanato nova-iorquino até os meus dezesseis anos, sem ter ideia do que era ser um vampiro. Cheguei a ser internada inúmeras vezes por causa da minha grave anemia. A minha vida era basicamente ir do orfanato para a escola, da escola para o orfanato, além das inúmeras idas ao hospital. Foi numa dessas idas que eu conheci Phil Watsen.

“Ele estava visitando o Brooklyn Hospital Center para participar da inauguração de uma nova ala quando me viu. Eu estava um caco. Andava pelo corredor do hospital, arrastando meu soro com um braço e segurando embaixo do outro uma revista adolescente que eu tinha roubado de uma enfermeira. As minhas olheiras fundas, meus ossos salientes e a finura das minhas pernas o chocaram. Porém, também foram a minha salvação. Ele já havia visto isso antes. Podiam ser sintomas de várias coisas e ele poderia estar errado, mas algo dentro dele dizia que eu era uma vampira que nunca tinha tomado sangue na vida.

“Foi muito louco. Eu entrei no meu quarto; ele veio atrás de mim e trancou a porta. Achei que estava perdida, que era um estuprador ou algo do gênero, contudo ele me acalmou. Disse que sabia o que eu tinha e que o remédio estava no frasco de bebida que carregava no bolso do seu paletó. Eu não tinha nada a perder. Minha vida era uma droga; se fosse veneno e eu morresse, já seria melhor do que viver daquele jeito. O pior não era nem a aparência física e, sim, as dores. Era como se, por meio de espasmos de pura agonia que percorriam cada célula, o meu corpo gritasse a todo segundo que algo estava faltando. Tudo doía, tudo incomodava. Eu não podia continuar daquele jeito. Então bebi. E, logo no primeiro gole, eu entendi que ficaria bem.

“O frasco acabou em questão de segundos. O rosto de Watsen dizia tudo que eu já suspeitava. Naquele mesmo instante, meu corpo estava mudando. Ganhei massa, força. Cheguei até a ficar mais alta! Ele salvou a minha vida. Desde que eu entrei para a agência, soube de casos similares ao meu, de vampiros que nunca haviam provado sangue. Sabe quantos anos eles duraram, David? O mais velho tinha dezessete quando morreu. Dezessete! Um ano a mais do que eu tinha quando Watsen me encontrou. E ele não só me tirou daquele hospital, como ele também me tirou do orfanato, me colocou nas melhores escolas, bancou os meus estudos de Relações Internacionais em Yale, fora os diversos cursinhos dos mais diversos idiomas que eu queria aprender. Ele foi o pai que eu nunca tive. Por isso, o soco. E essa é a primeira explicação que eu te devia.

“Preciso te pedir desculpas pela sua tortura também. Foi tudo tão rápido. Estávamos te monitorando, mas eu não esperava que você fosse simplesmente entrar na minha sala naquela tarde. Quando eu percebi que devia ter algo a ver com Watsen, agi por impulso. Te ataquei dentro da CIA! Não existe impulso maior. Porém, como você já deve ter percebido, não estou sozinha nessa. Consegui traçar um plano de ação com a ajuda de outros agentes que estão do nosso lado. Ainda na minha sala, você foi dopado e eu fiquei encarregada de te vigiar durante a noite. No dia seguinte, já com o mapeamento dos horários de todas as missões que estavam acontecendo no prédio, conseguimos identificar quando haveria menos movimento e te levamos até a garagem. Foi difícil, porém nossos agentes são os melhores no que fazem.

“Quando chegamos aqui, descobri sobre a tortura. Depois do que você havia feito com Brian, Batoriova e Tellison, os outros achavam que não havia possibilidade de diálogo. Fui voto vencido. Mas, se eu não tivesse te nocauteado na minha sala, nada disso teria acontecido, então me perdoa.

“Esses foram os meus erros. Agora, os meus acertos. Vou ser bem honesta com você, David, porque sei o quanto você foi comigo. Contar que a médica no vídeo era a sua mãe não deve ter sido nada fácil. E o que vou falar agora também não vai ser. Tudo começou há cerca de três anos. Eu tinha acabado de voltar de um resgate no Afeganistão. Um agente da NSA, que estava em uma missão diplomática, tinha sido raptado pelo Talibã, e um grupo da CIA foi enviado para trazê-lo de volta para casa. Conseguimos resgatar o agente sem grandes problemas, mas, na hora que eu fui fazer o meu relatório da missão, percebi que algumas coisas não batiam. O agente deveria estar de licença e não em viagem no Afeganistão. Além disso, a missão não estava na lista de missões ativas. Tudo era muito esquisito.

“Na época, eu respondia ao Blake Williams, você já deve ter ouvido falar; ele é o diretor do Departamento de Atividades Especiais da CIA e tem uma bela linhagem vampírica. Eu fui perguntar o que estava acontecendo e ele só me disse que a missão era um pedido especial da NSA e, pelo agente resgatado ser de extrema importância para a agência, eles haviam requisitado que nada fosse registrado. Não era a primeira vez que aquilo acontecia, contudo fiquei inquieta. Resolvi pesquisar mais sobre o agente. Seu nome era Vince Morgenstein. Vocês se conhecem. Ontem eu tirei o sangue dele do seu punho.”

“Desculpe falar dele, mas é por causa do Vince que eu estou aqui hoje. Eu investiguei o agente Morgenstein e toda a sua missão diplomática. Fiz isso por

debaixo dos panos, sem o conhecimento do diretor Williams ou de qualquer outra pessoa. E o que eu descobri me assustou. Não havia diplomacia alguma no que Vince foi fazer no Afeganistão. Ele foi atrás de um antigo esconderijo da CIA onde humanos eram mantidos para servir de cobaias no experimento que você viu na fita. Mais do que um antigo esconderijo da CIA, o local era da Iniciativa Blackwater.

“Eu voltei para o Afeganistão e vi com os meus próprios olhos. Porém, do que eu mais me lembro é o cheiro. Excremento humano misturado a pedaços de corpos putrefatos e sangue. Paredes, camas, armários. Tudo tinha sangue. Foi nessa hora que Vince apareceu. Eu achava que estava na sua trilha, mas ele também estava na minha. Investigou a minha vida toda e apareceu com uma proposta. Ele me contou que estava seguindo os rastros da Iniciativa Blackwater e que a última coisa que conseguiram tinha sido identificar aquele esconderijo. Como no passado o local estivera sob o controle da agência a qual eu pertencia, Vince me pediu para investigar.

“Nunca pensei em ser agente duplo, mas não via a situação dessa forma. Se o governo para o qual eu servia estava envolvido em crimes contra a humanidade, eu estaria traindo a nossa bandeira se servisse sem questionar. Precisava proteger os humanos e foi o que eu tentei fazer. Aceitei participar dessa, bem, por falta de um nome melhor, resistência. Logo percebi que, no campo, eu não ia conseguir o tipo de informação de que precisávamos e pedi para Watsen para ficar atrás de uma mesa. Nunca contei para ele o que estava fazendo. Disse que precisava de desafios diferentes e ele acreditou. Não tinha por que não acreditar. E eu sabia. Você estava certo. Eu sabia que para uma coisa dessa magnitude estar acontecendo dentro das paredes da CIA, envolvendo o presidente dos Estados Unidos, não havia como ele estar completamente ignorante do assunto. Mas você tem que entender, David. Nesses três anos, nunca encontrei nada que ligasse Phil diretamente à Iniciativa Blackwater. E com o passar do tempo, os meus temores foram se acalmando. Acho que parte de mim até parou de tentar encontrar algo. Então, você apareceu e tirou a máscara que estava cobrindo Watsen. A máscara que eu relutei tanto em deixar de ver. A máscara de pai.”

“A resistência. É importante você entender o que fazemos aqui. Todo o trabalho que você desenvolvia sozinho, nós estamos tocando há anos. Temos traçado o perfil de todos os grandes líderes da nossa nação, além de personalidades ao redor do mundo que possam estar envolvidas de alguma forma. A Blackwater é algo bem maior do que você imagina, David. Encontramos figuras de poder

relacionadas à Iniciativa em todas as grandes potências, como Inglaterra, França e Alemanha. Pensou em um país? Provavelmente, alguém de lá está até o pescoço com corpos humanos despedaçados. A única ligação forte que encontramos foi o próprio Edgard Humphry. Ele viajou para esses países e há registros de suas ‘reuniões diplomáticas’. Aliciou os vampiros mais poderosos do mundo para uma empreitada global da qual não temos como sair. Mas estamos tentando. Nosso grupo é pequeno, mas é bem conectado. Você era uma peça importante do quebra-cabeças, então atraiu a grande maioria de nós para esse esconderijo. Estamos numa área rural perto de Washington. Era um local de proteção a testemunhas alguns anos atrás e agora é todo nosso. Uma das coisas boas de ter como líder uma pessoa influente. Sim, existe uma liderança clara entre nós. Não se preocupe com isso agora. Vocês vão se encontrar amanhã.

“Voltando ao assunto que interessa, a Iniciativa Blackwater. Temos a fita que nos mostra o que vai acontecer com os humanos, os perfis de todos os líderes envolvidos com o Dia V, provas de que Edgard Humphry é o chefe do projeto e uma data. Em dois meses, algo vai acontecer que irá matar os humanos da pior forma possível, e precisamos impedir isso de algum jeito. Estamos há anos tentando acabar com o Dia V, e até agora todas as nossas investidas fracassaram. Já destruímos laboratórios que acreditávamos ser onde estava a fórmula assassina, já capturamos as pessoas que tocavam as experiências, tentamos, inclusive, impedir a candidatura de Humphry, mas tudo em vão. Você nos trouxe novas pistas valiosas, David. Saber que a mulher no vídeo é a sua mãe e que Watsen, com certeza, está envolvido foram informações que não conseguiríamos de outra forma. Por isso, quero te fazer a mesma proposta que Vince Morgenstein me fez. Você pode parar de trabalhar sozinho e realmente ter chances de mudar essa história. Precisamos de você e você precisa da gente. Se topar, sua missão já está definida. E você irá recebê-la diretamente da nossa líder.”

59 dias para o Dia V

Beatrix Batoriova segurava uma taça com sangue. Seu rosto forte parecia tranquilo, talvez até um pouco feliz. Era difícil para David decifrar o que passava pela cabeça da diretora da NSA. Seu semblante secular conseguia esconder com facilidade o que ela estaria pensando. Não era à toa que ela havia conseguido ocultar a sua resistência dos líderes do mundo livre.

Ela se reclinava na poltrona do apertado cômodo. David olhou em volta. A sala não tinha nada em particular que chamasse atenção. Batoriova só necessitava do seu próprio cérebro para trabalhar, então algumas poltronas confortáveis, umas obras de arte para inspiração e um tapete onde pudesse repousar os seus pés descalços depois de um longo dia já supriam todas as suas necessidades.

A figura daquela mulher forte, descalça e com o sangue na mão era assustadora e, também, reconfortante. David focou no aspecto reconfortante.

— Você deve ter muitas perguntas, agente.

“Muitas” nem chegava perto do número de indagações que ele conseguiu conjecturar, porém, conteve-se.

— Vamos, agente Silver. Como você deve suspeitar, eu sou uma mulher ocupada.

David pigarreou. Era estranho saber que Batoriova nunca havia sido enganada pelo show que acontecera em sua casa. Ela sabia que ele havia revirado as suas coisas, sabia o que tinha encontrado. Como se portar na frente dela? O que dizer?

— Eu... Tirei fotos...

— De um relatório da Iniciativa Blackwater. Eu sei. Na hora em que Humphry entrou pela porta, eu tinha certeza de que tudo fazia parte de um grande espetáculo que ele estava criando para roubar de mim, David.

Era a primeira vez que Batoriova chamava David pelo primeiro nome. Soou profano.

— Mas, se você sabia, por que deixou lá? Por que não escondeu o documento em outro lugar?

— Esconder? David, você não entendeu. Ele nem estava lá. Eu o coloquei assim que Humphry chegou.

David olhava boquiaberto. As palavras de Batoriova não faziam sentido.

— Ele queria provas de que eu estava contra a sua Iniciativa. Provas que pudesse levar para o Conselho e usar para pedir a minha cabeça. Ter um documento censurado escondido na minha própria casa só mostra que eu quero uma segurança, mas não atacar. Se ele tentar algo, eu tenho como me defender. Apenas isso e não uma resistência inteira. Despistar e ameaçar ao mesmo tempo.

Esse era o plano. Eu sei da Iniciativa há muitos anos, David. Inclusive, pode-se dizer que nem sempre estive do lado certo. Vou ser bem honesta, agente. Experiências com humanos são, digamos, o meu forte. Desde muito cedo, eu estive envolvida em praticamente todas que o nosso governo desenvolveu. E foram muitas. O Conselho sempre afirmou para o mundo a mentira de que não podemos machucar humanos, mas, a portas fechadas, eles estavam morrendo em quantidades exorbitantes. Você realmente acha que nós, seres tão superiores, vamos nos contentar em viver escondidos?

Havia uma ironia em Batoriova que David não esperava.

— Há quarenta anos eu levei uma ideia para o Conselho. Uma ideia que gerou tudo isso e que me persegue até hoje.

— Assassinato em massa?

Batoriova riu. Não era a reação que a frase de David queria causar, se é que havia a intenção de causar alguma coisa.

— Não, David. Eu não queria genocídio. Eu queria liberdade. Queria olhar em volta e ver pessoas como eu. Queria estar com todos os meus irmãos e irmãs sob o mesmo sol, sair da escuridão da nossa condição. Matar todos os humanos não resolveria isso. Eu queria mantê-los vivos. Mas não da forma como são. Eu queria que fossem vampiros.

David ficou sem saber o que dizer. Essa era a origem de toda aquela carnificina?

— Se conseguíssemos uma maneira de criar um soro da nossa mutação em laboratório que se adaptasse com perfeição ao DNA humano, bem, todos os nossos problemas estariam resolvidos.

— Mas como torná-los vampiros e continuar usando o sangue deles?

— Isso era uma parte importante do estudo do soro. Mas havia um plano alternativo. Campos de concentração humanos.

— O quê? — David não conseguiu controlar sua indignação.

Batoriova percebeu, contudo não pareceu se importar. Se havia uma habilidade que tinha desenvolvido ao longo dos anos era a capacidade de não se afetar com nada. Mesmo assim, se forçou a dar uma curta e sincera resposta.

— Não foi o meu melhor momento, David. Porém, eu tive motivos para isso. Quatrocentos e dezenove anos de motivos. — Ela pausou sua fala para beber o sangue em suas mãos. — O projeto foi aprovado com uma celeridade extraordinária. Todos nós nos considerávamos o topo da cadeia alimentar, a espécie que deveria estar no controle da Terra. *Homo altiore* teria finalmente a chance de atingir todo o seu potencial. Os primeiros estudos foram bem promissores. Quando levamos para os testes com primatas, tivemos resultados assustadoramente positivos. Criamos seres inimagináveis. Exterminamos todos, claro. Não queríamos

macacos-vampiros. Queríamos a liberdade. E, então, vieram os experimentos com humanos. E as mortes...

David tocou seu rosto com uma das mãos em um movimento de absoluta descrença. Na sua mente, as imagens de sua mãe correndo e gritando que o homem na sua frente estava morrendo passavam em *flashes*. Não era para ele morrer. Era para ele renascer como vampiro. Porém, ele ainda não entendia direito o papel dela nisso tudo.

— Linda Silver. Você a conheceu?

— Sua mãe? Miranda me contou que é a mulher do vídeo. Devo dizer que fiquei tão atônita quanto você. Se tivesse alguma pista sobre a sua ligação com a Iniciativa, já a teria investigado. Soube que ela não está mais viva, sinto muito. É um jogo muito cruel esse que Humphry está jogando com você, agente. Mas agora é a sua chance de se vingar e tomar o controle da sua vida. E dessa vez você terá ajuda. Sua mãe é uma pista nova que não podemos ignorar. Sei que você tem muito interesse em descobrir o que aconteceu com ela e essa é a melhor oportunidade que terá. Todos aqui estão empenhados nisso, mas acredito que ninguém, além de você, tem o necessário para realizar essa tarefa. Se você escolher trabalhar conosco, esse será seu objetivo: descobrir o que aconteceu com a sua mãe. Imagino que seja uma ótima maneira de estabelecermos uma relação de confiança. Você divide conosco tudo o que sabe e a gente te oferece a oportunidade de encerrar esse doloroso capítulo da sua vida. O que você me diz?

As palavras que saíram da boca de David foram as mais fáceis que já havia proferido em toda sua vida.

— Por onde começamos?

Linda Silver enfiava a agulha no braço de David, sem hesitação. Aquele mesmo olhar de que ele se lembrava, calmo, sereno e que passava confiança e amor. David olhou para baixo. Estava deitado com os braços e as pernas amarrados em uma cama.

— Mãe?

Sua voz saiu assustada. Linda se virou com a maior tranquilidade do mundo. Fez um carinho nos cabelos do filho e sussurrou em seu ouvido:

— Eu cuido de você, você cuida de mim. É assim que funciona, filhote.

— Mãe, o que está acontecendo?

— Já vai passar. Vamos ficar juntos para sempre. Para sempre.

David olhou, novamente, para baixo. Sua pele começou a arder, a queimar. Feridas se formavam por todo o seu corpo, necrosando seus dedos, seus braços,

suas pernas. Até que os membros começaram a cair.

Linda observava tudo com um sorriso nos lábios.

— Eu cuido de você, você cuida de mim. É assim que ficamos juntos para sempre, filhote.

— Mãe? Mãe!

David pulou assustado. Apesar das cortinas abertas, o quarto estava escuro, devia passar das quatro da manhã. Alguém bateu à porta.

— *David? Sou eu, Miranda.*

Ele chacoalhou a cabeça como se ainda precisasse acordar. Acendeu o abajur ao lado da cama, levantou e abriu a porta.

— Eu ouvi um berro.

Miranda estava magnífica. O penhoar azul de renda fina revelava o pijama com calças xadrez e camisa com o símbolo dos Rolling Stones. A dicotomia do vestuário mostrava o quão surpreendente e apaixonante aquela mulher era.

— Não se preocupe, foi só um pesadelo. Tivemos dias bem loucos, né?

— É... — Ela deu uma breve pausa. — Posso entrar?

David saiu da frente de Miranda abrindo espaço para que ela entrasse no quarto.

— Não estava conseguindo dormir. Precisava falar com você. Saber como está... Olha, não vou nem fingir que sei o que você pode estar sentindo e posso não ser uma pessoa que você queira ver com muita frequência agora, considerando tortura e tudo mais, mas eu estou aqui. Se você quiser conversar ou, sei lá, ficar em silêncio com alguém, talvez?

David se sentou na cama e expirou cansado. Ela queria tranquilizar sua culpa, isso era óbvio. Seu discurso conseguia ser tão nobre quanto egoísta, mas, mesmo enxergando além do que Miranda queria expressar, David aceitou o seu consolo.

— Ela me chamava de “filhote”.

— O quê? — Miranda se sentou do seu lado.

— Eu tinha esquecido. Faz tantos anos que eu não me lembrava mais, mas sonhei com ela. Ela me chamava de “filhote”.

— Sua mãe?

Ele fez que sim com a cabeça. Não pôde impedir os seus olhos de ficarem marejados. Por mais que o sonho tivesse sido assustador, ouvir a sua mãe, vê-la, falar com ela, aquilo tinha sido demais para ele suportar.

Miranda segurou uma das mãos de David, que estavam apoiadas na cama.

— Ela parece ter sido uma mulher e tanto.

— Será mesmo? Eu não sei mais de nada.

— Eu sei. Ela fez você, não fez?

Os dois sorriram.

— Sobre a tortura, fica tranquila. Acho que os meus punhos já escolheram quem odiar.

A risada dela encheu o quarto. Ela se conteve depois de alguns segundos como se não pudesse estar rindo, no entanto não aguentou e riu novamente. David riu junto. Não se lembrava da última vez que gargalhara daquela forma. Rir de si mesmo nunca fora uma de suas melhores qualidades, mas agora tudo que ele havia passado parecia ser apenas um filme esquisito que ele tinha visto uns dias atrás. Ela fazia isso, conseguia deixar tudo leve, tudo em paz.

Os risos cessaram. A luz do abajur era fraca, contudo mostrava os olhos dela brilhando fixos na direção dos dele. Seus lábios formavam um singelo sorriso.

David se sentiu hipnotizado. Tudo que queria na vida era estar em um quarto com Miranda, seu olhar tocando-o exatamente daquele jeito. Porém, havia algo que ele queria mais.

— Batoriova me contou sobre o plano inicial da Blackwater, de transformar humanos em vampiros. Você sabia, certo? Por que não me contou?

— Sabia, mas não sei quando deixou de ser isso e se tornou genocídio. E essa informação envolveria perguntas sobre Batoriova que eu não estava autorizada a divulgar. Estava nas mãos dela te dizer. De qualquer maneira, não muda o resultado: humanos vão morrer. Aos montes. Precisamos impedir, David.

— Nós vamos. — Ele apertou a mão de Miranda. O gesto bobo queria passar alguma segurança em meio a tanto caos. Ela retribuiu o carinho entrelaçando seus dedos nos de David.

De repente, Miranda pareceu sair de um transe. Levantou-se abruptamente, murmurou “dia longo amanhã, boa noite” e saiu do quarto, fechando a porta sem ao menos olhar para trás.

David se deixou cair na cama sem entender o que tinha acabado de acontecer. Miranda tinha vindo até o seu quarto, trocado carícias com ele e, do nada, simplesmente foi embora. Ele levou as mãos à cabeça num ato de desespero.

Por que diabos você foi embora?

Mas ele sabia o porquê. Não havia espaço para aquilo, eles tinham uma missão. Seu foco tinha que estar nos milhões de vidas que queria salvar e na justiça pela morte de sua mãe. A luta contra o Dia V ia exigir tudo deles. E ela estava apenas começando.

58 dias para o Dia V

Tio Luke estava puto.

— *Duas semanas, David! Duas semanas sem saber de você! Tudo que eu recebi foram duas mensagens falando coisas idiotas como “Fica calmo, depois te explico”, e agora isso? Essa é a maravilhosa explicação que você liga para me dar? “Estava num projeto”?* Que porra de explicação é essa?

David não tinha conseguido pensar em nada melhor para falar. Mentir nunca tinha sido o seu forte. Quando Miranda lhe devolveu seu celular, alertou David das mensagens que seu tio havia recebido. Alguém da resistência as tinha enviado para evitar que ele viesse procurando respostas. Além das inúmeras ligações de tio Luke, o celular de David só recebera umas duas mensagens de outros analistas do Departamento Cinco tirando dúvidas sobre projetos e uma de Brian para marcar de saírem. Ele sabia que a conversa com seu tio ia demorar, então respondeu a Brian primeiro. Por mais que quisesse vê-lo novamente, tinha que focar na Iniciativa, por isso inventou que estava viajando, mas que era para marcarem algo assim que ele voltasse. David sinceramente esperava que conseguissem se encontrar, porém temia que a Blackwater tivesse outros planos. Temia por sua vida.

— *Você está me ouvindo, David?*

Era assustador ouvir um cara tão tranquilo e para cima quanto seu tio dando um belo de um esporro, mas também lhe trazia conforto saber que por trás daquelas palavras havia amor. Ter alguém se preocupando com ele, depois de tudo que tinha passado nas últimas semanas, dava uma sensação de alívio.

Com sua visão periférica, David via a silhueta de Miranda observando o telefonema à distância. Não estava vigiando, porém aguardava silenciosamente na porta da entrada da casa por ele. Ainda não haviam se falado desde a interação na noite anterior e David não conseguia pensar em nada bom o suficiente para quebrar o gelo.

“Oi”, talvez?

Depois de mais alguns puxões de orelha, ele conseguiu assegurar a seu tio que realmente estava bem e prometeu ligar mais vezes. Inventou que estava ajudando Brian em um projeto paralelo e que, como não era dele, não tinha permissão para dar os detalhes.

Coitado do Brian! Jogado em quase todas as mentiras que David criara e tudo que ele havia feito para merecer isso foi ser seu amigo e perder em algumas partidas de sinuca.

Crise familiar resolvida, estava na hora de enfrentar Miranda. E a Iniciativa Blackwater.

Miranda sorria como se nada tivesse acontecido na noite anterior.

E não aconteceu mesmo...

Ela parecia empolgada.

— Seus olhos são exatamente o que a gente precisava, David! Temos que correr muito, mas sinto que a sua bagagem é fundamental para termos alguma ideia de como vai acontecer o Dia V. O “como” é a chave para pararmos o que está para acontecer.

— Não confiaria tanto assim nos meus olhos, eles deixaram passar tanta coisa...

As palavras sussurradas de David ficaram perdidas no ar.

O térreo da casa tinha uma porta que levava a uma espécie de porão. Porém, esse porão não tinha nada a ver com o de David. Parecia mais uma subdivisão do seu departamento na CIA. Ambiente amplo, inúmeras mesas de escritório e mais de vinte agentes sentados mexendo em seus *laptops* como se fosse apenas um dia qualquer de trabalho. Mais de vinte homens e mulheres, mas David só enxergava um.

Vince Morgenstein já estava praticamente curado. Seu olho esquerdo com um tom avermelhado e seu lábio superior com a sombra de um corte denunciavam que algo tinha acontecido, contudo não havia nada além disso. Sangue humano era realmente uma maravilha.

— Você se comporte. — Miranda falou entre dentes, apenas para os ouvidos de David.

Ele já deve ter recebido as mesmas instruções.

Enquanto andavam, David pôde sentir Vince seguindo seus movimentos, entretanto ignorou e continuou seus passos atrás de Miranda. Os dois entraram em uma pequena sala com paredes de vidro nos fundos do ambiente. Caixas e mais caixas se equilibravam em uma fileira ao longo de uma das paredes e pareciam prestes a sucumbir.

— Prontinho. — Miranda deixou David passar e fechou a porta atrás deles. Além das caixas, o espaço contava com uma mesa, dois *laptops* e duas cadeiras. Se o andar superior e o pátio passavam a sensação de casa de veraneio, esse aquário transmitia um sentimento de segunda-feira que David conhecia muito bem.

Em poucos minutos, a sala já estava tomada pelo conteúdo das caixas. Eram incontáveis documentos similares ao que David encontrara na casa de Batoriova, todos registrando os resultados dos experimentos. Porém, um detalhe tornava aqueles papéis chocantes.

— Miranda, isso não pode estar certo. Esses documentos, cada uma dessas folhas parece dizer respeito a uma pessoa diferente. Se isso for verdade...

— O número que você está procurando é perto de dois mil, David. E isso é só o que Batoriova conseguiu copiar antes de sair do projeto. Imagina a quantidade de horrores que eles não fizeram depois disso.

Os documentos ainda se encontravam em idiomas diferentes. Obviamente o que Miranda havia lhe falado sobre as missões diplomáticas não era mentira. Havia papéis em espanhol, alemão, e, até mesmo, em japonês. Aquilo era maior do que qualquer coisa que David poderia ter pensado. No entanto, por mais que tivessem diferenças, todos chegavam ao mesmo resultado: inconclusivo.

E se havia algo que ele já tinha entendido era o significado dessa palavra. Inconclusivo era o mesmo que morto. Todos tinham morrido.

53 dias para o Dia V

— Isso é frustrante!

David se jogava na cadeira reclinável como se o peso dos seus ossos fosse demais para o seu corpo. Sua vontade era largar tudo e ir pescar com tio Luke.

Agora eu estaria falando sobre garotas e comendo um Snickers de colete.

Miranda pareceu não se abalar com o derrotismo dele.

— Ainda falta olharmos de novo aquela caixa.

— A gente já revirou esses papéis, Miranda. Não tem nada aqui. O que quer que seja que vocês queriam que eu visse, eu, obviamente, não vi!

Ele rodou na cadeira e ficou de costas para ela. Através da parede de vidro, podia observar Vince. Ele digitava em um *laptop*, com uma rapidez impressionante. De vez em quando, parava para observar um caderno de anotações e, depois, continuava a bater nas teclas com máxima intensidade.

— Preciso de um minuto.

David se levantou sem titubear. Caminhou passos largos e decididos. O ambiente inteiro parou para observar. A colisão dos dois era o segundo evento que todos naquele espaço queriam impedir.

— Quer tomar alguma coisa lá fora?

Vince fitava David sem saber o que deveria responder. Sua boca estava suavemente entreaberta, marcando o choque de tê-lo tão perto de si pela primeira vez depois da agressão. Ele não tinha ideia de como reagir.

— Vamos, Vince. Nada de socos dessa vez. Prometo.

Não era exatamente medo que exalava daquele homem, até porque David estava certo de que ele só havia ganhado a briga por Vince ter sido pego de surpresa. Se é que aquilo podia ser chamado de ganhar. O ponto era que Vince estava desprevenido e nada mais. Ele era alto e, apesar de forte, demonstrava leveza nos seus movimentos, dando sinais de agilidade. Que sabia lutar era óbvio. Num confronto normal, David teria saído bem pior.

Vince aceitou. Foi para o jardim, se sentou e aguardou David, que fez uma parada na cozinha para pegar duas cervejas.

O dia já tinha acabado, e a noite no jardim da resistência era de uma beleza sem igual. Por estarem afastados da cidade, o céu se tornava extremamente reluzente, com tantas estrelas que ficava impossível definir constelações. David olhava para o firmamento encostado, confortavelmente, nas almofadas da cadeira de madeira. Vince estava inclinado para a frente, apoiando os cotovelos em cima dos joelhos. Da maneira que se sentava, ele fazia pairar no ar um pingente de cruz em aço inoxidável preto que pendia do seu pescoço. Parecia compenetrado.

David se permitiu um gole longo da bebida em suas mãos. O líquido gelado acalmava e dava a merecida pausa de que ele tanto precisava.

— O que você está fazendo? — indagou Vince, quebrando o silêncio.

— Lendo pela milésima vez relatórios que não vão nos levar a lugar algum. Realmente, não sei o que Batoriova e Miranda esperam de mim. Eu estou vendo as mesmas coisas que vocês, descobrindo o que vocês já descobriram. Não tenho nada de novo para oferecer. Está sufocante ficar naquele aquário com aquelas caixas cheias de gente morta.

— Não, você não entendeu. Perguntei o que você está fazendo agora, David. Por que me chamou?

Vince estava visivelmente incomodado, mas David não conseguia identificar raiva na sua voz. Era estranho trocar palavras com aquele homem. A última coisa que ele havia falado com David antes daquele dia tinha sido projetada por um modulador. Sentado ao seu lado, tomando uma cerveja, Vince parecia uma pessoa como outra qualquer, alguém com quem poderia jogar sinuca em um bar. Alguém como Brian...

— Eu cometi um erro alguns anos atrás. Deixei o que eu achava sobre um cara afetar a nossa relação e me privei de ter um amigo. Não estou esperando um *bromance* com você, Vince, mas sei que você só estava fazendo o seu trabalho e não quero deixar o que passei interferir no meu julgamento de novo. Sem falar que eu estava realmente precisando de uma cerveja.

Vince parou alguns segundos encarando David.

— Não vou te pedir desculpas.

— Não quero as suas desculpas. Acho que já acertamos o que tínhamos que acertar, não? — David fechou o punho enquanto proferia as palavras e tentou dar um sorriso para que o movimento não parecesse uma ameaça. Será que já dava para Vince rir do que tinha acontecido? Pelo visto não.

Eles continuaram bebendo sem falar nada. Vince terminou a cerveja e acendeu um cigarro. Ofereceu outro a David, que negou. Um dos pontos positivos de ser vampiro era não ter que se preocupar com doenças como o câncer, entretanto David não gostava muito do cheiro.

— Elas querem novidade, mas estão te mostrando velharia. O que você não percebe é que o intuito daquelas caixas é apenas te ajudar a entender o que está em jogo e te deixar a par do que todos nós já sabemos, da maneira mais fácil e mais difícil. Fácil porque a Miranda está do seu lado, te guiando. Difícil porque ninguém te passou um número aleatório, você viu. Entende? Não te contaram. Você viu. Dói, mas essa dor vai te motivar. É isso que elas esperam: te motivar. Quem sabe não vem uma epifania daí? Afinal, a única coisa nova que elas trazem é você.

— Me motivar? Fui usado pelo Watsen, torturado por causa disso, vi minha mãe morta fazendo experimentos com humanos! Acho que estou motivado o suficiente.

— Não, não está. Se estivesse, já teria começado a pensar. Por enquanto você só está absorvendo. E o que elas querem é a sua mente. Você é um analista, David. E um excelente pelo que eu ouvi dizer. Então, faça o que você faz de melhor. Analise.

— Analisar papéis velhos que todo mundo já conhece não vai me levar a lugar nenhum.

David falou para dentro essa última frase. Não queria voltar para aquele aquário. Não queria reler em quinze idiomas diferentes a palavra “inconclusivo”. Estava sufocado pela derrota que sentia. Ele já entendia o que estava em jogo. Agora o que queria era saber como o Dia V ia acontecer, como parar Watsen e o presidente, e quem havia matado a sua mãe. Se ao menos ela ainda estivesse viva...

E, finalmente, a epifania veio.

52 dias para o Dia V

Miranda e David chegaram ao galpão cedo. As primeiras luzes do sol ainda nem haviam surgido no horizonte quando o Porsche preto entrou no estacionamento. Miranda saltou do carro esperando que David guiasse o caminho, mas ele não tinha ideia do que fazer. Mais de vinte anos haviam se passado desde a última vez que pisara naquele local.

Um senhor de baixa estatura e na casa dos oitenta anos chegou perto dos dois, questionando o que queriam tão cedo por ali. Miranda mostrou um distintivo falso.

— Kate Peterson, agente especial do FBI, senhor. — mentiu Miranda, mantendo sua identidade em segredo. — Estamos procurando um depósito neste galpão. — Ela olhou para David, que imediatamente retirou um papel amassado e velho da carteira e o entregou para o homem.

— Você vai ter que ler, meu jovem. Deixei meus óculos lá dentro.

— Claro, desculpe, é o número 4691.

— Acho que nunca vi ninguém indo nesse. E olha que eu conheço todo mundo que vem aqui. — Ele guiava os dois, lentamente, por entre os diversos depósitos do enorme ambiente. — FBI, hein? Vocês acham que o depósito é de algum criminoso? Um terrorista? Meu Deus, e eu aqui sem saber de nada. São da Al-Qaeda? Devem ser. Sempre são, né?

— Não, senhor. Pode ficar tranquilo. Só estamos fazendo uma pesquisa.

— Pesquisa a essa hora da manhã? Minha querida, não tente suavizar a situação. Eu sou um veterano de guerra. Sei das coisas. Nossa, debaixo do meu nariz. Acham que eles podem ter alguém lá dentro? Um prisioneiro ou algo assim?

Miranda desistiu de interagir e apenas passou a sorrir. Já David estava em outro mundo. Andava pelos corredores do galpão tentando se situar no tempo. Na última vez que estivera ali, não via a hora de ir embora. O Serviço Social tinha guardado todos os pertences de sua mãe e lhe dado o papel com o número e a chave. Ele não sabia onde tinha colocado a chave, no entanto o papel amassado foi sendo esquecido de carteira em carteira, deteriorando-se aos poucos.

David era apenas um adolescente revoltado em busca de respostas. Lembrava-se de poucas coisas sobre o local, mas a sensação do peito apertando de pura saudade era inesquecível. O que sentiu foi tão pesado que guardou fundo na memória a existência daquele lugar e, simplesmente, não pensou mais a respeito. Não se recordava de nada impactante o suficiente para o impressionar naquela época, entretanto agora a história era outra. As pistas estavam gritando na sua frente e tinha uma noção do que procurar.

David quase deu um encontro no senhor quando ele subitamente parou de caminhar.

— É esse aqui. Vocês não precisam de reforços? Sabe lá o que vão encontrar aí dentro. Pode ter antraz!

— Estou certa de que vamos ficar bem, senhor. Pode abrir para a gente, por favor?

Ele desacoplou o enorme molho de chaves da cintura e ficou procurando durante alguns minutos a correta. Finalmente achou e entregou a chave para Miranda.

— Olha, eu vou deixar isso aqui com vocês e vou me trancar no escritório, está bem? Se vocês querem se matar, a vida é de vocês, mas eu não sou bobo. Já falei que sou um veterano? Vocês realmente deveriam me ouvir...

Ele saiu andando rápido e olhando para trás, rezando para que Miranda esperasse ele ir embora.

— Está preparado? David?

Ele acordou do devaneio e assentiu.

Lavanda. O depósito cheirava a lavanda. Cheirava a Linda Silver. Suas roupas, seus sapatos, seus móveis. David entendeu por que doía tanto estar naquele local e por que o tirou de sua mente. Ao contrário das inúmeras fotos que tinha do assassinato de sua mãe, esse lugar não mostrava que ela estava morta. Tudo ao seu redor dava a sensação de que ela estava viva e de que, a qualquer segundo, entraria pela porta com seus cabelos esvoaçantes e seu abraço caloroso. E como isso machucava!

Ele sentiu Miranda tocar o seu ombro, porém não se virou. Apenas inspirou fundo e começou a abrir caixas e a revirar malas, tudo no mais completo silêncio. Linda Silver tinha muita história e eles iam destrinchar cada canto de sua vida até conseguirem encontrar alguma resposta.

Brinquedos antigos que ele achou que nunca mais vira, fotos de viagens que nem se lembrava de que tinha feito, cadernos de caligrafia com as primeiras palavras que ele escrevera na vida. Estar naquele lugar era uma jornada pela memória, contudo, de alguma forma, David empurrava tudo para longe e tentava se manter focado. Subjetividade só atrapalharia o trabalho que tinha para fazer.

Miranda encontrou o crachá de Linda e alguns papéis sem importância. Havia claras evidências de que ela tinha sido uma funcionária da CIA, mas sobre sua função na organização não havia nada.

— Faz sentido. Eles devem ter revirado isso aqui quando ela... Quando aquilo aconteceu. Já devem ter tirado qualquer vestígio da Iniciativa Blackwater. Acho que estamos perdendo tempo.

Ela começou a andar na direção da porta esperando encontrar o apoio de David, no entanto percebeu que ele estava de costas para ela, sentado em cima de uma caixa. Miranda se sentou ao seu lado e pôde ver em suas mãos um porta-retratos com conchinhas grudadas na moldura, cada uma com uma cor diferente, pintadas com tinta guache. No centro, a imagem desbotada de uma criança com os braços apertados em volta de uma mulher. Os dois escancaravam um sorriso gostoso de pura felicidade. Em volta deles, praia, mar e algo que parecia ser uma tentativa de castelinho, montado com baldinhos e areia, já sendo destruído pelas ondas.

Miranda viu o reflexo dos olhos de David pelo vidro do porta-retratos. As lágrimas estavam transbordando em um choro calado, que ele tentava abafar. Seu queixo tremia enquanto ele disputava uma batalha interna por autocontrole, que, claramente, já estava perdida.

— Eu fui tão cego. Se eu tivesse vindo aqui antes e me permitido sentir esse peso, eu já saberia há anos do envolvimento da minha mãe com a CIA. Eu jurei investigar e arrastar o assassino dela para a justiça, mas como eu poderia fazer isso sem essa peça-chave? Eles podem ter apagado a Blackwater daqui, Miranda, mas que ela era da CIA ninguém apagou. Eu não sabia porque eu não quis saber. Eu fui um idiota e agora o mundo inteiro está em risco.

— Espera, David. Saber que sua mãe era da CIA não ia salvar o mundo! O que está acontecendo agora não é sua culpa.

— É claro que é, Miranda. Eu fiquei me enganando esses anos todos, mentindo para mim mesmo que estava fazendo o meu melhor, mas obviamente eu não estava. Olha esse lugar! Por que eu não voltei aqui? Por que eu não revirei tudo de pernas para o ar? O que eu estava esperando? Que o assassino simplesmente fosse se apresentar?

— Você estava esperando que doesse menos.

David se calou. Ele apertou forte o objeto em suas mãos. Aquela sensação era pior do que qualquer dor pela lembrança de sua mãe. O sentimento de que ele a havia decepcionado era tudo que não queria. Ele havia falhado. Mas isso não aconteceria de novo.

— As roupas, vou revirar as roupas. Checa os sapatos, por favor?

Miranda não questionou. Remexeram os sapatos, as roupas, os LPs, os livros. Cada óculos, cada prendedor de cabelo, cada foto. Tudo foi explorado.

— David, acho que terminamos. Não tem nada aqui. Queria que tivesse, mas não tem.

Ele olhava em torno procurando uma pista, uma dica de sua mãe, algo que ele pudesse ter deixado passar, contudo nada no cômodo falava com ele. Era o fim da linha.

Desolado, David apenas foi se dirigindo para a saída, sem olhar para trás, sem ao menos levantar a cabeça para encarar Miranda.

Dessa vez eu tentei de verdade, mãe.

A poucos passos da saída, ele encontrou o porta-retratos que havia segurado com tanta força. Acariciou a fotografia, despedindo-se. As imagens daquele dia na praia vieram todas em sua mente.

Esconderijo dos Silver. Achei tão estranho quando você deu esse nome para o castelo de areia, mãe. Como pode ser um castelo gigante e um esconderijo?

Um sorriso de lado surgiu nos lábios de David.

— Miranda, você viu outro porta-retratos aqui?

Ela levantou a cabeça olhando em volta. Não havia mais nenhum, apenas aquele.

Castelo e esconderijo.

David virou o objeto e o abriu. O disquete pulou para fora como se estivesse buscando por ar, depois de anos sendo sufocado e guardando com tanto cuidado tudo que tinha para contar.

Todos os itens de Linda Silver foram transferidos para a sede da resistência. Depois do disquete ter sido encontrado dentro de um porta-retratos, nenhum objeto ficaria inteiro. David não gostava da ideia de despedaçarem o seu passado, entretanto a vida de milhões de pessoas dependia daquilo. Além disso, ele não via há tantos anos essas coisas, que não fazia sentido lutar para mantê-las imaculadas. Por mais estranho que fosse ver pessoas que ele nem sabia o nome revirarem a vida de sua mãe, aquilo tinha que ser feito.

Porém, David tinha a certeza de que já tinha em mãos tudo o que precisava. Vince estava certo. A sua mente era a novidade na equação, e a sua própria história tinha as peças que faltavam nesse quebra-cabeças. Sua mãe era uma mulher inteligente demais para não deixar pistas pelo caminho. Ela sabia onde e com quem estava se metendo, e claramente queria alertar David. Agora restava descobrir o quanto ela sabia e como isso ajudaria a parar o Dia V. E talvez, quem sabe, encontrar o seu assassino.

Miranda entrou no aquário onde trabalhavam bem na hora em que David inseria o disquete no *drive* externo conectado ao computador.

— Batoriova está com medo do disquete estar danificado.

— A superfície magnética foi perfeitamente preservada. Vamos conseguir abrir. Vamos conseguir!

Os dois arquivos eram de um programa que já tinha saído de linha, contudo, com poucos cliques, David conseguiu converter os documentos. Um estava criptografado, então ele tentou o outro. Miranda se apoiou, curvada, sobre o ombro de David para ler as informações na tela do computador.

“Pedido de Demissão

A/C S. Cahill

Prezados,

Venho, por meio desta, comunicar a minha decisão de deixar a função de Chefe da Equipe Médica do Setor V. Embarquei nessa jornada na esperança de trazer mais conforto e liberdade para a nossa espécie, ajudando aqueles que queriam deixar o vampirismo ou criando maneiras de transformar os que gostariam de se juntar a nós. Infelizmente, meus objetivos não estão alinhados com os do Conselho.

Chegou ao meu conhecimento que não há intenção alguma de tornar essas transformações uma escolha para os humanos. E eu não posso, em sã consciência, fazer parte de uma ditadura, independentemente da espécie que estará na liderança.

Outro agravante é a descoberta de que as cobaias não estavam cientes dos riscos que corriam ao entrar no experimento. Choca-me saber que os meus líderes, para satisfazer os seus próprios interesses, deixariam pessoas acreditarem que não havia chance de óbito. Ter seis sucessos não justifica a morte de 7.559 pessoas.

Além de minha demissão, peço que considerem o término imediato desse experimento. Nenhum humano merece passar por isso e nenhum vampiro merece estar associado a este genocídio.

Atenciosamente,

Linda Silver.”

Miranda e David se olharam assustados. O que acabavam de ler mudava tudo. Havia um Setor V. Os vampiros estavam sendo enganados também, assim como as cobaias. O Dia V pretendia inaugurar uma ditadura vampírica. E quem era S. Cahill? Seria parente de Brian?

Porém, por mais que todas essas informações fossem chocantes, apenas uma se repetia na mente dos dois sem parar: seis sucessos.

— Sucessos?

Batoriova parecia tão descrente quanto eles.

— A senhora não tinha ideia disso?

— Claro que não, Orson. Sendo brutalmente sincera, não sei se teria largado o projeto se soubesse que havia sucessos! Conseguimos transformar humanos em vampiros? Não posso acreditar!

Seu rosto trazia uma satisfação mórbida. Qualquer um que a visse naquele momento pensaria que estava encantada com a notícia. Batoriova nem tentava esconder.

— Mas, como a minha mãe disse, seis sucessos não justificam a morte de milhares de pessoas. No nosso caso, bilhões. E, mesmo que o experimento tenha avançado nesses anos e agora seja só um soro para a transformação de humanos em vampiros, sem mortes, ainda assim é mandatório.

— Ditadura é realmente a melhor forma de definir. — complementou Miranda.

Beatrix Batoriova respirou fundo. Sentou-se em uma cadeira e gargalhou.

— Meu Deus! Vocês estão tentando me mostrar o que é o certo? Eu sei exatamente o que é o certo a se fazer aqui. Não confundam a minha alegria por novas pistas com uma felicidade pela resolução de uma vida de trabalho. Eu não tenho desejo algum de retroceder. Tenho motivos bem fortes que me mantêm no nosso caminho. — Seu rosto perdeu o sorriso que havia carregado as palavras anteriores. — Agora parem com essa palhaçada e terminem de me informar sobre os achados.

David e Miranda se olharam como duas crianças levando uma bela bronca da mãe. Ele focou em uma caixa no fundo da sala e tomou coragem para voltar a falar.

— Ainda não sabemos o que é esse Setor V. Imagino que esteja em algum prédio fora da CIA. Estou rodando um programa de busca nas pastas do Tellison para ver se surge algo e...

— Não precisa. — Batoriova falava tranquilamente. Parecia outra pessoa, como se a interação de segundos antes, simplesmente, não houvesse ocorrido.

— Não precisa?

— Todos nós já conhecemos o Setor V, David. É o Departamento Cinco. Chamávamos ele assim muitos anos atrás, mas houve uma reestruturação e decidimos mudar. A letra V também é o algarismo romano correspondente ao número cinco e seguimos com o número desde então. Achamos mais discreto do que usar a inicial da nossa espécie.

David se sentiu um imbecil por não ter ligado a letra V ao algarismo romano. Havia tanta coisa que não sabia, nem mesmo sobre a história do seu próprio departamento. Os segredos se empilhavam e cada nova descoberta zombava de David por ele não ter encontrado as respostas antes.

— E o segundo arquivo, o que é?

A pergunta abrupta de Batoriova o trouxe de volta para a conversa.

— Não sabemos ainda. Mais do que esconder o disquete, minha mãe ainda viu a necessidade de criptografar esse arquivo. Não tenho ideia de como ela fez isso. Ela era médica! De qualquer maneira, é uma criptografia bem rudimentar, mas, por estar em disquete, está dificultando um pouco as coisas. Deixei um programa rodando e devo ter o arquivo em quarenta minutos no máximo.

— Me avise assim que conseguir. Mas é importante já focarmos na próxima missão.

— A senhora já sabe qual é a próxima missão?

— Os sucessos, claro. Precisamos achá-los para entender como tudo foi feito. Assim descobriremos como ocorrerá o Dia V. E uma pessoa deve saber isso: Cahill.

David temia a hora em que isso seria mencionado. A carta de sua mãe estava endereçada a um tal de S. Cahill. Uma pista ótima, não fosse o fato de ser o mesmo sobrenome do seu melhor amigo.

— Você sabe quem é? É parente de Brian?

— Sim, David. Trata-se de Stefan Cahill, o pai de Brian.

51 dias para o Dia V

O humor no esconderijo da resistência mudou da água para o vinho. Todos estavam empenhados em descobrir tudo sobre Stefan Cahill. Batoriova nunca imaginou que ele pudesse estar envolvido, contudo fazia sentido. Ele era um homem extremamente influente, com dois irmãos no Conselho e uma linhagem de mais de seis gerações de vampiros. Sem contar o dinheiro.

O outro arquivo ficou disponível para acesso na hora prevista. Era mais um relatório de experimento, porém trazia novidades. A grande diferença entre esse e os outros tantos que David e Miranda haviam passado dias explorando era o resultado. Em vez de “inconclusivo”, a palavra usada tinha sido “positivo”. Tinham, em mãos, as informações de um dos sucessos. Ainda que repleta de tarjas pretas, era a prova de que precisavam para comprovar o que a mãe de David havia escrito.

Ao contrário da carta de demissão de Linda Silver, esse arquivo provavelmente havia sido copiado de um computador da CIA, o que explicava a criptografia. Não tinha sido obra de sua mãe; quando a cópia foi feita, o próprio servidor da empresa criptografou as informações. Linda Silver nem devia saber que isso tinha acontecido.

David ainda estava meio apático. Saber que o pai de Brian estava envolvido nos planos de uma ditadura vampírica o deixou mais abalado do que ele poderia imaginar. Se tinha uma coisa que não queria, era trazer Brian para essa história. Queria preservá-lo. Depois de anos de picuinhas sem sentido, tinha encontrado em Brian um amigo.

Porém, do mesmo modo que o fato de sua mãe estar ligada à Iniciativa fazia com que David, querendo ou não, estivesse até o pescoço nessa, acabaria sobrando para Brian. Não tinha como não sobrar. E David pôde confirmar isso logo.

— Você já fez isso antes, você sabe que é importante, não estou te entendendo.

Miranda estava assertiva e calma. Não demonstrava irritação, só queria realmente compreender.

— Fiz e me senti péssimo depois. Tanto que quando tentei fazer com você, não consegui. Ser agente de campo é uma coisa, Miranda. Outra é espionar os seus amigos. Não posso mentir para Brian. Não de novo.

— Ok, mas você entende que não interessa? Não interessa como você se sente, só a missão. Você quer descobrir o que aconteceu com a sua mãe, não quer? O pai do Brian é o mais perto que a gente já chegou! Não podemos ignorar isso por causa dos seus sentimentos. Isso é maior do que Brian, maior do que você.

— Nada vale mentir dessa forma. Eu faço isso há anos já com o tio Luke. Não vou fazer com o Brian.

— Então você já contou para ele que copiou o crachá? Já contou sobre o Dia V? Nessas trocas de mensagens dos últimos dias, falou sobre a sua tortura? Você prega uma moral, mas mentir por omissão ainda é mentir.

— Não prego nada, Miranda. Só não quero cruzar uma linha sem volta. Não vou mentir.

— Então o que você sugere? Como a gente vai grampear a casa dos Cahill sem você mentir?

— Simples. Falando a verdade.

— Você não está no seu juízo perfeito.

Miranda saiu andando em direção à janela do quarto de David. A conversa estava acontecendo há umas boas duas horas e ele podia ver que ela já estava um pouco cansada. Tinha entrado naquele quarto sabendo que teria que informar David de algo que ele não queria ouvir, porém aquilo já era demais. Ele queria arriscar tudo para contar a um amigo a verdade. Seria louvável, se o amigo não pudesse simplesmente pegar essa informação, alertar seu pai e acabar com todos os planos da resistência. David entendia que o que Miranda dizia fazia sentido para ela, mas não para ele. Ele precisava dar uma chance para Brian. Pedia a ela apenas o benefício da dúvida, contudo o seu não era incisivo. Os dois estavam irredutíveis.

David se aproximou de Miranda, segurou sua mão e a apoiou contra o seu próprio peito. Olhou, fixamente, em seus olhos.

— Confia em mim. Me deixa falar com ele.

— Eu confio em você, David. Meu problema é com o Brian.

— Você não acredita que ele vai ficar do nosso lado?

— Acredito que você acredita nisso. Mas é do pai dele que a gente está falando. Por mais que ele discorde de Stefan, se é que discorda, é o pai dele. Isso tem um peso...

— Ele discorda. Eu conheço o Brian. Ele nunca aceitaria transformar humanos em vampiros, muito menos se tivesse a chance de matar os humanos nesse processo. — David se apoiava no fato de Brian não dividir da opinião que humanos eram inferiores e também na conversa que tiveram no Lincoln Memorial. A forma assertiva como defendera lutar por uma causa maior, indo até o fim, mostrava que ficaria do lado da resistência. David tinha certeza. — E Watsen é como se fosse o seu pai e você está aqui.

— Depois de quebrar a cara. A minha e a sua. David, isso não vai funcionar. E francamente, Batoriova não está planejando perguntar a sua opinião. Vim aqui por cortesia te dar um aviso antes que aconteça. Mas vai acontecer.

David puxou Miranda para mais perto e segurou seu rosto entre as suas mãos.

— Sinto muito, mas não posso mentir.

— O que você pretende fazer?

— Ainda não sei. Vou tentar pensar em algo até Batoriova me chamar.

Miranda estava certa e David não tinha dúvidas disso. Por mais estremecida que fosse a relação de Brian com o pai, ele ainda era seu pai. David não tinha essa referência na vida, mas tinha tio Luke, que era o melhor pai que ele poderia querer. Mesmo sendo obrigado a mentir para ele durante todos esses anos, sabia que nunca poderia fazer algo como o que teria que pedir de Brian. Espionar um membro da sua própria família e buscar provas para acusá-lo de um crime merece um lugar especial no inferno.

Mas o que David poderia fazer? Apelar para o bom senso de Batoriova não funcionaria. Por mais que ela concordasse com os argumentos dele, suas mãos estavam atadas. Ela precisava usar tudo ao seu dispor para cercar Stefan e trazer um fim para o Dia V.

Então Brian não pode estar ao seu dispor.

O pensamento trouxe alívio para David. Tirar o trunfo das mãos de Batoriova antes que ela pudesse se preparar para usá-lo era um movimento agressivo de sua parte, entretanto era a única coisa que conseguia elucubrar. Teria que ignorar a lógica de Miranda, sair atrás de Brian antes que Batoriova cogitasse se preparar para abordá-lo e contar tudo. Era um tipo de traição à resistência? Era. Porém, era também uma escolha: a resistência e o futuro da humanidade ou o seu amigo e a sua consciência. Será que o bem maior valia arriscar isso?

As palavras de Brian ditas naqueles degraus, aos pés de Abraham Lincoln, permeavam sua cabeça. Contudo, a verdade era que as pessoas sempre fizeram atrocidades pelo bem maior. Trair, ferir, destruir, matar, morrer. Não há nada que as pare. Dobra-se a verdade para adequá-la à vontade de alguém e um milhão de justificativas vêm imediatamente servir de consolo para os que têm suas vidas arruinadas. Quando o bem maior deixa de ser bem e se torna mal?

Era exatamente isso o real significado do Dia V. Uma quantidade ínfima de pessoas com o julgamento afetado, lutando por algo que consideram certo e ignorando quem morre pelo caminho. Miranda havia mencionado a moral de David e esse era realmente o cerne da questão. A sua bússola moral tinha sido sufocada nesses últimos dois meses, porque tudo que ele via na sua frente era o assassino da sua mãe. Estava tão cego quanto os arquitetos do Dia V. Ele precisava deixar que ela o guiasse novamente.

Seu discurso era realmente convincente. David acreditava em toda a lógica que sua cabeça conturbada estava desenvolvendo. Contudo, pensando pelo ponto

de vista de Brian, nada disso fazia sentido. Ao contar para ele a verdade, faria com que o amigo se encontrasse na mesma estrada bifurcada em que se encontrava, entre o bem e a moral. David apenas estaria jogando sua responsabilidade para cima de outra pessoa. E em vez de ter que decidir entre contar a verdade para alguém ou o bem maior, Brian teria que decidir se trairia seu pai e buscaria evidências de que ele era um criminoso. Que tipo de amigo David seria se jogasse isso no colo de Brian?

Mesmo depois de toda a discussão com Miranda, de toda a sua maquinação filosófica, David teria que fazer justamente o que não queria, teria que usar Brian. Não fazer nada não era uma opção, deixá-lo sofrer também não.

Já era tarde da noite quando Batoriova chamou David ao seu escritório. Seus pés descalços traziam novamente aquela sensação de conforto, apesar dos traços de preocupação que estampavam o seu rosto. Normalmente, ela era impossível de se ler, porém agora era visível sua aflição.

David não tinha ideia de como seria o plano da almirante. A única coisa da qual tinha certeza era de que não ia gostar. E não gostou mesmo.

— Agente Silver, Brian Cahill quer vê-lo.

50 dias para o Dia V

Batoriova não era exatamente o tipo de pessoa com a qual se podia argumentar. Por mais que David deixasse claro que havia mudado de ideia, ela não demonstrava interesse algum na sua explicação. O fato de ele ter cogitado interferir já comprovava, nas palavras dela, deslealdade, imaturidade e fraqueza.

Belo combo de qualidades.

David, então, desistiu de tentar um diálogo. Deixou o discurso de Batoriova rolar madrugada adentro e focou sua mente nas duas coisas que realmente o angustiam: Brian estava lá e Miranda o havia traído.

Ela não estava presente na sala, porém, com certeza, sabia que aquilo estava acontecendo. David tinha falado que faria algo e, na mesma noite, Brian era levado para lá. Por mais que Beatrix não contasse como soubera dos planos dele, a informação não poderia ter saído de outra pessoa.

Entretanto, para o bem ou para o mal, aquilo havia feito com que Batoriova se apressasse em envolver Brian. Dentro daquele ambiente que considerava seguro, era mais provável conseguir controlar o rapaz caso ele não acreditasse em nada. Em vez de operar sem seu conhecimento para grampear os Cahill, seu plano era trazer Brian para o lado da resistência, querendo ele ou não.

— Ele é nosso prisioneiro?

Batoriova riu da pergunta.

— Isso é uma decisão dele, David. Não minha. — O sorriso abandonou seus lábios com uma rapidez assustadora. — E, se no fim das contas ele tiver que ser contido, eu espero que você saiba que a culpa é sua. Não estamos em um jogo, agente. Vidas estão em perigo, e você está brincando com seu ego enquanto pessoas estão morrendo.

— Eu não...

— Não tenho paciência para as suas desculpas. Ainda precisamos de você, infelizmente. Miranda achou que seria mais fácil para Brian aceitar as coisas se envolvesse seu nome e agora ele diz que só vai falar se for com você. Você está nos custando muito caro, agente Silver. Espero que esteja satisfeito.

Não adiantava tentar falar. Aquela conversa era um monólogo com o propósito claro de colocá-lo na linha.

David não tinha ideia de como Brian iria reagir. Ele havia mentido, omitido e também usado o amigo. David se perguntou o que faria se a situação fosse inversa.

Ficaria bem puto.

Porém, o pior para David era saber que agora Brian teria que tomar a decisão impossível. Não havia mais como contornar a situação. Não podia mais

mentir, não podia fugir. Enfrentaria Brian com toda a sinceridade, e ele seria forçado a escolher entre seu pai ou a raça humana.

Batoriova não tinha colocado Brian na sala de tortura. Pelo menos por enquanto, ele ainda era tratado com alguma civilidade. Estava em um escritório parecido com o dela, no segundo andar da casa. Quando David abriu a porta, Brian pareceu perder imediatamente a cor no rosto. Pálido e com o olhar fixo em David, ele foi até o seu encontro.

David entendia muito bem aquele olhar. Era o mesmo que estampara o seu rosto quando Miranda entrou para lhe dar o soco durante sua tortura. Não havia confiança ali, apenas o pavor da verdade.

Os dois ficaram parados a cerca de um metro de distância um do outro, sem se moverem. A porta atrás de David foi fechada por alguém e o quarto entrou em um silêncio fúnebre. Os olhos dos dois estavam travados um no outro. David não sabia por onde começar, mas não precisou.

— É verdade?

As palavras de Brian saíram secas. David não sabia o que Miranda havia revelado, contudo, sabia que ela não teria mentido. Não sobre aquilo.

— É.

— Meu pai e a sua mãe? Envolvidos em um plano de dominação vampírica mundial e que chega até o presidente dos Estados Unidos?

— Sim.

— Há quanto tempo você sabe disso?

— Do seu pai? Um dia.

— E do Dia V?

— Quase dois meses.

— Dois meses? Então, quando você me chamou para conversar no bar, você já sabia?

— Não que era isso. Fui enganado por Watsen a acreditar que era uma coisa boa para a nossa raça. E admito que não fiz muitas perguntas quando pensei que podia me ajudar a encontrar o assassino da minha mãe.

— O assassino da sua mãe?

— Sim. Minha mãe foi morta quando eu era criança.

— Eu sei, li na sua ficha quando você chegou ao departamento. Mas me lembro de ter visto que o caso foi marcado como latrocínio.

— Foi, mas eu sabia que não era. E agora, sabendo do Dia V e do papel que ela desempenhou, tenho certeza de que não foi tão simples assim.

Brian parou de fazer perguntas. Sentou-se afundando na poltrona perto da janela.

— Miranda me falou sobre a sua invasão ao prédio do FBI. Você não tem credenciais para entrar naquele prédio.

— Não, não tenho.

— Mas eu sim.

— Mas você sim.

David abaixou a cabeça. Não adiantava negar nada. Restava apenas aceitar sua parcela de culpa em tudo que estava acontecendo e entender o que quer que Brian decidisse.

— A carta de demissão da sua mãe. Eu posso ver?

— Claro! — David estava com a carta impressa dobrada no bolso de trás da calça. Andava com ela como uma forma inocente de sentir sua mãe por perto. Aquele simples pedaço de papel parecia mágico, com poderes de acalmar seu coração. Contudo, “calma” não era a palavra da noite.

— É, parece que ela estava falando com o meu pai mesmo. Não conheço muitos outros “S. Cahills” envolvidos com o governo. — Brian largou o papel no chão. — Do que vocês precisam?

— Vigiar seu pai. Já estamos monitorando seu dia a dia, mas é importante *hackearmos* seu telefone e seu computador pessoal. E é o tipo de coisa que não conseguimos fazer sem alguém infiltrado.

— Você quer que eu plante *bugs* no meu pai?

— Não. Queremos a chance de chegar perto o suficiente dele para que a gente plante sem que haja desconfianças.

— E se eu der essa oportunidade, vocês me deixam ir?

— Não sou eu que estou liderando, Brian. Espero que sim, vou falar para eles que sim, e se você cooperar, não teria por que te deixarem aqui.

— Cacete, David! Você não aprendeu porra nenhuma?

David nunca havia visto Brian estourar daquela forma. Ele chegava a tremer de fúria, entretanto não se levantava. Trincava os dentes ao falar e segurava o braço da poltrona com uma força que podia quebrar o móvel a qualquer instante. David permaneceu calado.

— Watsen te pede para fazer algo, você faz sem questionar. Batoriova te pede para fazer algo, você faz sem questionar. Quando é que você vai questionar qualquer coisa na sua vida? Você trai seus amigos, mente para o seu tio. Sério, o que é um limite para você?

— Eu questionei, Brian. Questionei inclusive para você naquele dia no Lincoln Memorial, lembra?

— Era isso que estava na sua cabeça? Você queria reafirmar para si mesmo que não estava sendo uma pessoa ruim?

— Eu estava perdido, Brian. E você me ajudou a entender a importância de uma causa. Hoje eu estou aqui te pedindo exatamente isso. Não vamos te usar, mas preciso que você entenda o que está em jogo.

— Não vão me usar? David, olha em volta. Isso é a definição de me usar! Vocês querem algo do meu pai e precisam de mim para conseguir. Eu tenho total consciência de quem meu pai é. Ele é frio, racista e calculista. Poderia fazer isso que vocês estão falando? Talvez. Não tenho um relacionamento tão bom assim para colocar a minha mão no fogo por ele. — Brian se levantou da cadeira e fincou seus pés na frente de David. — Mas ele nunca me escondeu quem era. Agora me diz, quem realmente é você?

— Por mais incrível que possa parecer, sou seu amigo, Brian. Me deixa te provar isso. Me deixa contar o que aconteceu, quero te explicar...

— Já está tarde. — cortou Brian. — Eu quero ficar sozinho. De manhã você me conta as suas aventuras. Agora eu quero paz.

— Ok, vou te deixar descansar.

David chegou ao corredor segurando as lágrimas que se formavam. Com a quantidade de água na frente dos olhos, foi difícil perceber o vulto de Miranda na frente da porta do seu quarto.

— Podemos conversar?

David contornou Miranda ignorando o que falava, entrou no quarto sozinho e trancou a porta.

Brian estava mais tranquilo quando David entrou, novamente, no escritório. Havia dormido numa cama improvisada, em um sofá que ficava nos fundos da sala. As cortinas estavam escancaradas, e Brian tomava sangue num copo enquanto olhava através das janelas para o jardim.

David contou tudo: desde o primeiro dia na CIA com Watsen, passando por sua tortura, até a noite anterior ignorando Miranda. Os dois não interagiam durante o discurso, mas, de vez em quando, Brian balançava a cabeça, demonstrando que estava entendendo. Não era a receptividade usual das conversas que tinham normalmente, entretanto ao menos ele se mostrava aberto.

— A última coisa que eu queria era esse momento agora. Você aqui, tendo que tomar essa decisão. Mas o que você quiser fazer, eu vou te apoiar. Se você quiser ajudar a resistência, vou ser o cara do seu lado *hackeando* o seu pai. Se você não quiser, foda-se tudo isso e eu armo um jeito de te tirar daqui.

— Foda-se tudo isso? E deixamos uma espécie inteira morrer?

Era a primeira coisa que Brian havia dito desde que abrira a porta da sala para David.

— Eu não quero isso. Mas o que você está passando... Não era para ser assim. Desculpe. Não era para ser assim.

Brian observava o copo e com o polegar, cuidadosamente, limpava algumas gotas de sangue, que estavam na borda do objeto.

— Eu vou ajudar vocês. — A voz soou decidida, porém baixa. — Só tenho uma condição. Não quero esse carnaval de sei lá quantas pessoas dentro da casa dos meus pais, revirando a minha vida. Se a gente vai fazer isso, vai ser só a gente. Eu e você. Depois você divide o que descobrirmos com todos aqui, mas não tenho como confiar neles.

— Eu entendo, mas Batoriova também não está com a confiança lá no alto no que diz respeito a mim.

— Não me surpreende... Miranda então. Eu, você e Miranda. — David respirou fundo. Brian percebeu. — Ela também não é a minha pessoa favorita, mas não vejo muita escolha. Existe mais alguém aqui que tanto você quanto Batoriova confiem?

A boca de David se abriu em um sorriso. Alguns dias atrás, jamais teria pensado que chamaria quem veio à sua mente de “alguém de confiança”, contudo era exatamente isso que ele era. Não havia ninguém melhor para a tarefa que teriam pela frente.

O destino e suas ironias.

42 dias para o Dia V

Vince Morgenstein estava com um terno que combinava com a sua atitude. Seu olhar penetrante e ligeiramente enfadado, juntamente com a sua fina e longa gravata, lhe dava um ar de James Dean, que chamava a atenção. David tinha conseguido um terno melhor do que o seu velho, que usara na invasão ao FBI, porém se sentiu um pouco apagado perto de Vince. Até que Brian saiu de seu quarto. Ele vestia um blazer que deveria custar mais caro do que o esconderijo da resistência inteiro. Com óculos de sol pendurado na gola da camisa social e um relógio que reluzia no seu pulso, estava seguindo um *dress code* bem claro: milionário.

Se Brian algum dia tinha sentido dúvida, não demonstrava mais. Sua leveza estava de volta, e David acreditava que havia conseguido reaver a sua amizade. E até a ampliara. Vince tinha sido uma boa adesão ao grupo. Apesar de estarem um ambiente sufocante, com Batoriova vigiando os três como um falcão e a iminência de um apocalipse vampírico, eles haviam conseguido criar laços fortes e, até mesmo, se divertir.

Batoriova não pareceu se incomodar com a necessidade de Brian em tocar as coisas sem a interferência da resistência. Também não se importou se ele ficaria chateado com suas frequentes intromissões. Deixava claro que era a líder, mesmo com seu time voando sozinho. Ainda tentou introduzir Miranda ao grupo, contudo, rapidamente, entendeu que ela não era bem-vinda.

Por mais que David soubesse dos motivos que a levaram a agir daquela forma, ainda machucava. Ele tinha confiado nela e ela traiu isso, não apenas revelando seus planos para Batoriova, como também naquele dia em seu escritório. Um dia que agora parecia tão distante, porém que veio à tona com toda a força no peito de David. Era difícil relevar mais essa sabendo que aquilo era um hábito de Miranda. Ela o traía sempre.

As interações entre os dois dentro da resistência passaram a ser mínimas. Miranda tentou conversar duas vezes com David, mas em vão. Eventualmente ela desistiu. Logo depois, Batoriova a encarregou de liderar as buscas pelos seis sucessos. Havia muito trabalho a ser feito e pouco mais de um mês até o Dia V.

A limusine já esperava os três na frente da casa. Brian entrou primeiro e começou a abrir a garrafa de champanhe que os aguardava. Ele levantou duas taças e as ofertou aos outros. Vince movimentou cabeça negando.

— Você quer se infiltrar ou não? Ninguém chega totalmente sóbrio numa festa em um iate. Se você não estiver com um leve cheiro de bebida no seu hálito, você não pertence.

Vince olhou para David como se buscasse aprovação. Apesar de estarem trabalhando juntos vinte e quatro horas por dia, Brian ainda era território novo.

David esticou a mão para pegar uma taça, encorajando Vince a fazer o mesmo. Mais do que se misturar na multidão, David simplesmente estava precisando de uma bebida. Champanhe não teria sido a sua escolha se tivesse opção, porém qualquer álcool serviria.

O líquido balançou com o arrancar do luxuoso carro, deixando pingar um pouco na perna de David. Contudo, ele não percebeu. Olhava para um ponto fixo enquanto refletia sobre os últimos dias. Tudo tinha sido tão corrido! Mas aquela festa era uma oportunidade que não podiam perder. Era o aniversário de cinquenta anos de Stefan Cahill, uma idade tão falsa quanto as mentiras que David contava para tio Luke. E ia acontecer no iate que ele usava como sua residência particular, desde que começou a viver um casamento de aparências com a esposa. Estar presente não seria possível sem Brian. Era o que eles precisavam para conseguir novas pistas sobre o Dia V. O lado ruim? Se desse algo errado, os três estariam trancados dentro de um barco com um possível assassino em massa.

Porém, não era nisso que David estava pensando.

Stefan Cahill era um homem com amigos importantes e os dois tinham uma pessoa em comum. Brian já havia confirmado que era provável a sua presença, o que deixou David com um arrepio que teimava em não sumir.

Phil Watsen estaria lá.

O iate dos Cahill era realmente uma visão magnífica. David entendia tanto de barcos quanto de arte, mas a imponência que aquele iate demonstrava era forte demais, até mesmo para um leigo negar. Eles chegaram à marina pouco antes das três da tarde, em um domingo com céu aberto e águas calmas. Clima favorável, iate riquíssimo e um dia de comida e bebida de graça. O que poderia ser um sonho para muitas pessoas, para David era um pesadelo.

A festa já estava acontecendo desde uma da tarde, no entanto Brian vetou a chegada deles antes das duas.

— Nunca cheguei numa festa na hora. Não vou começar por essa. Sou rico, David. O iate vai me esperar.

E esperou. David havia conhecido um Brian diferente nos últimos meses, entretanto a preparação para aquele evento o colocou no seu modo escrotinho. A diferença era a ironia em seu tom. Ele não achava realmente que as outras pessoas devessem esperá-lo, mas sabia que elas o fariam. Sempre. Independentemente de ser um evento de sua família ou não. Era um mundo injusto, porém o

conhecimento que Brian possuía desse universo tão distante de David valeria muito para a resistência.

Brian era parado e cumprimentado por todos enquanto andavam pelo barco prestes a zarpar. Seu sorriso cativante não ficava mais do que alguns poucos segundos nos indivíduos, que pareciam brotar do chão para conseguir a sua atenção. Vince e David caminhavam alguns passos atrás. Era como se Brian fosse o rei daquele estranho país e eles ocupassem a ducentésima trigésima sexta posição na linha de sucessão ao trono. Ou seja, ninguém queria saber deles.

O ambiente central do majestoso barco era amplo e, apesar de um grande número de convidados, tinha espaço de sobra. Uma banda em destaque no canto do salão tocava um *jazz* animado. Pelo menos David achava que era *jazz*. Música, assim como arte e barcos, não era o seu forte.

No meio de todos, a figura de Stefan Cahill surgia entre gargalhadas regadas a uísque. David já havia visto e revisto fotos nos dias de preparação antes do evento, mesmo assim ficou impressionado com o quanto ele se parecia com Brian. Ao seu lado, Donna Cahill, mãe de Brian, forçava o rosto para que exprimisse alguma felicidade em estar ali. Brian havia sido muito honesto sobre a relação de seus pais. Depois de quase oitenta anos juntos, os dois vampiros, que haviam se unido em um casamento arranjado, não se aguentavam mais. Donna permanecia na enorme mansão dos Cahill, em Spring Valley, enquanto Stefan passava seus dias e noites no iate. Nos eventos sociais, exibiam seu glorioso casamento. A portas fechadas, não suportavam a presença do outro.

Donna pareceu se iluminar ao ver o filho. Saiu completamente de seu contentamento forçado e ficou genuinamente feliz com a sua presença. Brian também. Toda a sua máscara de menino esnobe caiu no segundo em que viu sua mãe. Foi em sua direção de braços abertos. Ela correspondeu ao movimento e ficaram os dois em um abraço apertado. Trocavam palavras entre si, porém David não conseguia ouvir o que diziam. Stefan olhava a cena ligeiramente incomodado. Demonstrações de afeto não eram o seu forte.

Quando o longo abraço acabou, Brian se virou para o seu pai. Respirou fundo. Esticou a mão.

— Parabéns, senhor.

— Obrigado, Brian.

E foi isso. Essa foi a interação. David se perguntou se tudo que Brian tinha descoberto ao longo dos últimos dias teria afetado a forma como se falaram. Contudo, Stefan não estava surpreso com o cumprimento frio. Seu sorriso ao agradecer parecia sincero. Não o ter abraçado era o melhor presente que Brian podia dar ao pai.

— Quem são seus amigos?

Donna sorria para Vince e David com ternura enquanto fazia a pergunta. Eles ficaram levemente chocados por terem sido percebidos.

— Este é Vince Morgenstein e esse aqui é o David Silver, mãe.

— David Silver?

Ela estava claramente surpresa com o nome. Olhou para o filho como se não entendesse. Da mesma forma que David usava tio Luke para reclamar do chefe, Brian também tinha por perto um ouvido pronto para receber as críticas sobre o seu funcionário reativo.

— Não parece, mas ele é gente boa, mãe. — Brian concluiu a frase com uma batidinha no ombro de David.

Stefan já tinha perdido o interesse na conversa. Estava virado de costas, dando atenção para algum bajulador que queria saber a velocidade máxima do iate. Ele respondia animado. Muito mais animado do que falara com o filho.

Por outro lado, a interação com Donna foi um verdadeiro refresco. Ela superou rapidamente o choque ao ouvir o nome de David e se pôs a querer conhecer tanto ele quanto Vince. Os três rapazes riam com ela e, por um segundo, conseguiram colocar de lado o peso do que estavam ali para fazer. David entendeu por que Brian gostava tanto da mãe. Era muito fácil interagir com Donna.

Como Stefan pode não amar essa mulher?

Ela era divertida, inteligente e deixava Brian tão feliz. Seu jeito fazia David se lembrar de Linda Silver. Se estivesse viva, eles poderiam ter tido aquela cumplicidade. Porém, ele nunca conseguiria. E tudo por causa da Iniciativa Blackwater. Eles a haviam matado, disse David tinha certeza.

Seu pensamento lhe trouxe a imagem de Watsen vendendo o Dia V como algo maravilhoso, o que amargou ainda mais a sua alegria. Como Batoriova dissera, ele havia jogado com David e com a memória de sua mãe. E isso não ficaria impune.

Ele tentou se acalmar. Aquela não era a hora de se deixar levar por sua sede de vingança, tinha que se concentrar e tirar o foco de Watsen. Mas sabia o quão difícil seria conseguir isso.

Um toque no seu braço o ajudou a se livrar de seus pensamentos. Ele virou displicentemente, porém surpreso por alguém querer falar com ele. A surpresa aumentou com a visão que tinha na sua frente.

Phil Watsen o olhava com um sorriso duro nos lábios. Ao seu lado, Miranda Orson trazia a mesma expressão.

Silêncio. Se foram cinco segundos ou cinco minutos, David não sabia. Não tinha como saber. Estava tão abalado que não conseguia pensar em nada, nem ao menos formular um “oi” sequer. Absolutamente nada.

— Phil! Como vai?

Brian era mesmo maravilhoso. David precisava dele e ele correu para seu socorro. De maneira sutil, Vince fez o mesmo. Deu apenas um passo para o lado de David, mostrando que estava pronto para qualquer eventualidade. Se tinha alguém que sabia o quanto David podia perder a cabeça, esse alguém era Vince. Donna não percebeu o clima entre eles, mas conhecia Phil Watsen há muitos anos, então entrou na conversa também.

— Phil, que prazer em te receber! Chegou agora?

— Sim, pisamos no iate segundos antes de ele zarpar.

Zarpar?

A palavra despertou David, que olhou em volta, rapidamente. Não estavam mais ancorados. Além de estar preso em um navio com um possível assassino em massa, David agora estava preso com Watsen. Um homem que, além de ser assassino, devia saber quem era o real responsável pela morte de sua mãe.

Inúmeros cenários passaram pela sua mente. No primeiro, David pegava o copo de uísque de Stefan e enfiava no olho de Watsen. Em outro, começava a esmurrar a cara do diretor da CIA, assim como tinha feito com Vince alguns dias antes. Também havia aquele em que ele simplesmente começava a berrar, no barco, que queria a verdade, que queria saber quem tinha matado Linda Silver. Porém, nada poderia ser feito. Tinha que se forçar a superar seus desejos de vingança e sorrir.

Superar e sorrir.

— Que bom que conseguiram embarcar, senhor.

O fim da frase de David saiu ligeiramente esganiçado. Enquanto ele lutava para se manter calmo, Miranda se revelava uma mentirosa nata.

— Não sabia que você vinha, David. Tanto tempo que não te vejo! Como estão as férias?

Ela passava uma serenidade que David invejava mais que tudo agora. Ele não podia acreditar que ela não havia contado que estaria no evento também. Por mais que não dividissem as coisas, Batoriova vivia rondando e tinha total consciência do que eles iam fazer. Por que ela não disse nada?

Talvez porque o idiota aqui não tenha deixado ela abrir a boca nos últimos dias?

Culpa. Um sentimento tão presente na vida de David. Era como se tudo que ele vinha fazendo estivesse errado. A lista de desculpas era tão grande que ele nem sabia mais por onde começar. Ver Miranda ali fez com que entendesse o que estava

arriscando. Sem saber o real objetivo que a levaria até o navio, os planos dos dois poderiam ser prejudicados. Ele precisava ter engolido seu ego e trabalhado como um time. Por mais que não trocassem confidências ou carícias, a missão era a única coisa que importava. Brian não queria dividir informações também, mas de alguma forma tudo ressoava como uma nova falha de David.

Ele deu uma resposta breve sobre como as férias estavam indo bem e se voltou para Watsen, que o encarava. Pelo seu rosto imóvel, a impressão que o diretor passava era que ainda não tinha olhado para outra pessoa além de David.

— Vamos dar parabéns ao homem do dia? — disse Watsen. Miranda balançou a cabeça concordando. — Divirtam-se.

A voz de Stefan cumprimentando Phil Watsen foi um alívio. Continuar tendo que lidar com aquele homem era a última coisa que David queria.

— Mãe, vou levar meus amigos lá no escritório para mostrar a coleção de barcos em garrafas do pai, ok? Você vai ficar bem sozinha?

Donna esticou a mão para trás como se pressentisse o garçom e a retornou já com uma taça de champanhe em punho.

— Eu nunca estou sozinha, querido.

Os dois riram e se abraçaram novamente.

David e Vince se despediram e começaram a seguir Brian.

O escritório era ínfimo, mas muito organizado. O destaque, com certeza, era as garrafas com barcos dentro. Pelo que Brian havia falado no caminho até lá, Stefan tinha algumas que datavam do começo do século XIX. Não que eles realmente se importassem com isso. Discorrer a respeito durante o trajeto era apenas uma forma de corroborar a história contada a Donna, porém não deixava de ser menos impressionante. David não era um aficionado por barcos em garrafa, contudo, tendo o conhecimento de que Stefan era vampiro, ele se perguntava se o passado daqueles objetos não estaria ligado à vida do homem por trás da coleção. Mais de setenta itens de alto valor, dispostos com o maior zelo em uma cristaleira trancada.

Brian deixou os outros dois passarem e fechou a porta atrás deles.

— Se meu pai sabe algo sobre o Dia V, vai estar aqui. Eu fico com a cristaleira, David checa o computador e Vince revira os armários. Daqui a pouco o senhor Cahill vai ficar bêbado o suficiente para começar a fazer *tours* para mostrar essas coisas inúteis que ele ama mais do que a própria família, então vamos correr, por favor. Sem contar que não temos ideia do que Miranda vai fazer.

O nome de Miranda afetou David.

— Teríamos, se tivéssemos dividido com ela o que estávamos fazendo.

Brian não gostou do comentário. Virou para David como se estivesse pronto para puxar uma briga, mas Vince interveio.

— Miranda sabe exatamente o que estamos fazendo aqui e ela não é idiota para arriscar a nossa missão só porque estamos trabalhando sozinhos. A pergunta é: nós somos idiotas para arriscar a missão por causa de uma conversa que claramente pode ser tida depois?

David e Brian desengajaram do combate e assumiram suas posições no pequeno cômodo. Brian não somente sabia o código para o cadeado eletrônico da cristaleira, como também a senha do computador do pai. *Hackear* assim nem podia ser considerado *hackear*. Em dois segundos, David estava com acesso a tudo que Stefan possuía no universo digital. Além de fazer uma cópia dos arquivos que estavam no *laptop*, ele deixou rodando um programa camuflado que, a cada duas horas, atualizaria um servidor na nuvem com qualquer nova informação que fosse armazenada por Stefan.

Enquanto David terminava seu trabalho, Brian tateava o interior da cristaleira, tentando achar algum compartimento secreto. Revirava também as garrafas sem saber ao certo o que buscava. Do jeito que seu pai idolatrava aqueles objetos, Brian parecia desejar que ao menos escondessem algo mais importante. Mas não era o caso.

Vince tinha uma tarefa mais manual. Arrombava da maneira mais delicada possível os gabinetes ao lado da mesa do computador. O fato de que tinha que trancá-los novamente tornava sua ação um pouco mais difícil, no entanto ele era um agente de campo experiente, bem mais do que David ou Brian. O que teria sido resolvido em minutos por eles, demorou segundos nas mãos de Vince. Os armários possuíam inúmeras pastas e envelopes, entretanto uma rápida busca mostrou que eram bem mais importantes para o pessoal do Imposto de Renda do que seriam para a resistência. A maioria eram registros de investimentos em bancos suíços e nas Ilhas Cayman, além de extratos bancários das mais diversas instituições ao redor do mundo. Vince continuou revirando os papéis, tomando o maior cuidado para colocar tudo de volta no lugar. Quando já estava prestes a fechar o segundo gabinete, ele se deparou com uma folha que travou sua respiração. Inalou e exalou profundamente, obrigando o fluxo de ar a retomar o ritmo, antes de alertar os outros.

— Acho que encontrei algo.

David e Brian se viraram em sua direção na mesma hora. Brian deixou um inaudível “não” sair sem querer de seus lábios, porém sabia que Vince não os teria chamado, mesmo com um tom de incerteza, se o papel que tinha em mãos não

revelasse o envolvimento de seu pai. Vince começou a levantar para mostrar o que havia conseguido, quando a maçaneta da porta se moveu. Alguém tentava entrar.

Rapidamente, Brian fechou a cristaleira e Vince tirou uma foto do documento com o celular e trancou o gabinete. Os três ficaram parados olhando uns para os outros sem saber ao certo o que fazer. Brian havia falado para a mãe que ia levá-los para ver os barcos, mas trancar a porta seria muito suspeito nesse cenário. Um movimento necessário para garantir a segurança dos três enquanto procuravam pistas, contudo que acabava de destruir o álibi que haviam criado, ainda mais considerando que ali realmente havia provas que ligavam Stefan ao Dia V.

Brian apontou para a escotilha que ficava na parede atrás da mesa do computador. David foi correndo na sua direção e a abriu. Estavam no andar inferior e a escotilha dava para o deque superior, que parecia estar vazio. David se jogou para cima e virou para ajudar os outros. Mas era tarde demais. O barulho de chave rodando na fechadura os advertia que não havia tempo para saírem.

Vince estendeu a mão para Brian, que imediatamente entendeu o que ele intencionava. David teve que se afastar da escotilha para que sua presença não entregasse os dois, entretanto não antes de observar um sorriso formando-se no rosto de Vince e o beijo caloroso que se seguiu.

— Brian?

— Pai?

David escutava a desconfortável conversa do deque, mas achou melhor andar de volta para a festa e ficar sabendo dos detalhes depois. Enquanto caminhava, pensou sobre a expressão de Vince. Era possível que ele gostasse de Brian de verdade? A cena de comédia romântica que havia acabado de acontecer fazia com que pensasse que sim. David se pegou torcendo para que eles se descobrissem apaixonados. Seria maravilhoso se alguém saísse feliz dessa história toda.

No salão principal, Miranda dançava com Watsen. Eles conversavam sobre algo que se refletia em felicidade nas feições de ambos. Tudo era bizarro demais para David, que resolveu descer a cena goela abaixo com uma taça de champanhe. Se tinha uma coisa que as missões de David envolvendo Miranda tinham em comum, era a presença de álcool.

Ele não percebeu quando Donna se aproximou.

— David? Seus amigos te abandonaram?

Ele deu um sorriso recheado de segundas intenções.

— Eu que os abandonei. Senti que precisavam ficar sozinhos, sabe?

Donna não pôde deixar de soltar uma gargalhada.

— Sei sim. Já tinha percebido.

Já?

— Então, vamos aproveitar a festa? Venha, vamos dançar.

David assentiu. Deixou sua taça vazia com um garçom e levou Donna para a pista. Ela era realmente encantadora. Falava com David como se já fossem velhos conhecidos e fazia piada com tudo ao seu redor. Parecia cansada da vida da alta sociedade, mas não de uma forma que a deixasse amarga. Ao contrário, via as fachadas ao seu redor com tanta clareza que transformava os problemas em alívios cômicos.

David parou a dança ao sentir um toque no seu ombro. Era Brian.

— Posso interromper? Gostaria de dançar com a bela dama.

Donna abraçou o filho e saíram bailando sem perceber as pessoas em volta. David se viu ao lado de Vince, que estava acendendo um cigarro.

— Nossa, foi tão bom assim?

Vince olhou de relance para David, sem responder. Soltou a fumaça com uma expressão que deixava de lado qualquer resquício de contentamento.

— Temos um problema.

— Como assim?

Vince puxou o celular do bolso do paletó e o entregou para David. O rapaz viu a imagem na tela e, por um segundo, não entendeu qual era a questão. Mas, então, tudo fez sentido.

Era a mesma carta que sua mãe havia escrito, a sua carta de demissão. Porém, essa carta impressa que Vince encontrara estava assinada. Assinada por sua mãe, Linda Silver, e pela pessoa a quem a carta havia sido entregue, S. Cahill: Donna Sybil Cahill.

41 dias para o Dia V

O sangue manchava a parede branca criando formas mórbidas contra a tinta clara. No chão, os cacos de vidro do copo quebrado reluziam com o efeito do sol que entrava pela janela. Brian estava sentado na poltrona do seu aposento com as mãos no rosto em sinal de total perplexidade. Seu grito abafado tinha se calado antes mesmo de o copo chegar à parede. Era verdade. Não adiantava tentar esconder. Aquela era a letra de sua mãe.

— Eu preciso ficar sozinho.

Vince andou na sua direção e se ajoelhou do seu lado.

— Temos que avisar Batoriova. Espero que entenda...

— Faça o que tiver que fazer. — Brian não virou para Vince. Seu rosto estava voltado para a janela, mas sem realmente focar em nada. Aquela informação era demais para digerir. David entendia muito bem o sentimento.

Ver sua mãe naquela fita tantos dias atrás havia tido um efeito similar. Sua mãe envolvida com algo nefasto, com o potencial de acabar com a humanidade. Porém, tudo tinha sido amenizado com a descoberta da carta. Linda Silver não queria participar daquilo. Já a mãe de Brian, bem, era outra história.

Vince e David saíram do quarto de Brian sem saber o que fazer. Tinham embarcado nessa jornada com o intuito de desmascarar Stefan e quem sabe conseguir respostas, contudo, mesmo com a informação de que Donna estava de alguma maneira por trás dos experimentos, não tinham nada que revelasse um próximo passo. Estavam no lugar errado, espionando a pessoa errada. Stefan sabia da existência do Dia V, isso era claro, mas se também estava envolvido não podiam comprovar ainda. O seu computador não havia revelado nada nesse sentido. Eles tinham que começar do zero.

Porém, Vince estava certo. Independentemente da próxima missão, o passo que teriam que dar agora era óbvio: precisavam comunicar a Batoriova o que tinham encontrado.

— Donna?

— Sim, almirante.

Vince tomava as rédeas da conversa. David só conseguia ficar do lado, concordando com o que era dito. O choque havia sido grande para ele também. Veio em sua mente o primeiro encontro que teve com Brian, no bar perto de sua casa. A história que ele havia contado sobre a reação de sua família a um namorado humano. Donna tinha sido a única pessoa que não tinha tratado o rapaz mal. E, mesmo que tudo fosse mentira e ela tivesse detestado Martin, parecia tão distante a ligação entre não gostar de um namorado do filho e propor genocídio. No entanto, sua mãe havia cruzado essa linha. Era tão difícil acreditar. Por mais que tivesse

falado com ela por poucos minutos, Donna era o oposto do que David esperava de um assassino em massa. Tão alegre, tão desprendida, tão amiga.

— Vou repassar a Miranda o que vocês encontraram. É importante ela ter esse olhar nas investigações que está conduzindo sobre Watsen.

David gelou.

— Watsen?

— Sim, é a nossa única pista. Além de Donna, claro. Miranda está encarregada disso. Algum problema?

— Não, nenhum.

A missão de Miranda no iate era o próprio Watsen?

Aquele pensamento o acalmou. Ver seu riso solto ao dançar com Phil Watsen, por mais que negasse, havia mexido com ele. Era como se ela o traísse novamente. Ele sabia que tinha a ver com os planos da resistência, mas não ter o conhecimento do que era o tinha abalado. Miranda estava investigando o homem que era o pai que nunca tivera. Estava fazendo aquilo que tinha evitado durante anos.

Ela deve estar péssima.

David pensou sobre como a luta deles era contra os planos de seus pais. De uma forma ou de outra, Linda Silver, Donna Cahill e Phil Watsen tinham colocado em movimento algo tão tenebroso, que estava nas mãos deles, os filhos, correr contra o relógio para impedir.

Quase um episódio de programa de auditório da TV aberta.

— E Brian? Ele ainda está conosco?

— Claro, almirante. — Vince falou com propriedade, como se não houvesse dúvida por trás de suas palavras. David não tinha tanta certeza assim. — Ele só precisa de algumas horas para se recuperar do choque.

— Ótimo. Continuem com o bom trabalho.

Bom trabalho.

Batoriova não havia usado ironia em sua frase, contudo David não podia ignorar que aquele trabalho estava causando mais dor do que trazendo resultados. Todos ali já haviam passado por provações que exigiam demais. Miranda e David conseguiram superar e estavam na luta ainda, ambos com um desejo de vingança atrelado à vontade de salvar os humanos. Brian precisava chegar nesse ponto. Ele simplesmente precisava.

Vince alertou que seria melhor deixar Brian sozinho para que conseguisse colocar as ideias no lugar. David assentiu de maneira reticente. Queria entrar no quarto de Brian, conversar com ele, entender o que estava passando, ajudá-lo a superar o mais novo trauma que a Iniciativa Blackwater tinha infligido. Porém, ele

sabia que Vince estava certo. Por mais que quisesse apoiar Brian, não havia nada que pudesse fazer.

Os dois se dirigiram para o jardim. Precisavam daquela paz. Depois de dias de planejamento, a missão tinha trazido um clímax amargo.

David não percebeu quando Vince se ausentou para ir à cozinha, apenas viu a cerveja gelada na sua frente e ele, em pé, lhe oferecendo aquele pequeno conforto. Vince se sentou novamente e acendeu um cigarro.

— Você tem fumado muito.

Vince expirou a fumaça sem se importar com a crítica.

— Tenho me preocupado muito.

— Com Brian?

— Também.

Ele trouxe mais uma vez. David queria falar do beijo. Falar que viu a sua expressão, que sabia que não era apenas uma atuação, que eles deveriam se dar uma chance. Porém, não era a hora. Nem para aquela conversa, nem para Vince e Brian. Não depois de tudo que Brian havia descoberto. E ainda havia tanto que precisavam descobrir. Se alguém podia entender isso, essa droga de *timing* miserável, esse alguém era David.

— Precisamos falar com a Miranda. — afirmou David.

— Concordo.

— Mas Brian...

— Brian vai superar. — Vince o cortou.

— Você está tão confiante disso. Mas ele queria trabalhar sozinho quando achava que era o pai com quem não se dava muito bem por trás de tudo. Agora, sabendo que é a mãe que tanto idolatra, por que você acha que ele estará mais aberto?

— Porque agora é demais para ele. E ele sabe disso.

Os dois viraram a cerveja em uma sincronia praticamente programada. David se levantou e começou a se movimentar na direção da sede. Vince não se moveu.

— Você não vem?

— Acho que vocês precisam ter essa conversa a sós.

— Quando você se tornou essa pessoa sábia? — O sarcasmo de David não passou despercebido.

— Sempre fui. Você só era muito idiota para notar.

Os dois riram da troca de farpas adolescente e David seguiu o seu caminho.

Miranda não falava. De braços cruzados, sentada dentro do aquário onde trabalharam juntos por tantos dias, sua reação às palavras de David era mínima. Um ajeitar na cadeira aqui, uma levantada de sobrancelhas ali. Nada que permitisse a ele entender o que ela poderia estar pensando. Acreditava nas desculpas dele? Compreendia como ele havia se sentido? Estava disposta a trocar informações e voltar a agir em parceria?

David deixava espaços de silêncio entre suas frases para que ela tivesse a chance de inserir algum comentário, ao menos alguma respiração mais forte, mas nada. Miranda permanecia de ouvinte, sem interferir no discurso que David havia preparado com tanto cuidado.

Quando as palavras acabaram, ele esperou um instante e, ainda sem resposta, saiu da sala. Miranda não o impediu. Nem o seguiu. De relance, ele pôde ver aquela figura sem movimento através da parede de vidro.

Amanhã. Amanhã eu tento de novo.

No seu quarto, David ficou repassando todo o seu texto, buscando onde podia ter errado. Ele pediu desculpas, porém deixou claro que estava magoado. Esperava desculpas do outro lado também, mas veio apenas a indiferença. O que ela queria dele? Ele estava exposto, com o coração na manga, e ela nem tentou. Por mais que não ficasse implorando o perdão de David, ele acreditava que ao menos teria cordialidade para que seguissem tocando o trabalho como um time. Não era pedir muito. Inclusive, era o mínimo. Miranda era uma mulher madura e objetiva, ela entendia a importância daquela luta. Tanto que agora investigava o homem que tinha como pai. David estava certo de que, depois daquela conversa, tudo voltaria ao normal.

Aquilo o deixava com raiva. Ela também tinha errado! Também tinha magoado a relação. Por que estava tudo na conta de David? Eles precisavam fazer tanta coisa, investigar tantas pessoas, descobrir tudo e salvar a humanidade. O prazo era curto demais para esse tipo de comportamento.

Deitado na cama, perdido nos seus pensamentos, David não percebeu quando Miranda entrou no quarto.

— Estou indo plantar *bugs* no escritório do Phil. Você vem?

“Me desculpa” é tão difícil assim?

40 dias para o Dia V

O prédio da CIA não tinha horário de funcionamento. Com missões acontecendo em diversos países ao redor do mundo, nos mais diversos fusos, era de se esperar que, mesmo nas altas horas da madrugada de uma terça, o edifício estivesse movimentado.

Miranda ia no Departamento Cinco uma vez por semana, mas, no resto do tempo, ela trabalhava ali, então não havia explicações a serem dadas. Ela era apenas mais uma das inúmeras pessoas chegando para o expediente. Com David a tiracolo.

Ele se lembrou da última vez que estivera no prédio, da conversa incômoda com Miranda e da dor de ser traído. Muito tinha acontecido desde então, mas o pavor da iminência de se ver na sala de Phil Watsen permanecia.

O percurso até a CIA tinha sido completamente tomado por troca de informações. Tudo que David queria ter dito durante aqueles dias, tudo o que Miranda precisava dividir. Nenhum sentimento, nenhuma desculpa. Só a missão. Focados e aliados, os dois estavam na mesma página.

Miranda esclareceu sua presença no iate de Stefan Cahill. Watsen a convidara para o evento e ela encontrou a oportunidade perfeita de acabar com o programa do celular dele que busca por *bugs*.

— Phil toma todas as precauções possíveis. Eu precisava ficar perto dele tempo o suficiente para transmitir um vírus para o seu celular. O pessoal de TI me disse que funcionou. Agora precisamos plantar os dispositivos de escuta na sala dele e torcer para que ele cometa um deslize.

Não havia emoção alguma na voz de Miranda. Era como se ela estivesse dormente. David sentia que essa empreitada a estava afetando, contudo ela era forte demais para se deixar levar.

A secretária já havia ido embora há horas e ainda faltava muito para que Phil Watsen chegasse ao escritório. Eles teriam todo tempo do mundo para fazer o que tinha que ser feito.

Aquela sala dava tremores em David. Momentos de glória e de total decepção haviam ocorrido entre aquelas paredes. Ele tinha se deixado levar por palavras que diziam apenas o que ele queria ouvir e agora a humanidade pagaria a conta.

David se forçou para afastar o pessimismo de sua mente. Ocupou o seu lugar cativo atrás do *laptop*, enquanto Miranda cuidava do telefone de Watsen. Em poucos minutos, estavam fora daquela sala, contudo ela insistiu que fossem para o seu escritório.

— Não faz muito sentido eu ficar dois minutos aqui e ir embora. Melhor não levantar suspeitas que eu não vou saber rebater.

Miranda se sentou atrás da mesa e David ficou em uma das cadeiras para visitantes. A tensão entre eles crescia a cada segundo. As palavras não ditas enchiam o escritório e sufocavam os dois.

— Como está Brian?

David queria agradecer a Miranda por ter quebrado o gelo.

— Acredito que bem. Não falei com ele depois do que aconteceu. Vince achou melhor o deixarmos em paz para conseguir assimilar tudo o que está acontecendo.

— É melhor mesmo. Não tem muito a ser dito quando uma pessoa faz uma descoberta dessas.

Novamente a mudez ensurdecadora se instaurou.

— Por que não eu?

David estranhou a pergunta de Miranda.

— Por que não você o quê?

— Você me disse que estava chateado comigo, eu entendo isso. Também fiquei chateada comigo mesma. Mas Brian te deu a chance de chamar alguém de sua confiança. Não entendo como você pode confiar mais no cara que te torturou do que em mim, por mais que estivesse puto comigo. Não entendo.

— Miranda, não vamos ser ingênuos. Vince foi meu torturador, mas não era ele quem estava me torturando. Era a resistência. Eram todos vocês. Ele só seguia ordens. E depois de bater nele até que perdesse a consciência, ficamos, no mínimo, quites. Vince não queria me torturar.

— Mas eu não queria te delatar. Só segui ordens também. Por que quando eu faço é traição inenarrável, mas, quando ele faz, “só seguia ordens”?

David ficou em silêncio. O motivo estava claro.

Porque eu gosto de você, porra.

Ele engoliu em seco. Fechou os olhos e não se atreveu a abrir. Como falar tudo que sentia? Como abrir seu coração para Miranda depois de tudo que tinham passado juntos? Não havia tempo para isso. Não havia tempo para...

Os lábios de Miranda travaram os pensamentos de David. A força de sua boca contra a dele fez seu corpo despertar. Ajoelhada ao lado da cadeira, suas mãos o traziam para perto e David se rendia a cada toque. Era como se nunca tivesse beijado antes, como se nunca tivesse sentido uma mulher tão perto antes. Tudo era novo, tudo era único.

Sua língua massageava a dele com tanta vontade que era impossível não querer sentir sua pele. Ele esticou os braços e a puxou para si, levantando da cadeira e repousando seu corpo sobre a mesa. Miranda puxava seus cabelos e

direcionava a cabeça de David, fazendo com que ele beijasse seu pescoço, seu colo, seus seios. Os objetos que estavam em cima da mesa foram caindo no chão aos poucos, dando espaço para os dois corpos que travavam a calorosa luta.

Não havia mais pensamentos. Não havia mais dúvidas. Se ter Miranda em seus braços era uma distração, então que a humanidade se danasse. O único desejo que o consumia era o de estar exatamente onde estava. Ter aquela boca, aquele corpo, aquelas pernas e se entregar. Finalmente, se entregar.

O toque do celular de Miranda trouxe de volta a realidade para dentro do escritório. David permaneceu deitado no confortável carpete, enquanto observava o corpo nu de Miranda andar pela sala com naturalidade. Ela pegou o aparelho no bolso da calça e trocou algumas palavras curtas com a pessoa do outro lado da linha.

David não precisava saber o que ela havia conversado para entender que a paz dos dois tinha acabado. Miranda guardou o celular e começou a colocar a calça sem dizer nada. Parou por um instante e se sentou ao lado de David, no chão, ainda com os seios expostos.

Ela é tão livre.

— O trabalho nos chama. — disse Miranda.

— Eu imaginei. O que a gente faz agora?

Ela deu de ombros.

— Acho que tenta salvar o mundo, né?

— Acho que sim.

Eles riram. Ainda deitado, David segurou a mão de Miranda e a levou até sua face. Beijou a palma e foi subindo os beijos, elevando o tronco para se sentar, enquanto passava os lábios pelo braço, ombro, pescoço, até chegar à boca.

Porém, foram interrompidos novamente. Dessa vez, pelo celular de David.

— Essa resistência deve estar pegando fogo. — brincou ao pegar o aparelho.

Poucos segundos de ligação e a alegria já estava longe do rosto de David. As palavras de Vince ao telefone o forçaram a se levantar correndo.

— O que houve? Quando me ligaram, só pediram para eu voltar; te contaram alguma coisa?

— Brian.

— Brian te ligou?

— Não, Brian fugiu.

Miranda se ergueu de imediato. Em questão de minutos, os dois já estavam no seu Porsche voltando para a resistência.

O andar de Vince estava pesado. Seus pés se arrastavam enquanto ele caminhava de um lado para o outro sem direção certa. Nas suas mãos, o telefone denunciava suas tentativas vãs de entrar em contato com Brian. O cinzeiro na mesinha do jardim, repleto de bitucas de cigarro, gritava as palavras que ele não pronunciaria: estava angustiado.

David se aproximou rapidamente, queria entender o que estava acontecendo. Brian teria falado algo? Dado indícios do que faria? Por que os havia abandonado no meio da madrugada?

As primeiras luzes do dia traziam mais dúvidas do que certezas.

— Não sei, não sei de nada. Ele não falou nada, David. Voltei ao quarto para checar como estava e ele simplesmente havia sumido. Desligou as câmeras lá de fora para que não vissemos que direção seguiu, pegou um dos carros na garagem e foi embora. Tentamos rastrear o carro, mas ele desabilitou o GPS. As câmeras dos semáforos próximos estão inoperantes, achamos que ele as *hackeou* também. Não tenho ideia de onde possa estar.

David conduziu Vince na direção de uma cadeira. A ausência de respostas deixava os dois ofegantes.

— Temos que ficar calmos. Conheço Brian, ele não faria nada que pudesse prejudicar a luta da resistência.

Vince ficou desconsertado com o comentário.

— Você conhece Brian? — Ele repetia as palavras de David com um ar de desprezo. — Você não tolerava Brian! Virou seu amigo há poucos meses! E eu então? Dias, David. Como pudemos confiar que ele faria a coisa certa? Como eu pude achar que tudo que ele precisava era de algumas horas para se recompor? Você não o conhece, eu não o conheço! Ele é uma grande incógnita e agora pode estar morto ou prestes a acabar com o futuro da raça humana.

Apesar de duro, o discurso de Vince fazia sentido. Brian conviveu sua vida inteira com a mãe e não a conhecia. Como Vince e David poderiam realmente prever os próximos passos dele? Ainda mais naquelas condições impossíveis. Não dava para saber o que faria. Não dava para confiar.

32 dias para o Dia V

As investigações noite adentro estavam minando o ânimo de todos na resistência. David e Vince lideravam as buscas por Brian e trabalhavam na vigilância de Donna e Stefan, enquanto Miranda chefiava a equipe responsável por investigar Watsen.

A falta de novidades se misturava ao cansaço do volume de trabalho e fazia com que os poucos dias que haviam passado se arrastassem sem fim. A única coisa boa nisso tudo era Miranda. Quando a maioria das pessoas já havia se recolhido para as poucas horas que se permitiam de sono, David ia até o seu quarto. Ficavam juntos até minutos antes da casa começar a despertar, tentando manter o que estavam descobrindo apenas para eles. Não era esconder, mas sim preservar. Sem o apoio mútuo que se davam, teria sido impossível sobreviver àqueles dias.

David observava Miranda. Com as pernas jogadas no braço da poltrona onde repousava, era como se uma redoma se formasse a partir dela e tudo no seu alcance emanasse tranquilidade, incluindo David. Já estava perto da hora de ele voltar para o seu quarto, mas não queria que aquela sensação acabasse. Vestia as suas roupas lentamente, na esperança de que ela virasse para ele e o pedisse para ficar. Porém, ela não se virou.

Miranda não parecia olhar para nada. Apesar da sua aura de paz, David via em seus olhos a preocupação que queria tanto esquecer. Terminou de se vestir e se sentou no chão, ao seu lado. A jovem pareceu acordar com a movimentação e acariciou os cabelos de David, ainda com o foco longe.

— Está pensando em Watsen?

— Não, estou me martirizando por Brian.

Ela tentou fazer as palavras saírem de forma leve, contudo David não as entendeu assim.

— Por quê? Vocês mal se falaram durante a estadia de Brian, o que você pode ter para se martirizar?

— David, não sejamos ingênuos. Se eu não tivesse te delatado para Batoriova, ele nem estaria aqui. Não teria investigado o pai com vocês e, muito provavelmente, não teria descoberto quem era sua mãe. Eu causei isso tudo.

— Você não tem como ter certeza. E, se as coisas não tivessem ocorrido dessa maneira, a gente poderia ter ficado no escuro. Pessoas poderiam morrer por causa disso.

Miranda virou o rosto, querendo sair da conversa. Ele parou de falar. Chegou o corpo mais perto, abraçando-a pela cintura. Se suas palavras não trariam conforto, esperava que ao menos a sua presença pudesse lhe oferecer algum alívio. Porém, o alívio teria que esperar.

A primeira coisa que David percebeu foi o barulho do motor. Ele não entendia exatamente o motivo, mas sabia que tinha que ser ele. Levantou-se bruscamente e olhou pela janela. A suavidade das rodas no asfalto trazia uma monotonia para a cena, que poderia passar despercebida por algum desavisado. O carro roubado estava sendo estacionado na garagem como se fosse apenas alguém chegando à casa depois de um dia no escritório. Entretanto, não era. Era Brian e ele não estava sozinho.

Stefan Cahill observava tudo atentamente. Aparentava estar fazendo notas mentais do ambiente e das pessoas à sua volta. E eram muitas. Todos os quase trinta membros da resistência estavam no jardim, em estado de alerta máximo, com suas mãos preparadas para puxar uma arma a qualquer segundo. A tensão em cada um dos rostos ao redor de Stefan tornava a cena ainda mais delicada. Até que Batoriova surgiu.

— Stefan. Confesso que não estávamos te esperando.

O olhar da almirante fuzilava Brian de uma maneira quase tátil.

— Eu imagino que não, Beatrix.

— Venha, temos muito a falar.

Stefan andava entre os membros da resistência como se não tivesse nada a temer. E não tinha mesmo. Batoriova deixava claro para todos que aquele homem seria respeitado. David não queria, contudo sentiu uma pontada de ciúmes daquele tratamento cordial. Ser recebido com civilidade entre aquelas paredes era algo aplicado apenas aos Cahill.

Brian estava atrás de seu pai, seguindo os passos dele sem titubear. Não percebia a presença dos amigos ao seu redor. David não sabia se seria convidado para a conversa, mas, francamente, não se importava. Depois de tudo que havia passado, ele não perguntaria.

Miranda e Vince se juntaram ao grupo, também sem questionar se podiam. Os três precisavam estar dentro daquela sala.

Batoriova não os impediu, levou todos para o seu escritório e fechou a porta, convidando apenas Stefan para se sentar. Apesar de deixar que ficassem presentes, era como se os três estivessem invisíveis.

— Tenho um B negativo que chegou hoje do banco de Nova Jersey. Aceita?

— Não, Bea, obrigado.

Bea?

— Então, — Beatrix se sentou na poltrona colocando os pés dobrados embaixo do seu corpo, em cima do acento. — o que te traz aqui?

Stefan observou o cômodo. Seu foco ia de David, para Miranda e parou em Vince.

— Eu me lembro de você. Continua fascinado por barcos em garrafas?

Vince apenas abaixou a cabeça. David pôde sentir seu desconforto.

Ambos ainda não sabiam o que tinha ocorrido com Brian. Queriam ter falado com ele, entendido o que o havia motivado a trazer seu pai para o esconderijo das únicas pessoas que poderiam impedir a destruição da raça humana, mas não tinha sido possível. Agora era ouvir o que Stefan tinha a dizer e torcer para que suas palavras trouxessem algum esclarecimento para os presentes.

— Brian me contou o que está acontecendo. Acho que vocês precisam ouvir o meu lado da história antes de perderem mais tempo me investigando. Se vocês ainda sonham em parar o Dia V, podem contar comigo. Mas não será nada fácil. Principalmente para você.

David foi pego de surpresa. A mão de Stefan apontava na sua direção, porém ele não conseguia entender o que aquilo significava. O único que não olhava para David era Brian. O que quer que fosse que Stefan ia dizer, ele já sabia e pelo visto não era nada bom.

“Sempre soube da existência do Dia V. Não exatamente como um evento, com data e hora marcada, mas como uma das inúmeras tentativas do Conselho de ter poder sobre a nossa mutação. Como Beatrix poderá confirmar para vocês, nunca me envolvi ativamente em nenhuma delas. Observava as conversas, entendia os argumentos, mas, particularmente, nunca concordei com esse tipo de empreitada. Não por causa de algum amor pelos humanos ou senso de justiça, não sou tão banal. Simplesmente porque acredito que a nossa mutação é um dom. Um presente que recebemos e não vejo motivos para darmos de mãos beijadas para qualquer um.

“Anos atrás descobri o envolvimento de Donna. Era uma das poucas ocasiões em que o trabalho me permitia chegar cedo em casa e fui pego de surpresa por uma agitação vinda do escritório. Donna falava com autoridade com uma mulher que retrucava em alto e bom som, escandalizada com o que estava ouvindo. Não reconheci a voz e nem estava lá muito interessado na discussão, mas realmente não havia cômodo da casa onde eu pudesse ignorar o que era dito. Em determinado momento, a forma como a mulher se referia a Donna me soou curiosa. Ela repetia ‘Sybil’ inúmeras vezes, tentando implorar por alguma coisa que não estava clara. Ninguém no nosso meio chamava Donna pelo seu segundo nome. A

partir daí, comecei a prestar mais atenção. A conversa era sobre a Iniciativa Blackwater.

“Como vocês sabem, meus irmãos são membros do Conselho e já tinham me dito algo a respeito, porém jamais pensaria que Donna pudesse estar envolvida. Até onde eu sabia, o trabalho dela era cuidar da nossa casa, do nosso filho e preparar eventos sociais aos quais eu seria obrigado a ir. Uma empreitada para a transformação de humanos em vampiros parecia longe demais do seu escopo de trabalho. Contudo, era sobre isso que a mulher falava. Queria entender como Donna, Sybil no caso, podia ser tão fria a ponto de permitir a morte de milhares de humanos. Aquelas palavras me causaram enjoo. Não que eu me importasse muito com as mortes, mas saber que a mulher com quem eu estava casado seria capaz disso me pegou de surpresa. Foi assim que o meu casamento chegou ao fim. Já não estávamos bem há tempos, mas aquilo era realmente inadmissível. Como ela podia ter escondido tal fato?

“Fui para o quarto e me tranquei lá, esperando a mulher ir embora. Donna partiu apressadamente, logo depois. Aproveitei a oportunidade e entrei no escritório. Aquele espaço era todo meu, exceto por um gabinete que Donna me dizia que precisava para guardar papéis relacionados aos seus eventos beneficentes. Tentei abrir, mas estava trancado. Forcei sem me importar de quebrar o gabinete e ali encontrei. Entre as inúmeras bobagens dos eventos ridículos de Donna, havia uma pasta com as letras BW na frente. O primeiro documento que encontrei lá era a carta de demissão de sua mãe, David. Ela era a mulher horrorizada que havia saído da minha casa minutos antes.

“Quando Donna voltou, Brian estava em seus braços. Ela me disse que tinha ido buscá-lo na casa de um amigo da creche. Pedi para ela deixá-lo com a babá e fomos para o quarto. Assim que tranquei a porta, a confrontei com a pasta da Iniciativa. Ela não demonstrou nenhum sentimento. Não negou nada, mas não entrou em detalhes. Para minha surpresa, disse que a informação era sigilosa e não falaria do assunto comigo porque eu não tinha as credenciais necessárias. Aquela mulher não era Donna. Logo entendi que se tratava de Sybil. Donna era apenas uma *persona* que ela criou para viver sua vida dupla sem levantar suspeitas. A realidade era Sybil: ambiciosa, fria e com planos megalomaniacos para a nossa raça.

“Ela saiu do quarto levando algumas poucas peças de roupa, a pasta da Iniciativa e foi dormir no quarto de hóspedes. Aquela foi a última noite em que dividimos o mesmo teto.

“Alguns anos depois, vi a matéria no jornal sobre a morte de Linda Silver. Eu me lembrava do nome por conta da carta de demissão, que foi a única coisa daquele arquivo que acabou sem querer sendo deixada para trás na noite da

destruição do meu casamento. A Iniciativa querer transformar humanos em vampiros era demais para mim, mas matar vampiros que ousassem questionar? Matar a nossa própria espécie? Tirar o nosso dom? A audácia daquilo me fez ter total e completo asco por aquela causa e por aquela mulher. Por mais que não a conhecesse de verdade, não acreditava que Donna tivesse sido responsável de alguma forma pelo crime. Mas estar em conluio com a organização culpada era tão grave quanto cometer o horrendo ato pessoalmente.

“Admito que não cheguei a pensar muito em formas de parar o Dia V. Apesar do meu choque com tudo que havia descoberto, sabia que ir contra poderia me trazer o mesmo fim de Linda. Sem os números necessários para uma empreitada dessa magnitude, eu seria só um corpo desfigurado em uma capa de jornal. A manchete já estava até formulada na minha cabeça: ‘Excêntrico milionário morre em seu barco, depois de explosão acidental’. Não, eu não. Meu dom é precioso demais para eu me colocar em uma situação de risco dessa forma.

“Agora vocês podem estar questionando o que mudou, por qual motivo eu estou aqui. Pelo que posso ver, temos números mais favoráveis, mesmo ainda não sendo muita coisa comparada à magnitude da Iniciativa Blackwater. Mais do que um projeto para o fim da raça humana, a Iniciativa se tornou uma verdadeira organização secreta. Porém, pelo menos não sou apenas eu sozinho. Além disso, vocês envolveram Brian nessa história. Sei que não sou o pai ideal, me afastei depois de tudo que aconteceu com Donna. Entretanto, ele é meu único herdeiro e eu preciso dele vivo. Ele tem mais chances de permanecer assim comigo ao seu lado, então é aqui que vou ficar.”

As feridas em que Stefan tocava mexiam profundamente com David. Era duro ouvir os detalhes do envolvimento de Donna, saber mais sobre como sua mãe pediu demissão e como, tempos depois, acabou sendo cruelmente assassinada. No entanto, o pior era descobrir que, além de Batoriova, havia mais alguém importante que podia ter tentado parar os planos da Iniciativa anos atrás, antes da morte de sua mãe, e que ele, simplesmente, não havia feito nada.

Porém, David entendia. Ele mesmo sentiu na pele isso quando foi dispensado pelo presidente. Ficou sozinho e perdido, sem saber o que fazer. Contudo, ao contrário de Stefan, ele tinha, ao menos, tentado. Era irritante a passividade de pessoas que podiam fazer a diferença.

No entanto, ele mesmo havia experienciado essa passividade. Por anos, por mais que se enganasse afirmando que iria encontrar os culpados pelo assassinato de Linda Silver, ele havia entrado em um estado de hibernação. Seguiu sua vidinha

achando que estava fazendo o seu melhor, quando, na verdade, não estava nem perto disso. Não tinha moral para cobrar nada de ninguém.

— Entendo suas motivações agora, Stefan. — afirmou Batoriova. — Sua presença na nossa resistência é mais do que bem-vinda. Isso é tudo que queria dividir conosco?

Ela sabia que não era. Havia algo na forma com que falava, como se estivesse cheia de dedos, evitando afugentar a próxima pista.

— Não, Bea. Não é.

Stefan tirou um fino bolo de papéis dobrados ao meio do bolso interno do seu paletó. Entregou as folhas para David.

Novamente todos se voltaram para ele.

— Reconhece isso?

David folheou os papéis sem entender muito bem o que Stefan queria que ele visse.

— São relatórios da Iniciativa. De sucessos!

— Sim, são os seis sucessos que Linda Silver descreveu na sua demissão. Mas não me referia a essas folhas. Veja a última.

David chegou a ela com pressa e parou. O frio na espinha que o acordava e congelava passou pelo seu corpo como um raio. Sim, ele conhecia aquilo. Conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Aquela era a fórmula do seu projeto. O projeto de pastilhas efervescente para os soldados vampiros, que transformava o sangue deles em sangue humano sintético.

— Eles... Eles usaram...

— Sim, David. Você conseguiu criar sangue humano a partir de sangue de vampiros. E graças a sua descoberta, a Iniciativa pôde adaptar o soro que tinham criado para que fizesse o contrário: transformar humanos em vampiros. O que eles tinham causava mais mortes do que qualquer outra coisa. Os sucessos ainda estavam sendo estudados para que fosse compreendido como usar isso em larga escala. Estavam a décadas de terem as respostas de que precisavam. Mas você mudou o jogo. Por isso vai acontecer agora, David. O elemento que faltava ao longo desses anos para tornar tudo isso possível era a sua fórmula. Você possibilitou o Dia V.

Os olhares em cima de David eram demais. O silêncio, ensurdecedor. Batoriova trouxe a conversa para o que realmente importava.

— Você está querendo dizer que os humanos vão sobreviver? A Iniciativa conseguiu?

— É exatamente isso que estou dizendo.

Finalmente a resistência tinha uma resposta. Não se tratava mais de assassinato em massa. A Blackwater tinha em mãos o necessário para fazer o que queriam: tornar o mundo um lugar de vampiros, os humanos querendo ou não. E a culpa era de David.

De todas as maneiras que ele havia se martirizado ao longo desse processo, jamais pensou que pudesse ser o cerne de todo o problema. Suas ideias, que visavam apenas a melhoria da vida de sua espécie, haviam servido de base para aquele extermínio. Por mais que as pessoas seguissem existindo, a raça humana estava com os dias contados.

Batoriova refletia sem emitir som algum. David ficou aflito. Todos sabiam que em um passado não tão distante ela havia lutado por isso. Será que voltaria atrás? Seria esse o fim da resistência?

— Como você teve acesso a essas informações, Stefan? David desenvolveu isso ano passado, não pode ter sido naquele arquivo que você pegou da Donna.

— Eu sempre mantive Donna no meu radar, Bea. Quando Brian surgiu no meu barco transtornado, sabia que estava na hora de mexer os meus pauzinhos. Acionei os informantes que tenho dentro da minha antiga mansão e consegui os documentos. Donna realmente devia escolher melhor seus empregados.

— Então essa informação vem de fonte segura?

— Sim.

Uma expiração longa precedeu o veredito de Batoriova. David não estava prestando atenção na conversa, contudo conseguiu trazer seu foco para a líder da resistência.

— Já sabemos que vai acontecer em um mês e o que vai causar o Dia V. Mas ainda precisamos descobrir como. Essa é a prioridade máxima da resistência no momento. Miranda, alguma notícia sobre o monitoramento de Watsen?

— Nada, almirante. Ele já teve algumas conversas com o presidente, mas todas sobre missões normais. Não foi mencionado David nem o Dia V em nenhuma. Os arquivos do seu computador que deciframos até agora também estão limpos.

— Stefan, será que conseguimos essa informação com Donna?

— Vou ver o que posso fazer.

— Ótimo. David, — O rapaz movimentou sua cabeça na direção do chão, demonstrando um misto de atenção e vergonha. — você conhece sua fórmula melhor do que ninguém. É possível estudarmos os componentes para tentarmos entender como será aplicado nos humanos? Quem sabe assim conseguiremos uma pista de quais serão os próximos passos da Blackwater.

— Acho que consigo descobrir como será usado a partir dos componentes sim, mas preciso tentar criar a fórmula deles em laboratório.

— Temos histórico das substâncias que encontramos nos locais da Iniciativa que destruímos, certo, Miranda? — A jovem assentiu. — Isso te ajuda?

— Terá que ajudar.

David se mostrava resignado. Ficar insistindo em seu remorso não levaria a resistência a lugar nenhum. Precisava dar um jeito de conseguir o que Batoriova estava pedindo. Precisava entender a fórmula que a Iniciativa havia desenvolvido para desvendar como seria usada e, quem sabe, descobrir como parar o plano de Humphry e Watsen.

30 dias para o Dia V

— Sim, David?

Batoriova observava enquanto ele fechava a porta do escritório. O rosto de David estava sem nenhuma expressão que pudesse dedurar o que estava pensando, mas com certeza ela tinha uma noção do que viria a seguir.

— Eu preciso ter certeza.

— Certeza de que, agente?

— De que você está do nosso lado.

Ela não pareceu surpresa, muito menos com raiva. A realidade era que seu aspecto revelava uma pessoa extenuada. David queria ter dito aquelas palavras antes, entretanto estava sobrecarregado demais pelo peso das revelações de Stefan. Agora, depois de já ter traçado a estratégia dos próximos passos com os demais e de ter passado duas noites em claro pensando sobre tudo que estava acontecendo, ele havia conseguido elaborar melhor as suas aflições. Houve uma época em que Batoriova estivera do lado da Iniciativa, contra os humanos. David não arriscaria que interesses próprios que ela pudesse estar alimentando atrapalhassem a resistência. A justiça que ele buscava valia qualquer briga que surgisse desse questionamento.

— Desculpa se estou passando dos limites, mas... — Batoriova não esperou que ele concluísse sua frase.

— Eu sei que sou a líder, mas não espero ser seguida cegamente. Se quisesse isso, estaria do lado de ditadores do Oriente Médio e não lutando pela liberdade de uma raça. Sente-se, David. Vou lhe contar os meus motivos para ter iniciado essa resistência. Espero que isso te ajude a compreender de que lado estou, porém conto com a sua discrição.

David meneou a cabeça concordando.

— Eu nasci em 1560, no Reino da Hungria. Passei a maior parte da minha infância na Transilvânia, mas, ao contrário do que Bram Stoker possa sugerir, não havia muitos vampiros por lá. Eu estava sempre doente e passando por tratamentos, bom, por falta de uma palavra melhor, medievais. Porém nada funcionava. Meus pais pensavam que minha vida não perduraria, mas resisti bravamente. Colocava as melhores roupas, passava o que podia no rosto para esconder a aparência doente e assim seguia. Quando eu tinha onze anos, me prometeram em casamento para um homem que eu nunca tinha visto antes. Me tiraram da minha casa e me levaram para morar na residência da família de meu noivo, na Eslováquia. Nosso casamento só ocorreu quatro anos depois, mas, até aquele dia chegar, eu vivi muita coisa. Muita coisa mesmo... A principal é que eu me apaixonei por um humano. Me apaixonei e engravidei.

David ficou em choque. Quando fez a pergunta para Beatrix, nunca havia imaginado aquela conversa. Era pessoal demais. Por que ela estaria indo tão longe em sua história? Por que revelava para David esse passado oculto?

Não é à toa que pediu descrição.

Porém, o choque de David ia além. Não havia registros de vampiros terem tido filhos com humanos. O que se sabia era que, em um relacionamento entre espécies, não havia chances de gravidez. Como isso pôde ter ocorrido?

David focou sua atenção. Ele precisava entender.

— Descobri, muitos anos depois, que eu não havia sido a única vampira a ter tido filho com um humano, mas fui uma das poucas que sobreviveu ao processo. Como você sabe, antes de tomarmos a nossa primeira gota de sangue, nosso organismo não se diferencia em nada do deles, e é isso que torna possível a gravidez. Infelizmente, pela fraqueza, anemia extrema e fragilidade nos ossos, gerar essa vida se torna uma missão praticamente impossível. Com o passar dos séculos, o maior alcance do Conselho Vampírico permitiu ajudarmos as novas integrantes da nossa espécie antes que uma fatalidade ocorresse, porém, nos anos que precederam o século XIX, a morte de vampiras não transformadas por gravidez ainda era uma realidade. Mesmo com a probabilidade contra nós, Anastácia veio ao mundo. Mas não a tive nem por um minuto sequer. Quando o parto terminou, logo após segurar o bebê nos braços pela primeira e última vez, desfaleci pela debilidade da minha condição. Aproveitando-se que eu estava inconsciente, meus pais a pegaram e a entregaram para adoção. Eu segui minha vida, sem nunca me esquecer de seu rosto. Casei com meu prometido, mas quase nunca o via. Ele viajava muito por causa de sua posição no exército, então eu passava os dias com as criadas, cuidando da propriedade. Minha doença continuava e eu acreditava que, em pouco tempo, não conseguiria esconder mais. Aguardava o dia em que chegariam e me encontrariam morta na minha cama, entre os lençóis de seda. Esse pensamento me aterrorizava. Confesso que fui ficando cada vez mais amarga por conta disso. Tratava todos muito mal e era cruel. Batia em minhas criadas a qualquer deslize, às vezes as deixava sem comer ou, até mesmo, as privava de dormirem. Não é algo de que tenha orgulho, mas, em minha defesa, eu não estava muito aquém do comportamento da época. Até que aconteceu. Estava de noite e Esther, minha dama de companhia, penteava os meus cabelos. Ela, sem querer, prendeu a escova em um nó e puxou um pouco a raiz. Senti uma breve dor, nada demais, mas virei imediatamente dando um tapa em seu rosto e gritando profanidades. Meu anel arranhou a sua pele e um pouco do seu sangue ficou no meu dedo. Numa atitude impensada e automática, levei o dedo à boca e lambi o sangue, como se o machucado tivesse ocorrido em mim e não em Esther. Foi imediato. Eu estava bem. Nada doía, nada incomodava. Eu olhava para

baixo incrédula, tentando ver cada transformação que acontecia. Meu corpo mudava na frente de Esther, que deu um grito de horror, sem entender a bruxaria que estava ocorrendo. Mas eu entendia. O sangue havia feito isso. E se aquela gota tinha me deixado tão forte em questão de segundos, o que será que mais sangue faria? Peguei uma tesoura que estava na cômoda e enfiei fundo na garganta de Esther. Seu grito cessou e ela caiu. Me joguei sobre seu corpo, enquanto ela se engasgava com o próprio sangue, e bebi o máximo que pude. Eu estava curada. E Esther, morta.

Então, é verdade?

David não podia acreditar. A mulher sentada à sua frente, que acariciava calmamente o tapete com seus pés descalços, aquela mulher era a infame Condessa de Bathory, uma das maiores *serial killers* da história. E David estava trabalhando para ela.

— Não espero que você entenda meus motivos para fazer o que fiz. Aquela mulher não merecia morrer e isso basta para tornar o meu ato execrável.

A conversa que teve com Miranda logo após o fim de sua tortura veio à mente de David. Lembrou-se de seu discurso sobre uma vida sem sangue, de sua doença constante, de seu medo da morte, de, eventualmente, não se importar mais com nada e só querer que aquilo acabasse. O que Batoriova havia feito era monstruoso, contudo aquela primeira morte tinha um peso que ele não podia negar.

Mas e as outras?

— Conto esse fato apenas para que você perceba que, a partir disso, a morte deixou de ser uma inimiga. Não havia o que temer. Entendi que o fim de outros poderia me tornar mais forte do que jamais pensei em ser, isso antes mesmo de descobrir que não envelheceria como os humanos. Mas o grito de Esther ainda ressoava na minha mente. Não queria ser queimada viva apenas por ser diferente. Era isso que fariam comigo se descobrissem! Seria acusada de bruxaria e acabariam com a minha vida. A vida que eu mal tinha começado a aproveitar. O meu temor era grande, e isso mesmo antes de saber que seria uma morte mais dolorosa e lenta do que era para humanos. Afinal, não é fácil matar um vampiro com fogo. As chamas precisariam atingir o cérebro para que tivessem algum efeito em nós. Até finalmente chegar à minha cabeça, seria excruciente. E eu amava a minha nova versão, queria continuar sendo quem eu era. Para isso, precisava que o mundo mudasse. Foi assim que a ideia de transformar humanos em vampiros veio. Se todos fossem iguais a mim, meus temores passariam a ser infundados. O sangue tinha sido a minha salvação, tudo girava ao redor dele. Ele me ajudaria novamente! Comecei, então, os meus experimentos. Tudo muito rudimentar e muito sanguinolento. Eu era uma criança brincando com forças que não compreendia. Via a morte com olhos amorosos agora, por isso não era afetada pelos corpos que

deixava pelo caminho. Mas fui crescendo. Viajei o mundo, entendi melhor nossa mutação e conheci outros como eu. Percebi que meus atos, sem o acompanhamento de estudiosos e sem embasamento científico comprovado, eram apenas uma chacina desmedida. Me aliei às pessoas certas e organizei os primeiros centros vampíricos voltados para esse fim. O modo de agir mudaria, porém, o meu propósito havia permanecido inabalado com o passar dos anos: eu tornaria os humanos em vampiros. Era o objetivo de uma vida! Nada atrapalharia isso! Até que uma descoberta mudou tudo. Os fracassos estavam me tornando melancólica. Refletia sobre a minha longa vida e o que eu realmente tinha feito para melhorar a minha existência e a da nossa espécie. Nessas ocasiões, ela vinha com frequência à minha mente. Anastácia. A menina que tiraram de mim. Como teria sido a sua vida? Como teria sido a sua morte? Séculos haviam se passado desde o triste dia em que eu tivera que dizer adeus, mas, mesmo assim, seu rostinho estava marcado em minha memória. Resolvi correr atrás do passado. Investiguei tudo que pude e eventualmente cheguei ao seu túmulo. A lápide em pedra, devastada pelo tempo, estava ilegível, mas consegui ver com clareza os dizeres "amada mãe". Ela tinha tido um filho! Dei seguimento às minhas investigações e com a ajuda de detetives particulares consegui traçar sua descendência. Assim eu a conheci. O motivo da resistência existir, de eu estar lhe contando tudo isso e pelo qual você pode ter certeza de que estou do seu lado é Elizabeth. Ela é humana e eu preciso que ela continue assim.

Então era isso. A justificativa de Batoriova era sua família. Ela tinha sido um monstro no passado, contudo havia mudado todas as crenças que alimentara durante centenas de anos por um desejo de ver sua prole sã e salva.

— Mas você não é uma dessas pessoas que acham maravilhoso ser vampiro? Por que não quer isso para Elizabeth?

— Sim, David, nesse ponto concordo com Stefan. Ser vampiro é uma dádiva. Mas entenda que, se não fosse por Anastácia e sua humanidade, hoje era possível que Elizabeth não existisse. Ela foi gerada por pais humanos, David. E é uma pessoa tão maravilhosa! Tão compreensiva e leal. Não seria ela se tivesse dois vampiros como seus genitores, seria outra pessoa. Futuras gerações também seriam afetadas por isso. Não posso colocar um fim à árvore humana da minha família. Se eventualmente alguém vier com a mutação, tudo bem. Porém não pode ser por minha causa. Não posso ser a responsável por isso.

— Do jeito que você fala faz parecer como se ela soubesse quem você é.

— Ela sabe.

David ficou perplexo. Depois de anos escondendo do seu tio Luke a verdade sobre suas origens, não compreendia como algum vampiro poderia ser tão aberto com um humano.

— Eu não conheci minha filha. Não conheci meus netos e bisnetos. Não cometo o mesmo erro duas vezes, agente. Tive a chance de conhecer Elizabeth, não ia jogar fora por medo.

Batoriova se levantou e abriu a porta da sala, mostrando para David a saída. Não estava abalada pela conversa, porém não havia mais nada a ser dito. David passou por ela sem falar. Seus pensamentos estavam mais confusos do que antes. Ele fora o responsável pelo Dia V, Stefan era aliado da resistência, Batoriova tinha uma descendente que sabia sobre os vampiros. As últimas quarenta e oito horas da sua vida tinham sido recheadas de informações espantosas. Ele não tinha certeza se poderia aguentar.

Lembrava de sua mãe, de Miranda e de seu tio. Os vampiros e os humanos de sua vida inteira cruzavam seus pensamentos. Era por eles que ele lutava. O nome de sua mãe e o seu estavam em jogo. A vida de Elizabeth e de Luke também.

David queria esquecer tudo, voltar para o quarto de Miranda e ficar ali, em um abraço profundo, sem se importar com o mundo lá fora.

Tudo tinha alcançado uma proporção inimaginável! De vingança pela morte de sua mãe à aniquilação de uma raça inteira. Os últimos meses haviam sido intensos e os últimos dias praticamente insuportáveis. Porém, David sabia que o pior ainda estava por vir.

21 dias para o Dia V

Brian parecia mais tranquilo. O horror que tinha vivido com a descoberta da verdade sobre sua mãe havia sido amenizado de alguma forma. Ter o pai ao seu lado provavelmente o ajudou. David sabia que a relação dos dois era complicada, mas pelo menos Stefan estava sendo franco com o filho.

Enquanto Vince e Miranda investigavam Watsen, Brian auxiliava David no laboratório do porão da resistência. Ele tinha pouco conhecimento de genética, mas o básico já ajudaria David. Os dois tentavam desenvolver uma fórmula reversa a partir de vestígios de tubos de ensaio encontrados em laboratórios destruídos da Iniciativa. Precisavam entender cada elemento utilizado e adequá-los aos componentes da pastilha que David criara. Assim, talvez pudessem desvendar de que forma isso seria levado para os humanos.

O silêncio imperava enquanto trabalhavam. Havia permanecido desta maneira nos últimos dias: poucas palavras e muita ação. David mal tinha visto Miranda e, com certeza, ela também estava sobrecarregada. A responsabilidade que pesava sobre eles ocupava qualquer minuto que pudessem ter.

Testes e mais testes eram efetuados em todos os tipos sanguíneos que a geladeira da resistência podia ofertar. Porém, não havia nenhum avanço. As propriedades responsáveis por criarem a mutação no sangue vampírico não estavam sendo replicadas. O fracasso os contaminava.

— Inferno! — Brian esbravejou com raiva. David não disse nada. — Isso não te deixa puto?

A frase trouxe um breve instante de pausa para David. Ele chegou a prender a respiração sem ao menos perceber, mas, então, o ar voltou e a resposta saiu.

— Não tenho tempo para ficar puto.

Brian foi até David e o virou para longe do microscópio.

— A culpa não é sua.

David tentou balbuciar algo, no entanto não conseguiu. As mãos de Brian seguravam cada um dos seus braços e, por um momento, ele achou que apenas isso o mantinha em pé. O buraco no seu peito parecia arrastá-lo para o chão, e as lágrimas de puro desespero timidamente surgiam para aquecer a sua face.

— Se não minha, de quem?

— Deles! Quantas invenções nesse mundo não tiveram seu propósito pacífico distorcido por mentes que queriam lucrar com morte e destruição? Você tinha uma meta nobre, David. Eu não teria aprovado o projeto se não pensasse assim! A culpa também é minha por ter feito isso? Sua por tentar salvar vidas? Pelo amor de Deus! A culpa é do presidente, do Watsen, da minha m... — Brian não conseguiu falar “mãe”. Ainda doía. — A culpa é de toda a escória vampírica

que está por trás disso. Eles não têm o mínimo de empatia e a culpa vai ser nossa? David, a gente só queria o melhor para a nossa raça! Você só queria o melhor. Eles são frios. São o pior que os vampiros têm a oferecer.

— Isso é muito bonito, Brian. Mas, se não fosse pelo que eu desenvolvi, nada disso estaria acontecendo.

— Claro que estaria! Estava acontecendo antes mesmo de você nascer. É como meu pai falou, o que você criou apressou as coisas, mas eles iam conseguir alguma hora. E talvez a gente não estivesse por aqui para tentar impedir.

Depois de tantos dias se martirizando, era reconfortante ouvir o ponto de vista de Brian. Enfrentar a Iniciativa era uma função que David não sonhava em delegar. Por mais assustador que fosse, ele sabia que tanto ele quanto todos ao seu redor não descansariam enquanto o Dia V não tivesse seu fim declarado.

— Você sabe o motivo de estarmos empacados, não sabe? — perguntou David.

— É, eu sei. — Brian respondeu, perdendo seu tom assertivo.

— Está na hora.

Eles haviam lutado o quanto podiam antes de começarem. Porém, não tinha saída. Havia um limite para o que o sangue morto poderia fazer pela fórmula. Por mais que detestassem a ideia, precisavam começar os testes com seres vivos.

Brian foi até uma sala nos fundos do laboratório. Voltou de lá com dois *hamsters* em gaiolas.

— Quer começar pela Buffy?

David sorriu para ele.

— Buffy?

— É, eu fui dar ração e ela tentou me morder. Claramente, não gosta de vampiros. Achei que o nome cabia como uma luva.

— E o outro? Também faz parte de um seriado sobre os mitos da nossa raça?

— Eu tinha que seguir o *motif*, né? Esse é o Damon.

— Damon era dessa série também?

— Não, é de outra.

— Você gosta mesmo do gênero, hein?

— Pelo menos, com esse tipo de conhecimento eu posso te ajudar mais.

— O Dia V agradece.

David precisava daquilo. Falar sobre nada com um amigo era algo raro naqueles dias.

— Tem visto o Vince?

— Por que a pergunta? — Brian indagou, virando para as gaiolas que havia deixado sobre o balcão de trabalho. Tentou acariciar Damon que, ao contrário de

Buffy, ficou feliz com o agrado.

— Nada, não. Só não falei mais com ele desde que se juntou à força-tarefa da Miranda.

— Ele me procurou há uns dias. Mas, depois disso, não o vi mais. Acho que ficou chateado com a minha fuga.

— Você acha? Eu tenho certeza. Eu também fiquei. Todos ficamos.

— Mas eu já voltei. Não entendo por que ficar remoendo isso.

— Não entende mesmo?

Brian parou o carinho em Damon e se voltou para David.

— O senhor gostaria de compartilhar com a classe o que está pensando? — perguntou apontando para os *hamsters*.

— Acho que a classe já tem uma boa ideia do que eu estou pensando.

Brian riu e empurrou o ombro de David.

— Você não presta. — Ainda com um sorriso no rosto, ele se sentou em uma das cadeiras altas que ficavam na frente dos microscópios, entretanto rapidamente ficou sério. — Vince parece ter mais medo de mim do que a Buffy. E está tão arisco quanto ela. Não sei se existe algo entre a gente, mas, mesmo que exista, agora não é a hora. É como você e Miranda.

— Eu e Miranda?

David se tocou que, com tudo que havia acontecido, ainda não tinha contado a novidade.

— Ah, por favor! Dá para cortar a tensão sexual com uma faca! Vocês se curtem, isso é óbvio. Mas entendem que existe algo mais importante e não fazem nada. Acho que é o mesmo caso.

Ahn... Bem...

A boca de David se movia enquanto imaginava inúmeras formas diferentes de começar a dizer o que pretendia, mas nenhuma parecia ser a certa. Brian percebeu a inquietação de imediato.

— Cacete! Vocês estão juntos? — David levantou as sobrancelhas e cerrou os lábios, deixando para a imaginação de Brian completar sua resposta. — Se os mais almofadinhas conseguiram fazer acontecer, o Vince não tem desculpa mesmo.

A gargalhada dos dois era alta. Os últimos dias haviam feito David esquecer-se de como era bom conversar com Brian. Por um segundo, se sentiu novamente no bar perto de sua casa. Porém, os passos apressados na escada e a porta sendo aberta com toda a força trouxeram ambos de volta à realidade.

Miranda estava ofegante.

— Preciso de vocês. Agora.

Ela voltou as costas para os dois e subiu correndo a escada. David e Brian a seguiram.

— Não sei como não percebemos isso antes!

A expressão de Miranda era um misto de alegria e tensão impossível de ser descrito. Vince estava do seu lado, sentado em uma poltrona mexendo no seu *laptop*. Claramente, ele já sabia o que seria dito e estava ocupado com alguma outra questão.

Miranda prendia papéis com ímãs, em um quadro improvisado na sala de Batoriova, enquanto David, a almirante e Brian aguardavam ansiosos.

— Esses são os seis sucessos da Iniciativa, presentes nos relatórios que conseguimos com Stefan. E esse, — Ela segurava com força o papel em suas mãos e o colocou um pouco mais afastado dos outros no quadro. — esse é o arquivo que estava nas coisas de Linda Silver. O sucesso que encontramos no disquete. Pelo discurso na carta de demissão, deduzimos que já sabíamos tudo sobre esse documento, que era um dos seis sucessos, mas não é. Ele não bate com nenhum dos outros. Não é de nenhuma daquelas pessoas que a Iniciativa transformou em vampiros.

— Como assim, Miranda? — questionou Batoriova. — O que você está dizendo?

— Existe mais um, almirante. E desse nem a Iniciativa sabia, apenas Linda Silver tinha conhecimento da sua existência. Pelo menos a princípio. Vince.

Ele virou o *laptop* para os presentes. David não podia acreditar em seus olhos. Na tela, fotos da sua infância, adolescência, seu primeiro dia na Caltech, sua formatura e o abraço apertado de tio Luke comemorando a ocasião. Toda a sua vida estava ali. Ele se levantou sobressaltado.

— O que diabos isso tem a ver com o sucesso? O que está acontecendo?

— Isso é um dossiê que encontramos numa troca de mensagens antiga de Watsen. — explicou Vince. — Estava bem criptografado, mas, quando deciframos, encontramos isso. É sobre você. Sua vida inteira. E não foi organizado recentemente. É um acompanhamento quase que diário da sua existência. Os seus primeiros anos com Linda Silver estão pouco presentes, mas desde a morte de sua mãe, bem, está tudo aqui. Tudo e mais uma coisa.

Vince apertou uma tecla para mudar a imagem. A página amarelada que apareceu era antiga, no entanto dava para ler nitidamente as informações. Aquilo era um relatório da Iniciativa.

Imediatamente, David lembrou-se de seu sonho tantas noites antes. Sua mãe colocando agulhas em seus braços e seus membros soltando-se de seu corpo. Seria possível? Não seria apenas um sonho?

— Eu? Eu sou uma cobaia?

Miranda o olhou horrorizada.

— Não, por Deus, David! Não! Calma, por favor. Leia. A cobaia era dez anos mais velha do que você é agora. Quando olhamos o documento, também não entendemos nada. Por que um relatório sobre uma das cobaias estaria junto com o seu dossiê? E veja, aqui embaixo, o resultado é inconclusivo. É de uma cobaia que morreu. Por que estaria aqui?

— Miranda, se você sabe o motivo, me fala, por favor!

David se desesperava a cada segundo. Não entendia o que estava acontecendo e ficar sem explicações o estava matando. Queria chorar e gritar, porém, mais do que qualquer coisa, queria respostas.

— O resultado está errado. Tirando essa informação, esse é o mesmo arquivo que estava nas coisas da sua mãe. Ela não queria confirmar que houve realmente sucessos quando o colocou no disquete, David. Ela queria escondê-lo. E eu acho que é por isso que ela morreu. Porque ela mentiu. Ela disse para Iniciativa que essa cobaia estava morta quando, na realidade, não estava.

— Por que ela teria escondido a verdade sobre essa cobaia? — David gritava as palavras encolerizado.

Miranda falou baixo. As lágrimas caíam do seu rosto sem querer e ela imediatamente as secava.

— David, o que você sabe sobre o seu pai?

PARTE III — E CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ

21 dias para o Dia V

David bateu forte a porta do seu quarto. Imaginava um mundo de possibilidades quando fora chamado mais cedo por Miranda. Watsen teria dado um deslize? Stefan teria retornado com alguma informação de Donna? Tudo podia ter acontecido, menos isso.

Linda Silver nunca havia elaborado muito sobre o seu pai. “Ele morreu” era basicamente a única frase que saía de sua boca quando David trazia qualquer questionamento a respeito. Nem o como, nem o quando. Nada. Apenas “ele morreu”. David entendia que deveria ser muito doloroso para ela falar sobre o assunto. A morte prematura do homem que amava era algo trágico demais para que conseguisse superar. Para não a machucar mais, ele mantinha sua curiosidade guardada a sete chaves. Porém, nunca esquecia.

Ouvir seus coleguinhas na escola falando sobre suas famílias, vê-los preparando lembranças no Dia dos Pais e observá-los sendo abraçados na hora da saída. Tudo isso fazia com que David, ao chegar em casa para jantar, se sentisse numa mesa incompleta. Mas era uma sensação breve. Ele era jovem demais para conseguir racionalizar suas emoções. Além disso, sua mãe percebia quando a tristeza atingia seu rosto e conseguia fazer qualquer dor ir embora em segundos.

Com a morte de Linda se tornando o centro de tudo na sua vida, a ideia de que existira um pai foi se apagando de seus pensamentos.

Agora, sentado no chão de seu quarto com a cabeça apoiada contra a porta, David se perguntava sobre tudo que não sabia a respeito dele. Ela teria deixado alguma pista? Alguma informação escondida? Poderia ser verdade a história que Miranda havia apresentado?

— Michael.

O nome saiu dos lábios de David como um soco. Mais de trinta anos sem pensar nisso, contudo ali estava, como se sempre estivesse rondando o seu imaginário. Ele se lembrava. Um dia, sem querer, sua mãe havia dito esse nome. Seu pai se chamava Michael.

E ele tinha sido uma cobaia. David era o filho de uma vampira com um humano que havia sido transformado. Seu pai tinha sido humano.

Aquilo tudo parecia fantasioso demais, contudo era realmente o que fazia mais sentido. Analisando friamente, David nunca entendera o porquê de a Iniciativa ter esperado para matar sua mãe. Se era porque ela queria sair e não confiavam que ela não revelaria nada, teriam-na matado na época em que pediu demissão. Por que demoraram anos? Miranda tinha razão. Se tivessem descoberto mais tarde que ela havia escondido um sucesso, isso poderia ter motivado sua morte prematura.

As batidas na porta interromperam o raciocínio de David. Era Miranda.

— Precisamos conversar.

— Eu imagino que sim. — David não queria soar distante, no entanto não estava com cabeça para fingir tranquilidade. Miranda não esperou um convite formal para entrar no quarto.

— Você está bem?

— Essa é uma pergunta que não tenho como responder.

A voz de David estava trêmula, uma frase a mais e ele poderia cair em prantos a qualquer segundo. Cerrava os lábios numa tentativa desesperada de manter o controle.

— David, isso é um avanço inesperado! Sei que seu mundo está de pernas para o ar agora, mas entenda que ganhamos uma nova pista! Uma nova forma de entender melhor o Dia V!

— Eu ainda estou tentando superar o fato de que sou o filho de uma cobaia, Miranda. Mas não sei como essa informação pode ajudar a resistência.

— Essa informação não ajuda em nada. Você mesmo já estudou seu sangue inúmeras vezes e é normal, certo? Nada de mais?

— Certo.

— Não é nisso que temos que focar. É no seu pai, David. Você já parou para pensar que se tudo que você sabe sobre ele é uma mentira, talvez a morte dele também seja?

— O que você disse?

Meu pai pode estar vivo?

— Sua mãe tinha que dizer que ele havia morrido para que você não o procurasse e sem querer acabasse destruindo seu plano para escondê-lo. É possível que tenha sido encontrado pela Iniciativa e morrido depois? É. Mas, se existe uma chance de haver uma cobaia que sabe informações preciosas sobre o Dia V, se existe uma chance de o seu pai estar vivo, você não quer tentar seguir essa pista?

David tinha ficado em tanto choque com a descoberta de que seu pai era uma cobaia, que nem ao menos havia conjecturado que pudesse estar vivo. Miranda trazia uma verdade, realmente seu pai poderia ter morrido depois. O relatório no dossiê que estava no computador de Watsen demonstrava que algum conhecimento sobre o fato ele tinha. Porém, nada afirmava que a Blackwater conseguira encontrá-lo. Pelo menos ainda não.

— Por onde começamos?

Miranda abraçou David em um impulso.

— Obrigada.

— Você descobriu que meu pai pode estar vivo, Miranda. Se alguém aqui tem que agradecer, esse alguém sou eu.

Ela soltou o abraço, talvez por não querer perder tempo, ou por ter entendido que havia criado uma expectativa em David que agora temia ser infundada.

— Ainda precisamos de você à frente do laboratório, mas você pode contribuir com informações. Existe algo de que se lembre e que possa nos ajudar na busca pelo seu pai?

— Me lembrei do nome dele, Michael.

— Lembra-se de um sobrenome?

— Não, desculpe.

— Relaxa. É bem provável que ele tenha trocado de nome para se esconder. O sobrenome não ia ajudar muito. Se mais alguma coisa te ocorrer, me fala.

— Claro.

Miranda deu um beijo curto nos lábios de David, um pequeno bálsamo para uma dor profunda, e saiu do quarto. Ele passou os dedos com força contra os olhos. Não queria nenhum resquício de lágrimas atrapalhando sua visão. Precisava estar cem por cento para voltar ao laboratório. Além de acabar com o Dia V e com os culpados pela morte de sua mãe, David tinha um novo propósito que poderia mudar toda a sua vida. Se o Dia V havia lhe tomado sua mãe, agora poderia lhe trazer seu pai. Era um objetivo ainda nebuloso, entretanto ele faria o seu melhor para torná-lo realidade.

20 dias para o Dia V

Luke sorria de orelha a orelha. David passara semanas fugindo, mandando mensagens breves que não diziam nada, apenas para que ele não se preocupasse com seu paradeiro. Tudo isso porque temia ver seu tio. Mentir sempre foi um problema para David, que preferia omitir a ter que afirmar algo que sabia não ser verdade.

— Fiquei tão preocupado, filho. Senti saudades dos nossos jantares.

— Eu sei, tio. Eu também.

Na geladeira da casa de David, na rua Rupert, não havia nada que pudessem aproveitar. Ele não comia em casa há tanto tempo, que o pouco que tinha já estava estragado. Tio Luke pediu uma pizza, que David mastigava como se fosse a melhor comida que já provaria na vida. Até estarem frente a frente, David não fazia ideia da dor que a falta dele estava causando.

— Terminou o projeto que você estava tocando com o Brian?

— Quase. Falta bem pouco.

Tecnicamente, isso não é uma mentira.

— Nunca vi isso, a pessoa tira férias para trabalhar! Só você, David. Se bem que do jeito que você gosta do batente é capaz de essas estarem sendo as melhores férias da sua vida, né?

David buscou uma saída para a pergunta, mas resolveu que o melhor era não falar nada. Enquanto comiam, ele observava seu tio atentamente. Faltava menos de três semanas para o Dia V. Ele teria que contar. Se não o fizesse, o presidente dos Estados Unidos e o Conselho Vampírico fariam por ele.

David se lembrou de Elizabeth. Qual teria sido sua reação ao saber de tudo que Batoriova havia revelado? A almirante mencionara que a moça tinha sido compreensiva. Será que tio Luke também se comportaria assim?

Independentemente do que viesse pela frente, de uma coisa David tinha certeza: precisava proteger seu tio. Sua mãe estava morta e seu pai era um estranho que também podia já ter sido assassinado. A única pessoa que realmente precisava dele era Luke. Ele não podia decepcioná-lo.

No dia anterior, quando descobriu que Watsen estava controlando todos os seus passos, assim que conseguiu pensar com clareza, David pediu um serviço de vigilância para seu tio. Precisava mantê-lo seguro a todo custo. Se Watsen desconfiasse que ele estava envolvido num plano contra a Iniciativa, a vida de seu tio seria a primeira coisa em risco. Ele poderia usá-lo para se vingar ou, até mesmo, como um trunfo para forçar David a ficar na linha.

Porém, mesmo com Batoriova aprovando a proteção a Luke, David precisava vê-lo. Não adiantava contarem para ele que seu tio estava bem, ele tinha

que ter certeza.

— Tio, posso te fazer uma pergunta?

— Ué, desde quando você tem que anunciar que vai perguntar alguma coisa, filho? Pergunta logo!

— É que é um pouco delicado, não quero que você tenha a ideia errada.

— Para de rodeios e fala, rapaz!

— É sobre a morte da minha mãe.

Tio Luke parou de mastigar a pizza. Engoliu o pedaço do jeito que estava na sua boca. Tomou um gole de água para ajudar a descer enquanto permanecia com o olhar fixo em David.

— Claro, filho. Você nunca fala dela.

— Na verdade é sobre depois. Quando o serviço social te achou e você resolveu ter a doida ideia de me adotar. — David tentou usar ironia para tirar o peso da conversa, porém tio Luke o observava sério. Sabia que aquela conversa não era para brincadeiras. — Eu estava pensando, mais alguém veio tentar me ver?

— Mais alguém? Não, David. Já te falei, eu sou o que sobrou da nossa família.

— Eu sei, não digo do lado da minha mãe. Sei lá, algum parente do meu pai talvez?

— Seu pai? Não, ninguém. Mas por que isso agora, David? Você nunca falou da sua mãe comigo, do seu pai menos ainda. Está tudo bem, filho?

— Está, está sim. Só me dei conta de que tem tanto sobre o meu passado que eu não sei. Posso ter avós paternos, primos, outros tios.

— Ah, então você está querendo me trocar? — A frase foi acompanhada por um cafuné na cabeça de David que o deixou descabelado.

— Não pensa isso, não, tio. Por favor. Tendo você, eu não preciso de mais ninguém. E você sabe que é muito mais que um tio para mim. Você é meu pai.

Luke o abraçou.

— Você é meu filho, David. Nosso laço é muito maior do que um de sangue. Eu te escolhi e fico feliz em ver que você me escolheu também.

— Sempre, tio. Sempre.

13 dias para o Dia V

— Pronto?

— Pronto.

— Aí vamos nós.

Brian segurava a *hamster* com a maior delicadeza do mundo. Buffy já havia tentado morder seu dedo algumas vezes, entretanto ele tinha conseguido imobilizar sua cabecinha. Com a outra mão, injetava o líquido viscoso contido na seringa que segurava. Aquela era a prova de fogo. Descobririam se os esforços dos últimos dias tinham valido a pena. Teriam conseguido recriar o soro certo da Iniciativa? Sua fusão com a fórmula de David teria funcionado? Só Buffy poderia dizer.

Brian devolveu a roedora para sua gaiola e os dois ficaram observando. Não demorou muito para perceberem que não tinham o resultado esperado.

— Meu Deus!

David se assustou com a cena. Ver numa fita com definição baixa era uma coisa e ao vivo era outra bem diferente. Foi rápido, mas Buffy sofreu. E muito.

— O que fizemos de errado, David? — Brian estava indignado. — Coitada! O que aconteceu?

— Não sei. — David folheava o seu caderno de anotações enquanto tentava entender. — O cálculo da dosagem está certo. — Foi até o microscópio. — Os componentes estão em fusão completa. Não faz sentido.

A morte de Buffy foi uma tragédia inesperada. David lembrava-se de Batoriova dizendo que os experimentos com animais tinham sido sucessos, e acreditava que conseguiriam replicar o soro a ponto de alcançar esse feito, mas, no caso dela, não foi possível.

— Temos que estudar a Buffy. — afirmou David.

— O que sobrou dela, você quer dizer.

David retirou um pouco de sangue do animal dilacerado enquanto Brian colheu material de dentro da sua ínfima boca. Os dois levaram as amostras para os microscópios.

— As células estão destruídas. Todas.

— Aqui também, David. Nem houve tempo de absorverem o soro. Entraram em contato com ele e morreram.

David ficou imóvel. Tentava formular algum pensamento que pudesse esclarecer o ocorrido. Os dias de trabalho árduo culminavam em uma resolução que estava longe daquela que tanto aguardavam. Ele fitou o amigo. A expressão de derrota de Brian era tão assustadora quanto o horror que tinham acabado de presenciar. Porém, as suas últimas palavras começaram a ecoar na mente de David. Poderia ser aquela a resposta?

— Tempo de absorverem... Brian, acho que pode ser isso! — disse David voltando para o caderno de anotações. — A fórmula e a dose estão certas, sei que estão! Mas, para uma célula viva, isso é muita quantidade, muito rápido. Temos que dar tempo para a célula.

— E como você quer fazer isso? Essa é a única coisa que não temos!

David e Brian teriam que esperar para tentar entender o que estava acontecendo. Vince entrou no laboratório sem fazer cerimônias, com um semblante sério. Algo mais urgente demandava a atenção dos dois.

— Venham comigo, rápido!

Todos os membros da Iniciativa estavam na sala do térreo. Seus rostos demonstravam pânico enquanto observavam a grande TV que ficava no centro do cômodo. Na tela, uma jornalista na frente de um hospital falava aflita.

“...como tudo começou. O que se sabe é que os Estados Unidos não são o único país que passa por essa calamidade. Até o momento, já temos registros na África do Sul, Chile, Angola, México, Índia, Canadá, Austrália, Japão, Brasil, Islândia, Peru, Suíça, Portugal, Holanda, Inglaterra, França e Rússia. Os números aumentam a cada segundo. Os sintomas são anemia, fadiga, dores pelo corpo, espasmos involuntários, tremores, olhos ressecados e magreza extrema, este último, inclusive, em pessoas que até ontem eram obesas. A Organização Mundial da Saúde e as instituições federais investigam o que pode estar causando a doença e como solucionar essa epidemia. O temor das autoridades é que isso se trate de um ato terrorista.”

— Como pode ser tão burro?

Miranda e Batoriova tiraram sua atenção da TV e se voltaram para David. Todos os outros membros da resistência que estavam presentes na sala fizeram o mesmo. Ele segurava os cabelos entre os dedos, em uma cena que demonstrava total desespero.

— Brian, você estava certo! A gente não tem tempo, mas eles tiveram! Eles tiveram meses! O Dia V já está acontecendo. Nunca funcionaria de uma só vez! É um processo delicado demais para ser feito assim. Não é um pouco de sangue em um copo como eu pensei para a minha fórmula do exército. São seres humanos inteiros sendo fundamentalmente alterados. Eles estão sendo envenenados há meses. Meses! Acabou. Fim de jogo. O apocalipse vampírico chegou.

— Mas essas pessoas estão morrendo, David! — vociferou Brian. — Como vão virar vampiros?

— Da mesma forma que a gente virou. Isso que está acontecendo com todos é o mesmo que acontece com um vampiro que nunca bebeu sangue. Se elas não tomarem, vão morrer.

Stefan Cahill surgiu na sala, acompanhado de um agente que estava responsável por monitorar a porta principal da resistência. Seu ar era de pesar. Abotoava o paletó querendo se recompor da viagem até o esconderijo, no entanto seu rosto entregava sua aflição. Brian foi até ele.

— Pai?

Stefan não respondeu ao filho. Seu foco estava em Batoriova.

— Donna me contou tudo, Bea. O Dia V já está acontecendo. Eles diluíram o soro em quase todos os grandes reservatórios de água do planeta. Os países que ainda não têm vítimas terão em breve. O mundo inteiro passará por isso!

— Isso não faz sentido! — esbravejou Batoriova. — Como os vampiros vão ficar sem sangue? Eles não podem transformar todos.

— Não vão. Algumas poucas cidades pobres da África, Ásia e América do Sul estão sem acesso a essa água. Eles pretendem seguir o seu plano original, querem criar campos de concentração.

— Meu Deus! O que foi que eu fiz?

Batoriova ficou desorientada por um segundo. Vince foi para o seu lado e a segurou, colocando-a sentada no sofá.

David continuava em pé, movimentando-se em desespero. Precisava encontrar seu tio, precisava desenvolver um antídoto. O Dia V tinha que chegar ao fim antes que os campos de concentração comesçassem. Amaldiçoou todos que fizeram parte daquilo. Watsen, Humphry, Batoriova e sua mãe, qualquer pessoa que, de alguma forma, ajudara a criar aquilo. Amaldiçoou a si mesmo também. Ele tinha tornado essa catástrofe possível. Ele era o culpado de tudo: das mortes que viriam e das pessoas sendo aprisionadas, perdendo sua liberdade e suas vidas.

E, então, veio a fumaça. E o primeiro tiro.

David estava imóvel. Os corpos ao seu redor caíam pelo chão, contudo ele não conseguia se mexer. Os disparos certos no centro das testas de seus companheiros eram a certeza de que não conseguiriam voltar à vida. Apesar do medo da morte, ele não era capaz de se movimentar. Mal sentiu a mão de Miranda puxando seu corpo para baixo e forçando-o a correr agachado para fora da sala. O gás sufocante fazia com que sua vista se anuviasse e atordoava seus pensamentos. Todos os meses de trabalho e esforço tinham sido por nada. Aquele seria o seu fim.

David observava seus movimentos serem conduzidos por Miranda como um espectador sem capacidade de interferir. Ao seu lado, notou a presença de Brian e Vince, eles carregavam alguém. Havia sangue.

Miranda o segurava com mais força. Na sua outra mão, brilhando entre os reflexos dos poucos raios de sol que conseguiam passar pela fumaça, uma pistola disparava contra pessoas que David não conseguia ver. Passaram pela cozinha, esgueirando-se pela porta que dava para o jardim. Miranda fez sinais para alguém atrás deles, David entendeu que deveria ser Vince, no entanto a fumaça tornava impossível ter certeza.

Do lado de fora, o cenário era outro. A visão desimpedida trouxe clareza para os pensamentos de David. Ainda abaixados, passavam de arbusto em arbusto, escondendo-se pelo jardim, indo na direção da garagem. Fugir era o plano de Miranda. Não havia como enfrentar. Não tinham mais pessoas para um contra-ataque.

David olhou novamente ao seu redor. Agora podia ver quem seus amigos carregavam. Era Batoriova. Seu pescoço dilacerado jorrava sangue, e Brian tentava estancar com a mão enquanto corriam, mas era inútil. Atrás deles, Stefan cobria a retaguarda. Havia conseguido uma arma também, porém David não tinha como saber quando.

A garagem estava perto. Os inimigos da resistência pareciam estar dentro da casa principal, por isso o caminho estava livre. Ainda assim, todos corriam agachados. Miranda soltou a mão de David para pegar a chave de uma picape. Abriu a porta de trás para ajudar Vince e Brian com Batoriova. Foi nesse momento que ouviram.

Brian se virou depressa. Atrás dele, de costas, seu pai estava com os braços abertos, protegendo seu filho. Stefan girou o corpo, ficando de frente para ele. No alto de sua cabeça, o sangue descia com rapidez. Enfim caiu no chão, revelando o atirador com a arma em punho.

O grito de Brian foi abafado pelo tiro de Miranda, que fez o agressor cair sem vida. Brian se agachou, segurando seu pai no colo.

— Não, não, por favor, não. Pai? Por favor, não! Pai!

Vince colocou seu braço em torno de Brian.

— Não tem nada que possamos fazer. Ele está morto, Brian.

— Não! Não!

Brian abraçava com força o corpo de Stefan. Não queria deixar seu pai para trás. Miranda tentou tirá-lo daquele estado.

— Brian, por favor. Temos que ir. Somos alvos fáceis aqui. Eu sei que dói, mas temos que ir.

David voltou a si. O horror à sua volta era atordoante, contudo Brian precisava dele. As palavras saíram com um ódio que David não havia previsto.

— Seu pai morreu para te salvar. Não deixa essa morte ter sido em vão. Vamos acabar com esses desgraçados, mas para isso precisamos estar vivos.

As lágrimas entremeadas ao sangue de Stefan escorriam copiosamente pelo rosto de Brian. Ele aceitou a ajuda de Vince para se levantar e entrou no carro. Ainda olhava o corpo desfalecido de seu pai, enquanto o carro se afastava da carnificina que tinham presenciado.

Não havia para onde irem. Era questão de tempo até a Iniciativa saber exatamente quem eram. Suas casas, suas posições dentro do governo. Tudo estava perdido. Miranda dirigia sem direção, ignorando as súplicas de David para que fossem atrás de Luke.

— Eu imagino o que você deve estar sentido, David. Mas não vou arriscar a vida de pessoas que podem fazer algo contra o Dia V para tentar salvar um único humano. É a população mundial em jogo. E conhecendo a arrogância dos nossos governantes, não devem considerar seu tio nem uma ameaça nem uma arma que possam usar. Além disso, Batoriova colocou agentes da NSA vigiando seu tio na semana passada, ele está bem.

— Não posso ficar tranquilo com suposições. Preciso ver meu tio!

— Não vou para lá, David. — A assertividade de Miranda encerrou a conversa.

David estava destruído, contudo, por mais que sua cabeça conseguisse pensar em inúmeros cenários nos quais seu tio sofria, ao ver o rosto de Brian refletido no espelho do seu lado do carro, sabia que seu amigo estava muito pior.

Do banco de trás, um barulho similar a um gargarejo chamou a atenção de todos. Era Batoriova. Sufocada pelo seu próprio sangue, a almirante tentava falar. Vince levantou sua cabeça para ajudar.

— Elizabeth. Eles não sabem de Elizabeth.

Miranda sorriu. Um raio de luz surgia em meio à escuridão que aquele dia havia oferecido. Elizabeth seria um porto seguro, pelo menos até que Batoriova se recuperasse e eles conseguissem traçar um novo plano.

David não gostou da ideia. Subitamente, lembrou-se das palavras de Humphry naquele dia em que fora até o bar perto da sua casa: “É só eu querer achar, que eu acho”.

— Miranda, estaremos levando problemas para uma pessoa que não tem nada a ver com essa situação.

— Você viu o noticiário, David. Todos têm a ver com essa situação agora.

— Desculpem, mas quem é Elizabeth?

Miranda fez uma curva fechada à esquerda, enquanto respondia à pergunta de Vince. No espelho, David observava as lágrimas sem som de Brian.

Miranda escondeu o carro em um beco, atrás do prédio de Elizabeth. Sem precisar fazer força alguma, arrancou as placas. Se alguém da Iniciativa o encontrasse, isso dificultaria relacionarem aquele carro ao que viram escapando da resistência.

Vince e David carregavam Batoriova pelas escadas de serviço do prédio e Brian, ainda em choque, andava ao lado de Miranda. Ela estava completamente alerta, observando tudo enquanto apoiava a mão na pistola escondida em sua cintura.

Os três andares do prédio passaram com dificuldade, até que enfim chegaram ao apartamento. Miranda passou na frente de todos e bateu à porta. Do outro lado, a figura que atendeu causou pânico a todos que estavam presentes.

— Elizabeth? — questionou Miranda, com horror.

A mulher de olheiras profundas observava o grupo apática, juntando todas as suas forças para se manter de pé. Se pesava quarenta quilos era muito. Usava um vestido largo demais para o seu corpo, que parecia um cabide de ossos para a roupa. Ela tentou sorrir para Miranda, demonstrando que já a conhecia, contudo, a visão de Batoriova mudou sua expressão por completo.

— Tia?

A voz saiu rouca e sem vida. Ela chegou para o lado para deixar que todos entrassem.

— O quarto fica nos fundos, à direita. Coloquem-na na cama.

David e Vince obedeceram sem demora. No rosto de Batoriova, podiam ver a dor de descobrir que sua descendente havia sido contaminada. Ela havia falhado. Todos haviam.

— Ela vai ficar bem?

Elizabeth apoiava os braços finos sobre a cama onde Batoriova estava. Segurava a sua mão enquanto observada o sono profundo em que a almirante havia entrado. Apesar de seu corpo demonstrar fragilidade, algo no seu olhar fazia David compreender que aquela mulher era extremamente forte.

Miranda tentou consolá-la.

— Ela está muito fraca, Beth. Vai demorar um pouco para se recuperar, mas podemos acelerar o processo com sangue. Ela não deixou nenhuma bolsa aqui?

— Não, ela não gostava que eu a visse tomando sangue. Dizia que não queria que eu pensasse em nossas diferenças. Queria minha mente focada nas coisas que nos uniam, não nas que nos distanciavam.

Miranda suspirou fundo. Mais uma derrota em um dia cheio de batalhas perdidas.

— Se ela não tomar sangue, pode ficar nesse coma restaurativo por semanas! Não podemos ir para nossas casas pegar e os bancos de sangue vampíricos, com certeza, estarão sob vigilância. Ideias?

O silêncio se instaurou, enquanto Vince tomava coragem para dizer a única solução que via.

— Como nos velhos tempos. Direto da fonte.

David se virou assustado.

— Você está fora do seu juízo perfeito. Olha para ela, Vince! A quantidade de sangue de que Batoriova precisa não é uma gota que sai de um furo de alfinete. Ela precisa de umas cinco bolsas no mínimo! Nenhum ser humano sobreviveria a isso.

— Pegamos de mais de um então.

— Isso chamaria muita atenção. — Miranda parecia querer traçar um plano, porém David não sabia se era qualquer plano ou se ela havia apoiado a ideia de Vince. Seu rosto era um enigma.

— Vocês querem pensar friamente a respeito disso? — David perdera a paciência. — Então vamos lá. Os humanos foram infectados pelo soro do Dia V. Achar um que esteja normal vai ser difícil, e vocês ainda querem vários? E o que vamos fazer com essas pessoas depois? Eu sei que não sou bom com planos, mas esse? É o pior da história.

Vince respirava pausadamente tentando se acalmar. Não queria confronto, queria solução.

— Sangue animal seria impossível. Precisaríamos de muito. Se vocês têm uma ideia melhor, sou todo ouvidos. Mas eu digo que precisamos fazer o que for possível para trazê-la de volta. Não podemos ter mais nenhuma baixa!

Brian havia ficado calado, olhando em choque para o nada, no entanto o discurso de Vince foi o que ele precisava para despertar.

— Eu entendo, Vince. Perdemos muito hoje. Muito. — Suas palavras saíam calmas e resignadas. — Mas, se nós recorrermos à sangue humano de fontes vivas, o que nos diferencia da Blackwater? Eles brincam com vidas, porque afirmam que elas não importam, apenas a raça vampírica merece respeito. Sei que você não pensa assim, mas achar que a vida de Batoriova vale mais do que a de qualquer humano flerta perigosamente com isso. No segundo que um ser humano entrar por

aquela porta para servir de lanche, eu saio imediatamente. E aí vocês terão perdido mais um membro dessa patética resistência.

David se posicionou ao lado de Brian.

— Dois membros.

Miranda olhou para David. Suspirou novamente. Vince parecia mais feliz por Brian estar falando do que irritado pelo seu discurso. Contudo, ainda estava perdido.

— Então o que fazemos?

David tinha uma ideia. Ruim, como a maioria delas, mas tinha uma.

— Vou em casa buscar.

— Você está louco? — A fala de Miranda beirava a raiva. — Não ouviu nada do que eu disse? Eles vão estar vigiando nossas casas!

— Eu ouvi. Mas você está partindo do pressuposto que eles já sabem que eu estou envolvido. Os agentes que invadiram a resistência não têm motivos para terem me reconhecido, não sou ninguém. Vocês sim. Vocês são agentes de campo famosos e figuras importantes na hierarquia vampírica. Eu sou nada. E, até onde Watsen e o presidente sabem, abandonei tudo a respeito do Dia V e estou curtindo minhas férias. Acho que tenho umas horas até pegarem as imagens de segurança da resistência e passarem no *software* de reconhecimento facial.

— Você está arriscando muito num chute.

— É assim que faço com a maioria dos meus planos.

— Isso não me deixa segura.

— Não é para ficar mesmo, nem eu estou. Mas sangue de seres humanos vivos não é uma alternativa. Eu vou.

— Vou com você — afirmou Vince. Depois do seu discurso sobre usar humanos, David não esperava que se voluntariasse para a missão. E, pela expressão em seu rosto, Brian também não. — Vocês têm razão. Eu estava falando de um lugar de desespero. Essa é a nossa única chance. Mas, se tudo der errado, você precisa de alguém que saiba usar uma arma do seu lado, David. Brian e Miranda ficam aqui protegendo Batoriova e eu vou com você.

Miranda concordou.

— Você está armado? Acho que só temos a minha pistola que tem umas três balas.

— Estou.

Vince levantou a camisa. Em sua cintura, estava o revólver de Stefan.

— Quando você pegou isso?

Vince engoliu em seco e não respondeu a Brian.

— Então corram. — Miranda jogou as chaves do carro nas mãos de Vince.

— Não sabemos quando David vai ser identificado. Se é que já não foi.

David e Vince começaram a se dirigir até a porta do quarto. Porém, Brian segurou o braço de Vince, impedindo que continuasse.

— Você usa essa arma, está entendendo? Não banque o herói e se jogue na frente das pessoas. Usa a arma.

Vince fez um carinho no rosto de Brian.

— Não vou precisar.

— Promete que vai usar! — As lágrimas que Brian tentava em vão manter sob seu controle começaram a rolar. Sua raiva mascarava sua preocupação.

— Eu prometo. — Vince encostou sua testa na de Brian, segurou sua nuca. — Eu prometo.

Bem diferente do primeiro beijo que David havia presenciado, este era um misto de realização e despedida. Todo o amor que haviam guardado nessas semanas estava exposto em uma única ação.

Miranda puxou David para fora do quarto, dando um momento de paz para os rapazes.

— Não sei ser tão fofa quanto aqueles dois, então serei bem objetiva. Não morre.

David não controlou a gargalhada.

— Você também.

Aquele foi o melhor beijo da vida de David. Talvez porque pudesse ser o último.

12 dias para o Dia V

A madrugada ajudou os dois a esconderem a picape preta em uma ruela paralela à rua Rupert. David e Vince andaram apressados, ignorando a entrada principal e indo direto para a garagem.

— Não tem nenhum carro na rua, acho que estamos seguros. Ao menos por enquanto — avaliou Vince.

David sabia que aquelas palavras deveriam acalmá-lo, contudo seu coração batia como se estivesse fora de seu peito. Deixar Miranda e Brian sozinhos, com Batoriova em coma e Elizabeth debilitada, não parecia mais um plano tão bom.

Separar o grupo. Excelente ideia, David! É assim que começam todos os assassinatos nos filmes de terror.

O porão estava como David havia deixado. Cada pasta, cada almofada. Tudo em seu devido lugar.

— No frigobar. Deve ter umas sete bolsas. — Vince correu para onde David apontava. — Vou subir e pegar uns alimentos para Elizabeth. Não vai ajudar muito, mas é o que podemos fazer.

— David, — Vince parou, voltando-se para o amigo. — você acha que ela, bem, que eles vão morrer? Não entendo esse plano. Agora vão colocar sangue nos reservatórios de água também? E como esconder a criação dos campos de concentração?

— Não sei, Vince. Mas acho que se esconder não é mais a meta.

David o deixou, entretanto não conseguiu tirar o Dia V da cabeça. Todas as perguntas de Vince eram pertinentes, no entanto era impossível dizer quais seriam os planos da Iniciativa.

Ele entrou na casa pela porta da frente imaginando cenários plausíveis, contudo suas elucubrações teriam que ficar para outra hora. Na sala de David, um invasor o observava no escuro. Pela fina luz vinda de um poste da rua, ele conseguiu identificar um rosto familiar. Sentado numa poltrona, em absoluto silêncio, estava tio Luke. Antes de trocar qualquer palavra, David analisou sua aparência. Não tinha a magreza de Elizabeth, nem parecia debilitado de nenhuma forma. Ele estava bem, estava saudável. David começou a formar um sorriso enquanto ia acender a luz. Porém, cessou seu movimento. Observou melhor. Nas mãos dele, havia um copo com sangue.

— Tio?

Luke permaneceu sem dizer nada. Seus olhos brilhavam, prestes a deixar o pranto escapar, mas ele segurava o choro com força. Olhou para o copo por alguns instantes antes de tomar coragem.

— Filho, estava te esperando. Nós precisamos conversar.

— O que você fez, tio? Você bebeu sangue? Por quê? E como diabos você sabia o que fazer?

— Eu sei de tudo, David.

— De tudo?

— Sim. De tudo.

David ficou transtornado. O que Luke havia feito? David ainda ia tentar o antídoto, ia criar a cura. Ele não precisava ter feito isso. David podia tê-lo salvado! Já em um estado de fúria, David não mediu sua próxima palavra.

— Vampiros?

— Vampiros. Vampiros, Linda, presidente, Blackwater. Eu sei de tudo, filho.

Black... O quê?

— Como?

— Não sou mais humano, David. Já fui. Mas não sou mais.

— Porque você tomou esse maldito sangue, tio!

David foi até o lugar onde Luke estava sentado, bateu no copo deixando o objeto e o líquido caírem no chão. Luke olhou para cima, encarando o sobrinho com seriedade.

— Não, David. Eu deixei de ser humano há muitos anos, antes mesmo de você nascer. Eu sou um dos sucessos, filho.

O barulho do copo caindo contra o carpete da sala de David foi ínfimo, contudo os ouvidos de Vince estavam atentos. Aquele breve ruído foi o suficiente para entender que David poderia estar precisando de ajuda. Ele entrou pela sala segurando com força a arma, disposto a cumprir a promessa que fizera para Brian. Porém, a cena que viu o fez recuar. David estava no chão; abraçado à cintura de um homem, ambos choravam. Vince o reconhecia das fotos de vigilância de David, tanto da época em que suspeitavam que fosse da Iniciativa quanto das encontradas no computador de Watsen.

— Vocês estão bem?

David não percebeu a presença dele. Não ouviu sua voz. Só ouvia as palavras baixas de seu tio ecoarem em seus ouvidos.

— Me perdoa, filho. Me perdoa.

— Por quê? Por que você mentiu todos esses anos? Por que me deixou anêmico na minha infância? Por que me fez sentir tão mal por não te contar se você já sabia de tudo?

— Filho, eu não podia. Era meu trabalho, David. Eu estava protegendo meu governo.

As palavras de Luke fizeram Vince empunhar sua arma novamente. Dessa vez, ele mirou na cabeça.

Luke percebeu a movimentação sem tirar os olhos de seu sobrinho.

— Isso não será necessário, agente. Não estou aqui cumprindo ordens do presidente. Estou aqui porque aquele desgraçado mentiu. Aquele filho da puta me disse que era voluntário, como o meu processo foi. Ele não disse que ia ser essa tortura psicológica, que todo mundo ia ser tacado nisso sem escolha, muito menos que iam sofrer. Ele mentiu. O filho da puta mentiu!

“Eu era um soldado. Fiquei mais de vinte anos trabalhando para o exército americano, sendo enviado para qualquer batalha que ele estivesse disposto a travar. Não perdi meu dedo em uma fábrica de ração, David. Perdi para uma mina terrestre no Vietnã, a última guerra da qual participei. Anos depois de sair do campo de batalha, recebi uma ligação do Departamento de Defesa pedindo para que eu fosse até o Pentágono. Quando cheguei lá, fui recebido por duas pessoas. Não me lembro quem era a outra, mas lembro claramente de Edgard Humphry, nosso presidente. Ele ainda era só um merdinha tentando ser alguém e, mesmo assim, já andava como se fosse o dono da porra toda. Uma falsa modéstia que enjoa, mas é daqueles que você demora para perceber que é tudo lábia.

“O cara só tinha elogios para me dar. Agradeceu o meu desempenho no Vietnã, lamentou a perda do meu dedo como se eu tivesse perdido alguém da família e falou que o país precisava da minha ajuda mais uma vez. O sonho que ele descrevia era tão bonito. Uma sociedade de pessoas que viveriam sem guerras, em uma grande comunidade. Todos seriam iguais e, o melhor, seriam eternos. Aceitei, claro que aceitei. Você não fez o mesmo quando Watsen te chamou? Como negar? A palavra ‘vampiro’ só veio depois, mas, quando isso aconteceu, eu já estava aberto o suficiente para entender e aceitar.

“Foi assim que conheci sua mãe. Linda era encantadora, David. Entendo completamente o seu amor por ela. Que mulher! Sempre com um sorriso sincero, querendo o meu bem-estar. Depois de meses de exames, ela me disse que estava na hora. Ia começar aos poucos, mas já tinha tido três resultados positivos antes de mim, por isso estava confiante. Deitei na maca e deixei que aplicasse a primeira dose daquele treco. Não sei o que tinha, mas sei que o vômito foi imediato. Quase sufoquei com a quantidade. Linda não esperava, porém me socorreu rapidamente. Foi mais de uma hora de vômito contínuo. Fiquei um mês em recuperação,

desidratado e sem poder dar continuidade ao tratamento. Mas persisti. Meu país precisava de mim. Ela reduziu a dose drasticamente e, assim, ao longo de dez meses, eu fui recebendo aquele líquido direto na veia.

“Até que aconteceu. Foi exatamente como no caso dessas pessoas ao redor do mundo. Fiquei fraco, magro, com dor, na merda mesmo. Mas, ao contrário delas, eu sabia que ia acontecer, eu esperava por isso. E, no segundo em que ocorreu, sua mãe estava com uma bolsa de sangue do meu lado para acabar com o meu sofrimento. Era o começo dos anos oitenta, eu estava com quarenta anos, e assim fiquei. Parei no tempo, ganhei vida eterna e a chance de ser um farol de esperança para os planos de criar uma nação mundial.

“Passei para a próxima fase do experimento. Me uni aos outros sucessos, que a essa altura já eram seis contando comigo, e começamos a rotina de uma quantidade absurda de testes. Entendi que nem todo mundo conseguia passar pela transformação e o nosso sangue era a chave para encontrar a ‘Cura’. Era assim que chamávamos o soro. Ele era a cura da morte, a cura para as guerras, a cura para todos os males do mundo. Esperança injetável. A Cura.

“Um dia, outro médico chegou para fazer meus exames. Perguntei por Linda e ele me disse que ela tinha sido promovida para outro departamento. Fiquei feliz por ela; se tinha alguém que merecia uma promoção, esse alguém era Linda. E, assim, continuamos na batelada de exames por mais alguns anos, até que Humphry me chamou de novo.

“Me recebeu no Pentágono, com um sorriso de orelha a orelha. Disse que se lembrava de quando me fez a proposta e sabia que eu seria um sucesso, que meu potencial era enorme e blá, blá, blá. Aquele discurso bem cheio de ‘politiquês’. Passados os cinco minutos de bajulação, Humphry disse que tinha uma missão para mim. Para ser honesto, eu já estava louco depois de tantos anos indo de casa para o laboratório, do laboratório para casa, então acho que eu diria sim para qualquer coisa que ele falasse. Mas eu realmente não imaginava que o pedido fosse mudar a minha vida para sempre.

“Você era a missão, David. Humphry disse que a sua mãe havia sido assassinada cruelmente e eles não podiam deixar você sozinho no mundo, precisavam de alguém capacitado para te proteger. Pensei em Linda, em como ela tinha sido boa para mim, não questionei muito, confesso. Talvez se tivesse feito isso, hoje estaríamos em outra situação. A minha única pergunta foi sobre o seu pai, quis saber por que ele não podia ficar com você. Não sei se podemos confiar na resposta, mas na hora entendi que era por isso que você precisava de proteção. Humphry me disse que tinha sido ele. Seu pai havia matado a sua mãe.

“Ele me pediu para nunca te contar. Disse que seria traumático demais. Até porque ele disse que Linda, já sabendo que o cara não prestava, tinha falado para

você que ele havia morrido. Encontrei com a mulher do Serviço Social, apresentei meus documentos, que a essa altura já estavam falsamente me ligando a sua mãe como um primo distante, e te trouxe para casa. Humphry também pediu para eu não revelar que era vampiro. Isso ainda era segredo de Estado, extremamente confidencial, não podiam permitir que, sem querer, você falasse para seus amigos no parquinho. Concordei de novo. Criei a história da fábrica de ração, consegui permissão para reduzir minhas visitas ao laboratório para que você não ficasse sozinho, e Humphry me passou um plano de envelhecimento que envolvia tatuagens permanentes e uma maquiagem especial. Tudo muito sutil, voltado para alguém que é visto diariamente, como eu seria por você.

“E me apaixonei por você, garoto. Que rapaz que a Linda criou! Partia meu coração não poder te contar, não poder te dar sangue. Mas, mesmo com a sua anemia, acho que te dei uma infância boa. Não te dei, filho? Sei que teve muita mentira, mas meu amor por você sempre foi a mais pura verdade. E tudo ia bem, você foi fazer uma faculdade maravilhosa, a gente jantava junto toda terça, ia pescar no Potomac. Mas o Humphry nunca saiu de cima. Nem sempre ele pessoalmente, porque o senhor presidente não podia ser visto falando com o borra-botas aqui, porém os assessores dele sempre entravam em contato. Pediam notícias de você, relatórios de comportamento. Eu entregava qualquer merda para eles pararem de encher o saco, mas não paravam. Quando te chamaram para trabalhar na CIA, achei que isso ia parar, que eu podia te contar tudo, mas Humphry falou que a informação continuava restrita.

“Algumas semanas atrás é que a situação ficou bizarra mesmo. Ia gente lá em casa toda hora, grampearam meus telefones e armaram um circo. Não estava entendendo droga nenhuma. Semana passada até colocaram agentes para me vigiar! Mas aí vi a notícia na TV. As pessoas doentes, com dor, destruídas por dentro e por fora. Cadê o sangue? Por que estão sofrendo? Que palhaçada era essa que o presidente tinha armado? Juntei os pontos. O interesse em você e o seu sumiço logo agora. Eu te conheço, David. Se você visse uma injustiça acontecendo, nunca ia deixar barato. O desespero do presidente em te colocar no seu radar me mostrava que ele ainda não tinha certeza da sua participação, mas eu sabia que você estaria envolvido. Por isso, me liberei da minha escolta e vim para cá te esperar.

“Foda-se o presidente e o seu sigilo de merda. Foda-se a Cura. O que quer que você esteja fazendo para acabar com essa porra toda, conta comigo, filho. Eu quero aniquilar a Blackwater. Do que você precisa?”

David não conseguia responder à pergunta. Seu tio, um sucesso? Quando aceitou embarcar nessa jornada para revelar o assassino de sua mãe, ele nunca podia imaginar que teria tantas outras revelações. Sua história estava marcada por sangue e mentiras. Estava marcada pela Iniciativa.

— Do que eu preciso? Preciso que as pessoas parem de mentir para mim! Toda minha vida, tio. Toda minha vida foi uma mentira atrás da outra! Minha mãe trabalhando para o governo, você fingindo ser humano, meu pai que, aparentemente, é um sucesso da Blackwater! Cacete! Eu estou de saco cheio de todos vocês. Só me deixa em paz!

— Seu pai...?

Luke não pôde terminar a frase. David saiu disparado pela porta. Vince teve dificuldades para entrar na picape antes que ele arrancasse com o carro. No retrovisor, a imagem de tio Luke diminuía a cada segundo. Os dois amigos estavam mudos. Não havia nada a ser dito agora. Eles iam para a casa de Elizabeth, iam curar Batoriova. Depois viria o plano. Tinha que haver um plano.

Não pode acabar assim.

David não sabia que Batoriova já havia acordado. Sentada do seu lado com tamanha tranquilidade, a almirante não refletia em nada a pessoa que estava sangrando nos seus braços no dia anterior.

— Vince nos contou David. Não sabia se podia, mas entendeu que era maior do que um problema na sua família. E é. Como você está lidando com isso?

— Como você acha? — A pergunta não foi dita de forma grosseira, e sim derrotista.

David havia passado as últimas horas imóvel, repousando no sofá da sala de Elizabeth, sem falar com ninguém. Miranda e Brian tentaram conversar, contudo ele não conseguia interagir. Não tinha palavras para expressar o choque que estava sentindo. Seu tio, seu pai, sua mãe. Sua vida.

— Acho que você precisa superar.

— O quê?

— Ontem eu não tinha mais sangue no meu corpo, David. Meu pescoço estava mutilado. E, agora, aqui estou, como se nada tivesse acontecido. É isso que significa ser vampiro. Somos a superação em pessoa. Sua família parece estar no centro de tudo, agente. Minha recomendação é que você veja além disso. Pode ser um problema, mas pode ser um trunfo. Supere e use isso.

— Como?

Batoriova desviou o olhar.

— Seu tio. Podemos confiar nele?

— Quero acreditar que sim, mas, sinceramente, não sei.

— Então descubra. Seria valiosíssimo termos um sucesso do nosso lado, estamos bem limitados de recursos e de pessoas. Deixe para se martirizar depois que vencermos.

— Você ainda acredita que é possível a gente vencer?

— Não sei. Mas, se não nós, quem?

Ninguém.

Não havia mais ninguém. O destino de todas as pessoas do mundo estava nas mãos deles. Era lutar ou lutar. E talvez morrer tentando.

10 dias para o Dia V

— Algum sinal dele, David?

Miranda demonstrava aflição. Desde sua conversa com Batoriova, ele havia saído à procura de seu tio, e Miranda acompanhava a frustração das buscas.

— Nada. Ele não está na minha casa, nem na dele. Não atende o celular. Revirei todos os lugares que costumávamos ir. Não sei mais onde procurar. Se alguma coisa aconteceu...

— Calma, não deve ter acontecido nada. Ele não era militar? Deve estar seguindo o protocolo mais antigo que existe: sair dos holofotes. Só está esperando a poeira baixar.

Os últimos dois dias tinham sido um caos, não somente para a resistência, como para o mundo todo. Pelo noticiário, eles acompanhavam a evolução da “Cura”. Já havia ocorrido a primeira morte nos Estados Unidos e de cento e setenta e duas no mundo. Se as pessoas não tomassem sangue, iriam morrer. David só não sabia ao certo quando.

Ele tentou fazer alguns cálculos tomando como base a evolução de Elizabeth, um ser humano em transformação, e comparando com um vampiro como Miranda ou Batoriova, que demoraram anos para beber. Porém, o resultado não trouxe boas notícias. O soro parecia considerar o tempo de vida total das pessoas. Quanto mais velhos, mais rápido pereceriam. Não havia uma matemática exata, entretanto a expectativa era que, em questão de dias, não houvesse mais idosos no planeta. Em mais algumas semanas, chegaria a vez dos adultos e dos jovens e, logo depois, das crianças.

Edgard Humphry aparecia com frequência na TV, sempre afirmando que os Estados Unidos estavam fazendo todo o possível para encontrar uma solução. A cara lavada era o que mais assustava David, que ficava horrorizado com a facilidade com que as mentiras saíam dos seus lábios, sem se preocupar com as mortes que estava causando. A primeira dama, Eliza Humphry, fazia visitas a hospitais, prestando sua solidariedade e suas condolências. Era um espetáculo e eles atuavam seus papéis melhor do que ninguém.

Luke era a única novidade que tinham e David havia descartado essa pista por puro ressentimento. Tudo que estava acontecendo caía na sua conta, que pingava com o sangue das mortes na resistência e ao redor do mundo.

— Como está Elizabeth, Miranda?

— Não consegue mais levantar da cama. As dores não permitem. Está acelerando rápido demais, David. Em todos os meus anos sem tomar sangue, eu nunca fiquei assim.

— Ela continua não querendo beber?

— Oferecemos para ela parte da última bolsa que sobrou na tentativa de trazer Batoriova de volta à vida, mas ela se nega. Até a almirante já está implorando para que beba. Mas Beth diz que confia na gente para conseguir o antídoto.

— Não sei como fazer isso. Sem o laboratório da resistência e sem o soro, é impossível.

— Estávamos discutindo isso na sua ausência. Eu e Vince vamos voltar ao esconderijo.

— O quê? — O comentário pegou David de surpresa.

— Vamos tomar cuidado, mas temos que ver se restou algo no laboratório. Precisamos tentar... Algo.

David sabia muito bem o que Miranda estava sentido. Os dias estavam passando, eles não tinham mais sangue e a população estava morrendo sem ao menos saber o motivo. Pelo menos, como vampiros que já tinham provado sangue, racionando bem a bolsa que havia sobrado, conseguiriam viver com algumas gotas por dia. Porém, agora eram fugitivos do governo americano em uma missão que batia de frente com os planos do presidente dos Estados Unidos. Não conseguiriam se manter desse jeito por muito tempo e, a cada dia, mais mortes ocorreriam.

— Não posso acreditar que tudo até aqui foi em vão, David. Temos que fazer alguma coisa contra Humphry e Watsen.

— Eu sei. Acho que vocês devem ir. Vou continuar as buscas pelo meu tio. Só tomem cuidado. Por favor.

— Sempre.

Tudo que David fazia nesses dias era se despedir de Miranda. Despedidas e sofrimento. Não havia nada além disso esperando por ele no horizonte.

Mais uma vez, sua casa na rua Rupert não trazia novidades. O copo com sangue havia manchado seu tapete e agora, sem ter ideia de onde ir ou o que fazer, David esfregava uma esponja contra a mancha.

Como se algum dia eu pudesse voltar a morar aqui.

A essa altura, Watsen e Humphry já teriam confirmado a participação de David na resistência. Havia sinais de que tinham revirado suas coisas, contudo não deixaram vigias. Provavelmente encontraram motivos para suspeitar que não fosse voltar ali.

Motivos como tio Luke.

Poderia ele estar trabalhando para Humphry até agora? Mesmo depois do que conversaram? Como David pôde ser tão burro a ponto de não ver que seu tio

era um vampiro? Sim, ele era um militar habilidoso, porém era seu tio. Como não percebeu?

Tão inútil quanto a ida até sua casa, a limpeza da mancha também não deu resultados. Ele não se preocupou em guardar a esponja, apenas a jogou de lado e se levantou. Caminhou pelos cômodos em tom de despedida. Sem sangue, sem plano, sem nada. Não haveria amanhã, aquele era o fim.

No porão, folheou uma última vez a pasta com as informações sobre a morte de Linda Silver. Por mais que tivessem mandado alguma outra pessoa executar o crime, depois de tudo que ouviu de Stefan e de Luke, David estava certo de que Watsen e Humphry estavam envolvidos. Eles sabiam de tudo desde o início. No entanto, não havia mais nada a ser feito para vingar sua mãe e fazê-los pagar por seus atos criminosos.

David se deitou em sua poltrona, aquela que sempre o ajudara a pensar. Precisavam de um novo plano, uma saída para todas aquelas mortes. Precisavam do seu tio.

Ao girar uma de suas almofadas, ele sentia como se nada tivesse mudado. Entretanto, isso era mentira. David nunca mais encontraria a sensação de segurança naquele porão e o passado jamais retornaria.

Enquanto se martirizava, um detalhe no cômodo chamou sua atenção. Em cima do frigobar, um celular estava conectado à tomada. Era estranho, David nunca havia deixado seu aparelho ali. Então, percebeu. Não era o seu, porém ele já o havia visto antes.

Batoriova!

O celular com a mensagem que desencadeara sua primeira missão. Que o atirador do presidente havia deixado no seu bolso. Era ele. David lembrava-se claramente de ter deixado o aparelho junto com os documentos que fotografou naquela noite. Jamais o teria deixado carregando.

Mas se não fui eu...?

Ele pulou da poltrona e verificou que o aparelho carregava ligado. A tela mostrava que havia uma mensagem não lida, enviada duas horas antes: TEMI NEVAR E ACAMPEI SÓ.

Se alguém lesse sem prestar atenção, poderia imaginar que era apenas uma mensagem enviada por engano. Porém, David achou a frase estranha. Fora o fato de que não havia nem sinal de neve há meses. Ele pegou um papel e uma caneta. Aquilo era um anagrama. Tinha que ser.

Rabiscou as letras o mais rápido que pôde. Ligava uma a outra formando novas palavras com mais agilidade do que seu cérebro conseguia acompanhar. Depois de alguns poucos minutos, soltou o papel.

VEM PESCAR À MEIA-NOITE.

9 dias para o Dia V

David chegou às margens do rio Potomac, exatamente à meia-noite. Seu tio já estava lá, sentado em uma das cadeiras de alumínio de que ele tanto gostava. A visão de Luke trouxe para David um sentimento de casa que era difícil de chacoalhar. Era isso que seu tio significava para ele. Luke era sua casa.

— Tinha medo de que você não recebesse minha mensagem. Ou pior, recebesse e ignorasse. — Luke falava observando o rio, sem se virar para David. Talvez estivesse envergonhado, talvez não se importasse.

O frio na espinha, que tantas vezes alertou David de possíveis perigos, passou por um instante. Teria cometido um erro? Não deveria ter vindo ao encontro de seu tio? Ou deveria, ao menos, ter avisado os outros? Sabia que se tivesse falado algo para eles, não teriam deixado que viesse sozinho, e ele não podia arriscar que todos fossem pegos em uma armadilha. Isso era algo que precisava fazer só.

— Mal acreditei quando recebi sua mensagem. Saí tão depressa quando você terminou de contar sua história, achei que não teria mais chance de te ver.

Luke se levantou e segurou os braços de David.

— Não importa o que aconteça, você está entendendo? Não importa o que aconteça, eu sempre vou estar aqui. Você é minha família, filho. Enquanto você me quiser por perto, não vou te deixar.

Um pequeno conforto depois de tanta desgraça.

— Não consigo entender, tio. Como eu pude não perceber? E como você conseguiu mentir por tantos anos?

— É um pouco como você não me contando que era vampiro. Você não fez isso porque não me amava. Ao contrário, fez porque me amava. Eu sei disso. Eu tenho certeza disso. Eu menti por esse motivo também. Tinha medo do que Humphry podia fazer se soubesse que te contei. E também tinha medo de decepcionar o meu país. Espero que você entenda, filho.

David compreendia essa dor. Não contar o que era para Luke havia sido um peso enorme que odiara carregar. Sem pensar se podia confiar mesmo ou não, David se rendeu ao impulso de abraçar Luke. Ele queria aquele abraço. Ali tudo ficava bem.

Depois de alguns segundos, Luke se afastou.

— Filho, te chamei aqui para me explicar melhor, mas também porque tenho que te contar uma coisa.

David tremeu. O que mais seu tio teria para revelar?

— Não sei se aguento mais novidades, tio.

— Eu sei, David. Mas não temos muito tempo e é importante. — Luke soltou as palavras com força, tentando fazer com que David raciocinasse junto. —

Quando você saiu lá da sua casa, você me disse as mentiras que estavam pesando na sua vida. Uma delas ficou na minha cabeça, o fato de seu pai ser um sucesso. Eu nunca soube disso, não podia sequer imaginar que fosse possível. A única informação que sabia do seu pai era aquilo que te falei, que ele teria matado a sua mãe. Então, eu parei para pensar e me lembrei de uma coisa. Na época em que estávamos sendo estudados, ainda com Linda gerenciando os experimentos, havia seis de nós. Antes de sua mãe ser promovida e sair, ouvi uma conversa entre dois enfermeiros sobre como o sétimo voluntário não havia resistido. Eles estavam decepcionados, porque os três anteriores tinham se transformado sem problemas, achavam que finalmente possuíam a fórmula perfeita. Sem querer, acabei escutando a conversa toda, incluindo o nome do voluntário. Eles o chamaram de Michael.

David não tinha ideia de que seu tio pudesse ter ouvido falar de seu pai.

— Isso! Esse foi o nome que minha mãe usou uma vez. Michael. Obrigado por confirmar, tio.

— Não, filho. Não era isso que eu queria te contar. — David franziu as sobrancelhas. — Como você já sabe, ele não tinha morrido. E, alguns anos depois, Michael voltou.

— Como assim?

Seu pai havia voltado para a Iniciativa? Todo o esforço de sua mãe havia sido em vão? Seria possível?

— Foi pouco antes de eu te adotar. Ele nos foi apresentado como um sucesso que tinha estado numa missão. Como eu mesmo ia começar a minha, acreditei. Mal sabia o que ele tinha passado. Mas, quando você me falou do seu pai, eu entendi. Era ele!

— Mas, então, ele está vivo mesmo?

— Está, filho. E está aqui.

David se virou na direção em que a mão esticada de seu tio apontava. O homem à sua frente o analisava como se nunca o tivesse visto. Porém, isso não era verdade. David tinha visto aquele rosto uma vez. Na casa de Batoriova, na noite da sua primeira missão de campo, esse homem havia atirado no presidente.

Seu pai não era nada como David havia imaginado. Vivendo anos sem ter ao menos uma foto, ele já tinha pensado em vários rostos possíveis para Michael. O último que tinha decidido aceitar era o de um jovem Denzel Washington da década de oitenta. Porém, esse homem não era assim. Tinha um biotipo mais musculoso e as finas rugas no canto dos olhos denunciavam que já tinha os seus

quarenta e cinco anos quando ocorreu a transformação. Era difícil imaginar Michael ao lado de sua mãe. Linda tinha um espírito tão alegre e divertido, mas havia algo no seu pai que fazia David estremecer.

— Olá, David. — Michael expressou um sorriso amarelo. David não se moveu. Não conseguia. Estava congelado pela visão a sua frente. — "Olá"... Que primeira palavra idiota para se dizer para o seu filho, não?

— Achei um bom começo, Michael. Melhor que "tchau". — Era impressionante como, mesmo depois de tudo, Luke ainda tentava o seu máximo para deixar o clima mais leve. — Filho, você não parece estar muito bem. Quer se sentar?

— Não, tio. Só preciso de um minuto.

David analisava cada centímetro, cada aspecto da face de seu pai. Será que se via ali? Aqueles olhos seriam os seus? A luz da lua refletida no Potomac tornava impossível aferir com precisão.

— Você deve ter muitas perguntas. — A voz de Michael era tão intensa, tão forte. Quem era aquele homem?

— Só uma que realmente importa. Você matou a minha mãe?

Michael e Luke se entreolharam.

— Filho, você acha que eu ia trazer o assassino de Linda aqui?

— Não sei, tio. Não te conheço tão bem quanto eu pensava.

David não quis machucar Luke, contudo claramente as palavras proferidas tiveram esse efeito.

— Não, David. Eu não matei Linda. — O tom de Michael era sério.

— Como posso ter certeza? Como posso confiar em você?

— Não pode. Mas espero que quando eu te contar tudo, você consiga ao menos identificar de que lado eu estou nessa história.

— Você quer que eu acredite que está do lado da resistência?

— Eu não estou do lado da resistência, estou do seu.

As mãos de David tremiam enquanto ele lutava para permanecer de pé. Aquela cena era demais para ele. Dois sucessos da Iniciativa, seu pai biológico e o homem que o criara, tentando acalmá-lo e afirmando que queriam o seu bem. Isso não podia estar acontecendo.

— Você me ajudou na casa de Batoriova.

— Você se lembra de mim?

— Me lembro do meu pânico ao ver o homem que havia atirado no presidente.

— Foi plano do Watsen e do Humphry. Eu nem sabia que era você quem eu ia ajudar. E eles não sabiam que eu tinha te acompanhado a sua vida inteira, que

reconheceria o seu rosto em qualquer lugar, senão, provavelmente, teriam arrumado uma maneira de levar outro Eros para dar cabo do plano.

— Eros?

— É como eles chamam os primeiros sucessos. Na mitologia grega, ele é filho de Afrodite, deusa do amor, com Ares, deus da guerra.

— Nem preciso falar quem seria Ares nessa analogia. — Luke cuspiu a observação com desprezo. David ainda não sabia se era possível acreditar nele, no entanto ele parecia tão descontente com a situação que transmitia confiança. Michael ignorou a interrupção e continuou.

— Quando percebi que era você, não podia deixar que se envolvesse com a Blackwater, que descobrisse sobre a sua mãe. Era perigoso e, além disso, você merecia uma memória dela sem a mancha da Iniciativa.

David percebeu onde seu pai queria chegar.

— O computador de Tellison. Foi você.

— Sim. — Michael assentiu. — Não entendia ao certo o que eles queriam com você, mas sabia que não podia deixar que descobrisse tudo. Se você fosse um pouco parecido com a sua mãe, com certeza se envolveria, tentaria impedir. Exatamente como está fazendo agora. Fracassei. Mas, pelo menos, as mentiras acabaram e agora posso estar do seu lado. Watsen e Humphry notificaram todos os Eros sobre a sua resistência. Você precisa de ajuda para desviar a atenção do seu rastro.

David já esperava que o presidente e o diretor da CIA fossem fechar o cerco, porém mandar os sucessos atrás da resistência não era algo que ele tinha considerado. Apesar disso, seu foco estava em outro lugar.

Não, as mentiras não acabaram.

— Isso é tudo que você tem para me contar?

— Não, mas é um começo.

— Preciso saber o que aconteceu com a minha mãe. Sei que tem o dedo de Watsen e de Humphry, mas preciso saber quem a matou. Você sabe e vai me contar.

— Eu sei. Sei porque estava lá. A morte da sua mãe serviu para me fazer ser mais obediente. Se eu não entrasse na linha e voltasse para a Blackwater, David, o seu fim seria o mesmo de Linda.

— Quem foi?

Michael não titubeou. Estava esperando esse momento. Queria contar tanto quanto David queria saber.

— Havia duas pessoas lá. Enquanto Watsen me segurava, me forçando a olhar, Eliza Bennet matava sua mãe.

Eliza Bennet?

O nome não dizia nada a David.

— Eu a conheço também como Eros Seis, um dos sucessos. Mas você? Você a conhece como Eliza Humphry, esposa de Edgard Humphry e primeira-dama dos Estados Unidos.

— Eliza Humphry? — David fez um muxoxo. Aquilo só podia ser mentira. — Eu estava na mesma página que você até o Watsen. Já esperava inclusive. Do jeito que aquele homem é manipulador, me envolver no Dia V era parte de um jogo para seu próprio prazer. Mas Eliza? Ela tem praticamente a minha idade, Michael.

Michael.

David sentiu o nome de seu pai sair de forma mecânica. Não era o nome que gostaria de dizer, contudo era o único que podia. Não havia laços entre os dois, apenas dúvidas. Ainda mais depois dessa revelação que David achava muito difícil de engolir. Eliza Humphry tinha um pai político conhecido e era uma jovem vampira de primeira geração. Os rumores sobre sua vida permeavam os círculos mais diversos. Se ela estivesse envolvida com a Blackwater, algo já teria surgido.

— Sei que parece estranho, mas, se me escutar...

— Eu acho que já perdi tempo demais. Somos alvos fáceis aqui.

— Filho, ouça seu pai. — intercedeu Luke.

Que frase, meu Deus!

— Você acredita nisso, tio?

— Não acredito, David. Eu sei. Sou um sucesso também. Passei anos ao lado de Eliza dentro de um laboratório. Ela é Eros Seis.

— Tudo que você acha que sabe sobre ela foram histórias inventadas exatamente com esse propósito. — continuou Michael. — Eles querem encobrir a verdade. O homem que deveria ser o pai dela é um peão que nem sabe no que se envolveu. Só se interessa pelo cheque que cai na sua conta todo mês. Apenas fumaça e espelhos, David.

— Então, como aconteceu? Se isso é verdade, como Eliza Humphry matou a minha mãe?

Michael focou em Luke, que assentiu como se permitisse que ele respondesse. Devia ser muito difícil reviver aquelas memórias, mas David não se importava com o que aquele homem poderia estar sentindo. Ele precisava saber.

— Eu tinha ido até lá deixar um presente para você. Fazia isso todos os Natais. Chegava depois de você já ter ido dormir, deixava seu presente com Linda, e ficávamos um tempinho juntos conversando sobre como tinha sido o ano. Era a única vez que nós nos permitíamos aquilo. Eu estava me escondendo, sabíamos o quanto era perigoso qualquer tipo de interação. Mas eu a amava demais. Te amava demais. Ela me deixava te olhar pela fresta da porta. Você sempre parecia tão calmo dormindo. Tão em paz. Naquela noite, quando estávamos descendo as escadas, logo depois de eu te ver, alguém me golpeou por trás. Assim que acordei,

percebi que estava algemado, e Watsen empunhava uma arma contra a minha cabeça. Linda estava na minha frente, com Eliza segurando uma faca contra a sua garganta. Watsen agredia a nós dois verbalmente, nos xingava dos piores nomes, nos chamava de traidores. Havíamos mentido sobre a minha morte e sobre a sua existência. Nós realmente éramos traidores. Ele afirmou que precisava de mim, do meu sangue e que eu tinha que voltar e ser obediente, senão todo mundo que eu amava ia morrer. Enquanto ele falava isso, nem ao menos percebeu que Eliza havia passado a faca na garganta de Linda. Só quando o barulho do sangue borbulhando na sua garganta começou, é que ele voltou sua atenção para a cena que já me aterrorizava. Tentei me libertar para impedir, mas ele me segurou. Ela puxou sua mãe pelo cabelo e forçou a faca mais e mais. Eventualmente apoiou a cabeça de Linda no chão e enfiou o pé no seu pescoço para quebrar o osso. A cabeça rolou um pouco antes que Eliza a alcançasse e enfiasse um peso de papel que estava na mesa da sala no seu crânio. Linda estava morta. Quando Eliza terminou, passou por cima do corpo e se encaminhou para as escadas, indo na direção do seu quarto. Watsen a segurou pelo punho e me soltou. Eu travei. Watsen passou por trás de mim dizendo que, se eu não voltasse para a Blackwater, o que aconteceu com Linda aconteceria com você também, e carregou Eliza para fora da casa. Humphry e Watsen claramente não haviam ordenado aquilo. Ela fez porque quis. Pensou que era o melhor para a Iniciativa e agiu por conta própria. E eu sabia que não adiantaria nada tentar brigar com eles ali. A organização era muito mais do que apenas aqueles dois. Eles até poderiam perecer nas minhas mãos, mas a sua vida, David, ia continuar em risco.

Era para ele sentir alívio? Dor? Raiva? Que emoção deveria ser manifestada quando se descobre quem assassinou sua mãe? David não sabia. Não conseguia sentir e nem pensar. Seu estômago embrulhava mais e mais à medida que ele repetia a mesma frase na sua cabeça.

Eliza Humphry matou minha mãe.

Nojo. Era esse o sentimento sem nome que estava no seu âmago. O vômito veio com força. Uma rajada que manchou o Potomac de vermelho. O sangue se misturava à água, enquanto uma vergonha por aquela demonstração de fraqueza subia por seu corpo. Luke segurou seu braço direito, apoiando o sobrinho e mantendo-o em pé. Michael ia se movimentar para ajudar, mas se conteve.

Eliza Humphry matou minha mãe.

O sol já brilhava no horizonte quando David entrou pela porta da casa de Elizabeth. Atrás dele, andando de forma tímida, seu tio e seu pai observavam o

ambiente com um evidente desconforto. Apenas Batoriova e Brian estavam na sala. Elizabeth continuava presa à cama, sem conseguir se mexer.

— Miranda já voltou?

Batoriova demorou para responder. Tomou uma postura protetora à frente da porta do quarto. Não se interessava em saber quem eram os companheiros de David, apenas em garantir a segurança de sua sobrinha.

— Não. — finalmente falou.

— Está tudo bem? — perguntou Brian, espiando de soslaio os visitantes desconhecidos.

— A partir de hoje, sempre deduza que a resposta para essa pergunta é não. — A ironia no tom utilizado ajudava David a controlar sua mente e seu coração. Com desdém, apontou para Michael. — Esse é o meu pai.

Brian e Batoriova se entreolharam. O sucesso que Linda Silver havia tentado esconder estaria mesmo entre eles? A almirante não se deixou impressionar tão facilmente.

— Podemos confiar nele, David? — Falava como se estivessem sozinhos, sem se incomodar com o que Michael acharia do seu comentário.

— Não sei.

— E no seu tio?

David sentiu a presença de Luke. Queria confiar, no entanto muitas pontes haviam sido queimadas nos últimos dias.

— Não sei.

— E você os trouxe aqui sem saber?

Não era comum ver Batoriova perder a paciência. Talvez fosse a iminência do apocalipse vampírico, talvez fosse a presença de Elizabeth. O fato era que ela não gostava nada do que estava acontecendo.

— Se você quer certezas, está na resistência errada. — rebateu David. — Estamos sempre um passo atrás. Eles podem ser fiéis a Blackwater, mas podem não ser. Considerando que já estamos com o cronômetro estourado, eu fico com a dúvida.

David não se lembrava de já ter sido ríspido com a almirante antes daquela ocasião. Porém, seu desgaste era claro. As poucas vitórias ao longo do percurso agora eram apenas lembranças de quando ainda havia esperança. A insegurança sobre o que o futuro reservava era a única coisa em que podiam confiar.

Batoriova fez menção de responder, entretanto não conseguiu. Sua linha de raciocínio foi interrompida pela chegada de Miranda e Vince, que entraram pela porta apressados. Motivada pelas duas novas figuras no centro da sala, ou talvez por reconhecer Michael da casa de Batoriova, Miranda tentou preparar a arma que estava na sua cintura. Vince a parou.

— Estávamos esperando por vocês. — David soava extremamente tranquilo, passando uma imagem inabalável. — Encontraram algo?

Vince percebeu que Miranda ainda estava tentando entender a cena e tomou a dianteira.

— Eles tacaram fogo na casa, mas parte do laboratório no porão sobreviveu ao incêndio. Pegamos o que sobrou e saímos o quanto antes. Demoramos porque queríamos ter certeza de que não estávamos sendo seguidos. — Ele fitou Michael. — E vocês?

— Temos muito que conversar, Vince. Acho melhor nos sentarmos.

Os rostos incrédulos reencenavam o trauma que David já havia enfrentado. A presença de seu pai e a verdade sobre quem matou sua mãe eram revelações difíceis para todos. Porém, David estava calmo. Não havia mais calafrios ou ânsia de vômito. Tudo estava numa estranha paz. Talvez paz não fosse a palavra, era mais uma forma de anestesia.

David se via contando todas as informações que possuía para o grupo, como se estivesse fora de seu próprio corpo. Ainda não conseguia acreditar que era real.

— E agora?

A indagação de Brian sugeria que David já teria um plano e que só faltava dividir com o grupo. Porém, ele não tinha. Nada do que ele havia descoberto lhe dera alguma luz sobre o que fazer. O tempo era muito curto para criarem um antídoto, principalmente considerando que não tinham mais os recursos da resistência. Além disso, o teste com Buffy havia fracassado. Não tinham uma cobaia com o gene vampírico sintético que pudesse ser estudada para...

Claro que temos.

— Eles. Michael e Luke. — Agora era a vez de David falar como se os dois não estivessem bem na sua frente. — Não conseguimos replicar a mutação na Buffy, mas eles são o que a gente precisava. Duas cobaias vivas. O sangue deles pode nos ajudar a criar um antídoto.

Batoriova se iluminou. David sabia muito bem o que aquilo significava para ela. Elizabeth voltaria a ser humana, estaria a salvo.

— Você pode fazer isso?

David refletiu antes de responder à almirante. Ela estava se empolgando mais do que ele antecipara. Ele não podia fazer essa promessa, contudo, sem querer, já havia feito.

— Não sei. Só sei que preciso de um laboratório. Temos poucos dias para tentar qualquer coisa, e eu estou sem vontade nenhuma de seguir em frente, mas sei que precisamos continuar. Por todos os humanos que estão morrendo. Pela Beth. Por uma chance de, quem sabe, conseguir voltar a dormir em paz. Temos que tentar.

— Vamos ajudar no que você precisar, filho. Sei que devemos isso a você, a todos vocês. Não vamos te decepcionar.

David continuou sem olhar para o seu tio. Sua ajuda era o mínimo que ele esperava depois de tudo que Luke e seu pai haviam feito.

— O que eu preciso é do seu sangue e de um laboratório.

— Meu sangue está aqui. Se quiser me drenar, é todo seu.

Ele tentou se levantar para ir na direção do sobrinho, mas Michael o interrompeu. Luke tentava reconstruir o que ficou destruído entre os dois, enquanto Michael era mais objetivo.

— Sobre o laboratório, acho que eu tenho um lugar. — As palavras foram suficientes para que ele recebesse a atenção de David. — Somos sucessos, David. Conheço todos os laboratórios da Iniciativa, porque estive em todos sendo estudado. Conheço, inclusive, os que eles não utilizam mais. O mais perto daqui fica em uma fazenda de trigo abandonada, em Minnesota.

— Minnesota? — Miranda não gostou da ideia. — Como você acha que podemos chegar em Minnesota? É muito arriscado usarmos nossos contatos para conseguir um avião e de carro é quase um dia inteiro de viagem.

— É o mais perto. Mas, se você tiver outra ideia...

— David, — Miranda ignorou Michael e continuou. — como a gente sabe que isso não é um plano dele para nos tirar do jogo? Perder um dia viajando de carro? Isso sem contar que ainda teremos que voltar, não? Dois dias enfiados em um carro, enquanto o presidente do nosso país está com todas as pessoas do mundo como suas reféns!

Luke entrou na discussão.

— Eu conheço o lugar, David. É legítimo. Temos que tomar cuidado, claro. Eles podem ter deixado alguém para trás para cuidar de tudo, mas, até o ano passado, sei que estava lá, intacto no subterrâneo da fazenda.

David olhou para os outros. A opinião de Batoriova era óbvia. Por menor que fosse a chance desse lugar existir, qualquer esperança que houvesse de ajudar sua descendente valeria o risco. David precisava saber o que Brian e Vince pensavam.

— Vocês acham que a gente deve ir?

Vince respondeu segurando a mão de Brian que, ainda destroçado pela morte de seu pai, estava tão anestesiado quanto David. Porém, também entendia a

urgência.

— Se tentarmos qualquer laboratório por aqui, vão nos achar. Não sei se podemos confiar neles, mas confio na gente. Se for uma armadilha, a gente lida com ela. Mas temos que ir.

Brian mexeu a cabeça concordando.

— Então está decidido. Desculpa, Miranda. Entendo o seu ponto, mas, ao contrário do que o nosso presidente propõe, aqui dentro somos uma democracia.

— O tempo que vamos perder...

Miranda não completou a frase, que saiu apenas como um baixo desabafo.

— Você está certa. São muitas horas de estrada, então acho melhor irmos logo.

8 dias para o Dia V

O visor do celular pré-pago de David marcava dez e meia da manhã quando atravessaram os portões da fazenda. Miranda havia saído do carro antes para fazer um breve reconhecimento do lugar e não tinha visto nada suspeito. Parecia que a história de Luke e Michael sobre o local estar abandonado era verdade.

O verão já havia começado, contudo não encontraram um dia quente em Minnesota. Vendo a imensidão dos campos em volta, o céu sem nuvens e o clima ameno, a impressão ao entrar naquele local era de que estavam indo passar um fim de semana em família. No carro, David levava a mulher dos seus sonhos, seu tio, seu pai e Brian, seu melhor amigo. Seria perfeito, se não fosse falso.

Vince tinha pedido para ficar com Batoriova. Por mais que a almirante já estivesse bem de saúde e apta a defender Beth, se precisassem fugir, ela não conseguiria lutar contra possíveis inimigos e ainda carregar a sobrinha.

Mais alguns poucos quilômetros e o carro finalmente chegou à residência principal da fazenda.

— Vou checar se estamos sozinhos mesmo. — informou Miranda. — Vocês seguem para o galpão.

— Eu te ajudo. — Brian se voluntariar para um trabalho de campo não era normal, entretanto, sem Vince e na companhia de dois sucessos da Iniciativa que ainda não eram de confiança, não havia espaço para se omitir.

Ele e Miranda foram deixados na casa, enquanto David, Luke e Michael se encaminharam para o galpão onde ficava o laboratório.

O carro foi colocado fora da estradinha de terra que cortava toda a fazenda. Escondido atrás de um trator, quem passasse pelo caminho teria dificuldades para enxergar o veículo.

Michael e Luke puxaram armas de suas cinturas e começaram a andar na direção do galpão, um na frente de David e o outro atrás, como se quisessem lhe proteger. David não conseguia ignorar o quão confortável Luke estava ao segurar uma arma de fogo. Tudo nele fedia a Exército: sua postura, seu caminhar, a forma como fazia a arma acompanhar o seu olhar enquanto observava atentamente o local. Será que, ao longo de sua vida juntos, David havia sido cego? Será que os sinais de que sua história era falsa estiveram sempre ali e apenas ele não enxergava? Teria sido incapaz de perceber algo óbvio? Ele não sabia. Sua única certeza era de que não seria nada fácil perdôá-lo.

Dentro do galpão, Michael e Luke correram na direção de uma pilha de feno. Eles removeram parte dela, revelando um alçapão. Miranda e Brian chegaram no instante em que eles quebravam o cadeado que o trancava.

— É por aqui. — disse Michael antes de desaparecer pelo buraco no chão.

O laboratório era padrão para o governo americano. Em seus anos no Departamento Cinco, David havia encontrado diversos naquele *design*. Tudo extremamente branco, com os objetos dispostos em grandes prateleiras de vidro e nada, absolutamente nada, fora do lugar. A fina camada de poeira sobre os tubos de ensaio e os microscópios demonstrava que realmente o local não era mais visitado, apesar de estar pronto para uso.

David e Brian começaram a esvaziar suas mochilas. Separaram as anotações que tinham se mantido imaculadas depois do incêndio, assim como algumas amostras do sangue de Beth que haviam coletado.

Um visitante que David não esperava ver novamente surgiu dentro de uma gaiola na mochila de Brian.

— Damon? Ele sobreviveu?

Brian sorriu.

— Esse anjinho tem santo forte. Começamos os testes por Buffy, então ele sobreviveu a isso. Depois teve a invasão e o incêndio, e ele sobreviveu mais uma vez. Vince o encontrou lá, sozinho e com fome. Agora que já está de barriga cheia, vai sobreviver a mais essa também. Estou te dizendo, David, esse rapazinho aqui tem muita sorte. E isso é algo de que estamos precisando desesperadamente.

— Não dá para argumentar contra isso. Realmente estamos.

— Damon vai ser o nosso amuleto.

Brian colocou o animalzinho em uma das mesas, virando a gaiola de maneira que Damon pudesse observar tudo. Foi a primeira vez em dias que David via o amigo expressar um sorriso. Se apenas falar do bichinho já havia feito esse milagre, esse amuleto realmente tinha poder.

Miranda terminou de inspecionar o laboratório e, entendendo que estava tudo tranquilo, assumiu um posto de vigia no galpão acima deles. David e Brian corriam para começar os trabalhos.

— Brian, me ajuda com a amostra de sangue de Luke? Vou tirar a de Michael.

Os dois sucessos se sentaram em cadeiras específicas para a coleta de sangue, cada um em um canto da sala. David podia sentir o olhar atento de Michael enquanto ele preparava sua veia.

— Eu percebi isso.

— Isso o quê? — David não levantava o rosto. Não queria encarar o pai.

— Você quis tirar o meu sangue para não ter esse momento que estamos tendo agora com o seu tio. Luke é um homem decente, David. Nunca teria

permitido que ficasse com você se não fosse.

Aquelas palavras trouxeram cólera para o rosto de David. Quem Michael pensava que era para dizer essas coisas? Ele parou de olhar para o braço à sua frente e o enfrentou.

— Eu fiquei sem pai a minha vida toda, não preciso de um agora. O quer que aconteça com Luke e comigo não te diz respeito. Você está aqui como cobaia, então aja como uma e cale a boca.

Foi a vez de Michael abaixar a cabeça. Não pareceu chateado, e sim desarmado. Não queria combate, pelo menos não com o filho.

Brian e David tiraram amostras de seu próprio sangue também. Apesar de David saber, com riqueza de detalhes, tudo a respeito do seu sangue graças a estudos passados, precisavam de bases de comparação para os experimentos. Depois, ainda fizeram coleta de células e de saliva através da raspagem de suas mucosas bucais e pegaram também alguns fios de cabelo.

No fim, todos somos cobaias.

7 dias para o Dia V

Os cinco estavam amontoados sobre o celular de Miranda, incrédulos com a informação que estavam recebendo. A repórter estava um trapo. Esquelética e com uma forte tosse, tentava o seu melhor para dar a notícia que aterrorizava todos. Atrás de seu corpo disforme, centenas de pessoas andavam cercadas por militares em direção a uma área restrita.

“A proposta do presidente dos Estados Unidos de uma quarentena para proteger as pessoas que ainda não demonstram sinais da doença foi aceita pela ONU.”

Ela parou para mais uma sequência de tosses.

“Cenas como esta estão acontecendo ao redor do mundo inteiro. A esperança é que não somente as pessoas saudáveis fiquem seguras, como também possam ajudar na busca por uma cura.”

— Ela está certa. — Miranda guardou o celular. — Chequei com Vince e Batoriova. Ela acionou seus contatos em diversas embaixadas, temos essa situação ocorrendo em diferentes cidades, principalmente em países tropicais e em desenvolvimento. Estão achando que algo específico no clima estaria favorecendo a não se contaminarem. Essas pessoas mal têm o que comer, então vão para a quarentena de bom grado, com promessa de alimento e um lugar para dormir. Tudo que elas têm que fazer para conseguir isso é doar sangue para uma pesquisa. Parece uma troca justa.

— Esperança. — David repetiu com nojo a palavra dita pela jornalista. — É assim que a criação dos campos de concentração é vista, com esperança. Nem nisso Humphry errou. Tudo brilhantemente executado. As engrenagens do plano correm da maneira mais suave possível, enquanto a gente está preso em um porão, em Minnesota, tentando buscar um antídoto que as pessoas nem sabem que precisam! Não sabem que não é apenas suas vidas em jogo, é a existência de toda a sua espécie! Como ele consegue? Como molda as mentes para que marchem sem questionarem?

Michael saiu do seu silêncio de cobaia.

— Medo. Ele está controlando todo mundo pelo medo. Quem está contaminado tem medo de morrer, quem está nos campos tem medo da fome, da miséria e da doença. Se existe alguém disposto a livrar o povo dos seus medos, então essa pessoa será seguida. Elas ainda não veem o preço que terão que pagar. Os escravizados perdem sua liberdade, os contaminados seu direito de escolha e sua vida, e todos os humanos perdem a dominância da sua espécie. Mas, enquanto ninguém fizer com que enxerguem o que eles perderão, é só isso que vão ver: que têm medo e que, para esse medo, alguém já tem a cura.

— Eu preciso de ar.

As paredes do laboratório pareciam se fechar em torno de David. Ele saiu com pressa. Passou pelo galpão correndo e foi para o campo aberto. Sob as estrelas, se sentou no chão. Tapou o rosto com as mãos, fechando os olhos. No escuro, dentro de si, ele só conseguia pensar no seu fracasso.

— Filho?

A aproximação de Luke o despertou.

— O que você quer?

— Michael está certo. É o medo que move todos, incluindo você.

— Do que você está falando?

— Eu te criei, David. Te conheço. Você está com medo do que está acontecendo, tem lutado contra, mas eu sei. Agora, mais do que nunca, é a hora de usar isso. Você precisa continuar.

— Eu não sei como. — Por um átimo, David se esqueceu completamente de que algum dia já esteve com raiva de Luke. — É como se eu estivesse no meu máximo, fazendo mais do que consigo, gritando para o mundo, mas ninguém me ouve. Eu não sou o presidente de uma potência mundial, tio. Eu sou um analista de merda, que está se afundado em algo muito maior do que ele.

— Queria poder te dizer que o que você sente é único e especial, mas estaria mentindo. Isso é o que todo mundo está sentindo o tempo todo, David. Todos lutam batalhas diárias para as quais têm a certeza de que não estão prontos, mas eles lutam mesmo assim. Eles levantam das suas camas e saem para suas vidas se cagando, mas com a convicção de que é a única coisa a ser feita. O que está em jogo para você é maior, disso eu não tenho dúvida. Mas se tem alguém que tem a capacidade de se reinventar, levantar a cabeça e enfrentar isso, esse alguém é você. E agora vê se para de sentir pena de si mesmo, porque não foi para isso que eu te criei.

David riu. Que saudade que ele tinha de Luke!

— Obrigado, tio.

Luke esticou a mão para o sobrinho.

— Vem, precisamos de você. Dentro dessa cabeça aí, está a salvação da raça humana.

David aceitou o apoio e percebeu que seu tio tinha ajudado muito mais do que imaginara.

— Sim, tio. A salvação está bem aqui.

6 dias para o Dia V

Brian havia passado a noite com Damon. O *hamster* não aceitara bem a primeira dose da nova fórmula que tinham desenvolvido nos últimos dois dias. Criada a partir do sangue de Michael e Luke e usando engenharia reversa da fórmula efervescente de David, o soro tinha sido fracionado para um décimo do usado em Buffy. O roedor não sofreu o mesmo fim da primeira cobaia, contudo ficou enjoado e vomitou. O sintoma indicava que a próxima dose teria que ser bem menor. Porém, eles estavam no caminho certo.

Quando David avisou que precisariam transformar Damon, Brian não ficou muito feliz. Mas, se tinha alguém que podia sobreviver, ele sabia que era o seu bichinho. Damon era o seu amuleto de sorte e, depois de tudo que Brian tinha passado, ele se apegava a isso com todas as suas forças. Além do mais, se o plano de David desse certo, em questão de segundos Damon voltaria a ser o *hamster* que sempre fora.

A ideia de David era bem simples. Pelo que aconteceu com Buffy, ele sabia que estava perto da fórmula de que precisava. O sangue de seu pai e seu tio faria com que fosse mais eficaz. Agora também, já possuía o conhecimento das doses reduzidas, e a sua esperança era que, por ser um animal pequeno, Damon conseguisse ser afetado mais rapidamente do que um humano. Tendo como base o período de transformação de seu tio, ele acreditava que, em menos de uma semana, conseguiriam. Damon ser infectado era fundamental para que pudessem testar o antídoto antes de usá-lo em um humano.

Sobre o antídoto, era como seu tio tinha lhe dito: na sua cabeça estava a salvação. A fórmula que havia criado para o Exército era basicamente o que precisava. Teria que aplicar os princípios básicos da sua versão inicial, adaptando-os para um sangue em processo de transformação. A única diferença era que sua fórmula original contemplava pouca quantidade de sangue e, nesse caso, ele teria que mudar o DNA de um ser completo. Bem mais difícil, mas com o sangue de Michael e Luke em mãos, David acreditava que conseguiria.

Aquela era a primeira vez que ele sentia como se algo realmente pudesse ser feito. Tantas semanas de luta, tantos humanos e vampiros mortos, tudo isso poderia finalmente acabar. Por mais que ele soubesse que podia terminar muito mal, a tortura psicológica da ausência de resolução estava prestes a se encerrar, e isso o acalmava.

A centrífuga na sua frente concluía sua última rotação, trazendo a atenção de David de volta para o que estava fazendo. Ele pegou o tubo de ensaio e, com a ajuda de uma seringa, retirou o líquido ralo que tinha sido revelado durante o

processo na máquina. A dose do segundo dia de tratamento de Damon estava pronta.

David encontrou Miranda com seu tio e seu pai na grama, do lado de fora do galpão do laboratório. Luke estava sentado no chão rindo de Miranda e Michael, enquanto os dois disputavam quem ganharia em uma luta, também entre muitas risadas. A cena era bizarra.

Fazia apenas alguns dias em que verdades haviam sido reveladas, e Michael tinha sido inserido em sua vida, contudo, observando sua brincadeira com Miranda, parecia que sempre estivera ali.

Meu pai...

David refletia sobre aquilo. Ele era filho de um sucesso. Seu pai era um vampiro de laboratório. Um humano geneticamente alterado. Pela análise que havia feito do sangue de Michael, o gene vampírico não parecia diferente daquele de um vampiro de nascença. David havia testado seu próprio sangue inúmeras vezes e não havia visto nenhuma diferença. Porém, sentia que aquele sonho que tivera semanas antes, sobre sua mãe criando-o em laboratório, era realidade. Ele também era fruto de um experimento. De certa forma, ele também era um sucesso.

A presença de David se fez perceber. Michael parou para olhar o filho. Miranda aproveitou a oportunidade para puxar um *nunchaku* de um compartimento atrás da sua calça e bateu com um dos bastões na parte de trás dos joelhos de Michael, fazendo com que caísse contra o chão. Luke riu alto.

— Aí está, senhoras e senhores, o sucesso da Blackwater de bunda no chão.

Michael sorriu, mas seu olhar continuava fixo no de David. Miranda rodou o *nunchaku* no ar, fazendo com que girasse em torno do seu corpo e finalizou o movimento prendendo a arma embaixo do braço.

— Se depender de mim, toda Blackwater estará em breve com a bunda no chão.

Luke gargalhou com o comentário de Miranda.

— Eu gosto dela, filho.

O comentário voltado para David deixou-o desconsertado, porém ele superou rapidamente.

— Eu também, tio.

Miranda piscou para David.

— Esse treino foi ótimo, mas estou precisando de um banho urgentemente. David, me acompanha até a casa?

— Claro.

Pela estradinha de terra, os dois teriam que andar cerca de um quilômetro até chegar à casa principal. Nos últimos dias, todos estavam dormindo lá, no entanto David quase não tinha ficado no local. Chegava de manhã para tomar um banho e um pouco de sangue e, rapidamente, voltava para o laboratório.

— Você parece estar gostando dele.

— Do Michael?

— Sim, estão se dando bem. — Não havia ressentimento, David apenas atestava o que vira.

— Ele não parece ser tão mau. Mas, se o pior acontecer e ele nos trair, pelo menos eu já sei como ele luta.

David ficou encantado com o comentário. Como Miranda conseguia ver o melhor e o pior em uma mesma pessoa era algo realmente fascinante.

— Onde você arrumou esse negócio? — David apontou para o *nunchaku* que Miranda guardava de volta na cintura.

— Ah, isso? Encontrei aqui na casa. Quem traz um *nunchaku* para uma fazenda? — indagou rindo.

— Não tinha ideia de que você sabia usar isso.

Ela abaixou a cabeça perdendo o sorriso dos lábios.

— Phil me ensinou.

Sempre que Miranda chamava Watsen pelo primeiro nome, David se lembrava de como aquilo era pessoal para ela também. No entanto, decidiu que ela estava tendo um dia alegre demais para estragar pensando nele.

— Estou com saudade de você. — David disse depois de alguns segundos de silêncio.

— É bom estar mesmo.

Ela se aproximou e lhe deu um suave beijo nos lábios, ainda caminhando sem parar. Sua leveza havia retornado.

David tocou no seu braço e a puxou para si.

— Parece que faz anos desde que a gente se encontrava no seu quarto, no esconderijo da resistência. Desde que a gente conseguia arrumar algum tempo para ficarmos juntos.

— Eu sei. — Miranda acariciou o rosto de David. — Mas, quando salvarmos o mundo, vamos ter todo o tempo que quisermos.

— Você acha mesmo que vamos conseguir?

— Eu acho que vamos tentar fazer o nosso melhor. Já estamos tentando. Só isso importa. Agora vem. Sinto que você tem ao menos uma hora antes de precisar voltar para o laboratório, certo?

— Por quê? O que você tem em mente?

— Eu te falei. Preciso tomar banho.

Miranda sorriu e saiu correndo na direção da casa. David correu atrás.
Eu amo essa mulher.

4 dias para o Dia V

O cheiro vindo da churrasqueira lembrou a David que era quatro de julho. Com a iminência do Dia V, a data tinha sido removida por completo da sua cabeça. Porém, ali estava seu tio virando hambúrgueres para provar que realmente havia chegado.

Aquilo era tradição. Luke sempre era o *chef* no Dia da Independência, mesmo com aquela culinária não sendo sua área de *expertise*. Ele demorava horas para conseguir acender a churrasqueira e o sabor beirava o razoável, mas só de não ter queimado as salsichas já era uma vitória.

Ao contrário do que ocorria todos os anos, desta vez, não haveria fogos. A única iluminação no céu viria das estrelas. Miranda alertou que as luzes podiam chamar atenção de fazendas vizinhas, colocando em risco o que estavam fazendo, e todos concordaram. Mas da comida, Luke não abriu mão.

Michael encontrou na casa uma grande toalha quadriculada e jogou sobre a grama. Fariam um piquenique nesse quatro de julho, como se fossem uma família normal.

Família.

Mexia com David ter seu pai de volta à sua vida. Ele sabia que afetava o seu comportamento agora, entretanto ficou abismado em como também impactava suas lembranças do passado. Michael lhe dissera, nas margens do Potomac, que o acompanhara sua vida inteira. Onde estava então? Ele os teria visto passando o dia na praia? Soltando fogos no quatro de julho? Observado a tensão de David no primeiro dia de escola? Ele queria perguntar para Michael tudo isso. No entanto, ao mesmo tempo não queria. Não era justo que tivesse que formular aquelas frases. Não era justo que Michael não estivesse fisicamente do seu lado. Não era justo ele não ter tido uma família completa.

Miranda disse algo que fez Luke gargalhar. David fitou seu tio. Não dava para jogar no lixo a história dos dois. Já era hora de deixar seu rancor ir embora e se abrir para essa nova etapa que se iniciava. Uma fase em que ambos sabiam a verdade. Tudo às claras. Tudo novo.

Brian caminhou até David trazendo a gaiola de Damon em suas mãos.

— Não teremos fogos para ele assistir. — lembrou-se David.

— Ele não quer ver fogos. Só quer fazer parte da conversa.

David abaixou-se perto do *hamster* e passou o dedo entre as grades para acariciar sua cabeça.

— Como se existisse alguma conversa aqui nesse lugar sem você ser mencionado.

— Ei. — Brian fez um movimento de cabeça forçando David a olhar na direção de Michael. Ele estava sentado sozinho na toalha, comendo um hambúrguer. — É quatro de julho. Dá uma chance.

David concordou balançando a cabeça reticentemente. Deixou Brian e Damon e andou até seu pai.

Pai.

— E esse hambúrguer? — disse sentando-se do lado de Michael. — Tio Luke acertou o ponto?

— Não. Nem sei se ele sabe o que é ponto.

— É, é assim que eu costumo definir a comida dele também.

Os dois riram.

— Me conta alguma coisa?

— Como assim “alguma coisa”? — Michael colocou o prato de lado.

— Desculpa, fui vago. — David se ajeitou em cima da toalha. — Você já me conhecia, mas eu não sei nada sobre você, nem sobre você com a minha mãe. Me fala alguma coisa do passado de vocês?

Michael deixou o seu olhar se perder. Era como se estivesse caçando no fundo da memória a melhor coisa para dizer, aquela que pudesse ser mais relevante para o seu filho.

— Ela me via. — Michael não pôde deixar de sorrir. — Eu esbravejo, sou mandão, me irrita fácil, sabe? E ela enxergava através de todas as minhas máscaras. Sabia quando eu estava falando da boca para fora ou quando eu falava sério. Quando realmente era raiva ou quando era medo disfarçado. Ela me lia e eu a amava por isso. Na verdade, a amava por inúmeros motivos. Mas a expressão no seu rosto quando acabava com o meu teatro é do que eu mais sinto falta.

A pressão na testa de David indicava que as lágrimas estavam perto de chegar. Porém, ele não se importava. Conseguia se lembrar desse poder de sua mãe que Michael descrevera. Ela o exercia com ele também. Aquele homem realmente a conhecia.

— Do que eu mais sinto falta é o abraço. — revelou David. — Sempre que ela ia me colocar para dormir, antes de apagar as luzes, ela deitava um pouco comigo para ler alguma história ou ver TV, e a gente ficava ali, parados por horas. Ela me segurava forte e eu colocava a minha cabeça apoiada na sua barriga. Podia ouvir sua respiração por dentro, os barulhinhos do seu estômago e o seu coração. Sinto falta dessa sensação de conforto, de segurança. Às vezes, parece que nenhum lugar do mundo jamais vai conseguir ser um refúgio tão especial, nem me fazer sentir tão bem.

David parou de falar. As linhas salgadas em seu rosto se encerravam em gotas que contornavam o seu queixo. Ele as limpou com a parte de trás da mão

esquerda. Expirou forte, tentando empurrar para longe o peso que estava no seu peito. David nunca tinha contado aquilo para ninguém. Não havia maneira de outra pessoa no mundo entender, no entanto, seu pai entendia.

Michael secou as suas próprias lágrimas em um movimento relapso e estranhamente forte, depois tocou no ombro de David.

— As pessoas que a tiraram da gente vão pagar.

— Eu espero que sim, Michael. Eu espero que sim.

2 dias para o Dia V

David chegou ao laboratório descalço. A ligação de Brian ocorreu quando estava pegando seu tênis, contudo a notícia havia sido tão impactante que não teve como terminar de se calçar. A terra girava em poeira ao seu redor, enquanto corria pela estrada que conectava a casa ao galpão. Pedrinhas arranhavam seus pés, porém ele não se importava. Precisava chegar ao laboratório o quanto antes.

A visão dentro da gaiola era assustadora. Damon parecia um esqueleto de *hamster*, apenas pele e osso se movendo e emitindo grunhidos. Ao lado do animal, Brian sorria em um misto de ansiedade e prazer.

— Estávamos te esperando.

David abraçou Brian. Haviam pensado para fazer com que a fórmula funcionasse. Queriam celebrar, entretanto não podiam se perder em comemorações extensas. Precisavam desfazer o que tinham acabado de conseguir.

Uma amostra do sangue de Damon foi recolhida por David, que se apressou para começar os trabalhos. Antes de injetar no animal o soro que desenvolveram nos últimos dias, ele precisava ter certeza de que funcionaria. Pingou o líquido em uma gota de sangue e observou pelo microscópio.

— E então? Funcionou?

Brian estava apreensivo. Aquilo simplesmente tinha que dar certo. David levantou a cabeça do microscópio e encarou o amigo.

— Damon está bem. É um *hamster* de novo.

Miranda não conteve a felicidade. Aquela notícia era a melhor que ele poderia ter dado.

— Vamos correr então! Beth precisa desse soro! Temos que levar para ela. Eu dirijo e você vai mandando a fórmula por e-mail para Batoriova. Ela também deve querer entregar para os seus contatos ao redor do mundo e...

— Temos um problema. — cortou David com um tom de pesar. — O que causou a metamorfose em Damon são traços marcantes de DNA. No nosso caso, do DNA do Michael e do Luke. Foi uma cura para essa substância específica que criamos. Testamos contra um pouco do sangue de Beth que trouxemos. Parecia ter funcionado, mas depois as células apodreceram e morreram. Todas foram destruídas. Se tentarmos dar a cura de Damon para Beth, ela morrerá.

— Como assim? — Miranda estava perplexa. — Michael e Luke foram transformados pelo mesmo soro que está afetando Beth. Isso não faz sentido!

Brian percebeu que David não estava com forças para continuar falando. Tinham chegado a mais um beco sem saída, que acabara com o curto contentamento que sentiram. Ele tomou a frente da conversa.

— Eles foram aperfeiçoando a fórmula a cada etapa. O resultado que têm hoje traz diferenças significativas em relação ao que Linda aplicava nas cobaias, como a adaptação da pastilha desenvolvida por David, por exemplo. O soro que afetou Beth não é o mesmo que transformou Michael e Luke.

Miranda se sentou em um banquinho do laboratório.

— Então foi tudo em vão?

David estava prestes a fazer que sim com a cabeça, entretanto Brian tocou no seu ombro, voltando o discurso para ele.

— Não, não foi. Nós temos a cura! Só precisamos colocar um traço de DNA que temos certeza de que foi a base para a fórmula da Blackwater. O DNA que vai ser igual em qualquer versão da fórmula. Precisamos do sangue da primeira pessoa a ser transformada. Precisamos do paciente zero. — Brian se virou para Michael e Luke. — Vocês sabem, não sabem? Vocês conhecem o primeiro de vocês. O Eros Um. Precisamos do sangue dele.

— É a nossa única chance! — implorou David.

Luke se levantou do banco onde estava e olhou fundo nos olhos do sobrinho.

— Sabemos quem é Eros Um, mas não vai ser fácil.

Alguma coisa até agora foi?

1 dia para o Dia V

Eliza Humphry acordou às quatro da manhã como sempre fazia. Na cama, Edgard estava imerso em um sono profundo. Aquilo era raro naqueles dias, então ela ficou extremamente atenta aos seus movimentos para não causar o despertar precoce do marido.

A mesa na antessala do quarto presidencial já estava posta para ela. Arranjos de flores e guardanapos refinados escondiam, no centro do móvel, uma cápsula de vitamina e um copo d'água. Ela se sentou, cobriu as pernas com um dos guardanapos e tomou o comprimido. Continuou sentada por mais quinze minutos apreciando sua água, enquanto fitava a escuridão revelada pela grande janela ao seu lado.

A primeira-dama retirou o guardanapo do colo e limpou os lábios sutilmente. Levantou-se e foi até o *closet*. Trocou a camisola de seda por *leggings* e um *top* de ginástica, e foi para a academia no terceiro piso da Casa Branca.

Não havia um instrutor ou professor, ninguém para lhe dizer que aparelho usar, em que posição ficar. Eliza não gostava de obedecer a ordens, independentemente de quem as estivesse dando. Começou seu treino com ioga, fazendo posturas da sequência de Saudação Ao Sol. Depois foi para a esteira correr dez quilômetros e, finalmente, fez um circuito usando os aparelhos da academia.

Às sete horas, Eliza já estava de banho tomado, usando um vestido amarelo que lhe caía como uma luva e entrando em seu gabinete na Ala Leste.

Peter McCalley a aguardava dentro da sala. O diretor de comunicação da Casa Branca pulou do sofá quando a primeira-dama entrou. Era a reação de quem havia feito algo errado, porém, sinceramente, ele não sabia o que era.

Eliza não se preocupou com cortesias fúteis e rapidamente inseriu o assunto que importava.

— Onde estão os discursos?

McCalley lhe entregou a pasta que tinha em mãos. Não se atreveu a falar nada.

Ela folheou os papéis enquanto se dirigia para sua cadeira, atrás da grande mesa de mármore branco. Sua figura fina estava praticamente camuflada pelo enorme móvel a sua frente.

— Este é o da tarde e esse o da noite?

— Sim, senhora.

Eliza pegou uma caneta de ouro em uma de suas gavetas e começou a fazer anotações nos cantos nas páginas. Ela quase não fazia força contra o papel para que seu texto ficasse grafado. O estilo de escrita chamava a atenção por suas letras extremamente juntas e pequenas, contudo incrivelmente bem desenhadas.

— Pronto. Assim está melhor.

— Sim, senhora. — repetiu McCalley.

Ele esticou a mão para pegar a pasta que Eliza lhe entregava de volta e se encaminhou para sair do cômodo.

— Peter? — Ele freou o passo e se virou na sua direção. — Não se esqueça do sangue. Ele fica chato quando está com fome. Não queremos o presidente matando as pessoas de tédio em rede nacional, não é mesmo?

— Não, senhora. — disse McCalley enquanto deixava o escritório.

O rosto de Eliza Humphry mostrava sua satisfação. Ela abriu o *laptop* à sua frente e começou a trabalhar. Aquele dia ia ser longo, no entanto ela estava preparada.

A sala da casa de Beth estava bem diferente daquela que eles haviam deixado alguns dias antes. Cerca de vinte pessoas correndo de um lado para o outro, monitores espalhados por toda parte e armas estocadas atrás do sofá. David não entendeu nada.

— Quem são essas pessoas?

— A resistência, agente Silver. — respondeu Batoriova.

A resistência?

— Mas...

— Nós estamos no mundo todo. A divisão dos Estados Unidos ficou menor do que o esperado, mas nossos amigos do Canadá mandaram reforços. Temos pessoas vindo também da França, Noruega, Uruguai e África do Sul, elas chegarão amanhã. Espero que não seja tarde, mas foi o que consegui com o nosso curto prazo. Não estamos mais sozinhos, David. Agora temos novos recursos.

— E sangue? Temos sangue? — Brian mal se importava com o discurso de Beatrix. Durante dias, eles haviam vivido na base de gotas, todos precisavam beber.

Vince veio para a sala segurando cinco bolsas de sangue.

— Eu imaginava que ficaria feliz em te ver, mas essa recepção realmente superou todas as expectativas. — disse Brian enquanto corria na direção de Vince. Depois lhe deu um beijo, pegou as bolsas e distribuiu entre o faminto grupo, criando um furo com os dentes na sua própria.

David foi o único a não beber.

— Temos novidades, almirante?

— Sim. O presidente fará duas coletivas de imprensa hoje. Acreditamos que ele tentará explicar o que é essa doença misteriosa e usará as coletivas para

revelar os planos de ação para combatê-la. Mas não temos ideia da mentira que vai contar. — Beatrix exalava profunda raiva. Aquilo era pessoal. — Sobre a pessoa que vocês indicaram, estamos tentando traçar uma estratégia para a captura.

David se sentia um fracassado. A almirante esperava um antídoto. Precisava de uma cura, e David só lhe trouxera mais problemas.

— E Beth?

O nome proferido revelou leveza e preocupação no semblante dela. Como dois sentimentos tão diferentes podiam ocupar um mesmo rosto era um mistério.

— Pior, mas não vai morrer. Ou ela volta a ser humana ou eu lhe dou sangue à força. Morrer não é uma opção.

— O que ela quer...

— O que ela quer é viver. E consigo fazer isso com ou sem antídoto. Eu estou esperando o máximo que posso, David, mas ela já está catatônica, por isso não temos tempo para essa conversa.

Por mais que David quisesse argumentar, Beatrix estava certa. Eles precisavam correr. Precisavam capturar Eros Um, pegar seu sangue e outras amostras do seu DNA, elaborar o soro e ainda desenvolver um plano para alertar o mundo do que estava acontecendo.

— David? — A voz de seu pai o assustava toda vez que pronunciava o seu nome. — Acho que posso ajudar com a captura de Eros Um.

David ficou surpreso com a afirmação.

— Como?

— Entregando você e toda a resistência para a Blackwater.

— Nós o encontramos, Ed.

Ver seu pai ligar para o presidente dos Estados Unidos era estranho. Vê-lo chamar o presidente de “Ed” era particularmente bizarro. Luke ficou do seu lado, durante a ligação. Era como se quisesse acalmar o sobrinho, contudo não dizia nada. Na verdade, ninguém falava nenhuma palavra. A sala de Beth estava em silêncio absoluto. Três agentes canadenses monitoravam a ligação e gravavam toda a conversa.

— Aguardamos instruções. Obrigado.

David observava tudo com muito nervosismo. A calma da luz no fim do túnel havia passado por completo. Não havia mais a passividade de aguardar resultados de exames ou um próximo passo da Blackwater. A resistência ia finalmente mover a sua peça no tabuleiro e atacar.

— O que ele disse? — perguntou David a Michael.

— Disse que vai me ligar em algumas horas e que precisa pensar na melhor forma de proceder.

— Você acha que ele acreditou?

— Acho que sim. É como eu te falei, ele avisou a todos os sucessos de vocês, pediu para focarmos nisso. Não tem ideia de que eu sei quem você é e acha que Luke é só mais um de seus subordinados obedientes. Estamos seguros.

Segurança era a última coisa que David sentia. Muito dependia do êxito desse plano, não somente a vida de Beth, como a de bilhões de pessoas ao redor do mundo.

— Mas como vamos ter certeza de que ele mordeu a isca?

As palavras de Miranda foram cortadas pelo aumento do volume da TV. Vince apertava o controle remoto enquanto chamava a atenção de todos para a coletiva de imprensa que estava sendo transmitida ao vivo.

Os jornalistas, todos extremamente doentes, aguardavam ansiosos enquanto davam as informações sobre os últimos desdobramentos da misteriosa enfermidade. No total, já eram mais de um milhão de pessoas mortas no mundo. Em sua maioria, idosos acima de setenta anos de idade. A doença podia ser observada em todos os países, no entanto alguns em desenvolvimento apresentavam números extremamente baixos. Os centros de quarentena estavam lotados nessas regiões.

Enfim, foi anunciado o vice-presidente americano, John Trent. O homem estava um fiapo de gente. Foi arrastado para o Rose Garden em uma cadeira de rodas. Um microfone foi colocado à sua frente.

— O que John Trent está fazendo lá? Cadê o Humphry? — Brian dizia o que todos pensavam.

Falando com bastante dificuldade, o vice-presidente iniciou o seu discurso.

“Meus amigos, o presidente Edgard Humphry acaba de receber informações excelentes. Tivemos um avanço inesperado nos estudos sobre a misteriosa doença que nos assola. Ele foi chamado com urgência ao Centro de Controle de Doenças, por isso pediu para que eu viesse aqui justificar a sua ausência e dar a vocês essa grande notícia em primeira mão. Hoje à noite, no Capitólio, o presidente pretende apresentar esses avanços e dividir com o mundo inteiro o plano de ação que já teremos traçado até lá. Tenho confiança de que essa doença terá seu fim em breve.”

Trent fechou os olhos. Era como se todas as suas forças tivessem acabado junto com a última palavra. Peter McCalley, o diretor de comunicação da Casa Branca, percebeu a fraqueza do vice-presidente e ocupou um lugar no palanque para abrir para perguntas.

A visão de McCalley pegou David de surpresa. Seu rosto sempre estava no jornal e David já havia, inclusive, conhecido o sujeito pessoalmente, meses antes, no bar em que Humphry o havia dispensado da missão, porém agora tudo era diferente. Graças a Michael e a seu tio Luke, David sabia quem Peter McCalley era de verdade.

Ele sabia que aquele homem era o Eros Um.

O grupo tomou a ausência de Humphry como sinal de que ele estava levando o telefonema de Michael a sério. Se ele tinha deixado de participar de uma coletiva que fazia parte do Dia V, era porque considerava David e a resistência um problema real que precisava ser solucionado o quanto antes.

Somos uma ameaça.

Mesmo depois da invasão à resistência, da morte de Stefan e de seus outros companheiros, David ainda não tinha conseguido sentir que o que faziam poderia de alguma forma impactar os planos da Blackwater. Porém, esse gesto de Humphry havia irradiado esperança para ele.

Um barulho forte de algo caindo no chão tirou todos do estado reflexivo em que se encontravam.

— Beth! — Batoriova exclamou, enquanto corria para o quarto da moça.

Elizabeth estava se debatendo ao lado da cama. A convulsão fazia com que sua cabeça golpeasse a mesinha de cabeceira com força. Seu braço direito, que absorveu todo o impacto da queda, estava com o osso à mostra. Em volta, sangue.

David observava Beatrix ir ao socorro da jovem e relembrava o que estava circulando na mídia sobre os sintomas da doença. Convulsão era um dos últimos reflexos do soro da Blackwater no corpo antes do fim.

Beth foi recolocada na cama e uma tala improvisada a partir de uma prancheta foi trazida para tentar imobilizar o braço fraturado. Miranda usou um *kit* médico de emergência para ajudar a estancar o sangue que escorria do buraco criado pelo osso. Com a população mundial em estado de emergência, os hospitais estavam sobrecarregados e com poucos médicos saudáveis para atender. Não havia mais nada a ser feito.

Batoriova se afastou da sobrinha e cochichou algo no ouvido de um agente que David nunca tinha visto antes. Poucos segundos depois, o homem voltou trazendo uma bolsa de sangue.

— O que você está fazendo? — indagou David se posicionando entre Beatrix e a cama de Beth.

— Saia da minha frente, agente.

— Você sabe que não é isso que ela quer. Nós vamos pegar o McCalley hoje, almirante. Por favor, não faça isso.

— E você sabe o que convulsão significa, não sabe? Hoje pode não ser tempo suficiente. Eu te avisei. Ela vive. Agora saia, antes que eu te force a sair.

Cinco agentes começaram a se posicionar ao lado e atrás de Batoriova.

— David, venha. — As palavras de Miranda foram um banho de água fria. — Isso não nos diz respeito.

— Não posso deixar...

— Não nos diz respeito.

David não ficou chateado com a interferência de Miranda, entendeu o que ela queria dizer com aquelas palavras. Precisavam escolher as batalhas e precisavam de Batoriova e de sua resistência ao lado deles. Não podiam cortar relações com a única pessoa entre eles que tinha algum recurso útil contra a Blackwater. Era uma atitude fria, contudo era exatamente assim que necessitavam ser. Mesmo que ainda não fosse a hora de irem para a luta, já estavam todos inseridos em um campo de batalha e tinham que raciocinar de acordo.

David deu um passo para o lado e virou o rosto. Sabia o que iria acontecer e não tinha forças para olhar. Aquele era o resultado máximo do seu fracasso. Beth ia virar vampira e a culpa era dele.

Batoriova se ajoelhou ao lado da cama e levantou a cabeça de Elizabeth. Os olhos da jovem estavam cerrados desde que a convulsão terminara e assim permaneceram.

— Querida, aqui está. — A almirante encostou o canudo ligado à bolsa de sangue nos lábios de Beth. — Essa é a cura, Beth. Tome isso, meu anjo. Você se sentirá melhor.

Os lábios de Beth começaram a se mover.

— Isso, querida. Isso mesmo. É só tomar e tudo ficará bem.

Porém, Beth não tentava sugar o canudo. Beth tentava falar.

— Não consigo te entender, Beth. O que foi?

Batoriova se aproximou do rosto da moça e colocou o ouvido perto do seu lábio. O som era fraco, mas Beatrix conseguiu escutar as poucas palavras que a jovem sussurrava. Seu rosto empalideceu na mesma hora. A almirante retirou a bolsa de perto e deu um beijo na testa dela. Levantou-se e caminhou decidida até David, que ainda não olhava na direção em que as duas estavam.

— É melhor o seu antídoto funcionar.

David assentiu. O que quer que Beth tinha falado fora o suficiente para convencer Beatrix do certo a se fazer.

Tem que funcionar.

David teria que pensar na cura depois. O telefone de Michael havia começado a tocar.

A confirmação de que Eros Um seria o responsável por ajudar Michael e Luke a interceptar a resistência era algo que os dois sucessos já esperavam.

— Humphry confia em McCalley com a sua vida. Algo importante assim nunca ficaria com outra pessoa.

Sempre que seu tio falava algo sobre a Iniciativa, David sentia o seu frio na espinha. Não se acostumaria tão cedo.

O plano era arriscado e David sabia. Porém, tinha que dar certo. Seu tio e Michael eram a chave para isso e, por mais que David ainda não confiasse em seu pai, Luke estava aos poucos voltando a despertar esse sentimento nele, mesmo com tudo que haviam passado.

Os agentes começaram a se arrumar. Coletes à prova de balas sobre os seus corpos, armas carregadas e balas de reserva nos cintos, e comunicadores nos ouvidos. A batalha os aguardava.

Batoriova separou dois agentes para ficarem com Beth. Essa missão tinha que ser acompanhada de perto, e a almirante estava mais do que pronta para voltar à remota época em que fora uma agente de campo. O futuro da sua descendência dependia disso.

Vince chegou ao apartamento avisando que o caminhão que usariam para transporte já estava posicionado no beco atrás do prédio. Os agentes começaram a se apressar para finalizar os preparativos.

— Como você está, David? — Miranda ainda não tinha vindo falar com ele desde o incidente com Beth. Não estavam sem se falar de propósito, apenas não haviam tido tempo.

— Tentando pensar com clareza, mas sendo impedido pela minha vontade de vomitar. — O riso de nervoso tencionava fingir que a frase era apenas brincadeira. — E você?

— Ansiosa. É o trabalho de anos, David. E hoje a gente vai conseguir o que precisa para acabar com eles. Toda traição que sofremos ou fizemos alguém sofrer, toda a raiva e sentimento de impotência, hoje, tudo acaba.

— Queria ter a sua confiança.

Miranda riu do comentário. Aquele sorriso. Se David morresse naquele dia, ficaria feliz de ter conseguido vê-lo uma última vez.

Última vez...

David levou Miranda para o corredor que estava atrás deles, longe dos olhares dos outros agentes.

— É aquele momento.

— Que momento?

— O momento. Aquele de qualquer filme. Quando o mocinho sente que pode ser a última vez que vê a mocinha e precisa de que ela saiba que ele a ama.

Miranda abaixou a cabeça cerrando os olhos. Deu de ombros ligeiramente enfiada. Não era exatamente a resposta que David esperava.

— Nossa, a gente é bem ruim nisso de despedida antes de missão, né? Mas particularmente eu preferi o meu “não morre” do que o seu “se eu morrer, te amo”. Era mais motivador e menos condicional.

Ele soltou um muxoxo.

— Está bem. Vou tentar de novo então. — David puxou Miranda pela cintura com uma das mãos e com a outra acariciou o seu cabelo, colocando-o atrás de sua orelha. Terminou o movimento segurando o rosto de Miranda e fixou seu olhar no dela. — Eu te amo.

Miranda o beijou. Estava tudo naquele beijo. Todas as frustrações, as brigas, as lutas, as vitórias, o sentimento. A resposta saía durante o toque dos lábios, cochichada entre dentes.

— Te amo.

O Departamento Cinco estava deserto. Por trabalhar com inovações tecnológicas voltadas para vampiros, era raro precisar que alguém trabalhasse sábado. Além disso, como ficava no subterrâneo de uma empresa de seguros que servia como fachada, não havia a movimentação de outros departamentos que pudessem ter missões ativas.

David passou pelo seu cubículo. O homem que se sentava naquela mesa não existia mais. Aquele homem tinha questionamentos, medos e dúvidas. Vivia nas sombras, não se expunha e não arriscava. Era alguém que abaixava a cabeça para qualquer coisa, aceitava que outros sabiam o que era melhor e estava feliz em servir. Obediência cega e apatia eram as suas melhores qualidades.

A Iniciativa estava destruindo o mundo, tentando exterminar uma espécie e escravizar alguns poucos sobreviventes. Porém, de certa maneira, David não podia deixar de se sentir grato. A Iniciativa havia matado o David daquele cubículo. Graças ao plano maquiavélico de Humphry e Watsen, David tinha o poder de lutar. Por mais que no passado tivesse achado que já o possuía, principalmente nas noites em que revia os arquivos sobre a morte de sua mãe e jurava vingança, agora David

tinha total consciência de que aquilo era uma mentira. Ele não tinha a força necessária. Sua mãe teria para sempre ficado com o seu caso sem solução. Ele nunca teria tido a chance de ficar com Miranda. Brian continuaria sendo seu chefe escroto. Seu pai continuaria morto.

Batoriova chamou todos os seus agentes para o centro do escritório. Com exceção dos dois que haviam ficado com Beth e de Michael e Luke, que davam sequência ao plano fingindo serem aliados de Humphry, todo mundo estava ali. Um círculo se formou em volta da almirante, e David se viu com Miranda no seu lado direito, Brian no esquerdo e Vince logo em seguida. Ele não podia imaginar pessoas melhores para ter por perto.

— A maioria de vocês não me conhece. Estão aqui porque o seu Primeiro Ministro os convocou e é a ele que devem lealdade. E estão aqui porque um louco na Casa Branca está com complexo de Deus e decidiu destruir a vida de bilhões de pessoas. Mas eu sei que também estão aqui por vocês mesmos. Pode ser porque têm um parente humano, talvez um amigo, um amor, ou talvez tenham apenas empatia. Sabem que diferenças são o que nos tornam fortes, não o que nos enfraquece. Que líderes devem tentar nos unir, apesar de tudo que nos afasta, e não criar mais muros. E sabem que devemos ser tolerantes com todos, menos com aqueles que pregam a intolerância. Estamos aqui hoje para lutar contra essa intolerância e mostrar a força que a nossa empatia tem. Nós entendemos os seres humanos. Temos plena consciência de que não são perfeitos, mas, considerando o estado atual do mundo, nós também não somos. Vejam o meu exemplo. Nesses últimos dias, me deixei levar por um drama pessoal. Tomei a luta de todos como uma luta minha para salvar meu clã. Eu queria Beth viva, não importava como. E na minha hora mais insensata, em que eu simplesmente joguei fora toda e qualquer gota de empatia que eu tinha, vocês sabem o que ela me disse? “Eu confio em você”. Eu estava dando sangue para minha única descendente viva. Uma humana que tinha deixado claro que não queria ser vampira, que preferia a morte, e ela estava me falando o quanto confiava em mim. Como humanos e como vampiros, somos capazes das piores e das melhores coisas. Somos capazes de ser cruéis e de ser benevolentes, de destruir e de amar. Somos capazes de trair, mas também de confiar. Sejam hoje a melhor versão de nós mesmos. Vamos mostrar para Humphry que ele não é um deus. Vamos mostrar para o mundo que vampiros não são seres malignos. E vamos mostrar para Beth que somos dignos de sua confiança. Vocês já são dignos da minha.

O grito de guerra que se seguiu pareceu saído de uma batalha da Idade Média. Gutural e emotivo, uniu os presentes em uma sinfonia de poder. Batoriova inspirou a todos. Os agentes sentiram a força de suas palavras e acreditaram que podiam vencer.

David apertou a mão de Miranda e a de Brian, que repassou o movimento para Vince. Estavam conectados como nunca, mais fortes do que nunca. E, independentemente do resultado, lutavam por justiça e liberdade. Não havia motivos melhores.

A carnificina que ocorreu no esconderijo da resistência ocupava a cabeça de David quando o combate começou. Ao contrário daquele dia, dessa vez eles estavam preparados. Não sabiam os números certos com os quais a Blackwater atacaria, mas já esperavam um ataque. E a Iniciativa não tinha ideia disso.

Michael e Luke haviam passado para o presidente a informação de que David e três aliados iriam invadir o Departamento Cinco naquela noite. Disseram que o grupo desejava pegar algum item que seria fundamental na criação de um antídoto.

De certa maneira, é exatamente isso que estamos fazendo.

O que a Blackwater não sabia era que vinte e dois agentes treinados estariam esperando por eles. Vince e Miranda estimaram que mandariam cerca de quinze pessoas para o ataque. O triplo da quantidade de inimigos para garantir o sucesso rapidamente. E foi exatamente isso que fizeram.

Uma bomba de gás lacrimogênio caiu entre os pés de David, tirando-o de seu devaneio, entretanto ele estava preparado para essa possibilidade. Todos usavam máscaras. Miranda segurou a bomba e a jogou na direção oposta. Mesmo sem serem afetados pelo gás, a fumaça influenciaria a visibilidade dos seus alvos. Miranda e David estavam agachados atrás de uma pilastra. Do lado deles, atrás de dois gabinetes, Vince e Brian cobriam a entrada dos fundos.

David trocou olhares com Brian. Os dois não haviam sido feitos para aquilo. Tinham tido o treinamento básico de combate, no entanto não estavam preparados para um cenário dessa magnitude. Estavam perdidos e tentavam se incentivar sem falar absolutamente nada, embora ambos temessem que só isso não seria o suficiente.

Os tiros começaram no centro do departamento. David atirou em resposta, mirando nas pernas dos seus alvos. Não queria ser o cara que sem querer explodiu a cabeça da única salvação da raça humana.

Alguns dos agentes da Blackwater estavam caídos. Outros estavam sendo algemados. Estava perto do fim, David podia sentir. O que ele não podia era ver Peter McCalley. Entre mortos, feridos e algemados, Eros Um não parecia estar presente.

Então, vieram as explosões, e David entendeu tudo.

Esses agentes eram a distração.

A porta ao lado de Vince e Brian voou alto. David pôde sentir os estilhaços batendo contra a sua máscara de gás e seu colete. A força da explosão fez os gabinetes caírem no chão, expondo os dois rapazes. Sem equilíbrio, Vince segurou a mão de Brian e se agachou, correndo até o ponto onde David e Miranda estavam.

Eles ainda não tinham percebido, contudo outra porta na frente da pilastra havia sido explodida também. Miranda descarregava sua arma contra os novos invasores.

— Eles vieram preparados para uma guerra! — afirmou Vince. Ele estava ofegante. — Ou somos uma ameaça maior do que imaginávamos ou eles não acreditaram em Michael.

O comentário fez David temer pela vida de seu pai e de seu tio.

Por favor, estejam bem.

A coluna era estreita, então Brian e Vince não puderam dividir o espaço por muito tempo. Correram para uma baia de escritório no lado oposto da sala.

David estava distraído pensando na segurança dos outros e não viu que Miranda havia parado de atirar. Quando deu por si, ela estava imóvel.

— Miranda?

Ela não escutou David. Depois de alguns segundos, levantou a mão para ativar o comunicador no ouvido.

— Watsen é meu.

— *Watsen? Watsen está aqui?*

Miranda tirou o comunicador sem responder à indagação de Batoriova.

David tentou segurar o seu braço, porém ela foi mais rápida. No centro do salão principal, saindo da outra porta explodida, Phil Watsen empunhava sua arma e liderava cerca de vinte agentes. David percebeu que ele hesitou. Havia reconhecido sua filha. Miranda atirou suas últimas balas na direção do diretor da CIA, que rolou para trás de uma mesa se protegendo. Ela soltou a arma sem munição no chão e puxou seu *nunchaku* de um compartimento lateral da calça. Watsen claramente tinha balas, mas guardou sua arma. Aquilo era pessoal.

Sozinho e escondido atrás da pilastra, David não sabia como agir. Resolveu ao menos cobrir Miranda para que só tivesse que se preocupar com Watsen. Levantou novamente sua pistola e voltou a atirar. Vince surgiu ao seu lado, aumentando a área de cobertura.

— Ela está louca, Vince.

— Todos temos agendas pessoais nessa batalha, David. A dela acabou de explodir aquela porta.

David sabia que Vince estava certo, no entanto ainda se preocupava.

— Cadê o Brian? — questionou dando falta do amigo.

— Ele estava perto de mim. — Vince respondeu olhando em volta. A fumaça atrás dos dois estava forte, ver mais de três metros de distância era impossível. Porém, logo Vince o localizou. — Ali!

Um agente encostava Brian contra a parede e batia sem parar no seu abdômen. Vince correu na direção dos dois. David olhou para frente e não conseguiu mais ver Miranda. A fumaça estava por toda parte. Atirar não era mais possível, então decidiu ir atrás de Vince. Miranda estava sozinha.

Os dois chegaram perto e ouviram um tiro. O rosto de Brian congelou olhando para Vince. O agressor caiu segurando o estômago e revelando a mão de Brian segurando uma arma. Vince levantou a sua para acabar com a vida do sujeito, mas Brian se jogou na frente.

— Não atira! Não atira! É ele! É Eros Um! Não atira!

Vince parou na mesma hora, entretanto foi surpreendido pela visão de Brian caindo no chão. Ainda agachado, Peter McCalley enfiava uma faca na parte de trás do seu joelho. David e Vince correram na direção dos dois. Vince tirou Brian do caminho, enquanto David avançava contra Eros Um.

Um *flash* do embate que teve com Vince na porta do seu quarto na resistência surgiu. David se lembrava de ter pensado que nunca teria ganhado de um homem como Vince em uma disputa para a qual ambos estavam preparados. O pensamento trouxe seu frio na espinha.

David socava o rosto de McCalley com força, mas não notou que o homem ainda tinha a faca com que ferira Brian. A dor veio aguda. Sentiu o metal rasgar a lateral do seu tronco enquanto Eros Um rolava para cima do seu corpo. Sentiu mais uma vez. E de novo. E de novo. Peter McCalley se esticou e pegou a arma que Brian tinha deixado cair ao ser esfaqueado. Colocou o frio cano da arma embaixo do queixo de David que, em um reflexo inesperado, fechou os olhos e aguardou.

Ele só conseguia pensar em Miranda.

Eu disse o que sinto. Ela sabe. Eu disse.

Porém, o barulho do tiro não veio. David apenas percebeu um peso cair sobre o seu corpo. Abriu os olhos e se deparou com Eros Um desmaiado. Vince estava atrás segurando uma seringa no pescoço de McCalley.

— Almirante, temos Eros Um. — disse Vince pressionando o comunicador.

— *Vá para o caminhão, agente. Iremos em seguida.*

— Vocês ouviram, vamos!

Brian mancava, porém, enquanto Vince carregava Eros Um no colo, somente ele poderia ajudar David a se levantar. A lateral do corpo de David latejava com a dor das facadas, sangue descia pela sua perna deixando pegadas no chão.

— Brian, eu não posso ir. Miranda tirou o comunicador. Eu preciso achá-la.

— Ela vai nos encontrar, David. Temos a cura que pode salvar o mundo e ninguém vai conseguir interpretar os seus garranchos nas anotações da fórmula. Você vem junto.

David caiu desfalecido nos braços de Brian. Não havia mais como discutir.

David não sabia ao certo quanto tempo tinha se passado. Recobrou a consciência já dentro do caminhão. Michael ajudava alguns agentes feridos a entrarem pela porta traseira. Do seu lado, Luke mostrava uma expressão preocupada.

— Miranda. Onde está Miranda?

Luke não disse nada. David não tinha visto quando Michael e Luke se juntaram ao grupo, contudo, pelos ferimentos que ambos apresentavam no rosto, tinham passado por aquele inferno também.

David levantou a cabeça e olhou em volta. Contando com seu tio e seu pai, vinte e quatro agentes tinham entrado naquela missão, no entanto havia apenas onze pessoas presentes. Michael começou a fechar a porta.

— Não! — David se levantou bruscamente. O movimento fez com que ficasse tonto e precisasse se apoiar. — Miranda ainda não voltou. Só saímos daqui com ela.

— Batoriova também não, mas nos mandou seguir viagem. Nossa carga é o mais importante, David.

— Nós temos que ficar.

Apesar da súplica, ele sabia que as palavras de Michael estavam corretas. Brian, ao lado do corpo inconsciente de Peter McCalley, observava a cena. O caminhão começou a se mover.

— Não! — David gritou em pânico. Brian foi até onde estava e segurou seus braços.

— Vince recebeu as mesmas instruções que Michael. Batoriova mandou seguirmos. Só a missão importa.

— Vince está dirigindo?

— Sim.

— Que ótimo que você sabe onde ele está. — Brian entendeu a indireta. — Sem a Miranda, eu não vou.

David bateu na parede atrás do motorista. Vince abriu uma pequena janela que separava a cabine do compartimento de carga.

— Pare esse caminhão, Vince.

— Não posso esperar Miranda, David.

— Eu sei. Você segue viagem. Eu fico.

— Você está machucado. E precisamos de você para o antídoto. Você vai.

— Brian pode tocar sozinho. E eu sou vampiro, esqueceu? Estou fraco, mas vou sobreviver. Pare esse caminhão agora!

Vince olhou pelo retrovisor e identificou Brian ao lado de David.

— Você pode fazer a fórmula?

— Não quero, mas posso.

Vince freou o veículo.

— Não sei o que você espera conseguir, David. Você conhece a Miranda. Ela não precisa de um príncipe em armadura brilhante indo ao seu resgate.

— Eu sei que ela não precisa de resgate, Vince, mas isso não me impede de fazer tudo ao meu alcance para ajudar. Não quero ser príncipe, quero ser útil.

David foi até a porta traseira e, ignorando os apelos de Michael e tio Luke, a abriu.

— Eu confiei em você!

Watsen estava sangrando. Miranda acabara de fazer um movimento frontal com o *nunchaku* que quebrou sua máscara e acertou seu supercílio, fazendo o sangue jorrar livremente por sua face.

Ele tentou movimentar a máscara para impedir que se enchesse de sangue. Com a parte de cima quebrada, o objeto em breve serviria apenas como um adorno.

— Eu não traí a sua confiança, garota. Eu te dei tudo! Só faltaram umas boas palmadas pelo visto.

Ela não parava. Puxou o *nunchaku* para perto de si, rodou o objeto na outra mão e avançou destilando um novo golpe, dessa vez, contra o peito de Watsen. Ele caiu para o lado, apoiando-se em uma cadeira.

— Esse é o pior pesadelo de qualquer pai. — disse arrancando a máscara e cuspiendo sangue. — Minha filha envolvida com terroristas.

O gás lacrimogêneo já tinha se dissipado, mas as explosões das portas causaram um aumento grande na quantidade de fumaça. Watsen, com o rosto exposto, tossia bastante.

— “Pai”, — ironizou Miranda. — você quer aniquilar uma raça, escravizar seus sobreviventes, criar uma ditadura, e eu sou a terrorista?

— Você e toda essa gangue com quem você se misturou. Eu já esperava isso da Beatrix, mas de você? Da minha própria filha?

— Olha o que você quer fazer! O que você já fez! Não posso ficar parada assistindo a essa aniquilação.

— Aniquilação? — Ele tossiu novamente. — Queremos mais pessoas vivendo para sempre e você chama isso de aniquilação. Que porcarias te ensinaram naquela escola que me custou rios de dinheiro?

— Eu só não entendo o porquê. Por que forçar o vampirismo na população mundial? O que você ganha com isso?

— Miranda, a gente sempre teve que esconder quem realmente somos. Usar de inúmeros artifícios para parecer com eles, para viver como eles. Por que nós temos que nos adequar enquanto eles vivem suas vidas fazendo as mais absurdas merdas como se fossem os donos da porra toda?

O discurso causou falta de ar. Miranda partiu para uma nova investida contra ele, no entanto Watsen usou a cadeira que segurava para atacar. Ela tentou virar o corpo para se proteger, mas a cadeira acabou pegando o seu ombro direito por trás. Um estalo pôde ser ouvido enquanto o seu braço afundava deslocado.

— Não sei onde você encontrou esse seu amor pelos humanos. Deve ser esse moleque, David. Ele deve estar pondo coisa na sua cabeça, te colocando contra mim.

— Não fale do David. — Ela tentava mascarar a dor com a sua raiva, mas sentia arrepios que se estendiam até seus dedos. — Não depois de tudo que você fez com ele.

— Que eu fiz? Eu dei a chance de ele ser alguém! Eu acreditei no potencial daquele garoto e abri as portas para ele. Quem você acha que teve a ideia de chamá-lo para trabalhar no Departamento Cinco? De pedir sua ajuda no Dia V? Humphry e os outros queriam que ele continuasse apenas sendo monitorado, como um experimento qualquer. Ele é filho de uma vampira de nascença com um sucesso. O primeiro de uma nova linhagem que mistura ciência e mutação natural. Todos queriam ele num laboratório sendo estudado. Alguns queriam ele morto! Mas eu salvei a vida dele. Eu dei uma vida para ele! Assim como eu dei para você, minha filha.

— Para de me chamar de filha!

Ela tentou investir contra ele novamente, no entanto seu braço não se moveu. O ombro latejava demais e ela começava a não sentir mais o membro. Watsen aproveitou seu choque com a falta de mobilidade e rodou ao seu redor, agarrando o seu pescoço por trás em uma gravata e deixando-a sem ar. Chegou os lábios perto da orelha de Miranda enquanto ela lutava para se desvencilhar da manobra.

— Não finja que não sou seu pai. Não finja que não me ama. Eu te dei a sua vida. Nunca se esqueça disso.

Um golpe assim não tinha a capacidade de matar um vampiro, mas poderia causar desmaio se continuasse por mais tempo. Seu braço direito formigava

imóvel. Teria que usar apenas um para sair da gravata, o que exigiria toda a sua força. Segurou com a mão esquerda o braço de Watsen que a apertava, dobrou os joelhos e flexionou o tronco. O urro de agonia que saía da sua garganta era sinal de que o plano tinha funcionado. O corpo de Watsen passava por cima do seu ombro machucado e caía com as costas do chão.

Miranda tinha que agir rápido, antes que ele se levantasse. Puxou o braço direito com força, fazendo lágrimas surgirem com a sensação do úmero se movimentando de volta para o seu lugar.

A dor mostrou melhora quase que imediata. Miranda levantou a cabeça buscando por Watsen, no entanto quase não conseguia enxergar. A fumaça havia tomado tudo.

Ele saiu do breu a sua volta sem aviso. Agarrou sua cintura e foi carregando Miranda através da sala até a porta por onde ele havia entrado. Os seus corpos bateram contra a escada que levava até a agência de seguros no andar de cima, machucando as costelas de ambos e rachando a máscara de Miranda. O ambiente estava com pouquíssima fumaça e boa visibilidade, então rapidamente ela removeu o equipamento.

Com dificuldade, se arrastou alguns degraus acima e chutou o rosto de Watsen. Ele tombou para o lado desnorteadado. Conseguiu se recompor a tempo de segurar um dos pés da filha. Puxou Miranda para baixo, fazendo com que sua cabeça batesse contra a beirada de três degraus. Prendeu-a novamente pela garganta, dessa vez forçando seu antebraço sobre a sua traqueia, enquanto alcançava a arma que tinha guardado no coldre antes da luta começar. Miranda ficou espantada com a atitude. Ele queria matá-la.

Não havia mais respeito. Não havia mais cumplicidade. Aquele homem que a educou, que a ensinou a lutar, que a apoiou em todas as suas decisões de carreira e da sua vida pessoal. Seu pai. Seu pai a queria morta.

Ela lutava contra a mão que estava armada enquanto tentava empurrar o outro braço para longe do seu pescoço.

— *Miranda, onde você está?* — Vindo da sala enfumaçada, a voz de Batoriova surgiu clamando por Miranda. A frase foi logo seguida por tiros. A almirante estava em perigo.

A preocupação fez a mão de Miranda fraquejar. Watsen aproveitou a oportunidade e conseguiu virar a pistola na direção do seu corpo, atirando no seu ombro esquerdo. O impacto fez o braço dela sucumbir, soltando a mão armada de Watsen. Ele escorregou com o movimento, liberando o pescoço de Miranda e permitindo que ela virasse de lado. Watsen se recuperou e atirou mais duas vezes nas suas costas, no limite do colete.

Miranda tirou forças do choque das balas contra seu corpo para se voltar para ele. Ela gritava enquanto segurava a arma e batia com a mão dele contra o corrimão. Watsen deixou a arma cair, mas imediatamente puxou da cintura, no outro lado, uma faca.

A lâmina gelada entrou como uma agulha no rosto de Miranda. Veio raspando o pescoço e conseguiu atravessar seu queixo antes que ela pudesse segurar o punho fechado que forçava a faca na direção do seu olho.

Watsen jogava todo o seu peso, unindo as duas mãos em cima da faca para fazer com que atravessasse a cabeça de Miranda. Ela soltou uma das mãos permitindo que a faca cortasse sua íris. Com seu olho bom, Miranda podia ver que ele estava chorando. Ela nunca tinha visto Phil Watsen chorar.

Seu pranto não o impedia de tentar ir mais fundo no seu rosto. E ela cedia. Cada vez mais. Até que conseguiu. Sentiu em sua mão o aço da Glock que Watsen havia derrubado. Encaixou o dedo no gatilho e levantou a arma.

Ela nunca tinha visto Phil Watsen chorar.

E ela nunca mais veria de novo.

Antes que pudesse descer do caminhão, a imagem de Miranda e Batoriova correndo na direção deles fez David parar.

Batoriova atirava para trás contra alguém que ele não conseguia ver.

— São elas! Prepare para acelerar, Vince!

O caminhão iniciou um leve movimento para não precisar sair da inércia, mantendo-se ainda lento o suficiente para que elas pudessem alcançá-lo. As duas pularam para dentro e David fechou a porta. Em seguida, Vince acelerou.

No rosto de Miranda, as marcas da batalha. Um corte da testa e até o pescoço fazia o seu olho direito chorar sangue. Suas roupas tinham furos de bala e o espesso líquido vermelho estava em todo seu corpo. Ela olhava para David sem piscar. O rasgo no seu queixo expunha parte da sua mandíbula e a região tremia. Ela toda tremia. David a abraçou.

— Eu consegui. Eu consegui. — O corte atravessava seus lábios e fazia as palavras saírem falhadas.

— Eu sei, Miranda. Eu sei.

Phil Watsen estava morto.

Vince deixou David, Brian e McCalley sob a tutela dos agentes do governo canadense. Eles estavam em um esconderijo improvisado, montado numa casa cerca de três quilômetros do apartamento de Beth. Os agentes chegaram a oferecer o espaço algumas noites antes para Batoriova, no entanto ela havia recusado. Beth não podia ser movida e ela não queria sair do lado da sobrinha.

Assim que chegaram, David, Brian e os outros se apressaram para cuidar dos ferimentos sofridos, tanto os deles quanto os de McCalley. Gazes, antisséptico e algumas bolsas de sangue depois, eles se sentiam bem melhores.

Os agentes foram fazer uma ligação para o Primeiro Ministro do Canadá em outro cômodo, ao passo que David e Brian corriam para pegar o que precisavam de McCalley.

O efeito do sedativo usado em Eros Um estava passando. Enquanto tirava o sangue dele, David o analisava, esperando seus olhos se abrirem. Os socos que havia dado em McCalley quebraram o seu nariz e, ainda que já tivessem posto um pouco de sangue em seus lábios para ajudar na regeneração e colocado o osso na posição correta, seu rosto se encontrava extremamente inchado. Havia retirado sua camisa para remover a bala, que ficara em seu estômago depois do tiro dado por Brian, e agora a sutura estava coberta por gaze. Suas mãos estavam algemadas na frente de seu corpo e uma corrente de ferro ligava as algemas a um cano na parede.

Ao conseguir encher o terceiro tubo de coleta, David deu por encerrada a tiragem de sangue e removeu a seringa do braço de McCalley. Brian aguardava ao seu lado.

— Onde... Onde... — balbuciou Eros Um enquanto despertava.

— Onde você está? — completou Brian. — Exatamente onde deveria.

Peter McCalley puxou os braços para se ajeitar no chão, parecendo sentir pela primeira vez o gelado aço que unia seus pulsos. Abaixou a cabeça se investigando. Estava saindo do efeito do sedativo e, finalmente, dando-se conta do que tinha ocorrido. Falou algo inaudível e levantou a cabeça, notando os rapazes.

— Vocês sabem quem eu sou?

— Claro! — respondeu David. — Você é meu projeto de Ciências. E eu estou prestes a tirar um dez.

McCalley percebeu o garrote que ainda apertava seu braço e os tubos com seu sangue nas mãos de David.

— O que vocês fizeram?

— Não temos que te dar explicações. — retrucou Brian.

O prisioneiro começou a sacudir a cabeça em descrença.

— Vocês acham que podem parar o que está acontecendo? Eros Seis tinha razão. A gente devia realmente ter te matado, David Silver.

David já esperava que McCalley o reconhecesse. Ele era a missão que Eros Um tinha ido resolver no Departamento Cinco. Contudo, não estava preparado para ouvir o codinome de Eliza Humphry. Apenas Michael e seu tio haviam falado sobre ela antes. Ter um dos sucessos da Blackwater dizendo que Eliza o desejava morto era especialmente intenso.

Ele sentiu uma fisgada vinda do machucado na lateral do seu corpo. A dor tirou a sua surpresa e deu lugar a uma raiva que ele não se lembrava de algum dia já ter experienciado. Raiva do homem que o feriu. Raiva da mulher que assassinou sua mãe.

— Eros Seis? Você está falando de Eliza Humphry?

McCalley uniu as sobrancelhas, criando rugas de dúvida.

— Como você...? — Seu semblante se tornou sério. Passou a língua entre os lábios, controlando a saída da resposta para a pergunta que ele nunca terminaria. — Michael. Michael te contou.

David se agachou na frente de McCalley.

— Eliza estava certa mesmo, Peter. Vocês deviam ter me matado. Porque eu vou, sim, acabar com essa doença. — Seu ódio transmitia uma segurança que ele não sabia de onde vinha. Ele mostrou os tubos que segurava. — E você vai me ajudar.

Ele se levantou e saiu do cômodo acompanhado por Brian. McCalley agora era problema dos agentes canadenses. Eles tinham preocupações maiores. Precisavam voltar para o apartamento e tentar salvar Elizabeth.

O tempo estava se esgotando.

David injetou o soro no braço sem tala de Beth. A jovem não se moveu.

— Quando saberemos se funcionou?

Ele não tinha uma resposta para Batoriova. A almirante estava com parte da orelha dilacerada, mas, mesmo assim, ainda não havia tomado sangue. Queria esperar para ver como Beth ficaria.

No microscópio, tudo parecia lindo. As células de Beth perdiam o gene vampírico assim que entravam em contato com o soro, e, dessa vez, não se destruíam depois. A fórmula estava correta. Tinham conseguido. Porém, Elizabeth era a primeira cobaia humana que tinham. Não havia como ter certeza do que aconteceria a seguir. Um antídoto contra o processo de vampirismo nunca tinha sido testado antes. Não tinham o que fazer além de esperar.

Miranda aguardava David sozinha no sofá da sala.

— Como está Beth? — indagou.

— Não dá para saber ainda. — respondeu David. Ele se sentou ao lado de Miranda, em um movimento lento, tentando não abrir as lesões na lateral do tronco. — Brian tirou uma amostra de sangue e parece estar voltando a ser humana, mas fisicamente a condição dela ainda não se alterou.

— E seu tio?

— Ele e Michael foram recuperar os corpos dos agentes que morreram. Batoriova quer mandar todos de volta para casa.

O rosto de Miranda continuava com o corte, contudo o sangue havia estancado e sua mandíbula foi coberta por um curativo. Seu olho era a única parte que já tinha se recuperado por completo. Ele a envolveu com seu braço, e os dois se recostaram no sofá. Ela apoiou as duas pernas no colo de David.

— Eu matei meu pai.

A frase foi objetiva, assim como Miranda era. Não havia lágrimas, nem remorso. Era apenas isso.

— Você não matou o seu pai. Você matou um dos responsáveis pela morte da minha mãe. Um homem que não deixou um pai cuidar do seu próprio filho, que obrigou esse mesmo pai a ver a mulher que amava ser assassinada e não fez nada para impedir esse crime. Um homem que queria dizimar uma raça inteira. Foi esse homem que você matou e não o seu pai.

— No fim, dá no mesmo. Watsen está morto.

David entendia o peso que aquilo tinha para ela, contudo não podia deixar de sentir alívio. Aquele era o homem que arruinara a sua vida mais de uma vez. O único arrependimento que tinha era de que não havia sido ele próprio a pessoa a ter feito a cabeça de Watsen estourar.

— Ele me disse coisas. — Ela buscava as palavras certas. — Coisas sobre você.

— Como assim? — perguntou intrigado.

— Ele me disse que — Ela expirou para tomar coragem. — foi ele que deu a ideia de te levar para o Departamento Cinco.

O quê?

Ser chamado para a CIA, para ajudar a sua raça no Departamento Cinco, tinha sido um dos pontos mais altos da sua vida. Foi a ocasião em que ele realmente sentiu que teria a chance de chegar mais perto do real assassino da sua mãe. No entanto, aquilo nunca aconteceria. Watsen estava por trás, nunca deixaria isso acontecer.

— Parece que algumas pessoas queriam só te analisar por você ser o primeiro filho de um sucesso com uma vampira, outras te queriam morto. Mas ele me disse que viu seu potencial e argumentou para te levar para a CIA.

A risada pegou Miranda de surpresa. David gargalhava como se tivesse ouvido uma ótima piada.

— Você sabe o que isso significa? — Ele continuava o riso frouxo. — Eu tenho que ser grato a ele.

Ela deu uma risada mais contida. Seu maxilar ainda não permitia um movimento muito amplo.

Vince invadiu a sala, cortando a descontração.

— Vocês precisam ver isso. — disse ao ligar a TV.

Batoriova e Brian entraram na sala também, chamados pela voz de Edgard Humphry no televisor.

“...o que eu lhes trouxe é a Cura e não a doença. A doença é o que vocês viviam todos os dias em que se deixavam levar por seus medos. Vocês têm medo de estarem errados, medo do que é diferente e, principalmente, medo da morte. Confesso que também temos nossos temores. A questão é que todos os nossos possuem uma mesma fonte: vocês. Porque todos os medos de vocês podiam encerrar nossas vidas se nos descobrissem. E, algumas vezes ao longo das eras, foi exatamente isso que aconteceu. Vocês nos mataram pelo seu medo do diferente, nos invejaram pelo seu medo da morte e nos apagaram dos seus livros de história, porque temiam estarem errados sobre serem o topo da cadeia alimentar. Temiam que existisse alguém capaz de questionar a sua superioridade. Pois eu estou aqui hoje para lhes dizer que o diferente existe. E que, sim, vocês estavam errados. Mas sobre a morte? Essa vocês não terão que temer jamais. A Cura acabará com todos os males. A Cura é a resposta que vocês buscavam. E ela está aqui para nos unir. Sairemos juntos da escuridão dos nossos medos. Vampiros assumindo suas identidades e humanos conquistando a morte! Vamos para a luz unidos sob o raio de uma nova fraternidade! Por isso, lhes peço que procurem um banco de sangue na sua cidade amanhã e retirem sua bolsa. Há sangue suficiente para todos, não tem necessidade de agir como humano e começar a saquear. Quem for pego praticando vandalismo será executado na hora. Aqueles que já estão em hospitais podem beber diretamente lá. Eu lhes dou até amanhã à meia-noite para tomar essa decisão. Depois disso, todos os bancos de sangue serão fechados para quem quiser se curar. Se vocês beberem, vocês vivem. Infelizmente, quem não beber morre. Vocês viram o que aconteceu com mais de um milhão de pessoas que não tomaram sangue. Sabem que não é um blefe. Esse é o fim. O fim da dor, do sofrimento, da morte. Não há mais doença para quem fizer isso. O governo proverá o sangue de que precisam e todos viverão para sempre. Então curem-se, irmãos e irmãs. Curem-se.”

Um vídeo entrou na sequência do pronunciamento dando exemplos de enfermidades com as quais nunca mais as pessoas teriam que lidar. Mostraram

também como um vampiro cura um machucado e exibiram depoimentos de figuras famosas, que se assumiram vampiros e recomendaram a transformação. O vídeo terminava com um narrador dizendo “Amanhã será para sempre lembrado como o Dia V”, enquanto os dizeres “Uma nova independência para toda uma espécie” surgiam na tela.

— Então é isso. — David segurava as lágrimas que se formaram. — Essa é a última cartada. Esse é o Dia V. O dia oficial da transformação. O prazo limite para que as pessoas aceitem a Cura da Blackwater e bebam sangue.

— O discurso dele está sendo transmitido no mundo todo. — Brian falava a informação que via em seu celular sem acreditar. — O que vamos fazer?

— Não sei o que lhe dizer, Brian. — Batoriova soava derrotada. — Se ao menos tivéssemos a comprovação de que o nosso soro funciona, mas, sem isso, o que podemos oferecer à população?

— O soro funciona.

Todos se voltaram para a porta do quarto de Beth. A jovem estava em pé, apoiando-se no batente.

— Ele funciona, tia. Eu estou bem. O antídoto funciona!

A almirante correu na direção de Beth. Abraçou-a e beijou o seu rosto o mais forte que pôde.

David observou embasbacado. Olhou para Brian, que dividia com ele a mesma expressão. Por mais que estivessem certos de que haviam chegado numa fórmula satisfatória, ver Beth falando e andando, com seus músculos sem atrofia e seu peso restabelecido, era outra coisa completamente diferente.

Nós fizemos isso, Brian.

PARTE IV — DE OPPRESSO LIBER

O Dia V

Beth arrancou da parede o relógio da sala. Levou para o quarto e fechou a porta, trancando o objeto sozinho no cômodo. Vince olhou atônito para ela.

— Eu estou ciente de que o prazo é curto, não preciso de um *outdoor* me lembrando disso.

Ele riu. Já passava de uma da manhã e ainda não tinham conseguido traçar nenhum plano de ação. O grupo precisava dormir. O dia anterior tinha sido infernal e parecia que não teriam chance de descansar tão cedo.

— Acho que o mais seguro a fazer é usar a mesma forma de distribuição da Cura. — Miranda fez o movimento de aspas no ar ao enfatizar a última palavra. — Colocamos nos grandes reservatórios de água do mundo e pronto. Será como se nada tivesse acontecido.

Brian refutou a ideia.

— Não vamos conseguir fazer isso no mundo todo, antes da meia-noite. É um volume absurdo de soro que precisa ser feito, precisamos de um laboratório para duplicar o DNA de McCalley, enviar para todas as nações... Vai ser trabalho para dias. E até lá várias pessoas podem já ter tomado sangue, não sabemos o efeito do antídoto em um organismo completamente transformado.

— Concordo, Brian. E tem mais um ponto que quero discutir com vocês. — David se levantou da poltrona onde estava sentado e andou até o centro da sala. Preparou-se para o que precisava dizer. Tinha a sensação de que poderia ser recebido com relutância. — Eu tenho uma exigência a fazer sobre a distribuição do soro.

— Uma exigência, agente? — Batoriova estava perplexa com o uso da palavra.

— Sim, almirante. Desculpe, mas isso não é negociável. Espero que me entenda.

— O que você quer, David? — Miranda também ficou confusa.

— É simples. Um fator fundamental que esse plano do reservatório possui é que todos receberiam o soro. Receberiam e não teriam a chance de dizer se querem ou não. Não posso aceitar isso. Não vou ser mais um Edgard Humphry para as pessoas.

— Do que você está falando? — questionou Batoriova.

— Não podemos impor o antídoto às pessoas. Elas precisam escolher se querem.

A almirante riu.

— É nobre da sua parte, agente. Mas, invertendo a sua lógica, mais do que dar a chance de as pessoas escolherem o soro, você quer que elas possam escolher

ser vampiras. Estaríamos forçando uma mutação genética em corpos que não nasceram assim.

— Mas, se esses novos vampiros preferirem ser como nós, não deveríamos deixar que fossem? O mal já está feito. A Cura Vampírica já está neles. Não podemos ser que nem a Blackwater e tirar o livre-arbítrio das pessoas. Eu não farei dessa forma.

Batoriova cruzou os braços e se recostou.

— Eu quero deixar as pessoas como estavam, agente. Desfazer esse mal que você tão eloquentemente disse que já ocorreu. Você acha que estou errada em querer isso?

— De jeito nenhum, almirante. O problema é que não dá mais. Mesmo que a gente consiga transformar todos de volta em humanos, o mundo já tomou conhecimento da existência dos vampiros. Não podemos voltar no tempo, por isso o que nos resta é tirar a péssima primeira impressão que Humphry deu. É como você disse no seu discurso no Departamento Cinco, temos que mostrar que nem todo vampiro é mau.

Beth apoiou a mão no braço de Beatrix. A almirante voltou seu olhar para a sobrinha.

— Entendo o que ele quer dizer, tia. Se dermos o soro à força, estaríamos dizendo que sabemos o que é melhor para cada indivíduo, mesmo sem conhecer suas batalhas pessoais. Já pensou naqueles que vivem com HIV, câncer, Alzheimer? Para eles, essa realmente é uma cura! Não podemos tirar delas a chance de vida. Estaríamos sendo mais cruéis do que o presidente.

Miranda, Brian e Vince se levantaram e foram até David. O movimento pareceu sincronizado, no entanto não conseguiram mais esperar para demonstrar o seu apoio. Batoriova segurou a mão de Beth e elas caminharam até os outros.

— Vocês estão certos. — cedeu Beatrix. — Não vou impor minha vontade a ninguém. Vamos conduzir a situação do seu jeito, David.

Ele abriu um grande sorriso para celebrar. Sabia que Batoriova entenderia o seu ponto, ainda mais quando Beth se pronunciou. Porém, ainda tinham um grande problema pela frente.

— A questão agora é como oferecer essa alternativa.

— E mais do que oferecer, David. — advertiu Miranda. — Como fazer isso de um jeito que Humphry não possa interferir? Ele nunca vai concordar em darmos essa escolha para a população.

Infelizmente aquilo era verdade. Não havia um cenário possível em que Humphry liberasse o acesso de pessoas ao antídoto. Qualquer tentativa de resistência seria respondida com muitas mortes.

Beatrix soltou a mão de Beth e puxou um celular do bolso. Começou a digitar uma mensagem no aparelho.

— Tenho uma ideia.

— Almirante.

— Olá, John.

O vice-presidente não conseguia se mexer. Preso em sua cama, apenas fazia ínfimos movimentos com a cabeça acompanhando a chegada das suas visitas.

— Meu assessor disse que você precisava falar comigo. Mas, pela sua aparência, ou você já tomou o maldito sangue ou você é um deles.

— Segunda opção.

David, Miranda, Brian e Vince estavam no canto do cômodo sem falar absolutamente nada. Estar naquele quarto, na companhia de uma das personalidades políticas mais importantes do mundo, era lisonjeador. Beth havia ficado em casa, sob a proteção de Michael e Luke. Batoriova não gostou da ideia de deixar a sobrinha com dois sucessos da Iniciativa, entretanto acabou aceitando.

Apesar da aparência de setenta anos de idade, John Trent não tinha mais de cinquenta. Ele estava definhando, mas, ainda assim, conseguia impor sua presença. Sua voz vinha com dificuldade, contudo ele articulava com toda a sua força.

— Beatrix Batoriova, uma vampira. Quando você pensa que já viu de tudo...

— Preciso da sua ajuda, John.

Ele soltou um riso de escárnio.

— Acho bem difícil eu conseguir ajudar alguém. — disse mexendo os olhos para apontar para o seu corpo paralisado.

— Eu posso resolver isso.

— Me fazendo tomar sangue? Não quero essa porcaria de Cura. Pode voltar para o seu chefinho e dizer que ele pode enfiar o sangue no...

— John, — Beatrix o cortou. — a minha cura não é essa.

— Do que você está falando, Bea?

— Você se lembra de Brian Cahill, não?

Trent forçou a vista para olhar na direção em que a almirante apontava.

— Sim, sim. Filho do Stefan. Uma pena o que aconteceu com o seu pai, meu jovem. Stefan era tão bom caçando. Foi um acidente horrível.

Brian abaixou a cabeça.

— Esse do lado dele é David Silver. Os dois juntos desenvolveram um soro que é capaz de fazer uma pessoa que tomou a fórmula de Humphry voltar a ser

humana.

O vice-presidente arregalou os olhos.

— Por que Humphry deixaria você criar isso? O que ele quer?

— Você não entendeu, John. Eu não trabalho com Humphry. Nós somos a resistência. Stefan também era e ele morreu por isso.

— Stefan era vampiro?

— Sim, mas lutou contra Humphry. Da mesma forma que existem pessoas boas e pessoas más, vampiros também vêm em todas as formas e tamanhos. Não nos compare a esse ditador que se diz presidente do mundo livre.

Trent tossiu. Um pouco de sangue ficou no canto dos seus lábios.

— E o que vocês querem? Esfregar na minha cara que têm um antídoto?

Batoriova se aproximou da cama e sentou ao seu lado.

— Queremos te ajudar, John. Queremos salvar você e todos que desejarem o mesmo. E temos como provar. David?

O rapaz saiu do fundo do quarto e revelou que carregava uma seringa e um tubo de ensaio com um líquido esverdeado dentro.

— Me permite, senhor vice-presidente?

Trent ficou desconfiado, porém conseguiu movimentar a cabeça assentindo. Já estava morto de qualquer maneira, por isso não custava nada arriscar. David inseriu a seringa no tubo, puxou um pouco do líquido e depois o injetou no braço de John Trent.

— Não sabemos quanto tempo vai demorar, mas fique calmo. Até agora só tivemos resultados positivos. — disse David, dando o seu sorriso mais confiante.

Um resultado positivo.

Foram exatos catorze minutos de silêncio absoluto até que John Trent começasse a aparentar novamente os seus cinquenta anos. Seus braços e pernas se mexiam com força, como se antes estivessem presos e alguém abruptamente houvesse cortado suas amarras. Ele se levantou sem conseguir esconder a alegria.

— Bea, eu estou curado. Eu não sou vampiro! Eu sou humano!

— Sim, John. Você é. Que tal deixarmos outras pessoas tão felizes quanto você?

Oito da manhã. Os bancos de sangue abriram suas portas sem atraso. O Exército, integralmente formado por vampiros, estava nas ruas para garantir que tudo fluísse sem percalços. Filas. Todos queriam se salvar. Ninguém sabia que havia alternativa.

A Sala de Crise da Casa Branca estava com os monitores ligados e sem áudio, passando noticiários dos mais diversos países. David ficou estarrecido com o que via ao seu redor. Meses se escondendo, lutando nas sombras, e agora ali estavam, na Ala Oeste, a metros de distância de Edgard Humphry.

— E, se o presidente quiser usar a sala? — alertou Brian. — É dele, né? Ele vai precisar de um lugar para tentar lutar contra o que vamos fazer, não?

Ele falou baixo, apenas para os ouvidos de David, no entanto Vince conseguiu escutar e respondeu com um tom esperançoso.

— Se o plano deles der certo, ele não vai ter a chance de lutar.

A energia nas palavras de Vince era um incentivo para David, que se sentia inexplicavelmente calmo. Já Brian parecia uma pilha de nervos enquanto Miranda era impossível de interpretar. Ela estava completamente absorvida em seus pensamentos.

— As nações aliadas estão aguardando. — A frase do vice-presidente foi dita enquanto ele desligava o celular. — Falei com as últimas agora. Da nossa parte, os agentes internacionais da resistência que chegaram hoje e os militares humanos que vocês conseguiram salvar já estão de prontidão. Todos atacarão as suas maçãs podres na mesma hora. Vamos ficar *on-line* e começar em dez minutos, Bea. Não fique muito confortável nessa cadeira, não vai demorar.

Por que ele precisa testar o azar?

David não tinha mais soro. Usara os três últimos tubos de ensaio com a fórmula para reestabelecer a saúde de homens de confiança de Trent. Fazia sentido. Por mais que ele acreditasse em Batoriova, era imprescindível que tivesse pessoas com os seus interesses em mente no campo de batalha.

Entre um gole de uísque e outro, John Trent parecia genuinamente feliz. Se era a emoção de um combate, a satisfação de estar vivo e de ser humano ou a expectativa de como esse dia acabaria, era impossível dizer. Porém, algo o deixava extasiado.

— Fique tranquilo, John. Confortável é a última coisa que eu estou. — Desde que haviam deixado Beth para perseguir esse plano, Beatrix demonstrava impaciência. Só queria que aquele inferno acabasse. — Vince, Miranda. Me mantenham informada. Nada de remover os comunicadores. Entendido, Miranda?

— Sim, almirante.

Miranda e Vince saíram da sala, deixando para trás David e Brian. Os rapazes tinham sido considerados “preciosos demais” para se arriscarem, e Trent os colocara para acompanhar a ação da segurança da Sala de Crise. Eles tinham total consciência de que não eram muito habilidosos em campo, mas ficarem em uma sala com ar-condicionado vendo tudo por meio de câmeras embutidas nos coletes

de Miranda e Vince era simplesmente torturante. Queriam ajudar! Entretanto, como Batoriova havia dito algumas horas antes, eles ajudavam mais estando vivos.

As telas na frente da enorme mesa de mármore começaram a mostrar subdivisões. Cada uma representava um país. O ataque coordenado atingiria os líderes vampíricos locais, responsáveis por ajudar a arquitetar o Dia V. A resistência trabalhara durante anos para juntar essas informações e naquele dia tudo valeria a pena.

O monitor central mostrava as câmeras dos agentes americanos. No topo das imagens, ficava o sobrenome da pessoa que estava transmitindo aquele sinal. David e Brian foram rápidos em identificar Orson e Morgenstein.

— Queria estar com eles.

Eu também, Brian. Eu também.

Batoriova e Trent tinham coordenado o ataque dos Estados Unidos em duas frentes mais críticas. Com a maioria dos agentes de todas as organizações doentes ou na fila para tomar sangue, não tinham recursos para tirar todos os vampiros do poder. E a verdade era que nem precisariam. Sem Humphry, todos acreditavam no sucesso do golpe de Estado. A única outra preocupação era Robert Tellison. Temiam que ele quisesse assumir a liderança do Dia V, por isso o diretor do FBI também receberia uma visita inesperada.

Extraíndo essas duas peças-chaves e com o fim do alcance da Blackwater nos outros países do mundo, Beatrix sabia que os vampiros do Conselho não iriam interferir. Eram políticos demais para isso.

Trent virou mais um gole do uísque e puxou para si um microfone que ficava no centro da mesa.

— Operação *De Oppresso Liber* ativada. Podem prosseguir, agentes.

O selo presidencial estava manchado com sangue. A câmera deitada no chão mostrava de perto o tapete no centro do Salão Oval, a última coisa que o agente Sullivan havia visto antes de levar um tiro na cabeça. Era possível ouvir o barulho das balas de onde estavam. O subsolo da Casa Branca estava bem guardado por cerca de dez agentes posicionados em todos os pontos de acesso, mas logo acima uma guerra acontecia.

Trent bateu sua mão contra a mesa. Sullivan era o seu braço direito, um excelente militar que só desejava servir o seu país. David queria ser mais empático, porém apenas conseguia torcer para que Vince e Miranda não tivessem o mesmo fim.

Brian apertou forte o braço de David, trazendo sua atenção para as imagens da câmera de Vince. Ele estava frente a frente com o presidente.

Humphry puxou uma arma e começou a atirar na direção de Vince, que se escondeu atrás do sofá. Pela câmera de Miranda, era possível vê-lo expondo apenas a mão para atirar de volta. Miranda tentou seguir o presidente, mas, com a ajuda de dois guarda-costas, ele derrubou uma estante em cima da agente.

Os batimentos cardíacos indicavam que ela estava bem, mas não se mexia. Vince foi ajudar. Levantou a estante o suficiente para que Miranda se arrastasse para o lado e saísse dali. Os dois juntos seguiram o rastro do presidente, enquanto os outros agentes lidavam com os capangas de Humphry que ficaram para trás.

Miranda se debruçou sobre a balaustrada da escada que havia logo depois da saída do Salão Oval, na tentativa de entender onde o presidente estava indo. E foi nesse momento que David a viu.

Eliza Humphry segurava uma mala improvisada e disparava de encontro a Edgard. Os guarda-costas atiravam na direção de Miranda e Vince, impedindo que os dois continuassem.

David não podia deixar que eles fugissem. Principalmente ela, a mulher que havia matado sua mãe.

Ele aproveitou a tensão na sala para sair sem ser percebido e correu o máximo que pôde. Ou seu plano de não chamar atenção falhara ou Brian tinha tido a mesma ideia, porque, quando David se virou, ele já o estava alcançando com uma pistola na mão. Mancava um pouco por causa do ataque de Eros Um contra o seu joelho no dia anterior, o que dava à sua corrida ares de galope, mas ele não parecia se importar.

— O que você acha? — perguntou Brian. — Fuga pela garagem?

— Com certeza! A gente chega lá antes deles.

Os dois desaceleraram quando chegaram ao estacionamento interno da Casa Branca. Esconderam-se atrás de um veículo que estava na frente da saída lateral que haviam usado. Dezesseis agentes armados protegiam o Cadillac Um, o carro oficial do presidente. David estimou que o veículo estivesse a cerca de quarenta metros de distância.

Carro de fuga pronto. Eles só precisam passar por aquela porta e estarão livres.

— Você está pensando o mesmo que eu, David?

— Se você está pensando em explodir aquilo ali... — David apontou para o carro. — Sim, estou.

— Bom saber que estamos na mesma página.

A questão era como fariam isso. O carro do presidente era blindado e, do lugar que estavam e com as armas que tinham, não conseguiriam nem arranhar a

lataria. Eles se entreolharam. Sabiam o que precisava ser feito. A única parte vulnerável de um carro assim era o motor, entretanto eles só poderiam acessá-lo por baixo do veículo.

— Como anda a sua mira, Brian?

— Uma bela bosta. E a sua?

— Pior a cada dia.

Brian começou a mexer os lábios para se pronunciar, no entanto David foi mais rápido.

— Eu vou.

— David, se eles te virem, você está morto.

— Eu sei, mas se eu conseguir chegar perto do carro, você explode o motor daqui e temos uma vitória.

— Eu posso ir.

— Eu sei que pode, mas eu falei primeiro.

David sorriu. Os agentes estavam todos virados para a porta principal, que era o destino final do presidente e da sua esposa. Tinham que correr.

— Quantas balas você acha que precisa?

— Vou usar uma para fazer a base de pólvora e mais cinco em cima para garantir que ao menos uma chegue ao motor. — David respondia pegando a arma que tinha trazido na cintura e tirando a munição do pente. Em um ato mecânico, Brian checkou o seu para ter certeza de que estava carregado. — Não gasta balas me cobrindo. Precisamos de todas as oportunidades que conseguirmos para acertar o alvo. Cada bala que desperdiçar comigo é uma chance a menos para a gente.

— Isso é loucura.

— Eu sei.

David respirou fundo. Já havia estado no meio de tiroteios, em uma tortura, em lutas mano a mano. Mas aquilo... Bem, aquilo era novidade. O mundo inteiro dependia do seu plano. Se Humphry conseguisse fugir, o golpe falharia, todos seriam presos por traição e o Dia V se tornaria um sucesso. E, se Eliza conseguisse fugir, toda a vida de David teria sido em vão.

Ele se abaixou no chão e começou a rastejar. Sua mão direita formava um punho que David fechava com todas as forças. Ali estavam as seis balas de que precisaria para acabar com o Dia V.

O chão de concreto polido estava frio, mas, mesmo assim, David transpirava. Sua palma esquerda deixava um rastro de suor para trás, enquanto ele tentava ignorar as gotas que começavam a se formar em seu rosto. Impulsionava seu corpo com os pés, evitando ao máximo fazer qualquer tipo de barulho. Deveria estar sentindo as dores do embate do dia anterior, entretanto a adrenalina do momento o anesthesiava.

O ponto de vista de David era algo saído de um filme de Alfred Hitchcock. Quanto mais se aproximava do carro, mais longe o veículo parecia ficar. Porém, ele persistia. Sabia que eram seus nervos tomando conta e seu frio na espinha querendo se apossar dos seus movimentos. Não podia perder o foco e a força. Não podia perder.

O trajeto finalmente terminou. David se esticou, ficando com metade do seu corpo debaixo da parte da frente do Cadillac Um. Começou o trabalho olhando para cima, localizando o ponto exato onde estava o motor. Criou uma cama ampla com a pólvora de uma das balas e juntou as outras no centro. Estava feito. Agora era só voltar e rezar.

Ele acreditava que estava voltando mais rápido do tinha ido. O medo fez com que parasse de rastejar e começasse a engatinhar também. A cena seria patética se não fosse tão importante.

David já conseguia ver Brian. O amigo apoiou os braços em cima do capô do carro que usavam como esconderijo, preparando-se para o que teria que fazer. De repente, seu rosto tomou um tom sério. Susto talvez fosse a palavra que descrevesse melhor. Então, começou a gritar.

— Corre!

David via as balas batendo contra o chão ao seu redor. Os agentes o haviam visto. Brian se mantinha firme no acordo de não proteger David, que se arrependia amargamente de ter feito esse pedido.

Ele se levantou e começou a correr de pé mesmo. Precisava chegar em Brian o mais rápido possível.

Faltavam poucos metros. Era a hora.

— Atira, Brian! Atira!

Brian descarregou todo o clipe de sua pistola. A esperança de vitória estava naquela explosão. Ele não pensava sobre o que estava fazendo, nem no caos ao seu redor, só pensava no motor.

O barulho que se seguiu fez tremer o chão da Casa Branca e pôde ser sentido em todos os seus cômodos. Brian se abaixou enquanto David pulava para trás do carro para se proteger da explosão.

A frente do Cadillac Um estava destruída. Metade dos agentes presentes foram atingidos por destroços e estavam mortos ou inconscientes. Os outros tentavam entender o que tinha acabado de acontecer, enquanto eram pegos pela cortina de fumaça que emanava do veículo.

Edgard e Eliza Humphry saíram tossindo do corredor que dava acesso à garagem. Não conseguiam ver nada. Porém, David e Brian os enxergavam perfeitamente. A confusão em seus rostos era evidente. Sua chance de fuga estava com o motor arreventado e não havia para onde irem. Fizeram um movimento

como se fossem tentar correr, mas um tiro ecoou pelo estreito corredor atrás dos dois.

Humphry olhou para baixo. Sua camisa branca estava manchada de sangue. Alguns agentes tentavam ir em sua direção, no entanto, ao se aproximarem, se tornavam alvos fáceis e caíam desfalecidos. Até que não havia mais ninguém para socorrê-lo.

Edgard Humphry se ajoelhou. Seu rosto focou em Eliza, que ainda segurava sua mão. Ele suplicava ajuda. Ela observou a cena por um segundo. Seu marido era incapaz de fugir naquelas condições. Sem ela, seria pego.

Ela soltou sua mão e lhe deu um beijo na testa. Virou de costas e saiu apressada, desviando dos tiros que a seguiam e deixando o presidente dos Estados Unidos sangrando no chão.

— Eliza! Eliza! — gritava Humphry em desespero.

Miranda e Vince finalmente apareceram pela entrada com suas armas em punho. A atenção de ambos estava em Humphry. Eles o imobilizaram, leram seus direitos e exerceram voz de prisão enquanto o algemavam, mas ele não tentava se desvencilhar. Não se importava com os dois agentes que o dominavam. Não se importava com os seus homens mortos. Só com a traição que acabara de sofrer.

Ele ainda clamava por Eliza quando David e Brian se aproximaram. Humphry parou de gritar o nome de sua esposa e encarou David. Sua fisionomia passou de perplexidade para nojo.

— Eu não vou me esquecer do que você fez comigo, do que fez contra a nossa raça. Me deixar vivo foi o pior erro que vocês cometeram.

David observou o homem ajoelhado na sua frente. Humphry o enganara, despedaçara a vida do seu pai e da sua mãe e havia tentado impor uma ditadura que resultou em inúmeras mortes no mundo todo. Contudo, David ajudara a colocar um fim naquela loucura.

— Pode ter sido um erro mesmo. E você sabe qual foi o seu erro? Ter me envolvido no Dia V. — David se abaixou para ficar na mesma altura que o presidente. — Você diz que não vai se esquecer e, sinceramente, eu espero que seja verdade. Você precisa se lembrar do que aconteceu aqui. Precisa se lembrar de que não importa o que você faça, ou o plano mirabolante que você consiga pensar do conforto da sua cela, a gente vai te parar. Tenha certeza disso.

Humphry fez algum comentário que David ignorou, erguendo-se do chão e virando de costas para o presidente. Ele não era mais uma prioridade. Apenas uma pessoa importava agora.

— Ainda não acabou. — disse David, olhando para Brian.

— Não, não acabou.

Os dois saíram em disparada atrás de Eliza.

Eliza Humphry podia exalar um ar de *socialite* mimada, contudo ela estava revelando que aquilo não passava de uma fachada. Claramente ela havia recebido treinamento militar. Livrou-se do salto alto e correu até uma moto do outro lado da garagem. Em questão de segundos, colocou o capacete, fez uma ligação direta e saiu em alta velocidade, empinando a moto para quebrar as cancelas.

David e Brian pararam de correr, nunca a pegariam a pé.

— E agora? — questionou Brian.

Miranda surgiu do lado deles em um jipe e abriu a porta do carona.

— Entrem!

Eles obedeceram. Brian ocupou o banco de trás e David se jogou no da frente, batendo a porta. Miranda arrancou com o veículo.

— Onde está Humphry? — quis saber David.

— Vince o levou de presente para o vice-presidente. Combinamos que eu viria ajudar vocês.

— Ela está de moto, Miranda. Nunca vamos alcançá-la.

— David, eu dirijo um Porsche que chega a duzentos e oitenta e três quilômetros por hora e eu uso essa velocidade em avenidas movimentadas para ir da minha casa ao trabalho em menos de quatro minutos. Se tem alguém que pode alcançá-la, esse alguém sou eu.

Miranda cortava os carros demonstrando uma habilidade espantosa no volante. Cavalos de pau, atalhos improvisados através de ciclovias, nada era um problema.

— Ali! Estou vendo!

Eliza havia rasgado parte do seu vestido longo para ficar mais confortável na moto. Estava suja com a fuligem provocada pela explosão do Cadillac. Um e segurava uma arma na mão que mexia na embreagem. O capacete escondia o seu rosto, entretanto a cena tornava impossível ser outra pessoa.

Ela percebeu que o jipe se aproximava pelo retrovisor e olhou para trás, identificando os seus perseguidores. Apontou a arma e começou a atirar. O para-brisa do jipe arrebentou. Miranda e David se abaixaram, mas David acabou sendo atingido por um tiro no ombro. Miranda fez menção de frear.

— Não! — gritou David.

— Você está ferido!

— Vou sobreviver. Continua!

Brian rasgou a camisa e amarrou no ombro de David para impedir que perdesse muito sangue. David ignorou o amigo. Puxou sua pistola da cintura, mas

se deu conta de que tinha gastado toda a sua munição para destruir o carro presidencial.

— Estou sem balas, me passa a sua arma.

Miranda entregou a pistola para David. Ele começou a atirar mirando o chão.

— Você sabe que ela está em cima da moto, não sabe?

— Sei, Brian. Mas ela é Eros Seis. Se eu a ferir, ela segue. Já se eu ferir a moto...

O tiro acertou o pneu. Com a velocidade, a moto tombou. Miranda freou jogando o jipe para o lado, desviando de Eliza. David saiu do veículo sem parar de apontar a arma um segundo sequer.

— Você. Você matou a minha mãe!

Eliza estava com uma perna presa embaixo da moto, estatelada contra o chão. Seu capacete estava com o visor quebrado. Ela o tirou da cabeça e apoiou os cotovelos no chão, ainda sendo pressionada pela máquina de cem quilos.

— Eu fiz tantas coisas nessa vida, querido. Você terá que ser mais específico.

— Linda Silver! Você a matou!

As lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto segurava de maneira trêmula a arma. Miranda e Brian saltaram do carro e correram para o seu lado. Miranda tentou acalmá-lo.

— David, nós a pegamos.

— Não! Ela não merece ser levada para uma prisão. Isso não é justiça.

— E assassinato é?

— Você matou Watsen, você teve a sua justiça! Me deixa ter a minha!

— Era ele ou eu, David. Ele enfiou uma faca no meu rosto tentando machucar minha cabeça o suficiente para que eu morresse, e eu tive que atirar nele para me salvar. Eliza está imóvel no chão. Isso é execução.

— David, ela está certa. — Brian argumentava em favor de Miranda. — Você não vai se sentir melhor.

— Você diz isso porque o homem que matou o seu pai já está morto!

A arma vibrava com o descontrole de David. A bandagem improvisada por Brian se soltou, o sangue escorria livremente. David passava as mãos no rosto, criando uma mistura de suor, sangue e cinzas. Tudo ao seu redor girava. Ele havia esperado anos para isso. Por que eles queriam tirar isso dele?

Eliza começou a rir.

— Você está rindo do quê?

— Nada de mais, querido. Estou só me lembrando de como foi fácil matar a sua mãe. Foi o meu presente de Natal para mim mesma, para toda a nossa espécie.

A parte de decepar a cabeça foi boa, mas esmagar o crânio... Êxtase!

Espantado, David abaixou a arma.

— Você se lembra?

— Claro que sim. Foi a minha primeira missão como Eros Seis. Que orgulho! Cuidar do meu país, da minha raça e ainda me divertir um pouco. Por mais que eu tenha deixado um ou dois membros da Blackwater chateados, no fim, foi um bom dia.

— Um bom dia? Um bom dia? Você destruiu a minha vida! — David berrou a última frase. Saliva e sangue se juntavam em seus lábios. Um gosto metálico preenchia a sua boca. Desespero, raiva, nojo. David estava um farrapo.

— Você é engraçado. Gosto de você. — Eliza encerrou seu tom de sarcasmo. — Sim, eu matei a sua mãe. Assim como queria te matar. Matei mesmo sabendo que Humphry só pretendia que ela fosse intimidada. Fiz isso porque Linda era um problema. Um câncer na nossa luta. Ela mentiu que um Eros tinha morrido e escondeu o primeiro filho de um sucesso com uma vampira de nascença. Achava que a sua família valia mais do que todos nós. Aquela egoísta! Mas a verdade é que Humphry e os outros não estavam muito atrás. Todos egoístas, só querendo provar a superioridade dos vampiros. Não se preocupando com o que importava de fato. E você sabe o que eu queria, David? Queria que todos parassem. Vampiros, humanos, todos. Eles precisavam entender que ninguém era maior ou menor do que ninguém. Eles estavam infectados por seus privilégios, se achando acima do bem e do mal. Mas, quando o Dia V entra em ação, ele faz o inimaginável! Quando todos se tornam privilegiados, ninguém mais é privilegiado. Se todos estão no topo, não existe mais topo. Você não percebe? Esse foi o sonho que eu sempre alimentei! O real motivo de eu ter aceitado me unir a Edgard. E, para juntar os nossos mundos e dar a todos um espaço sob a mesma luz, eu ajudei a desenvolver cada um dos planos da Blackwater. Tinha a Iniciativa em uma mão e a Casa Branca na outra. Eu ia salvar a nossa raça da imundice da sua própria vaidade. Ia salvar os humanos da degradação da sua condição. Eu ia ser a cura! — Ela contemplou David com escárnio. — Eu destruí a sua vida, você diz. Olhe em volta, David Silver. O que você acha que acabou de fazer com a minha?

David parou de se mexer. Sua mão não tremia mais. Suas lágrimas secaram.

— Eu... destruí a sua vida. — balbuciou.

— Garoto esperto.

— Eu destruí a sua vida. — Miranda e Brian observavam assustados, esperando o próximo movimento de David. — Eu destruí a sua vida. — Ele se abaixou do lado de Eliza. Com a ajuda da arma, retirou uma mecha de cabelo do rosto da vampira. — Eu sou o homem que destruiu a sua vida e você vai ter que viver a eternidade inteira sabendo disso.

David entregou a arma para Miranda, que rapidamente sacou um par de algemas e foi na direção de Eliza. A primeira-dama perdeu o ar desafiador. Não olhava para Miranda, apenas para David.

Ele virou de costas. Andou até o jipe, apoiou os braços sobre o vidro do carona e deixou a sua cabeça repousar.

Acabou, mãe. Acabou.

EPÍLOGO — SEMPER FI

Era a segunda vez na vida que David Silver tinha problemas com seu crachá em um prédio do governo. Dessa vez, Beth veio ao seu resgate.

— Eu liberei o seu acesso, mas acho que, como seu crachá está há muito tempo sem uso, não importou para a máquina.

Ela o acompanhou pelos corredores da Ala Oeste da Casa Branca. Era particularmente esquisito estar andando naqueles corredores. Pessoas passavam por ele enquanto tocavam suas vidas e seus trabalhos. Conversavam, riam, como se nada tivesse acontecido, no entanto muita coisa acontecera.

Um mês antes, uma presidência tinha acabado entre aquelas paredes, e David tinha feito de tudo para apoiar a resistência que lutou a favor disso. Mais de dois milhões de pessoas haviam perdido as suas vidas para a Cura da Blackwater. Brian perdera um pai. David ganhara um. A assassina de sua mãe fora sentenciada a passar o resto da vida atrás das grades, assim como o presidente dos Estados Unidos, Edgard Humphry. Robert Tellison tivera o mesmo fim.

David sentia que ainda precisava de tempo para assimilar tudo. Principalmente a parte do pai. Michael continuava em sua vida. Seu tio encorajava isso e, inclusive, passou a convidá-lo para os jantares que faziam às terças. David concordara com a ideia. Queria dar uma chance para Michael, apesar de ainda ser estranho.

Beth parou em frente a porta do gabinete do vice-presidente.

— Preparado?

— Espero que sim.

David não pôde deixar de sorrir com a imagem que encontrou ao abrir a porta. Batoriova estava no seu modo de conforto clássico: pés descalços sobre o felpudo tapete e com sangue na mão.

— David! Ainda bem que você chegou.

Ela se levantou e foi abraçá-lo.

— Senhora vice-presidente.

David fez uma pequena reverência. Batoriova riu, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Pare com isso, menino.

Menino?

— Conte-me. Como você está?

— Cansado.

— Eu imagino. Faz um mês que você é o líder do Projeto Cura e, sinceramente, não te invejo. Mas te chamei aqui, exatamente para falarmos disso. Como você sabe, na semana passada começamos a aplicar o antídoto que você

desenvolveu em crianças. Elas eram os últimos pacientes que faltavam, já que a sua pouca idade permitia que fossem colocadas no fim da fila sem risco de morte. E, finalmente, conseguimos, David. Todos que queriam são humanos novamente. Seu trabalho de duplicação do DNA do Eros Um, a gestão dos laboratórios ao redor do mundo, os postos de vacinação. Você tocou isso tudo com maestria.

— Não só eu, Bea.

— Eu sei, eu sei. Brian ajudou muito nesse processo. E eu falei com ele mais cedo sobre isso também. Mas agora quero falar de você. Combinamos que o soro só seria dado para aqueles que não queriam ser vampiros e que daríamos sangue para os que assim desejassem, e foi exatamente dessa forma que procedemos. Recebi uma atualização dos números ontem. A taxa de transformação de vampiros estava em quarenta e dois por cento.

Quarenta e dois!

— Você sabe o que isso significa, David? Quarenta e dois por cento das pessoas infectadas pela Cura quiseram beber sangue e ser vampiras. O problema agora é o que fazer com elas. Somando com os vampiros que já existiam, temos metade da população mundial vivendo sabe Deus até quando. Tememos que se todos continuarem tendo filhos do jeito que vínhamos fazendo, os recursos do planeta vão acabar muito antes do esperado. E, com o fim dos campos de concentração, não há bancos de sangue suficientes para dar conta. Além disso, o presidente Trent e eu sentimos que está crescendo um discurso de ódio contra vampiros. A política de Humphry não ajudou em nada a nossa causa de inserção sem conflito. Estamos interceptando mensagens de *bullying* e ameaças direcionadas à nossa espécie todos os dias na internet. Tenho muito trabalho pela frente.

David estava chocado. Não tinha noção de que havia essa quantidade absurda de vampiros no mundo e muito menos que estavam sendo vítimas de racismo.

— Não vou mentir para você, Bea. Vai ser muito difícil.

— Vai sim. E é por isso que eu preciso de você.

Oi?

— Oi?

— David, eu preciso de alguém de minha confiança para ajudar nesse novo desafio. Estou criando, com o apoio do presidente, a Agência de Inteligência V, para assuntos relacionados a vampiros. Vamos trabalhar com tudo, desde a investigação de crimes e ameaças até o auxílio a vampiros necessitados. Vamos traçar o melhor plano para combater o preconceito, desenvolver programas de alimentação e de planejamento familiar. A agência será responsável por supervisionar o Conselho Vampírico também. Eles perderam a sua força com a

queda de Humphry, mas, sem o depoimento de Stefan, não conseguimos provas suficientes para prender nenhum deles, incluindo Donna Cahill.

— Donna? — O nome surpreendeu David. Na correria para salvar a humanidade, não havia parado para pensar no que teria acontecido com a mãe de Brian.

— Sim. A última coisa com o seu nome foi a carta de demissão da sua mãe, que é muito antiga para servir como evidência, e todos os outros papéis sobre a fórmula e as cobaias, simplesmente, não a mencionavam. Acredito que o Conselho tenha visto sua liberdade com bons olhos, tanto que acabam de elegê-la como sua representante oficial. Agora estão à espreita, demandando serem ouvidos. Colocando-os abaixo da Agência V, eles se sentem ouvidos e nós podemos vigiá-los de perto.

— Parece uma ótima ideia. Fico feliz em ajudar de alguma forma.

— De alguma forma, David? Eu quero que você seja o diretor da Agência V.

Cacete.

Tirando Brian, Vince, Miranda, Michael e Luke, o bar perto da casa de David estava vazio. David chegou desabotoando os primeiros botões da camisa social que tinha colocado para sua visita à Casa Branca e implorando ao garçom por uma cerveja.

— Boas notícias? — A pergunta de Miranda deixou David com dúvida.

— Sinceramente? Não sei. Ela me chamou para ser diretor de uma nova agência de inteligência específica para causas ligadas a vampiros.

— David! Isso é ótimo!

Todos o abraçaram e o parabenizaram.

— Veremos. — O garçom trouxe a cerveja e ele deu um longo gole.

David sentia que poderia fazer a diferença, mas o desafio seria imenso. Vampiros famintos e eternos, humanos racistas, Donna e o Conselho Vampírico. Parecia sufocante.

Ele olhou para os seus amigos: Miranda, Brian e Vince. No fim, todos estavam lidando com mais do que haviam esperado. O presidente Trent tinha chamado Miranda para ser a nova diretora da CIA, com Vince como seu segundo em comando. Brian e o Departamento Cinco iam se tornar oficiais e se mudariam para o prédio da CIA ainda naquele mês. Seus amigos tinham dado tudo de si pelo seu país, entretanto estavam sendo chamados, mais uma vez, ao campo de batalha. E ainda encontravam uma maneira de rir.

Luke fez um sinal com a cabeça, chamando David para conversar longe do grupo.

— Parece que você conseguiu, filho.

— Consegui?

— Claro que sim! Você salvou todos, recebeu um emprego maravilhoso e ainda ganhou a garota. Se esse não é o sonho americano, eu não sei mais o que é.

David se sentia sobrecarregado demais para enxergar algo positivo naquela situação.

— Eu só achei que ia ter acabado. — desabafou.

— Ah, você achou que ia salvar o dia e que seria isso? Bater uma mão na outra, dizer “trabalho feito” e ir comer?

— Mais ou menos isso.

— Sempre vai haver alguém, David. Sempre tem um idiota que acha que sabe mais do que os outros e que vai querer impor o que acha para o resto. Justiça é uma luta que não acaba.

— Não sei se tenho o que preciso para continuar.

— Seu pai é um sucesso de um experimento que quase destruiu uma raça. Sua mãe era a cientista responsável por esse experimento. Seu tio é um ex-militar que adora macarrão e sabe pescar como ninguém. — David gargalhou com a última observação. — Você foi criado para ser forte, filho. Disso eu não tenho dúvida.

Era tão bom restabelecer o laço que tinha com seu tio. Só ele para conseguir fazer com que David achasse qualquer coisa engraçada naquele momento.

Miranda se aproximou devagar. Vinha com um afável semblante de felicidade.

— Posso atrapalhar?

— Minha querida, você nunca atrapalha. — Luke apertou o braço de Miranda em um gesto carinhoso e deixou os dois a sós.

— Tudo bem, David?

— Estou em estado de choque, eu acho. Mas vai passar.

— Eu sei que vai.

Ela colocou os braços na cintura de David. Apertou com força, apoiando a cabeça contra seu peito.

— O mundo está mudando, David. E rápido. É impossível dizermos o que vai acontecer, mas tenho uma certeza. É aqui que quero estar. Assim. Para sempre.

Uma calma tomou conta, abafando a histeria que o acompanhava desde que saíra do gabinete de Batoriova. Seu tio estava certo. Ele tinha a garota. E a garota o tinha também.

— Te amo. — disse David. Em seguida, segurou o rosto de Miranda e beijou seus lábios. Parecia que estavam entrando em um sonho compartilhado. Nada podia dar errado enquanto tivessem aquele beijo.

Miranda soltou a cintura de David e o levou de volta para a mesa. Foram recebidos por Michael, que abriu um espaço para os dois ao seu lado. Ele colocou a mão em cima do ombro do filho.

— Sua mãe ficaria orgulhosa — cochichou. David sorriu em resposta.

Aquele era um novo começo para todos os presentes. Cada um deles havia perdido algo. E, de uma forma ou de outra, tiveram que superar o seu passado e o seu sofrimento para lutar pelo bem maior. Continuavam com o amargo dissabor das suas derrotas, no entanto a certeza de que haviam deixado o futuro um pouco melhor era o suficiente por agora.

Brian pediu uma rodada de tequila.

Eles mereciam.

SOBRE A AUTORA



H. Juncken é uma autora carioca, formada em Publicidade e em Cinema na PUC-Rio, possui um MBA em Gestão do Entretenimento pela ESPM e cursou Filmmaking na New York Film Academy. Ela publicou em 2019, de maneira independente, o seu primeiro livro, um thriller sobrenatural chamado "O Dia V", que já teve mais de 5.000 downloads no Kindle. Neste momento, acaba de lançar o conto "Travessia da Lua" e está trabalhando na continuação de "O Dia V", intitulada "Campo de Sangue".

TEXTO BÔNUS

**Leia agora o começo do conto Travessia da Lua,
que se passa no mesmo universo de O Dia V**

Capítulo I – O Monastério

19 de dezembro de 1808

Toledo, Espanha

O corpo do homem pesava sobre os estreitos ombros de Luna. Era um enfermo esquelético, porém, por estar desfalecido, a inconsciência o fazia pesar mais do que a jovem noviça conseguia suportar. No entanto não havia escolha. Precisava tirá-lo dali.

Luna andava curvada, amparando a parte superior do tronco do enfermo, enquanto desviava das pedras e madeiras que caíam ao seu redor. As explosões feriam seus ouvidos, mas não pareciam acordar o homem. Ela olhou, de relance, para trás. A enfermaria, que havia deixado há menos de cinco minutos, já não existia. Apenas destroços e escombros ocupavam o caminho de volta. A única certeza era que precisava seguir em frente.

Já era a segunda vez naquele ano que as tropas de Napoleão invadiam a cidade. No entanto, Luna nunca imaginara que a guerra pela independência da Espanha poderia trazer tamanha destruição ao mosteiro. O fogo se instalava por toda parte, enquanto ela tentava desesperadamente salvar o homem em seus braços.

De repente, o peso sobre seus ombros se tornou mais leve. Encostada contra o seu pescoço, a cabeça do homem começava a se mover. Seus pés começavam a tocar o chão por conta própria e não mais a se arrastarem obedientes aos movimentos impostos por Luna.

— Senhor! Acorde, senhor! Os franceses chegaram ao monastério. Precisamos fugir!

Ele tossiu, deixando um pouco de sangue manchar o hábito branco de Luna.

— Onde...? — Sua frase foi interrompida por uma explosão que os empurrou para frente, fazendo Luna perder o equilíbrio. O homem tentou segurá-la, mas foi inútil. Ambos caíram no chão, catapultados um sobre o outro.

A noviça rapidamente se pôs de pé, tirando seu corpo de cima do dele.

— Vamos! Precisamos chegar às catacumbas, senhor. Levante-se!

Ele fez um muxoxo.

— Eu estou atrapalhando, o melhor é deixar-me. Salve-se, senhorita.

Luna olhou para o homem. Mesmo depois de tanto tempo dedicando cuidados a ele naquela enfermaria, era como se, naquele momento, o enxergasse pela primeira vez. Por trás das elevadas maçãs do rosto raquítico, havia um jovem. Devia ser tão jovem quanto ela, cerca de dezesseis anos. Seus olhos estavam

cansados e seu rosto angular dava ares de fragilidade, no entanto, suas palavras tinham força. Queria que ela seguisse sem ele.

Apesar de ser noviça há quase um ano naquele monastério, Luna não havia escolhido por opção própria uma vida religiosa. Contudo, ser boa não dependia disso. Independentemente do que ele dizia, jamais o abandonaria. Jamais abandonaria alguém.

— Desculpe a franqueza, senhor, no entanto, devo ressaltar que, no tempo que estamos perdendo com a sua melancolia, já estaríamos a salvo.

Ele pareceu chocado com o comentário, mas assentiu. Forçou o corpo a se erguer e se apoiou novamente em Luna. Os pedaços de madeira e rocha continuavam a cair em torno das duas figuras, que seguiam sem olhar para trás.

— Não!

Luna nunca fora uma pessoa derrotista, contudo a visão do acesso às catacumbas coberto por pedras a fez titubear. Entre os escombros, a mão de alguém que havia sido atingido estava decepada ao lado de um braço soterrado.

O enfermo tentou proteger os olhos da jovem para que não visse a cena. Luna tirou sua mão da frente, de forma abrupta, e focou no que importava.

— Precisamos entrar.

— Como, senhorita?

Ela se virou para ele como se subitamente despertasse.

— O altar!

Apoiou novamente o braço do rapaz sobre seus ombros e partiu para o interior da igreja sem esperar por uma validação do homem.

O percurso até a igreja foi a visão mais assustadora que Luna já havia experienciado. As balas de canhão já tinham passado por ali, transformando o frio caminho em um verdadeiro inferno na Terra. Corpos mutilados, cabeças sem dono e rostos familiares sem vida ornavam sua triste marcha, matando toda e qualquer esperança que ainda alimentava.

O corpo do homem que segurava roçava contra o seu, sujando ainda mais seu hábito. Todos à sua volta estavam mortos. Porém, não aquele homem. Apesar desses pensamentos que tentavam tomar conta, ela percebeu que, enquanto ele vivesse, sua esperança também viveria.

Chegaram ao altar. Luna sentou o doente em um longo banco de madeira que ainda resistia intacto.

— O que a senhorita fará?

Ela ignorou a pergunta. Por mais rebelde que fosse aos olhos de seu pai, sempre fora extremamente educada e, em uma situação normal, jamais teria deixado uma pessoa sem resposta. Entretanto, a polidez teria que esperar.

A jovem segurou a beirada do pesado altar de ouro e recuou o pé esquerdo para ganhar estabilidade. Jogou seu corpo para frente, usando toda a sua força para tentar mover o móvel, contudo, sem sucesso.

Ela percebeu que suas roupas a limitavam. Jogou os sapatos para o lado sem cerimônias e aproveitou uma parte despedaçada da barra do seu hábito para aumentar o rasgo e ganhar amplitude no seu movimento. Sua perna esquerda ficou completamente aparente, revelando as suas roupas de baixo, mas Luna não se importou. O tempo para pudores, assim como o para polidez, havia acabado.

Levou sua perna esquerda mais para trás, conseguindo a liberdade de movimento que tanto buscava. Seus pés no chão frio de pedra criavam uma tração maior, trazendo estabilidade. O enfermo estava sentado fora do seu campo de visão. O que estaria pensando daquela mulher exposta e descalça profanando um altar católico era um mistério.

Os esforços serviram seu propósito. Luna conseguiu mover o altar, arranhando o chão com o ouro do pé da mesa. Depois de mais alguns impulsos de seu corpo, misturando força e jeito, ela conseguiu finalmente expor o alçapão.

— Venha rápido, senhor. — disse correndo para ajudar o doente a se levantar.

Eles desceram a escada que se revelara embaixo da portinhola no chão. Estava escuro, mas isso não impediu Luna de fechar a escotilha. No breu, tateou em busca de um cadeado que sabia que estaria por perto. Encontrou o pequeno objeto e o usou na tranca da porta.

Voltou-se para trás procurando o jovem enfermo. Sua mão encontrou o peito do homem. Luna exalou um ar de alívio.

— Aí está, senhor. Com a graça de Deus!

Num ímpeto que não pôde controlar, abraçou-o. O rapaz devolveu o gesto.

— A senhora... Não me abandonou. — cochichou no seu ouvido.

Luna imediatamente se afastou, separando seus corpos.

— Precisamos de luz. Sei que deixam uma lamparina com velas em algum lugar por aqui.

Assim que a luz se fez, Luna observou melhor o ambiente. O túnel perto da escada dava para o caminho que encontrara soterrado antes de se dirigir à igreja. Do outro lado da pequena câmara onde estava, podia ver a estreita entrada das catacumbas. As pedras frias que os cercavam estavam empoeiradas pelos mais de mil anos sem visitas. Aquele local havia sido criado para esconder os corpos cristãos de grupos pagãos, mas com o avanço do cristianismo, tornara-se obsoleto. Agora as catacumbas só eram usadas para os castigos das noviças. E para isso não havia necessidade de limpar nada.

— O senhor consegue andar?

O jovem tentou responder, porém foi interrompido por uma tosse intensa. Aparou os lábios com a manga da sua camisola bufante branca, que ficou repleta de respingos de sangue.

— Tenho que conseguir, senhorita.

Luna assentiu.

— Eu o ajudo.

Ela levantou o braço com os pingos de sangue e o passou por cima de seus ombros, tornando-se, mais uma vez, a muleta do enfermo, e começou a andar lentamente. Tentava focar no homem que precisava salvar e não nos barulhos distantes das explosões que, infelizmente, persistiam.

— Senhorita, desculpe-me, porém não sei seu nome. Adoraria saber o nome... — Ele tossiu entre as palavras. — O nome da minha salvadora.

— Luna. Luna Ortiz, senhor. — respondeu.

— Luna... — repetiu o enfermo. — É um nome encantador, *Doña* Luna. A senhorita me trouxe luz quando me resgatou daquela enfermaria fétida e agora é meu farol nesta catacumba escura. Um farol assim como a Lua é todas as noites em que aparece no céu. Nome acertado. Escolhido por Deus, tenho certeza.

Ela não pôde deixar de sorrir. Fazia um ano que estava no monastério de San Juan de los Reyes, contra a sua vontade. Sentia-se perdida e desesperançosa. Ser chamada de farol dava a entender que sabia a direção a seguir. E isso não foi verdade ontem e não seria verdade hoje.

— E o seu nome, senhor? Adoraria saber o nome do meu iluminado.

— Santiago Vázquez, ao seu dispor, *Doña* Luna.

Santiago, pensou Luna. *Nome santo*.

O corredor ficou mais apertado, impedindo que os dois seguissem um do lado do outro. Luna o ajudou a se apoiar nas paredes e ficou atrás, seguindo seus passos de perto.

As paredes. O local de túmulos milenares. Túmulos que ela tinha que tocar para poder sair com vida da invasão francesa.

— Ouça, *Doña* Luna. — ele disse, parando de caminhar.

Luna forçou os ouvidos.

— Não ouço nada.

— Exatamente, senhorita. As explosões pararam.

— Deus seja louvado!

— Amém, senhorita. Amém.

— Ainda precisamos sair daqui. — disse Luna, retomando seus passos e gentilmente tocando o ombro de Santiago para que fizesse o mesmo. — Não temos como voltar para trás, pois os soldados da tropa de Napoleão devem estar buscando sobreviventes neste momento. Precisamos seguir em frente.

— A senhorita sabe onde esse caminho vai nos levar?

— Mais um quilômetro e encontraremos a cripta da Santa Missa, onde uma escada de pedra leva a um alçapão para a superfície. Sairemos atrás da *hacienda*^[1] Gonzales e, se Deus permitir, longe das tropas francesas.

— *Doña* Luna parece conhecer muito bem esse lugar. Já esteve aqui antes?

— Para a nossa sorte, eu não sou a noviça que os Franciscanos da Observância esperavam que eu fosse. Fui castigada algumas vezes, obrigada a ajoelhar em milho enquanto rezava nessas catacumbas. E eles têm o hábito de se esquecerem de mim aqui embaixo, o que me permite explorar.

— Para a nossa sorte, certamente.

Foi como Luna dissera. A cripta, repleta de imagens santas em vitrais castigados pelo tempo, era ampla e gélida. No canto direito, a escada de pedra trazia a esperança de salvação que eles tanto desejavam.

Ela sentou Santiago no primeiro degrau e subiu os outros cinco para tentar abrir a porta dupla do alçapão. Curvou-se embaixo da porta e usou a força de suas pernas para tentar fazê-la se abrir. Uma resistência de fora deixou claro que a passagem estava trancada.

— Senhor Deus misericordioso! — murmurou Luna. Santiago se virou para ela, entendendo que precisava de ajuda.

— O que passa, *Doña* Luna?

— A culpa é minha. — disse, sem perceber a intromissão de Santiago em seus pensamentos.

— *Doña* Luna?

Ela se virou para ele, sentando-se no degrau mais alto.

— Eu fiz isso. Padre Gómez deve ter ficado cansado das minhas escapulidas e resolveu acabar com a minha chance de fuga. A porta está trancada por fora. Estamos presos aqui.

Santiago não respondeu, apenas a observou.

— O senhor não vai dizer nada?

— A senhorita é admirável, *Doña* Luna.

— Admirável? Eu estou lhe dizendo que nos sentenciei à morte por prisão perpétua e o senhor me diz que sou admirável?

Ele deu de ombros com um sorriso no rosto.

Luna riu em resposta. Ela segurou a saia rasgada e desceu até o degrau de Santiago, sentando-se ao seu lado.

— Perdoe-me, senhor Vázquez. Não fui um farol muito bom, não é?

— A senhorita salvou a minha vida. Isso, com certeza, lhe dá o direito de me chamar de Santiago.

— Santiago. — repetiu. — Só Luna para mim então.

— Luna... Eu a chamarei assim. Afinal, é um nome muito lindo para ter qualquer outra coisa no seu caminho.

— O senhor é bondoso demais. — Luna parou para fitar a porta trancada que zombava da sua esperança. — Estou com medo.

Ela se virou na direção de sua própria mão. Santiago a segurava gentilmente, mas de maneira firme. Olhava fixamente para o seu rosto.

— Eu também, Luna. Medo e gratidão são os dois sentimentos que gerem minha alma. — A tosse veio intensa, fazendo com que Santiago tivesse que soltar a mão de Luna.

Assim que terminou a crise, ela buscou a mão dele e a segurou novamente.

— Enquanto nós dois estivermos vivos, ainda há uma chance.

— Luna... — A tosse tornou a interrompê-lo. — Não sei por quanto tempo consigo continuar vivo.

— Você não pode me deixar aqui sozinha, Santiago.

— Não estou ajudando muito. Mas você vai ficar bem, tenho certeza. Você é boa, Luna. Pessoas assim merecem ficar bem.

As cavidades fundas dos olhos daquele homem corroboravam o que dizia. Não havia muito tempo para ele. O fim estava próximo e não tinha nada que ela pudesse fazer para impedir.

Ela levou uma de suas mãos ao rosto dele e o acariciou suavemente. Era um gesto íntimo demais, algo que Luna nunca havia feito antes, mas a fuga os aproximara de uma maneira inesperada. De uma hora para outra, ele havia se tornado a única pessoa que ela tinha no mundo.

Santiago virou a face para se apoiar no toque de Luna, demonstrando que o gesto dela era bem-vindo. Ela queria acalmá-lo, dizer que se curaria e que os dois sairiam daquela situação impensável. Aquele jovem não merecia essa dor. Ele também era bom. No entanto, ela sabia que a vida dele não estava nas suas mãos.

— Não quero que você morra. — disse, tentando controlar as lágrimas sem sucesso.

Santiago deixou o pranto acontecer.

— Eu também não. Não hoje. Não depois de conhecer você.

Ele aproximou o rosto, apoiando sua testa na de Luna. Por mais que a proximidade lhe trouxesse um pouco de medo, ela não se afastou. Continuou a carícia em Santiago, continuou a segurar sua mão.

Se aquele era o fim, que fosse nos seus termos: regido pelo seu coração.

No entanto, o barulho do alçapão abrindo revelou que não era o fim. Aquele era o começo de uma nova luta. Uma luta contra os dois soldados franceses que a fraca luz da noite revelava do outro lado.

CONTINUE ESSA HISTÓRIA GRATUITAMENTE
NO WATTPAD OU EM PDF CLICANDO AQUI!

[\[1\]](#) Tradução: fazenda

Table of Contents

PRÓLOGO — A VÉSPERA

1 dia para o Dia V

PARTE I — O TRABALHO DE UMA NAÇÃO

97 dias para o Dia V

96 dias para o Dia V

95 dias para o Dia V

94 dias para o Dia V

93 dias para o Dia V

92 dias para o Dia V

91 dias para o Dia V

90 dias para o Dia V

73 dias para o Dia V

72 dias para o Dia V

71 dias para o Dia V

62 dias para o Dia V

PARTE II — FIDELIDADE, BRAVURA, INTEGRIDADE

62 dias para o Dia V

61 dias para o Dia V

60 dias para o Dia V

59 dias para o Dia V

58 dias para o Dia V

53 dias para o Dia V

52 dias para o Dia V

51 dias para o Dia V

50 dias para o Dia V

42 dias para o Dia V

41 dias para o Dia V

40 dias para o Dia V

32 dias para o Dia V

30 dias para o Dia V

21 dias para o Dia V

PARTE III — E CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ

21 dias para o Dia V

20 dias para o Dia V

13 dias para o Dia V

12 dias para o Dia V

10 dias para o Dia V

9 dias para o Dia V

8 dias para o Dia V

7 dias para o Dia V

6 dias para o Dia V

4 dias para o Dia V

2 dias para o Dia V

1 dia para o Dia V

PARTE IV — DE OPPRESSO LIBER

O Dia V

EPÍLOGO — SEMPER FI

V-29

SOBRE A AUTORA

TEXTO BÔNUS